

ROMANCE RANCHO REBEL BLUE

FEITA E DESFEITA

LYLA SAGE



Mais de
12
milhões
de leitores

EUFORIA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ROMANCE DO OESTE RANCHO REDEI BLUE

FEITA E DESFEITA

LYLA SAGE



Mais de
12
milhões
de leitores

EUFÓRIA

I'm so excited
that the Rebel Blue
Ranch series is
now available to
Portuguese readers
thank you for
your support

xo


www.guerraepaz.pt/euforia

 @euforiaeditora

EDIÇÃO ORIGINAL

Título: *Done and Dusted*

Autora: Lyla Sage

Copyright © 2023 de Lyla Sage

Publicado pela primeira vez pela Dial Press, uma chancela da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

Originalmente autopublicado pelo autor em 2023.

Direitos de tradução cedidos pela Sandra Dijkstra Literary Agency e pela Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

Acompanhamento editorial: Maria José Batista

Tradução: Rita Fonseca

Revisão: Carolina Fidalgo

Design de capa: Ilídio J.B. Vasco

Ilustração de capa: Austin Greene

Paginação: André Cardoso

isbn: 9789893529171

© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2024

Reservados todos os direitos

EUFORIA

Euforia é uma chancela da **Guerra e Paz, Editores**

 **GUERRA & PAZ**

R. Conde de Redondo, 8–5.º Esq. . 1150-105 Lisboa

Tel.: 213 144 488 . guerraepaz@guerraepaz.pt

ROMANCE RANCHO REBEL BLUE

FEITA E DESFEITA

LYLA SAGE

*Para o Leo. O meu Highwaymen,
o meu raio de sol e a minha única gota de chuva.
Sinto a tua falta todos os dias.*

Agradecimentos

Aos meus pais, que apoiaram todas as decisões que tomei, mesmo as mais estúpidas, amo-vos. São a razão pela qual adoro histórias de amor, pela qual consigo escrevê-las e acredito em finais felizes para sempre. Dito isto, por favor, nunca leiam este livro. Eu dou-vos os pontos-chave.

Para a *Stella*: minha cachorrinha angélica. Tens sido a minha companheira de escrita através de trabalhos universitários, poesia amadora triste, uma tese de pós-graduação, todos os livros não terminados que se escondem nas profundezas do meu Google Drive, e agora *Feita e Desfeita*. Amo-te para sempre, mesmo quando empurras o meu portátil para fora do sofá.

Para a minha miúda Lexie: este livro nem existiria sem ti. Obrigada por ouvires todas as ideias que tive e por apoiares cada uma delas. A tua fé em mim podia mover montanhas e, para mim, moveu. Meadowlark foi construída para ti e para o Mav.

À Sydney: manténs-me no bom caminho em tudo e este livro não é exceção. Obrigada por estares presente a cada passo do caminho. Domaste o duende do caos que há em mim e da forma que só uma amiga consegue.

Aos meus irmãos: a mãe zangar-se-ia comigo se não estivessem aqui, por isso, obrigada por não terem amigos giros por quem me apaixonar, acho eu. Ainda assim, acho que são muito porreiros.

Para a minha professora de inglês do sétimo ano e para o clube de escrita da Sunset Junior High: obrigada por terem sido as primeiras pessoas a ler as minhas histórias. Esta história não tem dragões, mas não estaria aqui sem as histórias que têm.

Para as minhas leitoras beta, Amanda e Candace: viram este livro na forma mais pura e não fugiram a gritar. Obrigada por me ajudarem a moldar e a transformar *Feita e Desfeita* em algo que vale a pena ler. Não consigo expressar o quanto vocês as duas significam para mim. Estou incrivelmente grata por tudo. Obrigada!

Emma e Kayla: graças a vocês, nunca me sinto sozinha. Obrigada.

Angie: obrigada pelo teu apoio incondicional ao meu sonho.

Para a minha editora, Tayler: és uma estrela absoluta. Foste a minha companheira, no verdadeiro sentido da palavra, enquanto escrevia este livro. Trabalhar contigo é um prazer e uma honra. Obrigada por tudo.

Para o meu artista de capas incrivelmente talentoso, Austin: fizeste a capa dos meus sonhos. Nunca pensei que a inspiração que tirei dos cartazes de *rodeo vintage* da minha cidade natal se transformasse na capa de livro mais perfeita. Mal posso esperar para ver o que vais fazer com o resto da série.

Aos meus leitores de ARC: obrigada por terem arriscado na minha estreia e por estarem suficientemente entusiasmados para o lerem primeiro. A vossa energia ajudou-me a ultrapassar as últimas semanas antes do lançamento. São mesmo os melhores!

A todos os que apoiaram *Feita e Desfeita* antes do lançamento: obrigada. Gostava de poder abraçar cada um de vocês. O vosso apoio e palavras amáveis significaram tudo para mim. Este livro levou-me a tantas pessoas amáveis, estou muito grata.

Para a pessoa que está a ler isto neste momento: obrigada por teres comprado um exemplar de *Feita e Desfeita*. Espero que a história da Emmy e do Luke te traga alegria, te faça sorrir e talvez até rir. Obrigada por fazeres parte do meu sonho.

E, finalmente, para mim. ConseguiSTE. Espero que nunca deixes de contar histórias. Estou muito orgulhosa de ti.

Avisos de conteúdos

Este livro destina-se a leitores adultos (18+). *Feita e Desfeita* contém linguagem explícita e conteúdo sexual explícito.

Conteúdo adicional e avisos de gatilhos:

- Ansiedade
- Trauma após lesão
- Consumo de álcool
- Discussões sobre a Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção (PHDA)
- Referência a drogas
- Referências a um ex com comportamento potencialmente controlador
- Morte de um progenitor (no passado, fora de cena)
- Ataques de pânico (um no livro)
- Referências a ambiente tóxico na infância
- Referências a relações parentais tóxicas

Nota da autora

Quando comecei a escrever *Feita e Desfeita*, queria escrever uma personagem com a qual eu, e mulheres como eu, nos pudéssemos identificar. Adoro ler e, tal como tu, já li muitos livros. Há tantas personagens por aí que guardo no coração mas com as quais não me consegui identificar tão profundamente como queria, porque viver dentro da cabeça delas era tão diferente de estar dentro da minha.

A personagem principal de *Feita e Desfeita* chama-se Emmy. A Emmy e eu não temos muito em comum, mas, tal como eu, ela tem PHDA. As diferenças em como os nossos cérebros funcionam podem ser subtis, mas isso não significa que não existam ou não tenham impacto em como vivemos.

Sei que o diagnóstico de PHDA parece diferente para cada um, mas se já tiveste dificuldade em explicar porque deixas literalmente tudo para o último minuto, porque te sentes fora de controlo, porque a tua língua parece não pertencer à tua boca quando a música está muito alta, ou qualquer uma das inúmeras outras coisas que sentimos e fazem parte da PHDA, talvez possas rever-te em *Feita e Desfeita*.

A Emmy e eu estamos do teu lado.

Boa leitura,

Lyla

Dusted /d – uhst – ed/ (calão ocidental): verbo.

Ser atirado de um cavalo.

Emmy



– Clementine Ryder, por amor de Deus, se vais choramingar a noite toda, vou levar-te para casa – disse a Teddy.

– Não estou a choramingar! – protestei, apesar de estar mesmo a lamentar-me. Estar em casa tinha esse efeito em mim. Quando a Teddy usava o meu nome completo, também surtia esse efeito. A sério, quem dá o nome de um fruto à única filha?

No que diz respeito a sair à noite, a Teddy não brincava em serviço e nestas ocasiões não valia a pena discutir com ela. Normalmente, não me importava. A Teddy era a minha melhor amiga. Conhecia-me melhor do que eu própria e sabia do que eu precisava antes mesmo de o saber. Quando tomei a decisão, esta manhã, de arrumar o apartamento, acabar com o meu namorado através de um *post-it* no frigorífico e deixar o circuito de corridas de barris¹, conduzi quase 500 quilómetros até à casa dela, na nossa pequena cidade natal.

Ainda nem sequer tinha tirado as malas da carrinha, parada na entrada da casa da Teddy.

Reconheci a estrada de terra batida por onde a Teddy nos levava e desejei de imediato estar na minha carrinha.

– O Devil’s Boot? A sério? – perguntei. Eu sabia que não tínhamos muitas opções em Meadowlark, mas gostaria de evitar o Devil’s Boot. A probabilidade de conhecer cada um dos seus atuais clientes era perigosamente elevada.

O meu pai e irmãos ainda não sabiam que eu estava em casa e precisava que se mantivessem na ignorância durante mais algum tempo.

– Sim, o Devil’s Boot. É divertido e estúpido – explicou ela. – E tu precisas de diversão e estupidez, Emmy.

Para ser honesta, o mais provável era precisar mesmo disso, mas a definição de diversão da Teddy fora sempre bastante diferente da minha ao longo da história.

– Sabes o que é divertido? – perguntei. – Vinho e...

A Teddy interrompeu-me e terminou a frase:

– Vinho e *A Diva da Moda*² é divertido. Tens razão – disse ela. – Mas, Emmy.... Estás há um mês fechada no teu apartamento em Denver, a beber vinho e a ver *A Diva da Moda*. Sempre que te via no *FaceTime*, ouvia o Patrick Dempsey a levar com os pés no altar, e depois via os olhos azuis lacrimejantes dele na minha mente; há limites.

– Essa é a melhor cena de todo o filme – argumentei. – Parte-nos o coração e volta a juntá-lo.

A Teddy colocou a mão sobre o coração. – Não estou a desvalorizar os méritos d'*A Diva da Moda* – disse ela. – Nunca o faria. Só estou a dizer que há uma razão para teres voltado para casa em vez de o veres pela trigésima segunda vez.

Que raio. Odiava quando ela tinha razão.

– Está bem... – concedi. – Mas vais pagar todas as rodadas.

A Teddy riu-se.

– Não estás bem a ver a situação. Por que raio é que haveria de pagar as tuas bebidas, ou as minhas, quando sei que há pelo menos uma dúzia de homens no Devil's Boot que adoraria pagá-las por nós?

– Estás a sobrestimar os meus poderes de persuasão masculina – disse eu.

– E tu estás a subestimar os meus – disse a Teddy com um piscar de olhos. – Além disso – acrescentou –, tu és a Clementine Ryder, campeã de corridas de barris e membro da família mais amada de Meadowlark. O mais provável é o pessoal andar à pancada para ver quem é o primeiro a pagar-te uma bebida, e a mim, por associação.

Soprei, aborrecida.

A Teddy deu-me um dos seus melhores sorrisos.

– Entre a faculdade e as corridas, estiveste fora daqui quase uma década e, quando visitas, só me vês a mim e à família – continuou. – Passaste de queridinha de Meadowlark a mistério de Meadowlark. As pessoas vão ficar felizes por te verem.

A carrinha da Teddy parou. Olhei pela janela para o familiar parque de estacionamento de terra batida. Estava cheio. Claro que estava – era sexta-feira à noite em Meadowlark, Wyoming.

Porque é que o episódio que me levava a abandonar a minha vida em Denver e a regressar a casa não podia ter esperado até segunda-feira?

O Devil's Boot era um dos bares mais antigos do Wyoming e situava-se quase diretamente na fronteira do condado de Meadowlark. Era afastado o suficiente para que os clientes fossem quase sempre locais. Do lado de fora, não parecia grande coisa. Porra, por dentro também não parecia grande coisa. A construção era ao estilo de uma taberna clássica. Havia manchas desbotadas de tinta, excesso de sinais de néon e um bocado de contraplacado pendurado por cima da porta da frente, com uma bota de *cowboy* e um tridente de diabo no interior pintada com *spray*. Na verdade, não dizia Devil's Boot em lado nenhum – nem na porta, nem nos copos de cerveja, nem em nada. Só aparecia a bota solitária e o tridente.

Apesar de ainda estarmos na carrinha, conseguia ouvir a banda. Estavam a tocar uma interpretação de Hank Williams. Ainda eram nove horas, por isso os clássicos de *country* continuariam até que a multidão exigisse êxitos mais recentes, para que pudessem dançar e cantar. Fiz figas para que a Teddy e eu sássemos dali nessa altura. Mas não tinha grandes esperanças.

– Escuta. – A voz da Teddy era suave, vinda do lado do condutor. – Se não queres mesmo estar aqui, podemos ir embora, mas não consigo pensar em nada melhor do que passar a tua primeira noite de regresso a casa num sítio que, secretamente, adoramos. – Adorava mesmo este sítio, mas de forma involuntária. – A diversão aqui é garantida. Risco baixo, alta recompensa.

Suspirei. Havia uma pequena parte em mim... entusiasmada por estar no Devil's Boot. Por estar em casa.

E uma parte ainda mais pequena que sabia que a Teddy tinha razão. Íamos divertir-nos, as pessoas iam ser simpáticas e provavelmente não teríamos de pagar pelas bebidas. Era esta a segurança que Meadowlark me dava – era previsível. Confortável, até. Duas coisas de que estava a precisar naquele momento.

– O que é que queres fazer, Emmy? – perguntou a Teddy.

Olhei para ela.

– Quero ficar – disse. E queria mesmo.

O sorriso iluminado no rosto da Teddy poderia ter alimentado a eletricidade de Meadowlark e todos os condados à volta. Ela pegou na minha mão e apertou-a.

– Esta é que é a minha miúda. Vamos a isto.

Respira fundo, Emmy. Carreguei no puxador do lado do passageiro e empurrei com força. A *Ford Ranger* de 1984 tinha algumas particularidades – uma delas era portas que mal funcionavam.

Assim que as minhas botas tocaram na terra, o nó no estômago começou a desatar-se. Havia algo de reconfortante naquele som. A sensação das pedras

sob as solas das botas lembrava-me de que eu estava bem. Era familiar. Tudo era tão estranho ultimamente, mas isto não. A minha casa, não.

Depois de ter passado tanto tempo a planear a minha fuga de Meadowlark, não sabia o que iria sentir ao regressar. Voltei nas férias, nos aniversários e nalguns fins de semana, mas isto era mais permanente. Pensei que me ia sentir presa, como há anos.

Mas não. Senti-me feliz e normal.

Respirei fundo o ar frio da noite. Parecia que o ar que me entrava nos pulmões empurrava o peso no peito.

Ouvi as botas da Teddy a chegarem ao meu lado da carrinha enquanto eu fechava a porta.

– Bolas, Ryder – disse ela. – Quase me esquecia de que és uma brasa.

Sorri. Era um sorriso verdadeiro.

Os elogios da Teddy eram os melhores, porque sabia que ela era sempre sincera. A Teddy era honesta, fervorosa e carinhosa. Nunca dizia nada que não fosse a mais pura das verdades.

– Já vou para casa contigo esta noite, Andersen. Não é preciso tanto elogio – disse eu, enquanto entrelaçava os nossos braços. – Fazemos um bom par.

Fazíamos mesmo.

A Teddy e eu éramos inseparáveis desde que o pai dela tinha começado a trabalhar no rancho da minha família, há mais de vinte anos. Apesar de termos passado os últimos quatro anos depois da faculdade em cidades diferentes, falávamos quase todos os dias, e a Teddy fazia a viagem de oito horas até Denver pelo menos quatro vezes por ano. Tinha sorte em ter uma amiga como ela, o tipo de amiga com que a maioria das pessoas só podia sonhar.

Quando apareci hoje na entrada da casa dela, tinha a vida inteira na carrinha. Ela nem sequer pestanejou. Não perguntou nada sobre o apartamento, o namorado ou a carreira que tinha deixado para trás. Alimentou-me com queijo e *Coca-Cola Zero* e deixou-me amuar no sofá durante algumas horas. Depois, bateu as mãos, sinal de que estava na altura de avançar, e disse-me para ir procurar qualquer coisa no armário para vestir, porque íamos sair.

Acabei por escolher um *top* branco simples, agora coberto pelo meu querido casaco de ganga forrado com pele de carneiro, e uma saia de cetim preta do armário da Teddy. A fenda era um pouco mais alta do que estava habituada – ficava mesmo acima do meio da coxa –, mas fazia-me sentir bem. Sensual. Estava a usar botas de *cowboy* pretas que nunca deveriam chegar perto

de um cavalo, mas que eram perfeitas para uma noite no bar.

A Teddy vestia um *top* preto de manga curta e calças de ganga azul-claras, que pareciam ter sido literalmente moldadas ao seu corpo. O cabelo cor de cobre estava preso num rabo de cavalo alto, que balançava a cada movimento.

– Estás pronta, querida? – perguntou.

Outra inspiração do ar frio do Wyoming. *Está tudo bem, Emmy*, pensei para mim. *As tuas botas já não estão nos estribos. Estás em terra firme.*

– Estou pronta.

2

Emmy



A sensação de atravessar o limiar do Devil's Boot era a de vestir as minhas calças de ganga favoritas. Tudo aqui... encaixava. Era escuro, sujo e cheirava a fumo de cigarro antigo. Fumar dentro de espaços fechados tornou-se ilegal no Wyoming em 2005, mas ninguém dizia nada se alguém acendesse um cigarro no Devil's Boot de vez em quando.

Afinal de contas, era mesmo um bar rasca, iluminado apenas por uma luz amarela suave por detrás do bar, pelas luzes do palco e por uma panóplia de sinais de néon.

Um sinal de néon a cortar a escuridão era qualquer coisa.

O meu favorito era o de um *cowboy* a montar uma garrafa de cerveja como um touro e ficava mesmo por cima da minha mesa alta preferida, no canto. Acho que nunca vi o Devil's Boot à luz do dia e acho que não queria ver. Tudo parecia mais misterioso banhado a néon.

E toda a gente parecia mais bonita. Era isso que metia toda a gente em sarilhos no Devil's Boot.

Depois de alguns passos, senti as botas a colarem-se ao chão – provavelmente a lambuzarem-se com *whisky* derramado há trinta anos – enquanto eu e a Teddy nos dirigíamos para o canto de *cowboys* de néon.

– Muito bem, esta noite vamos para as bebidas transparentes? – perguntou-me a Teddy.

– Claros – disse eu, sabendo que isso significava duas opções no DB: *vodka* ou tequila. E não tinha dúvidas de que a Teddy iria escolher tequila.

– Tequila, então – disse ela. Algumas coisas nunca mudam.

Não há nada como a sensação de familiaridade proporcionada por estar perto de pessoas de quem gostamos, e eu gostava muito da Teddy.

– Tu ficas aqui com o teu ar *sexy* e misterioso, e eu vou buscar a primeira rodada – disse a Teddy, mais alto do que a banda.

– Tequila com água com gás, *ok?* – se não esclarecesse, ela voltaria com dois *shots*. Para cada uma. – Deixa-me ir com calma.

A Teddy revirou os olhos e começou a afastar-se. – Está bem. Tequilas gasosos. Por agora.

– Com lima extra, por favor! – disse. Ela acenou-me com a mão sem se virar, sinalizando que tinha ouvido.

Tirei o casaco de ganga e pendurei-o nas costas da cadeira, antes de me sentar e observar o que me rodeava.

Reconheci alguns clientes habituais do bar – o George, o Fred, o Edgar e o Harvey. Acho que vinham cá todas as noites, desde, pelo menos, o início dos tempos.

Costumava haver um quinto membro desta pequena seita, mas o Jimmy Brooks faleceu há alguns anos. Nunca ninguém se sentava no fundo do bar – o lugar do Jimmy permanecia vago. Perguntei-me se alguém teria coragem ou seria estúpido o suficiente para se sentar nele. Os homens eram velhos, mas não significava que não assustassem toda a gente.

A Teddy dirigiu-se ao bar a abanar o rabo de cavalo para o Edgar, sem dúvida a tentar convencer o velhote a pagar pelas nossas bebidas.

A banda passou para uma interpretação de «I've Always Been Crazy» de Waylon Jennings. Uma multidão à frente do palco gritava e cantava o refrão. Eu observava-os, a sua alegria sem reservas fazia-me sorrir.

– Emmy? – Desviei o meu olhar dos *cowboys* cantores para o dono da voz grave.

– Kenny, olá. – Não me lembrava da última vez que tinha visto o Kenny Wyatt – teria sido no final da escola secundária? –, mas reconheci-o imediatamente quando se pôs à minha frente. O cabelo loiro sujo estava curto e ostentava uma barba bem aparada com a qual nunca o imaginei. O Kenny era mais conhecido por ser um antigo *quarterback* do secundário de Meadowlark, mas também tinha sido um antigo acompanhante de baile da Emmy Ryder.

– É tão bom ver-te – disse, enquanto me levantava da cadeira para lhe dar um abraço rápido. Ele abraçou-me com força e apertou-me. Quando me afastei, ele manteve uma das mãos na minha cintura e eu mantive uma das minhas no ombro dele. É assim em Meadowlark.

– Porra, Em. Já passou tanto tempo. Pensei que já estivesses na digressão da WRPA3. – Eles provavelmente também pensavam o mesmo.

– Estou a fazer uma pausa – disse. Comecei a fazer o discurso ensaiado

que tinha praticado durante toda a viagem de Denver até Meadowlark.

– Estou a competir há muito tempo, por isso pensei passar algum tempo com a família. Além disso, tenho imensas saudades do rancho.

Apertou-me um pouco a cintura. Não odiei a sensação.

– O teu pai e os teus irmãos estão a gerir uma grande operação. Tenho a certeza de que estão felizes por te ter de volta.

Sim, tenho a certeza que sim. Assim que descobrirem que estou de volta.

– Vais ficar por cá durante quanto tempo?

Para sempre, provavelmente, pensei para mim mesma, já que nem sequer conseguia montar um cavalo.

Para alguém que tinha passado toda a sua vida a montar cavalos, não conseguir ultrapassar o bloqueio mental de uma lesão era um pesadelo. Sabia que se quisesse voltar a montar a cavalo, mesmo que não fosse para competir, Meadowlark e o Rebel Blue eram os sítios por onde começar.

– Durante alguns meses, pelo menos – disse, tentando manter a voz entusiasmada, sem parecer forçado. – É bom estar em casa.

O Kenny sorriu-me. Um sorriso grande, caloroso e genuíno.

– É mesmo bom ver-te, Emmy. Também estás com bom aspeto. Mesmo muito bom.

Senti as minhas bochechas ficarem carmesim. O Kenny sempre foi um falinhas-mansas. A forma como estava a olhar para mim, como se tivesse estado à minha espera este tempo todo, além da sinceridade por trás das suas palavras, deu-me vontade de fugir e me esconder.

Em vez disso, respondi com um sorriso e disse:

– Também é bom ver-te, Kenny.

– Já que estás por aqui, devíamos combi... – As palavras do Kenny foram cortadas pela banda, que interrompeu desleixadamente a atuação de «Good Hearted Woman». Um silêncio confuso caiu sobre o bar enquanto todos esperavam pelo próximo acontecimento.

Passados alguns segundos, o guitarrista tocou os primeiros acordes da música – oh, Deus, não – «Oh My Darlin' Clementine».

Só conhecia duas pessoas que achavam engraçado torturar-me com aquela canção sempre que entrava numa sala. Uma delas era o meu irmão mais velho, o Gus, mas ele nem sequer estava no Wyoming. Isso só podia significar uma coisa. *Ele* estava aqui.

Cheia de raiva, procurei-o pelo bar. *Aquele cabrão*. Os clientes do Devil's Boot começaram a cantar e a balançar, muitos deles lançavam-me sorrisos patetas. Esta música era basicamente uma piada privada de toda a cidade e, neste momento, estava focada em localizar o engraçadinho.

Não o vi, mas ele tinha de estar aqui. Porque é que ele estava no Devil's Boot? Não devia estar a construir torres de latas de cerveja em casa? Não tinha garrafas de *whisky* para alvejar?

Se conseguiu convencer a banda a parar de tocar, deveria andar por perto do palco. Sem pensar, fui nessa direção. Continuei a examinar o bar, enquanto andava. Má ideia para uma rapariga que só tem coordenação montada num cavalo.

Tropecei nas minhas botas e fui contra algo duro.

Um peito.

Um peito de um homem.

O peito do homem.

Olhei para o dono, que tinha uma merda de um sorriso presunçoso na cara.

Era *ele*. O Luke Brooks.

3

Luke



Vi-a assim que as suas botas pretas de *cowboy* atravessaram a soleira do meu bar. Era a queridinha de Meadowlark, uma grande chata e a irmã mais nova do meu melhor amigo.

A Clementine Ryder.

A última vez que a vi foi na penúltima altura das festas, mas ela estava a sair do Rancho Rebel Blue quando eu cheguei. Porque, como de costume, me tinha atrasado.

O Gus tinha-me dito que o horário da Emmy tinha sido muito intenso nos últimos anos. Como ela era mesmo muito boa nas corridas, tinha a certeza de que só podia ser verdade. Tendo em conta que os Ryders eram a única família que eu alguma vez tivera, a Emmy era uma presença constante na minha vida, embora raramente a visse hoje em dia. De vez em quando, estava com o Gus quando ela ligava, ou via no jornal que ela tinha ganho mais um título, mas era muito diferente vê-la entrar no meu bar numa sexta-feira à noite.

Com *aquele* aspeto.

Porra. Será que ela sempre foi assim?

Ou era assim que ficava debaixo do brilho do néon?

O cabelo dela era rebelde e despenteado. Parecia ainda mais comprido do que quando a vi pela última vez, atingindo o meio das costas. Vestia uma saia feita de um material brilhante qualquer; cetim ou seda, acho. Movia-se no seu corpo como água. Fez-me pensar em como ficaria enrolada em lençóis. Mas não nuns quaisquer – nos *meus* lençóis.

Merda. De onde raio veio isto? O que se passa comigo? Era óbvio que já não fazia sexo há demasiado tempo. Nem queria pensar em quanto tempo.

É a irmã mais nova do teu melhor amigo, idiota.

Duas palavras soaram na minha cabeça como um alarme: há limites.

Mas, porra. Ela estava mesmo gira. Não havia problema em reconhecer que estava gira, certo? Era uma mulher adulta. Eu era um homem adulto que geralmente gostava de olhar para mulheres bonitas. Só que já não via uma há algum tempo.

Pelo menos, não uma *tão* bonita. E também não ia acontecer nada entre nós. Ela não me suportava.

O Joe, que estava no bar esta noite, puxou-me, retirando-me dos pensamentos inapropriados sobre a Emmy Ryder. Que raio estava ela a fazer aqui?

Normalmente, ouvia sempre falar das visitas dela, porque o Gus não se calava durante vários dias antes da sua chegada, mas não tinha ouvido um pio dele desde a sua partida para o Idaho, no dia anterior. Além disso, quando ela voltava a casa, não deixava o rancho. Não era nenhum segredo que a Emmy sempre quisera sair de Meadowlark. A única coisa mais forte do que o seu desejo de sair era o amor que sentia pela família, e era isso que a arrastava de volta algumas vezes por ano.

– Brooks! Precisamos de trocos no bar, meu – pediu o Joe. Certo, era disso que estava a tratar antes de uma certa morena entrar pela porta e me deixar estupefacto. Desde quando a Ryder mais nova tinha efeito em mim?

Desde agora, aparentemente.

Foda-se, que irritação.

Olhei para trás e acenei ao Joe, para que ele soubesse que o tinha ouvido. Foi então que reparei numa ruiva no bar a flirtar com um dos meus cavaleiros. Reconheci o rabo de cavalo saltitante antes de lhe ver a cara: a Teddy Andersen.

Se tivesse visto a Teddy primeiro, talvez me pudesse ter preparado para a chegada da Emmy. Quando se tratava daquelas duas, uma coisa era certa: onde uma ia, a outra vinha atrás. Algo que deixava o Gus completamente louco.

Ele sempre considerou a Teddy demasiado – demasiado barulhenta, demasiado vulgar e demasiado problemática.

Eu gostava dela. Sempre foi uma boa amiga para a Emmy e era das poucas pessoas que não se esquivava da idiotice do Gus.

Além disso, se ela estivesse por perto, podia sempre contar com mais dinheiro dos clientes e maiores gorjetas para os meus empregados. A Teddy era boa para o negócio, mas o Gus achava que ela era um mau exemplo para a irmã mais nova. Eu achava que a Emmy merecia um pouco mais de consideração. Era sossegada, mas corajosa. Foi isso que sempre fez dela e da

Teddy um bom par. Não que alguma vez dissesse isso ao Gus.

A Emmy não tinha nada a ver comigo.

A Teddy viu-me e o seu olhar fixou-se em mim.

Não consegui interpretar a expressão no rosto dela, mas depois vi o olhar dela deslocar-se para a Emmy e depois de volta para mim. *Foda-se*. Tinha sido apanhado a olhar para onde não devia. Virei-me rapidamente e atravessei o bar até ao meu escritório. Era mesmo atrás do palco, onde a banda do bar, os Fiddleback, tocava muito Waylon, como de costume.

O Devil's Boot tinha uma banda ao vivo desde que me lembro, mas normalmente só às sextas-feiras. Quando assumi o controlo, a banda da casa tocava às sextas-feiras e outras bandas locais atuavam às terças, quintas e sábados. Podiam tocar alguns originais, desde que complementassem com os clássicos.

Os clientes gostavam de cantar. Muito alto.

Nos outros dias da semana, optávamos pela clássica *jukebox*.

Tentei, e falhei, não olhar para a Emmy enquanto me dirigia para o escritório. Vi-a de relance quando tirou o casaco de ganga, revelando um *top* branco decotado que mostrava os braços tonificados. *Jesus*.

Entre isso e a merda da saia, só me apetecia gritar.

Trocos, Brooks. O Joe precisa de trocos. Vai buscar trocos.

Era só dar os trocos ao Joe e depois tornar-me no dono mais ocupado do mundo. Só tinha de aguentar esta noite, porque de manhã o brilho do néon desapareceria e a Clementine Ryder voltaria a ter aspeto de irmã mais nova do meu melhor amigo.

Esperemos que sim.

O meu escritório era pequeno, mas tinha o essencial: uma secretária, um pequeno sofá e uma garrafa de *whisky* numa das gavetas. Não costumava passar muito tempo lá dentro. Quando precisava de me debruçar sobre o negócio, normalmente tratava de qualquer assunto no bar, antes de abrímos. Gostava de ver o sítio a transformar-se do dia para a noite. Era mágico.

Nunca me vi como empresário. Ninguém me via assim. Não era conhecido em Meadowlark pela responsabilidade, mas este bar tinha-me feito querer ser mais do que as expectativas que os outros tinham de mim.

Não sabia se ia ser bem-sucedido.

Como o escritório ficava mesmo atrás do palco, conseguia sentir o bombo da bateria. A vibração abanou o copo e o *whisky* que tinha tirado da gaveta da velha secretária de carvalho. Servi um copo e engoli-o, com esperança de que atenuasse o novo efeito que a Clementine Ryder estava a ter em mim.

Porque é que isto me estava a acontecer?

Esperei que o ardor na garganta desaparecesse antes de pegar nos trocos para o bar. Não os contei, mas, pelo tamanho, deviam ser mais do que o suficiente para a noite. Já eu, por outro lado, se ia passar a noite a olhar para a Emmy, provavelmente precisaria de mais alguns copos no escritório.

Nem queria pensar no que o Gus me faria se soubesse o que estava a pensar sobre a sua irmãzinha.

Mutilava-me, no mínimo. Matava-me, provavelmente. Saí do meu escritório, com o dinheiro no bolso de trás, e fechei a porta. Quando olhei para cima, tinha um ângulo perfeito da Emmy a flirtar com o cabrão do Kenny Wyatt.

Aquele sacana nojento. Claro que o Kenny era o menino de ouro da cidade, mas eu e os irmãos mais velhos da Emmy lembrávamo-nos de como ele a tinha trocado por outra rapariga no baile de finalistas.

Descrever o irmão mais velho da Emmy como protetor era o eufemismo do século, e o seu outro irmão, o Wes, era igual, mas menos intenso. O Gus daria uma tarefa a quem magoasse a Emmy, e o Wes certificar-se-ia de que ela estava bem.

Eu não tinha grande família, mas tinha os Ryders, por isso, era arrastado quando chegava a altura de defender a honra da Emmy, o que acontecia mais vezes do que se poderia pensar.

Até hoje, acho que o Kenny não sabe como é que o seu precioso *Mustang* foi parar ao outro lado da cidade com quatro pneus rebentados.

E agora, aquele monte de merda tinha uma das mãos na Emmy, e ela estava a *sorrir* para ele, por isso fiz o que o Gus e o Wes gostariam que eu fizesse: tirar-lhe as mãos imundas de cima dela. Foi a única razão pela qual fiz o que fiz. Pelo Gus e pelo Wes. Não por mim.

Não por estar com ciúmes.

Eu não estava com ciúmes, porra.

A expressão na cara dela, assim que ouviu a guitarra a tocar, foi impagável. Como bónus, a mão dela saiu imediatamente do braço do idiota. *Ótimo*. Mas a mão dele ficou na cintura dela, enquanto ela olhava para o bar – à minha procura, provavelmente. Ela sabia que o Gus estava naquele encontro de rancheiros no Idaho, e eu era a única outra pessoa que a irritava com esta música.

Fiz o meu melhor para ignorar a mão do Kenny em cima dela – como se ela fosse dele –, ou então ia acabar por ir até lá e partir tudo. Vi-a a olhar em volta. Estava concentrada, e podia dizer-se que estava mais furiosa do que uma vespa. Havia algo nos olhos dela que me tinha escapado antes: fogo. Comecei

a andar até ela, incapaz de a evitar, pronto para me queimar.

Emmy

Senti as mãos do Brooks a agarrarem-me a parte de cima dos braços para me estabilizar após chocar contra o seu peito, que se assemelhava a uma parede de tijolos. Era *duro*. Andava a levantar carros ou algo do género?

As mãos dele eram ásperas, e detestava que a sensação do seu toque me fizesse estremecer.

A minha idade não interessava – quando o Brooks aparecia, eu voltava a ser uma miúda de treze anos a ver um rapaz de dezoito a carregar feno em tronco nu. Não me importava de ficar a olhar para ele naquela altura e agora era a mesma coisa. Mesmo que a minha paixão adolescente se tivesse dissipado assim que percebi o quão irritante ele era, algo nele me inquietava.

Encolhi os ombros para que ele retirasse as mãos dos meus braços, frustrada pelo efeito que ainda provocava em mim. Eu era alta, tinha cerca de 1,75 metros, mas tinha de esticar o pescoço para lhe lançar um olhar raivoso. Ele não tinha mudado muito nos últimos anos.

Até parecia mais bonito, o que me deixou ainda mais irritada.

O Brooks não era apenas alto; era grande. O cabelo castanho-escuro, sempre comprido, chegava-lhe a meio do pescoço. Tinha uma ligeira ondulação que muitas mulheres adorariam ter, incluindo eu.

Tal como as suas estúpidas pestanas que emolduravam os estúpidos olhos cor de chocolate. O cabelo era suficientemente comprido para que o pudesse pôr atrás das orelhas, o que fazia com que conseguisse ver a estúpida linha do maxilar com a sua estúpida barba por fazer.

Tenho a certeza de que havia muitas raparigas por aí que adorariam que os irmãos delas tivessem um melhor amigo tão giro como o Luke Brooks. Eu era uma delas. Até ele abrir a estúpida boca e falar com a sua estúpida voz grave.

Se calhar já era altura de ser mais criativa com os meus insultos, mas o Luke Brooks tinha o hábito de me frustrar ao ponto de ficar sem um único pensamento coerente.

Era irritante.

Ele era irritante.

– Olá, Clementine – disse ele. O meu olhar severo não estava a fazer nada para apaziguar a arrogância que lhe escorria literalmente de todos os poros. Era palpável. Ele sempre foi assim. Se o seu ego fosse um objeto físico, seria maior do que todo o estado do Wyoming. Provavelmente do que

o Colorado e o Utah, também.

– Vai-te foder, Brooks.

Soltou um assobio baixo que terminou num risinho. Odiava quando ele fazia isso.

– Fico feliz por saber que a tua língua se mantém afiada, boneca. – A maneira como ele disse «boneca» roçou a humilhação.

– Não. Me. Chames. Isso. – Fiz uma pausa após cada palavra, para que a minha irritação pontuasse cada sílaba.

– Não deixes que o Kenny Wyatt te meta as mãos em cima – disparou o Brooks. – Assim, não teria de te salvar.

Este gajo estava a falar a sério? Estava a iniciar uma guerra psicológica com aquela estúpida canção, por um rapaz da *escola secundária* ter posto uma mão na minha cintura?

Uma mão na cintura era provavelmente o gesto mais inocente da história deste bar. A sério, eu nem queria saber quantas pessoas de Meadowlark tinham sido concebidas nas casas de banho do Devil's Boot.

– *Salvar-me?* – perguntei. A minha voz estava a ficar cada vez mais alta, mas felizmente não mais do que a música... pelo menos para já. – Acalma-te, Brooks.

A banda chegara à parte sobre as bolhas suaves e finas – graças a Deus. Estava quase no fim. O bar estava quase todo a cantar, mas a maioria das pessoas esqueceu-se da minha presença após o primeiro refrão, por isso a estúpida piada do Brooks não tinha durado muito tempo.

– Sim, Clementine. Salvar-te. Os teus irmãos ficariam furiosos se te vissem a fazeres-te ao Wyatt.

– Eu não me estava a fazer ao Kenny. Estava só a dizer olá. E mesmo que estivesse, não tens nada a ver com isso. Tu não és o meu protetor, Brooks. Nem o Gus ou o Wes são. Eu posso tomar conta de mim mesma.

– Na verdade, o que os *meus* clientes fazem no *meu* bar é da *minha* conta. – O bar dele? Desde quando? – E a tua família é a minha família, Emmy, por isso, mesmo que não estivesses no meu bar, seria da minha conta. Sempre foste da minha conta, e sempre serás da minha conta. – Percebi pelo nível de autoridade na sua voz que ele não estava para ser questionado.

Eu não queria saber.

Só podia estar a gozar. Ele não era o dono do Devil's Boot. Não fazia ideia de quem poderia ser, mas não o Luke Brooks. Ele era imprudente e irresponsável. Tinha quase a certeza de que as suas únicas posses eram uma carrinha *Chevy C/K* preta, que nem merecia a categoria de veículo, e um monte de *t-shirts* com manga cava que costumavam ser normais até ele as

mutilar com uma tesoura.

– Este não é o teu bar – disse com uma voz desafiadora.

– Este *é o* meu bar, boneca. E, neste momento, os meus empregados precisam de trocos, por isso sai da minha frente. – Empurrou-me do caminho, mas depois virou-se para trás. – E diz ao Kenny Wyatt para manter as mãos quietinhas, ou expulso-vos aos dois.

4

Luke



Acordei com os raios de sol a entrar pela janela. Já devia passar das seis. Merda, estava atrasado. Para ser sincero, acho que não teria aguentado a corrida matinal. Os três segundos em que estive de olhos abertos, fizeram-me arrepender dos *shots* que tinha bebido com o Joe atrás do balcão.

Nunca fazia aquilo.

Por que raio é que tinha feito aquilo?

Ah, pois, porque a Emmy, com o seu cabelo desordeiro e com a porra da saia lençol, saiu do meu bar ontem à noite com o Kenny Wyatt. Vi o filme na minha cabeça, imagens dela a atirar a cabeça para trás e a rir-se das piadas dele.

Foda-se, o Wyatt não era assim tão engraçado.

Mas mantive os dedos nojentos longe dela, principalmente por causa da Teddy, que a levou para a pista de dança quase toda a noite. Mas, quando estavam de saída, o Wyatt pôs o braço magro à volta da cintura dela, e vi que a mão dele estava demasiado baixa para o meu gosto. Bebi outro *shot* antes de eles saírem do bar.

Rangi os dentes só de pensar naquilo.

Meu Deus, doía-me a cabeça. Nunca tinha bebido mais do que um *shot* durante o trabalho e, ainda assim, não o fazia muitas vezes. Ontem à noite, deixei que a Emmy me afetasse, e não sabia porquê.

Precisei de mais dez minutos, acompanhados por gemidos, para sair da cama e ir tomar um duche frio, onde tentei lavar todos os pensamentos sobre ela. Lembrei-me também de que gostava dos meus membros e que não queria dar ao Gus uma razão para os tirar.

Depois de vestir umas calças de ganga desgastadas, o meu telemóvel tocou. Olhei para o ecrã. *Fala-se no diabo e ele aparece.* O Gus.

Calma, Brooks. Tu não fizeste nada. Apenas fodeste a irmã dele com os olhos. É na boa.

Está tudo bem.

Atendi o telefone.

– Daqui é o Brooks. – A minha voz acabou de guinchar? Sim, a porra da minha voz guinchou.

– Porque é que estás a atender o telefone como se estivesses numa entrevista de emprego?

Que raio ia responder? Ou o cumprimentava assim ou ainda me descaía e dizia ao Gus que achava a irmã dele boa como tudo.

– Sou dono de um negócio. Tenho de manter o profissionalismo.

Sim, era mesmo isso que eu era: um profissional. O Gus ficou em silêncio.

– Estás bêbedo? – perguntou ele.

– O quê? Não. São seis e meia da manhã, e sabes que hoje vou dar aulas.

– Era só para ter a certeza – disse ele. – Podes ir buscar a Riley a casa da mãe esta manhã, quando fores para o rancho?

– Pensei que a Cam a ia lá deixar, já que foste para fora.

Ele e a Camille tiveram um caso de uma noite há cinco anos que resultou na filha dos dois, a Riley. Depois do nascimento da Riley, a Camille e o Gus ainda se envolveram, mas nunca foram um casal.

Eles tinham uma boa relação e dividiam a custódia da Riley. O Gus até gostava do noivo da Camille – tanto quanto era possível gostar de um tipo da cidade.

A Riley era a coisa mais importante do mundo para o Gus. Quando ela apareceu as coisas mudaram, tanto para mim como para ele.

Sempre fui um bocado abandonhado, mas, para ser justo, vinha de uma longa linhagem de patifes. Fui o resultado de um caso que a minha mãe teve com o meu pai. O meu pai não era como o Gus. Não era capaz de lidar com a responsabilidade. Não conseguiu dar conta do recado, por isso acabei numa casa com a minha mãe, o marido dela e os seus filhos.

Podia garantir que não era muito apreciado por aquelas bandas.

A minha mãe ainda andava por perto, mas não a via nem falava com ela há anos. O marido não queria que ela me contactasse. Não falarmos não era a melhor sensação do mundo, mas ao menos não tinha de lidar com o meu padrasto. O John não era nada boa peça.

Eles viviam do outro lado da cidade e os meus irmãos viviam por perto. Imagino que ela ainda fizesse a mesma dieta de cigarros de mentol e de *Coca-Cola*.

Passei os primeiros sete anos da minha vida a perguntar-me o que tinha feito de mal, se tinha algum defeito de fabrico. Por vezes ainda me questiono, mas tudo mudou quando conheci o Gus.

O Gus não era só protetor da Emmy – era protetor em geral. Sempre foi assim, mesmo quando nos conhecemos na escola primária. Antes de ganhar algum músculo, eu era basicamente um poste telefónico ambulante, mais alto do que todos os miúdos da minha idade. A minha mãe não tinha dinheiro para me comprar roupa nova para todos os surtos de crescimento, por isso acabava por usar roupas que não me serviam. Os meus colegas não se impressionavam nem com a minha figura, nem com ser o puto do parque de rulotes.

Os miúdos conseguem ser muito cruéis.

Mas quando o Gus, um dia, me viu a ser maltratado por alguns miúdos do quinto ano, interveio e basicamente disse-lhes para bazarem – fez o melhor que pôde para um puto do quarto ano. Depois disso, almocei com ele. Bem, teve de me dar um bocado do seu, porque eu não tinha nada para comer e, depois da escola, disse ao Wes que eu era o seu novo amigo.

E assim foi.

Quando conheci os Ryders, fui tratado como se tivesse algum valor. Antes de os conhecer, nem sequer sabia o que era um amigo. Nunca tinha tido um, mas naquele dia, fiquei com dois.

Por isso, quando vi o Gus a assumir o papel de pai da sua menina, quis também assumir esse papel.

Continuava a ser um bandalho, mas pelo menos era um bandalho com um emprego, uma conta poupança e alguns objetivos para o meu bar.

– O noivo dela está a tentar fechar um grande negócio ou qualquer coisa do género – explicou o Gus. – Ela tentou explicar-me, mas bem que podia estar a falar noutra língua. Só sei que, pelos vistos, precisa de passar o dia no clube a fazer conversa da treta.

– Entendido. Porque é que não pedes à Emmy para a ir buscar?

– Porque a Emmy está em Denver, idiota. – disse ele. – Tens a certeza de que não estás bêbedo?

– Eu não estou bêbedo, mas a Emmy é capaz de estar, tendo em conta a quantidade de *shots* de tequila que bebeu ontem à noite no meu bar.

Só havia silêncio do outro lado do telefone.

Tive o pressentimento de que tinha acabado de lixar a Emmy. Porque é que ela não disse à família que ia voltar para casa?

Fiquei a matutar. Porque escolheu visitar quando o pai e o irmão estavam fora da cidade? Não é que o Wes não fosse ficar entusiasmado por a ver, mas

estava ocupado com as tarefas do Amos e do Gus no rancho. Não era a altura ideal para ela aparecer, pensando bem.

– A Emmy está em Meadowlark? – O tom tornou-se tenso.

Que merda. Definitivamente lixei a Emmy.

– Sim, ela saiu do meu bar com o Kenny Wyatt ontem à noite.

Mais uma vez, foda-se. Se calhar podia não ter mencionado esse pequeno detalhe. Esperava que o Gus não tivesse reparado na minha voz irritada ao mencionar a irmãzinha e o ex-namorado.

– Ela foi para casa com aquele cabrão? E tu não a impediste?

Não. Gostaria de o ter feito, mas não pela razão que ele estava a pensar.

– Sabes que a tua irmã é uma mulher adulta, não sabes? – respondi. Gostava muito que a Emmy não tivesse saído com o Wyatt, mas o Gus ainda precisava de um lembrete de que ela sabia cuidar de si mesma. – Além disso, ela estava com a Teddy. Tenho certeza de que a melhor amiga estava bem atenta.

– Sabes muito bem que a Teddy só traz problemas. – disse o Gus. Estava cada vez mais zangado. Nem devia ter mencionado a Teddy. Aqueles dois não se davam *mesmo nada* bem. Esta manhã, não dava uma para a caixa. – Não acredito que a Emmy não nos avisou de que ia voltar para casa.

– De certeza que estava a planear fazê-lo. – disse, irritado por sentir a necessidade de justificar as ações da Emmy. Desde quando me importava? – Provavelmente, não queria chatear-vos enquanto estão no Idaho.

– Aposto que a Teddy teve qualquer coisa a ver com essa decisão.

– Não a podes culpar por tudo.

– Posso, já o fiz e vou continuar a fazê-lo.

– E o que é que vais fazer quando a Emmy tomar uma decisão que não te agrade sem a Teddy por perto?

– Isso nunca vai acontecer. – O Gus era prático, como sempre. – De qualquer forma, podes ir buscar a Riley? Agora que sei que a Emmy está cá, vou pedir-lhe para a ir buscar depois da aula e levá-la para a Casa Grande.

– Claro que sim. – Se a Emmy vinha buscar a Riley, seria impossível evitá-la. Era uma garantia de que iria sofrer ataques verbais, depois da denúncia que fiz ao Gus.

– Obrigado, meu.

– Não há problema. Falamos mais tarde.

– Só mais uma coisa. – disse o Gus. – Fica de olho na Emmy até eu chegar a casa, *ok?*

Emmy

O que quer que fosse, aquele zumbido incessante precisava de parar.

Agora.

A minha cabeça estava a latejar, e o zumbido – meu Deus, o zumbido.

Para. Já. Com. Isso.

Devo ter dito isto em voz alta, porque ouvi a voz da Teddy vir da casa de banho:

– Emmy, esse zumbido é o teu telefone a tocar, como tem tocado há dez minutos. Não é o som do apocalipse.

Oh. Ups. Andei aos apalpoes à procura do telemóvel. Quando o encontrei, virado para baixo no chão ao lado da cama da Teddy, já tinha parado de tocar.

Quando o virei, vi sete chamadas não atendidas do Gus.

Merda.

Será que o pai estava bem? O Wes estava bem? A Riley estava bem?

Ja ligar-lhe de volta, mas ele antecipou-se. Atendi de imediato.

– Alô, está tudo bem?

– Diz-me tu, Clementine. – Detestava quando o Gus usava a sua voz paternal, mas pelo menos o tom aborrecido e a ausência de urgência na voz diziam-me que todos os membros da família estavam sãos e salvos.

Surgia então a questão: porque é que o Gus me tinha ligado oito vezes às sete e meia da manhã de um sábado?

– Está tudo bem. Porquê?

– Onde é que estás agora? – perguntou. *Foda-se.* Ele sabia. Tinha de saber. Era a única razão pela qual me faria esta pergunta. – É bom que não estejas com o Kenny Wyatt – disse ele.

Soltei uma gargalhada. Estaria a gozar?

– Estou a falar a sério, Emmy.

Oh, eu já sabia que ele estava a falar a sério. O que tornava tudo tão engraçado.

– Antes de mais, não tens nada a ver com a cama onde estou e, honestamente, é arrepiante que queiras saber essa informação.

– Não quero saber essa informação. Só estou a dizer que espero que não estejas perto desse idiota.

– Relaxa, irmão mais velho. Estou na cama da Teddy.

Ouvi o Gus suspirar do outro lado do telefone. Mas não era de alívio – era de irritação, provavelmente com a Teddy.

– O Kenny teve a amabilidade de nos dar boleia do Devil's Boot ontem à noite, já que não tinha bebido – disse-lhe eu. – Que idiota, não é?

– Sabes tão bem como eu que uma boa ação não compensa tudo.

– Porque é que o odeias tanto?

– Só não gosto dele, *ok*?

– É por causa do baile de finalistas? Tens de ultrapassar isso – disse eu. –

Já passaram quase dez anos, e tenho noventa e nove por cento de certeza de que foi por tua causa que o carro do Kenny foi parar a uma vala na manhã seguinte, por isso acho que já te vingaste.

– És a minha irmã mais nova, Emmy. Se alguém faz merda contigo, também faz comigo – disse o Gus. Ele levava o papel de protetor muito a sério. – És como a mãe. És muito indulgente, as pessoas aproveitam-se de ti.

Oh, meu Deus. Era demasiado cedo e estava demasiado ressecada para falar da nossa falecida mãe.

– E tu podes perdoar quem tu quiseses, mas eu não me esqueço – concluiu.

– Jesus Cristo, August. Ainda nem sequer são oito da manhã. Relaxa.

– Porque é que estás em casa, Emmy? – perguntou o Gus. Não permitia que a conversa se desviasse do assunto por muito tempo. Típico.

– Só precisava de uma pausa – disse eu. O que era tecnicamente verdade.

– Tive a oportunidade e aproveitei-a. E resolvi vir para casa.

– Quanto tempo é que vais ficar por cá?

A minha resposta deixou o Gus satisfeito. Pelo menos por enquanto.

– Ainda está por determinar, mas ainda fico algumas semanas. –

No *mínimo*.

– Ótimo. Eu ligo ao Wes e digo-lhe que estás em casa.

– Está bem.

Descobriram-me a careca em menos de vinte e quatro horas, graças ao Luke Brooks e à sua grande boca.

– A Riley tem a sua aula de equitação em grupo no rancho de manhã. Vai estar pronta por volta das dez e ia gostar muito de ver a tia, por isso podes ir buscá-la e levá-la para a Casa Grande?

– Tudo pela minha menina – disse com sinceridade. Adorava a minha sobrinha. – Mas porque é que a Cam não a vem buscar? Não é o fim de semana dela?

– Sim, houve um imprevisto. Escuta, só preciso que a vás buscar depois da aula. O Wes pode levá-la, ou pode ficar em casa do Brooks até a mãe a ir buscar amanhã.

– Deixas mesmo a tua filha sozinha com o Brooks? – Perguntei.
Chocante.

Quando éramos miúdos, o Brooks estava sempre por perto quando

o Gus tinha de tomar conta de mim. Quando não me ignoravam, passava a ser a sua fonte de entretenimento.

Juro que ser atirada pelas escadas abaixo para uma cave muito escura e assustadora, dentro de um cesto de roupa suja, não era super divertido, por muito que o meu irmão e o seu melhor amigo me tentassem convencer do contrário.

Ah, e uma pilha de almofadas não fora suficiente para amortecer a queda.

Uma vez também me deixaram no telhado. Durante duas horas.

– Ele é um tio muito bom, Emmy. Ajuda-nos sempre que pode. Vai ficar de olho nela. E em ti, até eu e o pai voltarmos. – Revirei os olhos. Não precisava que o Luke Brooks ficasse de olho em mim.

Um dia, o meu irmão tratar-me-ia como uma adulta. Esperava eu.

Ouvir o nome do Brooks fez-me pensar numa coisa que ele me tinha dito na noite passada. A bebedeira tinha-me feito esquecer.

– Por falar no mutilador de *t-shirts*, ele é mesmo dono do Devil's Boot?

– Porque é que és tão inflexível no que diz respeito ao amor dele pela manga cava? – perguntou o Gus.

– Não é por causa da manga cava, mas sim do homem de manga cava que as corta tão agressivamente. – Eu não queria ver os mamilos do Luke Brooks. – Responde à pergunta.

– Sim, é – respondeu ele.

– Desde quando?

– Vais ter de lhe perguntar. É uma história muito estranha. Tenho de ir, Emmy. Falamos mais tarde.

Parecia que nunca descobriria como a mascote da Coors conseguiu meter as mãos no marco mais sujo e adorado de Meadowlark.

Não planeava ver muito – ou mesmo nada – do Brooks enquanto estivesse por aqui.

– Adeus, irmão mais velho.

– Adeus, Gussy! – gritou a Teddy da casa de banho.

Ele não respondeu.

Quando desliguei o telefone, tinha duas mensagens: uma do Kenny, a dizer que tinha sido bom ver-me ontem à noite, e outra do meu pai.

Estou feliz por estares em casa, docinho. Amo-te.

Emmy



O Rancho Rebel Blue estendia-se por mais de 3000 hectares de terra do grande Wyoming. Isto fazia dele o maior rancho de Meadowlark e dos condados circundantes, bem como um dos maiores ranchos do estado.

A nossa história com o Rebel Blue remonta a 1800, quando a minha família fez caminho na direção do Oeste selvagem. Nessa altura, o rancho era mais pequeno. A maior parte das estruturas originais do Rebel Blue ainda estavam, de alguma forma, de pé.

Ao atravessar, dentro da carrinha, o grande portão de ferro e entrar na estrada de terra batida que levava à Casa Grande, senti a garganta a apertar-se.

Estava em casa, e o Rebel Blue estava exatamente como o tinha deixado.

O rancho era principalmente de gado, tal como quando começou, mas também criávamos ovelhas e alugávamos espaço para cavalos.

O sonho do Wes era transformar algumas das estruturas que já não usávamos num pequeno rancho para hóspedes, mas isso era um projeto enorme e o Gus não estava de acordo. Não tinha dito ao Wes que não – estava apenas hesitante.

Ainda havia possibilidade de acontecer. O Gus trabalhava muito, mas ainda não era o capitão do navio.

Quando tínhamos de mudar alguma coisa no rancho, geralmente votávamos, e tinha de ser unânime. Se votássemos sobre o rancho de hóspedes, eu estaria do lado do Wes. Não tinha a certeza da opinião do meu pai, mas conhecendo-o como conheço, sabia que ele era adepto de grandes sonhos.

No centro do Rebel Blue estava o Amos Ryder.

Apesar de, nos dias de hoje, o meu pai estar mais perto dos setenta do que dos sessenta, o Rebel Blue continuava a ser gerido por ele. O mais

provável era continuar assim até ele deixar de ter a capacidade física para o fazer.

O Wyoming era o coração do meu pai e o Rebel Blue era o batimento cardíaco – bombeava vida através dele.

Por muito que tivesse querido fugir de Meadowlark, não podia negar que o Rebel Blue também me dava vida. Era difícil descrever como me fazia sentir. Quando estava no rancho e olhava para o céu azul ou mesmo em frente para as montanhas, sentia-me tão pequena e insignificante. Mas não de forma má; lembrava-me apenas de que os meus problemas nunca eram tão colossais como pareciam neste universo gigantesco.

A cerca de um quilómetro e meio, na estrada de terra batida, avistei a Casa Grande.

Assemelhava-se a uma grande cabana de madeira e tinha seis quartos: um para cada um de nós, um quarto de hóspedes e um que pertencia oficiosamente ao Brooks.

Quando crescemos, o Wes decidiu ficar, queria certificar-se de que alguém ficava com o pai, mas o Gus mudou-se para uma das cabanas no fundo da estrada.

Parei a carrinha ao lado de uma carrinha *Chevy K20* preta que não reconheci. Presumi que pertencia a quem quer que estivesse a dar as aulas de equitação da manhã, uma vez que o Wes estacionava sempre nas traseiras e os empregados do rancho tinham lugares à porta das suas cabanas.

Estiquei a mão até ao outro banco da frente para agarrar no telemóvel e num par de óculos de sol. Estava a olhar para baixo, quando alguém bateu com a mão no capô, provocando-me tal susto que acabei por saltar e bater com a cabeça no tejadilho. Caraças. Como se a dor de cabeça da ressaca não fosse suficiente.

Enquanto esfregava o topo da cabeça, vi o meu irmão Wes pela janela da frente. Tinha um sorriso enorme e, apesar de me ter causado danos corporais, não consegui deixar de o retribuir.

O Wes era o equivalente humano de um *golden retriever*. Ao contrário do Gus e de mim, ele tinha as feições da minha mãe. Em vez de cabelo escuro, o dele era cor de areia. Os seus olhos verdes eram mais claros do que os nossos e tinha duas covinhas enormes sempre à vista.

Não quero ser injusta: o Gus também tinha covinhas, mas não era exatamente conhecido por sorrir.

O Wes veio ter ao lado do condutor, abriu a porta e puxou-me para fora num abraço feroz.

– Olá, irmãzinha – disse ele. Os seus olhos brilhavam. Quem me dera

que toda a gente ficasse assim tão feliz por me ver.

– Olá, irmão mais velho – respondi. – O que estás a fazer em casa a esta hora da manhã? Não devias estar a trabalhar?

– Ah, ah. O Gus ligou-me esta manhã e disse que ias estar aqui depois da aula da Riley, por isso tinha de te dar as boas-vindas a casa e dizer-te duas coisas.

– Continua.

– O pai começou a fazer ioga.

Um ronco de choque saiu de dentro de mim provocado pela imagem do meu pai de sessenta e cinco anos a fazer a posição do cão de cabeça para baixo. Na minha vida inteira, podia contar pelos dedos de uma mão o número de vezes que o tinha visto a usar algo que não calças de ganga e uma camisa de flanela.

– Eu sei, eu sei – disse o Wes enquanto abanava a cabeça. – Mas ele está preocupado com as articulações. Também anda a comer legumes e essas merdas. – Logo agora que eu pensava que nada mudava por aqui. – Seja como for, o que interessa é que o teu quarto foi convertido no seu mais recente estúdio de ioga. Ele vai mudando de divisão consoante o sol e, como é verão, a luz está a favorecer o teu quarto.

– *Ok...*

– Portanto, tens algumas opções: podes ficar com o antigo quarto do Gus, ou com a cabana pequena.

A cabana pequena ficava a cerca de 500 metros da Casa Grande, estava rodeada de velhos choupos e encontrava-se mesmo ao lado do riacho que atravessava parte do rancho. Estava também mais perto dos estábulos mais pequenos que guardavam a maior parte dos cavalos da família. Apesar de estar perto de tudo, parecia isolada.

Ao contrário das restantes cabanas, não tinha um quarto separado. Era basicamente um apartamento-estúdio.

Privado e acolhedor – parecia-me perfeito.

– A cabana pequena, por favor.

– Boa escolha. – O Wes sorriu. – Eu fui até lá depois do Gus me ter ligado e abri algumas janelas. Ninguém metia lá os pés há muito tempo. Já pus a roupa de cama e as toalhas a lavar.

O Gus podia ser um protetor feroz, mas o Wes era um cuidador dedicado. Acho que era por isso que queria construir um rancho de hóspedes.

Tomar conta dos outros fazia o Weston Ryder feliz, e ele nunca esperava nada em troca. Nem sequer pensava nisso.

Dei-lhe outro abraço.

– Eu ajudo-te a levar as malas lá para baixo depois do jantar, está bem? – disse ele.

– Está bem – respondi. – É verdade, há espaço para a *Maple* nos estábulos, certo? O transporte deve trazê-la amanhã.

Tendo em conta a minha partida brusca de Denver, acabei por nem ir buscar o meu pequeno atrelado para cavalos e não trouxe a *Maple* do estábulo – mas telefonei-lhes, quando vinha para cá, e agendei um transporte para ela.

– Claro, Emmy. Há uns trinta espaços no estábulo. Podes pô-la ao lado da *Moonshine*. Tenho a certeza de que vão ficar contentes por se verem.

A *Moonshine* também era minha. Já era velhinha, com vinte e três anos, e estava a viver os seus anos dourados a comer muitas cenouras e maçãs.

– Parece-me bem. Há por aí uma moto-quatro que eu possa levar para ir buscar a Riley?

– Sim, há uma na garagem. As chaves estão na ignição – disse ele. – Tenho de ir. Os trabalhadores do rancho vão revoltar-se se pensarem que, por os chefes estarem fora, ando a fazer gazeta. Há cercas para consertar, gado para reunir. Tu sabes o que fazer. – E sabia. – Vejo-te mais tarde, Emmy.

Ele deu-me um beijo na bochecha e começou-se a afastar.

– Wes? – chamei-o.

– Sim?

– Não me perguntaste porque é que vim para casa.

– Não me interessa porque estás aqui, apenas me interessa que estás.

Aquelas palavras tocaram-me diretamente no coração. Foi preciso acontecer muita merda para me obrigar a voltar a Meadowlark, mas acho que fiz a escolha certa em voltar para casa.

– Bem-vinda a casa, Clementine – disse o Wes. Inclinou o chapéu, deu meia-volta e começou a caminhar até aos estábulos.

Desci o trilho que levava ao pequeno curral onde se realizavam as aulas durante o verão. O cabelo balançava atrás de mim, e não havia nada além de terra e céu azul à minha frente. Meu Deus, deixava-me sempre impressionada.

Tinha adorado viver no Colorado. Era feliz em qualquer sítio com montanhas, mas o Wyoming tinha qualquer coisa especial.

Quando me aproximei do curral, vi algumas figuras do lado de fora da vedação, provavelmente pais a vigiar os filhos, e cinco dos nossos pôneis Shetland a carregar humanos.

O Rebel Blue tinha voltado a ter aulas de equitação. A minha mãe era a instrutora, por isso, quando ela morreu, acabaram com as aulas. Só quando

a Riley nasceu é que o Gus decidiu que queria recuperá-las, não só para a sua filha, mas também para as outras crianças de Meadowlark, sem esquecer a filosofia da minha mãe de que andar a cavalo ensinava às crianças paciência, empatia e disciplina.

Eu era demasiado jovem para me lembrar das aulas da minha mãe e, quando o Gus as recomeçou, já tinha deixado Meadowlark, por isso hoje foi a primeira vez que as vi.

Parei a moto-quatro a uns trinta metros do curral. Os pôneis estavam calmos e tranquilos, mas não podia arriscar assustá-los quando levavam crianças de quatro anos no lombo.

Era fácil identificar o cabelo preto e encaracolado da Riley. Era um milagre que os genes da Camille tivessem resistido aos do Gus, o que fazia dela uma criança giríssima – cabelo preto, olhos verdes e duas covinhas enormes. Estava a montar o seu cavalo pônei: uma fêmea castanha chamada *Cheerio*. Quando me aproximei do curral, reconheci alguns dos pais e aproximei-me deles.

Abafei uma gargalhada ao ouvir uma das mães a sussurrar para outra que um certo rabo «tinha sido feito para aquelas calças de ganga».

O Gus deve ter escolhido um belo professor. Demorei um pouco a identificar o homem em questão. Estava de costas, mas só precisei de meio segundo para reconhecer os ombros largos, o cabelo castanho a sair do boné usado e, sim, o rabo.

Não podia acreditar: o Luke Brooks era um instrutor de crianças.

E ainda estavam todas vivas.

O Brooks ainda não me tinha visto, por isso fiz algo que nunca me permitia – observei-o. Estava a ajudar uma menina a ajustar as mãos nas rédeas e fez-lhe uma festa no cabelo quando ela conseguiu. Pelo sorriso que ela fez, dir-se-ia que tinha acabado de ganhar uma viagem à Disneylândia.

– Emmy, és tu? – A mãe que estava a sussurrar sobre o rabo do Brooks arrancou-me do meu estado de observação. Eu conhecia-a. Reconhecia o rosto, mas não conseguia lembrar-me do nome. Acho que tinha um irmão da minha idade.

– A própria – disse. Sorri-lhe, tentando canalizar a minha Teddy Andersen interior.

Ela abriu a boca para dizer outra coisa, mas foi interrompida por uma miúda a gritar:

– Tia!

Olhei para o curral e vi a Riley, a *Cheerio* e agora o Brooks virados para mim. O olhar da Riley derreteria um *iceberg*. Meu Deus, tinha tantas saudades

desta miúda.

O Brooks também sorriu, mas... não era o seu sorriso normal e arrogante. Olhava para mim de maneira que parecia mesmo feliz por me ver.

Era algo novo.

– Olá, Emmy – disse ele.

Fingi disparar-lhe dos meus dedos.

Quem me dera estar a brincar.

Repreendi-me internamente, mas o Brooks parecia impávido. Quando a Riley lhe fez uma pergunta, dobrou-se para lhe dizer que ela podia desmontar – *com* segurança, especificou – já que estava quase na hora de remover o equipamento. Com uma das mãos na sela e a outra a segurar as rédeas, a Riley tirou um dos pés dos estribos, cuidadosamente passou a perna por cima da garupa da *Cheerio* e desceu até o chão.

Tinha um talento natural.

Ver a minha sobrinha no seu pônei deixou-me bêbeda de orgulho, mas, ao mesmo tempo, parecia que o meu estômago tinha sido atingido por um taco de baseball. Há um mês que não conseguia montar a *Maple*. Consequia equipá-la e levá-la para a arena, mas quando chegava a altura de a montar, entrava em pânico.

Sempre.

Já me tinha lesionado antes, mas nunca como em Denver no mês passado. Não foi a primeira vez que acabei na terra por causa de um cavalo indomável, mas foi a primeira vez que perdi completamente o controlo enquanto montava, sem qualquer hipótese de o recuperar.

Bem que podia ter lutado, era indiferente.

Assim que o treino começou, percebi que algo não estava bem. O cavalo que estava a treinar estava agitado e nervoso, mas montei-o na mesma para correr.

Sabia que não o devia fazer, mas fi-lo na mesma.

Estremeci com a memória e ouvi os meus batimentos cardíacos nos ouvidos, mas mantive os olhos na Riley e usei-a como distração para evitar o ataque de ansiedade que me inundava sempre que pensava naquele dia.

Agora não, Emmy. Não podes fazer isto agora.

Respirei fundo, tal como fizera à porta do Devil's Boot na noite passada, e o ar da manhã lembrou-me de que era um novo dia.

E de que estava em casa.

A Riley deu as rédeas ao Brooks, que lhes pegou obedientemente. Ela correu na minha direção – trepou pelos buracos da vedação do curral e atirou-se para os meus braços antes que eu pudesse respirar. Dei um passo atrás, mas

consegui evitar cair com o rabo no chão, apesar da ressaca.

– Tia! Estás aqui! – A Riley pôs as suas mãozinhas nas minhas bochechas.

– Estou aqui, meu raio de sol – disse, a sorrir para a minha miúda de quatro anos favorita.

– Viste-me a montar? – perguntou. – Viste-me a mim e à *Cheerio*?

– És capaz de ser melhor cavaleira do que o teu pai – disse eu em tom de brincadeira. O sorriso da Riley aumentou.

– Ele diz que eu devia tentar ser como tu, porque és a melhor cavaleira que existe.

O taco de basebol metafórico voltou a encontrar-se com o meu estômago.

Sim, eu era uma ótima cavaleira. Uma grande cavaleira que nem sequer conseguia montar um cavalo. A piada fazia-se sozinha, tendo em consideração que o meu apelido era literalmente Ryder4.

A Riley encostou-se e cheirou-me.

– Tia – disse ela –, cheiras a fumo.

Apareci mesmo numa aula de equitação de ressaca e a cheirar ao Devil's Boot? Oh, meu Deus, soava a algo que o Brooks faria.

Merda.

– Riles! – chamou o Brooks. – Hora de tirar o equipamento. Larga a Emmy, por favor.

Apertei a Riley com mais força. Ela riu-se.

– A tia não me deixa ir, Brooks!

– Não sejas queixinhas, miúda – disse quando a coloquei no chão. Ela passou pelas barras do curral e voltou para a *Cheerio*. O Brooks devolveu-lhe as rédeas e olhou para mim.

O sorriso com que me tinha recebido desapareceu. Agora, parecia irritado.

Estaria ele mesmo chateado por eu ter interrompido o final da aula de equitação – depois da proeza que fizera ontem à noite no bar?

Porque é que estava a dar aulas de equitação? Este era o mesmo tipo que costumava disparar contra pombos de barro da cama do camião do meu irmão *em andamento*.

O Brooks saiu do curral para abrir o portão. Enquanto conduzia as crianças para o caminho que levava aos estábulos, olhou novamente para mim.

Esperava que ele não percebesse, através dos meus óculos de sol, que também o estava a observar.

Luke

Porra. A Emmy Ryder ficava tão bem à luz do dia como à luz do néon. E ficava mesmo muito bem.

Quando ouvi a moto-quatro parar perto do curral, sabia que tinha de ser ela, e odiei a ansiedade que senti só por a ver.

E cá estava ela. A usar umas calças de ganga desbotadas e uma *t-shirt* curta do George Strait, ela era o sonho molhado de qualquer *cowboy*.

Foi preciso um grande esforço para tirar os olhos de cima dela enquanto se dirigia para ao pé das mães, que passaram quarenta e cinco minutos a falar do meu rabo e achavam mesmo que não as ouvia.

Havia outro tipo que dava aulas no rancho de vez em quando, mas tenho quase a certeza de que o Gus o pôs de propósito nas aulas para adultos. Fiquei com os miúdos porque o Gus achava que eu podia ser um «íman de MILF5».

Mas não tinha interesse em nenhuma das mulheres que estavam atrás da vedação – até agora. A Emmy estava ao seu lado e parecia deslocada. Observei-a. Cumprimentou toda a gente educadamente, mas eu sabia que ela não estava aqui para fazer conversa fiada. Estava aqui para ver a Riley.

A Riley era obcecada pela Emmy. Nunca se calava sobre a tia, mesmo quando a Emmy não estava cá.

Devia esperar que a aula terminasse, que os cavalos estivessem sem equipamento e no seu sítio, para deixar o pequeno demónio ir ter com a tia.

Infelizmente, não resistia à Riley, por isso, assim que me pediu para ir ter com a Emmy, cedi.

Vê-las reunidas foi muito especial. Não reconheci a sensação esquisita no meu peito ao ver o sorriso na cara da Emmy depois de abraçar a Riley.

Não interessava, devia ser da ressaca.

Voltei a olhar para a Emmy. Sentia tudo o que tinha sentido na noite passada.

Continuava a achá-la linda.

Imaginava-a nos meus lençóis.

Ainda estava lixado por se ter ido embora com o Wyatt, queria que tivesse vindo comigo.

Tinha a esperança de que ela não conseguisse ler isto tudo na minha cara.

Merda, estava numa situação perigosa.

Não estava à espera de que a Emmy Ryder se entranhasse na minha mente.

Que raio é que eu podia fazer?

6 Luke



Depois da última aula, iniciei a caminhada de regresso à Casa Grande. Estava um bom dia de fim de verão. Até havia uma pequena brisa no rancho.

O Rancho Rebel Blue era o melhor sítio do mundo, e nunca me fartava do caminho que me levava ao longo do ribeiro, através de um bosque de choupos, até à Casa Grande. Situava-se num local mais alto, de olho em tudo e todos – tal como o Amos Ryder.

As minhas caminhadas de ida e volta costumavam ser as minhas partes favoritas do dia, mas hoje não. Hoje, vi a única coisa mais bonita do que o Rebel Blue: a Emmy.

Que raio se passa comigo?

A Emmy sempre foi bonita, mas sempre a vi como a irmã mais nova do meu melhor amigo.

A mulher que entrou no meu bar ontem à noite fazia-se notar. Ela nunca foi muito confiante em público, muito menos com um homem. Odiava que o Wyatt tivesse sido o foco deste seu lado, mas gostava de a ver assim.

O Amos dizia que a Emmy era demasiado acanhada, mas, agora, parecia muito mais audaz.

Era quase como se Meadowlark tivesse um teto muito baixo e, assim que saiu, conseguiu crescer.

Então, por que raio estava de volta?

Essa pergunta preenchia-me a cabeça enquanto o caminho que percorria chegava à esquina da pequena cabana. A carrinha da Emmy – uma GMC *Syclone* azul-bebé de 1991 – estava à frente. Lembro-me de quando ela a comprou. O pai dela comprou os primeiros carros do Gus e do Wes, mas não o da Emmy. Ela tinha-lhe dito para não o fazer. Quem recusava um carro gratuito?

Trabalhou no rancho e serviu às mesas no restaurante de Main Street para poupar. Viu aquela carrinha feia e foi amor à primeira vista. Achava graça a que ela ainda a tivesse, mas surpreendia-me ainda estar a trabalhar.

A porta da cabana estava aberta e ouvia-se os Cheap Trick a tocar. Aproximei-me quando a Emmy saiu. Tinha trocado as calças de ganga por uns calções pretos e justos. *Foda-se*.

As suas pernas bronzeadas pareciam ter um quilómetro de comprimento.

Foi buscar uma caixa à parte de trás da carrinha.

Parecia pesada. O Gus matava-me se soubesse que estava a olhar para a irmã dele, mas também me matava se soubesse que não me tinha oferecido para ajudar.

De qualquer forma, ia acabar morto, por isso mais valia tentar tirar a Emmy da cabeça.

– Emmy, eu ajudo-te – disse, enquanto corria para o lado da carrinha dela.

Nem sequer olhou para mim quando disse:

– Não preciso da ajuda de um homem grande e forte para carregar uma caixa. – Soprou a mecha de cabelo que lhe tinha caído sobre a cara para a afastar.

– Achas que sou grande e forte? – perguntei.

– Cala-te, Brooks.

Apanhei-a. Agora que estava mais perto da carrinha, vi que estava a abarrotar. Ela não teria trazido tudo aquilo se fosse ficar só uma ou duas semanas.

– Vais... – comecei, sem saber como formular a pergunta –, vais voltar para cá?

A Emmy parou de lutar com a caixa que me ofereci para levar. Deixou-a no banco da carrinha. A minha pergunta mudou algo nela. Suspirou e olhou para o céu. Depois fechou os olhos.

– Sim – disse ela, com os olhos ainda fechados. – Vou.

– E as corridas? – perguntei, igualmente curioso e preocupado. A Emmy ficou rígida. Era como se pudesse ver paredes erguerem-se à sua volta.

– O que é que têm? – disse na defensiva.

– Já não as vais fazer? – perguntei. Era a única explicação. Não podia competir a cavalo, como tinha feito na última década, a partir de Meadowlark.

A Emmy suspirou outra vez. Um suspiro que só podia vir de um peso que empurra para baixo, com tanta força que não há outra hipótese senão deixar sair o ar.

Sabia bem o que isso era.

– Não sei. – Ainda tinha os olhos fechados e o nariz virado para o céu.

– Ok... – Não sabia o que dizer. *Não tens nada a ver com isso, Luke.*

O silêncio estendeu-se entre nós durante alguns instantes.

– Eu ajudo-te a desfazer as malas. O dobro das pessoas, metade do trabalho.

Tentei que a minha proposta soasse a uma transação e não como desejo de passar mais tempo com ela. Olhou para mim e, uns segundos depois, acenou com a cabeça.

– Vou começar com a caixa pesada – disse eu, ao pegar na caixa que tinha dado início a isto tudo.

Que merda. Era mesmo pesada. Imaginei-a a arrumar a vida em Denver. Será que o fez sozinha? Ou alguém a ajudou? Um namorado, talvez? Os meus dedos apertaram a caixa só de pensar.

Apesar de conhecer a Emmy, não a *conhecia* nem sabia nada da sua vida.

Mas queria mudar isso.

A Emmy pegou numa caixa mais pequena e segui-a até à cabana.

O interior não tinha mudado desde a última vez que aqui estivera. O Gus, o Wes e eu costumávamos conviver por aqui, geralmente com cerveja e um charro. Era longe o suficiente da Casa Grande para que o Amos não nos apanhasse, mas perto o suficiente para não andarmos mocados pelo rancho.

Tenho quase a certeza de que o Gus perdeu a virgindade nesta cabana. Fiz uma nota mental para não partilhar este facto.

A Emmy dobrou-se para pousar a caixa no chão ao pé da cama, e não consegui não olhar para o seu rabo em forma de coração dentro daqueles calções minúsculos.

Sabia que ia diretamente para o inferno.

– Podes pôr isso em qualquer lado – disse a Emmy, sem se aperceber de que lhe estava a olhar para o rabo há meio segundo.

– O que raio é que está aqui dentro? – perguntei, ao pousar a caixa na entrada. – Pedras?

A Emmy deixou escapar um ligeiro sorriso, e senti-me como se tivesse ganho a lotaria.

O que raio me estava a acontecer?

– Quase acertaste – disse ela. – São livros. Já leste algum?

– Engraçadinha.

– Desculpa, eu sei que não saber ler é uma assunto sensível para ti. – O sorriso dela estava a crescer. Se gozar comigo a fazia sorrir daquela maneira, não me importava que o fizesse vezes sem conta.

– O sistema de ensino público do Wyoming falhou-me a mim e a muitos

outros – respondi.

– Não podes culpar a escola se nunca foste à escola.

– Eu fui à escola – protestei, apesar de não ter ido assim tanto.

– Jogar futebol e beber no parque de estacionamento não contam. – Meu Deus, aquele sorriso. *Bem feito, Kenny*, pensei, ao lembrar-me de como a Emmy lhe tinha sorrido ontem à noite. *Olha lá para quem ela está a sorrir agora, seu idiota.*

– Bolas. Apanhaste-me – admiti. Ela não estava errada. Mas acabei a escola.

– Já agora, muito obrigada por me teres denunciado ao Gus – disse ela. O tom ainda era leve, por isso não devia estar muito chateada, mas sentia-me mal na mesma.

Sabia como ela ficava quando estava zangada, e não estava assim agora. Parecia calma. Confortável.

Ficava contente por estar assim comigo.

– Mas podias ter deixado de fora a parte do Kenny – continuou. – A famosa veia da testa dele deve ter aparecido só por eu estar em casa sem ele saber.

Que se foda o Kenny.

– Divertiste-te... – mais uma vez, não sabia como formular corretamente a pergunta, a Emmy tinha-me deixado atado – ...depois de saíres do bar ontem à noite?

Perfeito.

A Emmy riu-se.

– Não acredito que o Gus te está a usar para me interrogar. – *Sim, era mesmo o Gus que queria saber.* – O Kenny deu-me boleia a mim e à Teddy para casa dela porque, não sei se reparaste, estávamos bem regadas.

Ele só lhe deu boleia? Ela não foi para casa com o Kenny? Não aconteceu nada?

Senti-me aliviado. Insisti comigo que era por não querer ver a irmã mais nova do meu melhor amigo outra vez magoada, o que era verdade. Só que não era toda a verdade.

– A tua ruidosa e apaixonada interpretação da «Islands in the Stream» pode ter-te denunciado – respondi. Passou-me pela cabeça a memória da Teddy a empurrar o vocalista da banda para o lado.

No entanto, estava um pouco desfocada, graças aos *shots* que tinha bebido atrás do balcão.

– Oh, meu Deus. – A Emmy passou a mão pela cara. – Tinha-me esquecido disso até agora.

– Estiveste muito bem, juro. Só precisas de umas aulas de canto e marco um espetáculo para ti e para a Teddy – brinquei.

A Emmy dirigiu-se para a carrinha para ir buscar mais coisas e fui atrás dela.

– Então, é verdade? – perguntou por cima do ombro.

– O que é que é verdade?

– Que és o dono do Devil's Boot.

– Sou, pois.

– Como é que isso aconteceu?

Era impossível falar de como o Devil's Boot me veio parar ao colo sem falar do Jimmy. Fiquei em silêncio por um momento, a preparar-me para a dor familiar que se instalava no meu peito sempre que ouvia o nome dele.

– Lembras-te do bêbedo do Jimmy?

– O teu pai? Sim, lembro-me do Jimmy.

A Emmy parecia confusa, e não a podia culpar.

– Parece que ele sempre foi o dono. Deixou-o em meu nome quando morreu.

Não gostava muito de falar sobre o meu pai. Não é que o considerasse um mau tipo, mas sabia que era um mau pai. No entanto, o que sentia pelo Jimmy já não era uma ferida aberta. Estava coberta de cicatrizes. Mas não significava que não permanecesse uma dor persistente à superfície.

Os anos passavam, mas nunca consegui esquecer o meu pai não me querer.

Viveu na mesma cidade que eu durante toda a minha vida, e via-o, com sorte, uma vez por ano, até ter idade suficiente para arranjar um bilhete de identidade falso e entrar no Devil's Boot. Nessa altura, já só o via no seu lugar habitual no bar. Uma vez falava comigo, outras não.

Nem sequer sei porque me deixou o bar e tudo o que vinha com ele.

– Sinceramente, nunca pensei que alguém fosse mesmo o dono do Devil's Boot – disse a Emmy, ao virar-se para pegar noutra caixa. Eu estava mesmo atrás dela. – Quer dizer, claro que alguém já foi o dono, mas o bar já existe há tanto tempo que achei que já tivesse, tipo, transcendido a propriedade.

– Bem, pelo estado da contabilidade parecia mesmo que não havia um proprietário. Foi um desastre.

O Jimmy tinha deixado o bar afundar-se. Detestava admiti-lo, mas quando vi os estragos que ele fez ao longo dos anos, senti-me reconfortado por saber que eu não era o único que tinha sido negligenciado. Ainda assim, acho que sempre se preocupou mais com o bar do que comigo.

A Emmy e eu pusemos as caixas no chão da cabana. Já estava a ficar cheia.

– Acho que nunca te disse isto... – começou a Emmy. – Lamento que o teu pai tenha morrido. É difícil e confuso fazer o luto por alguém que nunca conhecemos.

Lá estava outra vez aquela sensação estranha no meu peito. Sabia que as palavras da Emmy eram genuínas. A mãe dela tinha morrido antes de ela ter um ano. Foi num acidente de equitação.

– Agradeço, Emmy. – E agradecia mesmo. – O Jimmy deixou-me as únicas coisas que significavam algo para ele, e acho que isso ainda vale qualquer coisa.

Nunca falei assim do meu pai. Não sabia porque o estava a fazer.

Só queria que a Emmy me conhecesse, acho. E eu também a queria conhecer.

Continuámos a andar de um lado para o outro até os Cheap Trick passarem ao Bruce Springsteen e todas as caixas da Emmy terem sido entregues à cabana. Depois da nossa conversa, trabalhámos quase sempre num silêncio confortável, exceto quando a Emmy me dizia onde colocar as coisas ou quando começava a cantar distraidamente as letras das músicas a tocar.

– Acho que está tudo – disse ela quando eu trouxe a última caixa, que devia ter mais livros, tendo em conta o peso. O que é que esta mulher andava a ler? Pousei-a ao lado das outras. – Obrigada por me ajudares.

– Sempre que precisares – disse. E estava a falar a sério. Desde ontem que faria qualquer coisa, em qualquer lugar, a qualquer hora pela Emmy Ryder. – Precisas de mais alguma coisa antes de eu sair?

Mais valia ter-me ajoelhado e implorado que ela me deixasse ficar mais um bocadinho. Jesus Cristo, o que se passava comigo?

Ela estava a tentar sair de onde estava presa, rodeada por pilhas de caixas. Antes que pudesse responder-me, o seu pé prendeu-se no canto de uma caixa e ela caiu desamparada. Instintivamente, tentei agarrá-la, mas não consegui apanhá-la.

Malditas caixas.

– Emmy! – Contornei com rapidez as caixas no meu caminho e agachei-me ao lado da Emmy. Tinha sangue no braço. *Que merda.* – Emmy, estás bem?

Fiquei surpreendido pelo pânico na minha voz.

– Sim, estou bem. Estiquei o braço para amparar a queda e foi contra uma caixa. Está tudo bem.

– Deixa-me ver, por favor.

– Está bem – resmungou. *Que mulher teimosa.* Sempre teve a cabeça mais dura do que a de um cavalo.

– Emmy, estás a encher a tua caixa de sapatos de sangue.

Ela olhou para o braço. Acho que não sabia que estava a sangrar. Parecia atordoada.

– Merda – disse.

– Anda cá.

Coloquei uma das mãos na cintura dela e outra debaixo do cotovelo do braço que não estava a sangrar para a ajudar a levantar-se.

– Há um *kit* de primeiros socorros debaixo do lava-loiças. Eu e o Gus reabastecemos-lo há uns meses.

– Meu Deus, odeio sangue – disse a Emmy.

– Então não olhes, Clementine.

– Uau. Que conselho excelente, Luke. Devias ser médico. Obrigada.

Luke. Ela chamou-me Luke. Estava a esvair-se em sangue à minha frente e a ser uma espertalhona, mas gostei de ouvir o nome sair dos seus lábios.

– Estou a falar a sério, não olhes – disse eu. – Anda cá, senta-te.

Havia uma pequena mesa de cozinha com duas cadeiras ao pé da janela das traseiras. Levei-a até lá, sentei-a e peguei no estojo de primeiros socorros antes de me ajoelhar à sua frente.

– Eu não posso com sangue, Brooks. Não aguento – disse a Emmy.

A voz dela estava vazia. Olhei para ela. Também me parecia vazia. Mantinha os olhos no sangue que saía do braço.

– Escuta – disse, tentando manter a voz suave. – Emmy, olha para mim.

Ela manteve os olhos no corte, com uma expressão vazia no rosto. Parecia prestes a desmaiar. Não me lembrava de a Emmy ter esta aversão a sangue. Feridas e sangue não eram invulgares num rancho. Além disso, eu já tinha aparecido em casa dos Ryder, mais do que uma vez, depois de ter andado à bulha, por isso lembrar-me-ia de uma reação tão visceral da parte da Emmy.

Coloquei as mãos no rosto dela e inclinei-o para cima. Isso obrigou-a a desviar os olhos do braço.

– Olha para mim – exigi.

Os olhos verdes da Emmy encontraram-se com os meus. Ela *era capaz* de ouvir – quem diria?

– Mantém os olhos em mim, está bem? Vou tomar conta de ti, Emmy.

Ela não respondeu, mas fez-me um pequeno aceno com a cabeça. Mantive as mãos no seu rosto mais tempo do que devia, absorvendo a sensação de estar perto dela.

Jesus Cristo. És patético, pensei para mim próprio. *Ela está literalmente*

a sangrar, seu merdas.

Afastei as mãos da cara dela e comecei a tratar-lhe do braço. Pedi que pusesse a mão no meu bíceps, para poder ver o que estava a fazer. Depois de limpar o corte, fiquei contente por ver que não era nada profundo. Era um daqueles cortes «perfeitos» que não paravam de sangrar até estancarem.

Peguei no álcool do estojo de primeiros socorros.

– Isto pode arder – disse enquanto passava o algodão embebido no antebraço dela. Ela respirou fundo, e a mão no meu bíceps apertou. Com força.

– Merda. Isso doeu – disse ela.

– Está quase a acabar – disse eu. Dei-lhe umas palmadinhas na pele com a gaze e coloquei um penso rápido sobre o corte. – Pronto.

Coloquei os braços ao lado das suas pernas e deixei-os ficar ali, sem pensar. Olhei para ela. Já não parecia que ia desmaiar – o perigo tinha passado.

A Emmy tinha os olhos em mim, e eu, por instinto, levei as mãos à pele nua das suas coxas, mesmo por baixo da bainha dos calções justos. Vi-a a engolir. Ver o movimento da garganta deu-me vontade de a agarrar e de puxar os seus lábios para os meus.

Tentei lembrar-me da última vez que sentira este tipo de atração por alguém. Não tinha a certeza se já tinha acontecido.

– Obrigada – disse ela. Parecia sem fôlego? Ou estava a imaginar coisas?

Deslizei as mãos um pouco mais para cima e depois voltei a colocá-las onde estavam, e comecei a esfregar-lhe os lados das pernas. Disse a mim próprio que era apenas para a confortar depois do corte. Ela susteve a respiração, mas não me parou.

Os seus olhos foram para a minha boca e depois voltaram a subir.

Foda-se. Queria beijá-la.

E ela olhava para mim de uma maneira que me deu a entender que queria o mesmo. Eu sabia quando uma mulher me desejava, mas caramba, esta não era uma mulher qualquer.

Era a Emmy.

Nenhum de nós disse nada – cada um ficou no seu sítio.

Olhei para a boca dela.

Um beijo não faria mal, certo? Éramos dois adultos.

Ia avançar. Ia beijar a irmãzinha do meu melh...

– Emmy! – A voz do Wes quebrou o feitiço. – Tenho a tua roupa de cama.

Levantei-me de imediato, e a Emmy também, quando o Wes entrou pela porta da frente.

– Oh, olá, Brooks – disse. – Estava a perguntar-me porque é que a tua carrinha ainda estava ao pé da Casa Grande.

– Olá, meu. – Tentei manter a voz normal para que nada desse a entender que estivera quase para pregar um beijo na sua irmãzinha.

– Ele estava a ajudar-me com as caixas – disse a Emmy rapidamente. Parecia uma criança apanhada a roubar uma bolacha.

O Wes primeiro olhou para ela e depois para mim, com um ar desconfiado.

– Foi simpático da parte dele – disse, finalmente.

Isto era estranho.

A Emmy e eu estávamos a ser estranhos.

Tínhamos de deixar de ser estranhos.

Não aconteceu nada.

Mas teria acontecido.

– Sim – disse eu. – Vi a carrinha dela quando estava a voltar dos estábulos. Pensei dar uma mãozinha.

O Wes ficou a olhar para mim durante mais um segundo até se virar para a Emmy e dizer:

– O jantar vai estar pronto daqui a trinta minutos. A Riley queria frango assado. Brooks, juntas-te a nós?

– Obrigado, mas tenho de ir para o bar. Já devem estar à minha espera. – O que era verdade. O sol já se estava a pôr, por isso a malta devia estar a chegar ao Devil's Boot, mas o Joe tinha tudo controlado.

– Tens a certeza? – Foi a Emmy que perguntou. Será que ela... queria que eu ficasse para jantar? Parece que há uma primeira vez para tudo.

– Sim – disse. – Bem-vinda a casa, Emmy. Wes, volto amanhã para o jogo.

Jogava sempre futebol ao domingo em casa dos Ryder.

Fui até à porta e os dois Ryders disseram-me adeus. Acenei de volta e esperei não parecer tão envergonhado como me sentia.

Corri para a carrinha. Não podia acreditar que quase a tinha beijado. Se o Wes não tivesse entrado, tê-lo-ia feito.

Se ele não tivesse gritado antes de entrar, ter-me-ia apanhado a beijar a irmã e eu estaria morto neste momento. Pousei a cabeça no volante.

Não podia voltar a acontecer.

Emmy



Tinha passado uma semana desde a mudança para a cabana e do estranho acontecimento com o Brooks na primeira noite.

Tentei não pensar no assunto, mas sempre que a minha mente vagueava, voltava a sentir o seu braço debaixo da minha mão, as mãos dele nas minhas coxas e o olhar que parecia querer devorar-me.

O Brooks sempre teve muitas mulheres atrás dele. Bastou um minuto da sua atenção para perceber porquê.

Ele era inebriante.

Não acredito que estive tão perto de deixar o Luke Brooks – o tipo já devia ter ido para a cama com a maior parte das mulheres de Meadowlark – beijar-me. Graças a Deus que o Wes apareceu quando apareceu, ou provavelmente tê-lo-ia feito.

Que nojo.

Desde então, já tinha visto a sua carrinha pelo rancho, mas nunca mais o vi. Fiquei grande parte do tempo na cabana, ainda tinha muita roupa para arrumar. O Wes não se importava com o meu isolamento, desde que aparecesse na Casa Grande para jantar, mas sei que o Gus não teria a mesma postura quando regressasse.

Devia estar aliviada por não me cruzar com o Brooks. Nem sequer gostava dele.

Então, porque estava desiludida?

Deixa-te de cenas, Emmy. Não te lembras de que acabaste com o teu namorado através de um post-it no fim de semana passado? Não precisas de beijar ninguém.

Especialmente o Luke Brooks.

O pensamento sobre o meu ex surpreendeu-me. Eu e o Stockton não

estávamos juntos há muito tempo – só alguns meses. Ele vivia no mesmo condomínio que eu. Gostei logo dele, porque era diferente de todos os homens que já se tinham interessado por mim. Era de uma cidade grande, trabalhava em tecnologia e não era um *cowboy*.

Nunca tinha estado em cima de um cavalo.

Era simpático, mas no último mês e meio começou a fazer coisas de que não gostava. Vigia-me, ficava melindrado sempre que a Teddy telefonava, o que fazia com que evitasse atender o telefone. Há umas semanas, fomos a um restaurante e ele tentou pedir a comida por mim.

Não se ficou por aqui: pediu um bife.

Eu nem sequer comia carne vermelha.

Disse-lhe isso mesmo e ele respondeu: – Experimenta.

Eu não precisava de «experimentar». Cresci literalmente numa quinta com gado. Mas nem estávamos numa fase da relação em que pudesse falar sobre os meus problemas sensoriais – não estava para ouvir um «experimenta».

Teria acabado com ele de qualquer maneira.

A minha lesão e a espiral subsequente só aceleraram o processo.

Alguém bateu à porta da minha cabana. Antes que pudesse responder, a Teddy entrou que nem um tornado.

– Olá, amorzinho! – Trazia alguns sacos de compras. – Trouxe-te umas prendinhas!

– Porquê? – perguntei. Não consegui disfarçar o tom irritadiço.

– Porque não tens respondido às minhas mensagens, por isso precisava de ter a certeza de que não tinhas voltado ao *A Diva da Moda*. – Revirei-lhe os olhos. – E para o caso de teres sucumbido: cá estão umas prendas. – Levantou os sacos que trazia.

A Teddy adorava presentes – comprá-los ou recebê-los, era indiferente.

– Amo-te, sabias? – disse.

– Obviamente. E também te amo, por isso nem vou comentar a atitude que acabaste de ter.

– Desculpa – disse. Era mesmo sentido.

– Desculpas aceites. Queres ver os teus presentes?

– Já sabes que sim.

A Teddy deu um pequeno guincho excitado e bateu palmas. Foi até à zona do incidente com o Brooks, também conhecida como mesa da cozinha, e seguiu-a.

– Vamos ao mais importante. – Enfiou a mão no saco maior. – Roupas de cama nova! Presumo que essa atitude tenha sido causada por não andares a dormir bem. Sei que o Wes provavelmente te trouxe a roupa de cama do

ranchinho. – Tinha razão. – Essa merda é áspera, e toda a gente sabe como te sentes em relação a texturas ásperas na pele.

A roupa de cama que a Teddy trouxe era de cor creme e muito, muito macia. Por vezes esquecia-me de como a Teddy me conhecia bem, mas este nó na garganta era um bom lembrete.

– Adorei, Ted. Obrigada.

– Estamos apenas a começar – disse ela. – Também trouxe uma mini máquina de café, o teu querido *Folgers*⁶, muitas batatas fritas com sabor a pickles e umas *leggings* que acho que vais adorar. Parece mesmo que estás a andar nua.

Eu e a Teddy já não vivíamos no mesmo sítio desde a faculdade. Nunca me tinha esquecido do que era ser amada pela Teddy, mas acho que me tinha esquecido do que era estar perto dela.

– Não era preciso tanto.

– Blá, blá, blá. – A Teddy podia dar elogios incríveis, mas era péssima a recebê-los. – Estou feliz por estares aqui, mesmo que não respondas às minhas mensagens. Quero que saibas que estou aqui para ti, Em. Para o que precisares.

A Teddy era a minha melhor amiga.

Podia contar-lhe tudo. Esse era o objetivo de ter uma melhor amiga. Além disso, se não contasse isto a alguém corria o risco de explodir.

– Eu quis beijar o Luke Brooks – desabafei.

A Teddy ficou completamente imóvel. Nem sequer sabia que era capaz de tal feito.

– O QUÊ? – Os olhos da Teddy quase lhe saltaram da cabeça. – Conta-me tudo já.

Merda.

– É difícil explicar, mas magoei-me e havia adrenalina e os bíceps dele são tão... tu sabes, e a cara dele também não é má e...

A Teddy interrompeu-me:

– Onde é que isto aconteceu?

– Onde estás sentada.

– Foda-se. – A Teddy encostou-se à cadeira e manteve os olhos em mim.

– Então e querias – fez uma pausa – beijá-lo?

Engoli em seco. – No momento... mais ou menos?

– E agora? Tipo, agora que o momento já passou?

– Claro que não. – Era mentira. Eu era uma grande mentirosa.

– Ok. Ok. – A Teddy estava incrédula, a abanar a cabeça.

Pela primeira vez nas nossas vidas, acho que ficou sem palavras.

– Não te vou censurar – disse finalmente. – Ele tem aquele ar de *cowboy* perigoso, e tu acabaste agora uma relação. Até faz sentido.

– Achas mesmo que sim?

– Não, mas vamos fingir que sim para não te sentires tão mal. – Ugh. Enterrei o rosto nas mãos. – Então e tu, tipo... gostas dele?

– Não! – disse muito depressa. Mesmo muito depressa. A Teddy ficou a olhar com ar de quem não acreditava em mim.

Eu também não acreditava em mim.

Bateram outra vez à porta da cabana – bem, à moldura da porta, dado que a Teddy tinha deixado a porta aberta.

– Emmy, quantas vezes é que já te disse para não deixares as portas da cabana abertas?

O Gus entrou na cabana, demasiado pequena para três pessoas, especialmente quando duas dessas pessoas eram a Teddy Andersen e o August Ryder.

– Desculpa, Gussy – disse a Teddy. – A culpa é minha.

Os passos do Gus pararam e, de imediato, lançou um olhar furioso na direção da Teddy.

Se o Gus fosse uns anos mais novo e sorrisse mais, até passávamos por gémeos. Mas eu não tinha a capacidade de emanar tanta raiva através do olhar.

O Gus até estava com uma barba bem aparada, parecia uma versão mais jovem do nosso pai. Não estava assim da última vez que o vi.

– Theodora, pensei que te tinha banido do Rebel Blue – disse ele. Estava obviamente irritado.

– Eu pensei que te tinha avisado para não me voltares a chamar isso, ou teria de te enfiar um poste pela garganta abaixo – disse a Teddy, com uma voz doentivamente doce. – E acho que é a última coisa de que tu precisas, tendo em conta o teu mau aspeto.

A Teddy pestanejou com ar inocente. Fazia aquele gesto parecer tão condescendente.

– Achas que te calas se te meter um freio? – disparou o Gus.

– Um freio? Ui, o August Ryder tem um lado perverso – respondeu a Teddy.

– Ok – interrompi. – Ainda nem são dez horas, por isso vamos lá acalmar esta guerra de palavras.

Eles olharam para mim, parecia que nem se lembravam de que estava ali. Podiam passar o dia todo nestas trocas.

– Sim, não queria envergonhar o Gus logo de manhã – disse a Teddy. Sacudiu o cabelo cor de cobre por cima do ombro. – Só vim cá ver o *Maverick*.

– O *Maverick* tinha sido do seu pai, mas ele já não conseguia montar, por isso a Teddy tomava conta dele. – Ligo-te mais tarde, Emmy.

– Adeus, Ted. Amo-te.

– Amo-te mais.

Ao sair da cabana, parou à frente de Gus.

– O que é isso?

Apontou para a camisa dele e, que nem um idiota, ele olhou para baixo. Ela levantou o dedo e bateu-lhe no nariz.

O Gus rosnou. Literalmente rosnou.

Ouvi o riso da Teddy até fechar a porta da carrinha.

– Não a suporto mesmo – disse o Gus.

– Bem, ela também não te suporta. – Olhei para ele por um momento antes de correr para lhe dar um grande abraço. – Bem-vindo a casa, irmão mais velho.

O Gus apertou-me.

– Tu também, irmãzinha.

Fez-me uma festa no cabelo com uma das mãos. O Gus podia ter aquele ar de durão, mas, na verdade, era um coração mole, embora jamais o admitisse. Se lhe dissesse isto, ele seria duplamente estúpido só para provar o contrário.

– Correu tudo bem no Idaho? Pensei que vocês só chegassem a casa mais tarde.

Estava feliz por o ver, muito feliz. Mas estava à espera de ter mais um pouco para me preparar mentalmente, antes de o ver a ele e ao pai.

– Conseguimos um voo mais cedo. O pai está mortinho por te ver.

A chegada antecipada significava que podia abraçar o meu pai mais depressa, algo de que estava a precisar. Não havia nada que um abraço e uma refeição caseira do Amos Ryder não pudessem resolver.

– Onde é que ele está?

– Em casa, a preparar o pequeno-almoço mais tardio de sempre para nós. Disse-me para te vir buscar. Estás pronta?

Acenei com a cabeça e fomos até à Casa Grande. Fiz questão de mostrar ao Gus que sabia fechar e trancar a porta.

Enquanto caminhávamos até à casa, ele falou-me da conferência a que ele e o meu pai tinham ido no Idaho. Pelos vistos, o Gus aprendeu bastante acerca de receber hóspedes em ranchos e resgate de cavalos. Pela maneira como falava, parecia entusiasmado com as duas ideias. Não faltava espaço no Rebel Blue para pôr as duas em prática.

O Wes ia ficar entusiasmado com esta potencial mudança a favor do rancho de hóspedes.

– A Riley está cá? – perguntei.
– Não, está com a Cam. Vou buscá-la amanhã.
– Vi a última parte da aula dela no sábado. Tem um talento natural – disse ao pensar no quão corajosa e confiante ela parecia enquanto montava a *Cheerio*. Parecia sentir o mesmo que eu quando montava.

Doeu-me o coração só de pensar nisto. Perguntei-me se nunca mais voltaria a andar de cavalo, mas a resposta do Gus arrancou-me dos meus pensamentos antes que pudesse entrar nessa espiral.

– Sim, ela é ótima. O Brooks também é um bom professor.

É claro que o Gus tinha de falar do Brooks. Falei na aula de equitação, reconhecia que falar do seu instrutor seria a progressão natural da conversa, mas incomodava-me na mesma.

O Luke Brooks andava a ocupar demasiado espaço na minha cabeça. Não precisava que ele ocupasse também o tempo de antena das minhas conversas.

– Ainda não consigo associar o Brooks, *professor de equitação*, ao Brooks que era conhecido por montar outras coisas – disse, quase sem pensar. O Gus olhou para mim como se me tivesse crescido uma segunda cabeça.

Era a segunda pessoa que olhava hoje assim para mim, e as duas vezes tinham envolvido o Luke Brooks.

– Que nojo, Emmy. Não quero ouvir isso da boca da minha irmã.

– Pensava que estávamos ao mesmo nível, visto que me perguntaste, na semana passada, em que *cama* estava a dormir – respondi.

– Bem visto.

O Gus mudou de assunto.

– O Wes disse-me que tens andado amuada na tua cabana – disse. Não era uma pergunta.

– Porque é que toda a gente acha que eu ando sempre amuada?

– És uma amuadinha, Emmy. Faz parte de ti – disse ele com naturalidade.

Ainda gozei com ele.

– Deixa lá que tu não podes falar muito.

Mas irritava-me não só ele ter alguma razão, como ainda atirar-me isso à cara. Era uma amuada. O mais fácil para mim era fechar-me dentro da minha cabeça. Era o caminho de menor resistência – durante algum tempo.

– Mas sim, tenho passado bastante tempo na cabana. Ando a ambientar-me. É uma grande mudança.

– Então vais mesmo voltar para casa? Isto não é apenas uma «pausa» como disseste ao telefone?

– Tecnicamente, ainda é uma pausa – insisti. – Mas sim. Acho que vou voltar. Pelo menos por uns tempos. – Já sabia que ia ficar quando falámos ao telefone, mas ele não precisava de saber isso.

– Sabes que te vou pôr a trabalhar, certo?

Suspirei. Claro que ia.

– Eu sei.

– Falta-nos uma pessoa no rancho, por isso tu e o Brooks podem partilhar algumas tarefas até contratarmos alguém. *Ok?*

Não gostava muito de ser emparelhada com o Brooks, mas concordei na mesma. Desde que dissesse que sim ao trabalho, o Gus ficaria feliz.

– Muito bem, então. Estou feliz por estares em casa. – disse o Gus. *Previsível.* O trabalho estava sempre em primeiro lugar para ele. A única coisa que superava o rancho era a Riley.

Voltámos à Casa Grande e o Gus abriu-me a porta das traseiras. E, pela segunda vez desde que tinha regressado, dei de caras com o peito duro de um homem.

Era impossível evitar o Brooks.

Olhei para ele. O seu rosto estava praticamente inexpressivo enquanto me segurava, tal qual após a nossa primeira colisão.

Inexpressivo ou não, podia afogar-me nos seus olhos castanhos profundos.

Era mesmo do piorio.

– Olá, Emmy – disse ele. Fixe. Neutro.

Irritante.

Preferia que ele usasse a voz arrogante.

Esta indiferença era de levar aos arames, tendo em conta que ele ocupava incessantemente os meus pensamentos há dias. Bela merda ele ser tão bem parecido. Não devia ser permitido.

– Olá. – Também sabia ser «fixe».

– Docinho? És tu?

Ouvi a voz rouca do meu pai vir da cozinha. Era a única coisa que me podia tirar do impasse com o Brooks. Corri para o meu pai e, assim que o vi, atirei-me a ele, e dei-lhe o maior abraço que consegui.

Os seus braços rodearam-me e ele levantou-me do chão. Os seus sessenta e poucos anos não interessavam para nada. O Amos Ryder era duro de roer.

Ou talvez fosse do ioga.

A sua pele estava envelhecida e os olhos verdes estavam escuros. Vestia a habitual camisa de flanela com as mangas arregaçadas. Tinha uma andorinha tatuada em cada um dos antebraços. Depois de apanharem tanto sol, estavam

desbotadas. Adorava-as.

Apesar de estar em casa há uma semana, sem o meu pai não me sentia verdadeiramente de volta. Agora estava mesmo em casa. Ele riu-se no meu cabelo. O som era caloroso e áspero.

– Também tive saudades tuas, docinho.

Apertei-o um bocadinho mais antes de o largar.

Ele baixou-me até ao chão.

Olhei para o meu pai. Parecia ter envelhecido desde a última vez que o vi – tinha mais rugas à volta dos olhos, e mais alguns cabelos brancos. Já tinha mais brancos do que pretos.

– A *Maple* regressou em condições? – perguntou.

– Sim, está no estábulo ao lado da *Moonshine*.

A *Maple* regressou ao Rebel Blue há alguns dias. O transporte demorou um pouco mais do que o esperado, mas lá chegou.

Montava a *Maple* desde o início da minha carreira profissional. Antes dela, andava na *Moonshine*. Experimentei alguns cavalos entre as duas, estava à espera de que a *Maple* estivesse pronta para montar, mas nenhum dos outros cavalos era o certo para mim. A maioria ainda estava no rancho, como o cavalo do Gus, o *Scout*.

Nem todos os cavalos foram feitos para os barris, mas a *Maple* era. Era uma égua expressiva e, quando corríamos, percebia que ela sentia o mesmo que eu.

Ou como me sentia antes.

– De certeza que estão felizes por se terem reunido – comentou o meu pai. E estavam. A *Moonshine* fora feita para ser mãe e amava a *Maple* como se fosse sua filha.

Quase fiquei com vontade de montar ao vê-las juntas no pasto.

Quase.

– Estão, pois. Tenho-as deixado pastar juntas.

– Temos de as levar a passear em breve.

– Tenho a certeza de que a *Moonshine* prefere cavalgar com a *Maple* do que com o *Cobalt*.

O *Cobalt* era o cavalo do meu pai. Era um cavalo preto e branco da raça American Paint Horse – era, sem qualquer discussão, o cavalo mais bonito do rancho. O *Cobalt* e a *Moonshine* tinham uma relação de amor-ódio. Ambos pensavam que eram o alfa do Rebel Blue.

Nem consegui responder à sugestão do passeio que o meu pai fez. Era a nossa atividade preferida – pelo menos, costumava ser, por isso limitei-me a acenar com a cabeça.

A porta da frente abriu-se outra vez. Era o Wes. Estava a usar as roupas de trabalho. Esta costumava ser a hora de almoço dos rapazes, uma vez que se levantavam de madrugada.

– Weston, chegaste mesmo a tempo. A comida está pronta.

Sentei-me no meu lugar habitual à mesa. Tinha-me esquecido de que era o lugar mesmo em frente ao do Brooks.

Ótimo.

8

Luke



Começava a pensar que o papel da Emmy neste mundo era o de me torturar. Depois do pequeno-almoço de ontem na Casa Grande, estava convencido de que era o caso.

Não prestei atenção ao relato do Gus e do Amos acerca da conferência, e até concordei em aceitar o trabalho extra que o Gus me pôs em cima.

Fazia tudo para evitar olhar para a Emmy e deixar de pensar na sensação da sua pele sob as minhas mãos.

Ela também conseguiu ignorar-me, o que me deixou irritado.

Eu também a estava a ignorar, mas isso não interessava.

Só consegui observá-la de relance, enquanto parecia distraída. O cabelo estava despenteado, como sempre.

Queria ser eu a despenteá-lo.

Estava a pensar nisso enquanto limpava os estábulos, uma das tarefas que tinha aceitado fazer ontem.

Os Ryders tinham três estábulos na propriedade, mas só dois deles estavam a ser utilizados. Este, que tinha os cavalos da família, também incluía os cavalos e pôneis que usávamos nas aulas – cerca de quinze no total. O outro estábulo ficava mais abaixo, onde os trabalhadores do rancho podiam guardar os seus cavalos, caso os trouxessem. Esse era o maior estábulo, tinha cavalos que pertenciam a outras pessoas que alugavam o espaço. Estava grato por não ter de o limpar.

Comecei com a baia do *Friday*. O *Friday* era meu. Era um Morgan Palomino, resgatado quando eu tinha dezassete anos. A primeira vez que o vi, estava a ouvir a «Friday, I'm in Love» dos Cure na carrinha. O nome veio daí.

O *Friday* estava perto da *Moonshine* e da *Maple*, as éguas da Emmy. Apesar de já estar em casa há quase uma semana, ainda não a tinha visto nos

estábulos uma única vez. Sabia que ela tinha de vir cá para levar os cavalos a pastar e, depois, trazê-los de volta, mas ainda não tinha tocado no equipamento.

Ou seja, ela ainda não tinha ido montar. O que não era nada típico dela. De todo.

Normalmente, o Amos tinha de se chatear para tirar a Emmy de cima de um cavalo. Nunca teve problemas em montar. O Amos tinha um dom para domar cavalos, mas a Emmy não lhe ficava muito atrás.

Lembrei-me da queda na cabana, da sua reação ao sangue. Perguntei-me se isso estaria relacionado com o inesperado regresso a casa.

Era óbvio que ontem o Amos estava muito feliz por a ter em casa. Não queria saber quais os motivos para o regresso. O Wes era igual. Mas conseguia perceber que o Gus estava preocupado.

Eu também estava. Não que fosse da minha conta.

Ouvi a porta do estábulo abrir-se e a Emmy entrou. Claro que tinha de chegar na altura exata em que eu estava a pensar nela. Era o que acontecia quando se cobiçava a irmã mais nova do melhor amigo.

Estava a usar botas, *leggings* pretas e um *top* branco. Tinha feito uma trança no cabelo, que estava coberto por um boné. Porque é que ela tinha de estar sempre tão bonita? Ia para a barraca da *Maple*, mas parou quando me viu.

– Olá – forcei-me a dizer.

– Olá. Andas a limpar as baias?

– Sim. Se estás à procura do *Friday* e da *Moonshine*, podes encontrá-los no pasto.

– Estou aqui pela *Maple*. Não te preocupes com a baia da *Moonshine*. Eu posso tratar disso.

– Muito bem. Vais montar?

Houve uma longa pausa. A Emmy quase parecia assustada. Estaria com medo da *Maple*? Medo de andar a cavalo?

– Sim, estou aqui para montar – disse finalmente. Não parecia muito segura da resposta. Continuei a limpar o estábulo do *Friday*, mas não conseguia não olhar de relance para a Emmy. Tentei não parecer demasiado óbvio. Levou a cabeçada da *Maple* para a baia. Quando ia abrir a porta do estábulo, vi que as suas mãos estavam a tremer.

Mas que raio?

Levou a *Maple* para junto das amarras e pegou nos utensílios de escovagem na parede. Ainda conseguia ver as mãos dela a tremer quando começou a escovar a *Maple*.

A Emmy sabia melhor do que ninguém que era péssima ideia lidar com

um cavalo quando estamos nervosos ou assustados.

Ela estava de costas para mim. Quanto mais escovava, menos a mão tremia, mas continuava mais tensa do que uma corda.

– Emmy? – disse-lhe baixinho enquanto me aproximava dela. Ela não respondeu. Continuou a escovar. Reparei que os ombros também estavam a tremer um pouco. – Emmy – disse com mais firmeza. Continuou sem me responder. Eu estava mesmo atrás dela, por isso estendi a mão e coloquei-a sobre a dela para que parasse de escovar. Além das mãos e dos ombros trémulos, ela não se mexeu.

Tirei-lhe a escova da mão e depois envolvi os meus dedos nos dela, e comecei a afastá-la da *Maple*. Olhou finalmente para mim, depois de lhe colocar as mãos nos ombros. Tinha lágrimas nos olhos.

Foda-se.

Não a queria ver a chorar.

– Fala comigo, Emmy. O que é que se passa?

– Eu estou bem.

Uma lágrima caiu-lhe no rosto. Limpei-a sem pensar no assunto.

– É óbvio que não estás bem.

Nunca a tinha visto assim. Odiei que estivesse desta forma.

– O que é que se passa? – perguntei.

Ficou quieta durante um segundo, mas depois acenou lentamente com a cabeça. Passei as mãos pelos seus braços, tentando acalmá-la.

– Podes contar-me, Emmy.

– Eu estou bem.

Ainda estava a chorar, mas agora estava com uma voz zangada.

– Emmy...

– Não. Deixa-me em paz.

Pois, definitivamente não ia fazer isso, mas também não a pressionei. Fiquei ao seu lado e deixei-a chorar durante algum tempo. Ver as lágrimas caírem-lhe pela cara era como levar um murro na garganta.

Alguna coisa aconteceu. Voltou para casa do nada e não avisou ninguém. O Gus disse-me que ela não saía da cabana e que agora não montava.

Que raio é que lhe aconteceu em Denver?

Tinha de descobrir.

– Emmy, porque vieste para casa? – perguntei. Tentei manter a voz suave, apesar de me sentir estranho e assustado como o caralho por a ver assim.

– Porque é que queres saber?

– Porque gosto de ti – disse eu. O que foi sempre verdade, apesar de agora soar diferente.

A Emmy bufou. Decidi tentar outra estratégia.

– Vá, Emmy. Tens de falar com alguém, e mesmo que eu contasse ao Gus, achas mesmo que ele ia acreditar que tu me terias confidenciado o que quer que seja? Tu não me suportas.

Tentei não esmorecer visivelmente ao dizer a última parte.

– Podes contar-me, Emmy.

A Emmy respirou fundo antes de começar.

– Eu... magoei-me. Fui arremessada – disse ela. A voz estava a tremer e mais lágrimas começaram a cair. – Fui arremessada e fui contra a vedação...

– Estava agora a falar mais depressa. As palavras pareciam jorrar. – Fiquei inconsciente e acordei com sangue nos olhos. Bati com a cabeça, não sei o que aconteceu. Estava a montar um cavalo diferente. Estava só a fazer uns exercícios... Fui arremessada para tão longe e bati na vedação com tanta força. Podia ter sido muito pior...

A respiração estava cada vez mais rápida.

Perigosamente rápida.

– Lamento imenso, Emmy. A sério que sim.

Lembram-se do murro na garganta de há pouco? Agora estava muito pior. Claro que ela não conseguia montar. Passar por uma merda dessas dava cabo da cabeça de qualquer um. Só podia imaginar como seria para a Emmy, tendo em conta a maneira como perdeu a mãe.

Mesmo que não tivesse relacionado esses acontecimentos, aposto que a sua cabeça o tinha feito, quer ela o reconhecesse quer não.

– Acordei e tentei voltar. Tentei mesmo... mas não consegui. Não consegui, e nunca mais consegui desde então. – A respiração da Emmy não estava a abrandar. – Não sei o que fazer. Não sei o que fazer. Não sei o que fazer.

– Emmy, calma, está tudo bem. Está tudo bem.

Continuei a massajar-lhe os braços. Todo o seu corpo tremia agora, e ela começou a coçar o pescoço como se estivesse a tentar fugir da própria pele.

– Emmy. Diz-me do que é que precisas, boneca. Diz-me o que fazer.

– Preciso... – tentou falar, entre fôlegos. – Podes...?

– O que quiseres, boneca.

– Aperta-me. Por favor.

Ela fechou os olhos e envolveu-se nos próprios braços como se estivesse a dar um abraço a si própria. Percebi logo.

Puxei-a para os meus braços e levei-a para o chão. Abracei-a com força contra o peito e comecei a balançar-me suavemente para a frente e para trás. Senti as lágrimas molharem a minha camisa.

– Emmy, respira comigo, *ok?* – Comecei a exagerar as respirações, para dentro e para fora, para que a Emmy as pudesse sentir e ouvir. – Estás segura, Emmy.

Ficámos no chão do estábulo durante algum tempo. A respiração da Emmy começou a abrandar, e aliviei o aperto quando a senti a relaxar. Mantive a respiração igual. Lenta e constante.

Passados mais alguns minutos, a Emmy afastou a cara do meu pescoço. Estava vermelha e os olhos estavam baços.

– Desculpa – disse ela. – Peço imensa desculpa.

– Emmy. Por favor, para. Isto já te aconteceu antes? – Limitou-se a acenar. – Há quanto tempo? Desde o arremesso?

– Já aconteceu antes, mas piorou muito desde então.

– Acontece sempre que tentas montar?

– Quase todas as vezes.

Foda-se. Toda a gente sabia que a Emmy adorava montar. Não apenas competir, mas montar. Ela era provavelmente a única pessoa que tinha percorrido todos os trilhos do Rebel Blue – não só os principais. Várias vezes.

Fiquei devastado por saber que ela não conseguia andar a cavalo.

Tudo o que estava a sentir por ela era inesperado.

Queria ajudá-la.

– E tens tentado montar todos os dias?

Ela acenou com a cabeça.

– Emmy, porque é que estás a fazer isso a ti própria?

Os seus olhos voltaram-se a encher de lágrimas. Que merda.

– Achei que ia passar. Achei mesmo que ia passar.

– Vai passar, Emmy – disse eu. – Não é preciso pôr já o cavalo de lado, mas também não te pode dar ataques de pânico.

– Não sei o que fazer, Brooks.

Era uma merda ver a Emmy em baixo. Queria tanto ajudá-la a deixar de se sentir assim.

Talvez conseguisse. Tive uma ideia.

– Estás com um bloqueio mental dos diabos, Emmy. És uma excelente cavaleira – só tens de reaprender a confiar nas tuas capacidades.

– Como?

– Nós vamos começar do princípio.

Inclinou a cabeça na minha direção.

– Nós?

– Sim. Eu ensino as pessoas a montar, Emmy – argumentei suavemente, tentando não rebentar a bolha. Neste momento, teria feito qualquer coisa para

estar perto da Emmy, mas era mais do que isso. Queria que ela voltasse a montar, e queria ser eu a ajudá-la.

Queria que ela pudesse fazer o que mais amava.

– Estás a oferecer-te para me ensinares a montar? – tomou fôlego. A voz tremia e denunciava insegurança.

– Porque não?

– Nós não somos amigos, Brooks.

Auch.

– Porque é que não podemos começar agora?

Queria ser mais do que seu amigo, mas ela não precisava de saber isso. Ninguém precisava de saber isso.

A Emmy olhou para baixo, evitando encarar-me. Observei os seus olhos a percorrerem o chão de um lado para o outro. Era o que fazia quando estava a pensar. Fazia sempre a mesma coisa.

Depois do que me pareceu uma eternidade, ela disse:

– Vamos a isso. Mas não podes contar ao Gus ou ao Wes o que se está a passar. Não quero que eles saibam.

Sim, definitivamente não lhes contaria nada relacionado comigo e com a Emmy.

– Combinado. Começamos amanhã, depois de acabares o trabalho que o Wes te pedir. Fica para as oito da manhã?

– Claro – disse ela.

Apercebi-me de que ainda estávamos abraçados no chão do estábulo, e a *Maple*, aparentemente a melhor égua do mundo, ainda estava feliz e contente nas suas amarras cruzadas. A Emmy pareceu reparar no mesmo que eu e saltou do meu colo de imediato.

Eu também me levantei.

– Obrigada. Por isto – disse ela, apontando para o chão. – Nunca estive com ninguém numa destas alturas. Ajudou... bastante. Obrigada.

Sorri-lhe, e podia jurar que a vi corar.

Devia ser apenas um truque da luz.

A Emmy virou-se para a *Maple* e começou a desamarrá-la.

– Eu trato dela – disse eu. – Podes ir. Eu deixo-a sair e trato da baia dela.

– Não tens de...

– Está tudo bem, Emmy. Vai.

– Obrigada, Brooks. Por tudo. Foi mesmo importante. – Começou a andar na direção da porta do estábulo.

– Escuta, Emmy – chamei-a. Ela virou-se para mim. O sol brilhava nas suas costas ao estar parada à porta do estábulo. Parecia uma porra de um anjo

– um anjo intocável.

– Sim?

– Então, passamos a ser amigos? – perguntei. Ela ficou a matutar por uns momentos.

– Amigos.

Estava a brincar com o fogo no que diz respeito a esta situação com a Emmy, mas não me importava de andar sobre chamas por ela.

Fá-lo-ia com um sorriso no rosto.

Emmy



As aulas de equitação com o Brooks estavam a correr bem. Ainda não me tinha pedido para montar a cavalo, mas já era capaz de equipar a *Maple* sem ceder a outro ataque de pânico monstruoso.

Acho que devia estar mais envergonhada por ter ficado naquele estado à frente do Brooks, mas não foi assim que me senti. Sempre que pensava na situação, não pensava no ataque de pânico em si, mas na maneira como o Brooks me tinha confortado, sem quaisquer perguntas ou reservas.

«Do que é que precisas, boneca?» Repeti várias vezes as palavras. Nunca o tinha ouvido a falar assim – suavemente. Naquele momento, as palavras dele agarraram-me tanto como os seus braços.

Ele cuidou de mim como se fosse a coisa mais natural do mundo, e era isso que me ocupava a cabeça – não o ataque de pânico.

Nenhum de nós mencionou o assunto, e achava que nenhum mencionaria, mas estava mesmo agradecida por não ter passado por aquilo sozinha naquele dia.

Mais alguém saber o que tinha acontecido era estranhamente libertador. Era como se, por ele saber, a situação não existisse apenas na minha cabeça – era real. A dor que me causou era real. As consequências eram reais.

E se a queda fora real, a recuperação também poderia ser.

Até agora, as aulas de equitação do Brooks consistiam apenas em equipar e desequipar os cavalos. Depois, íamos para o curral com eles, passeá-los. Quando voltávamos para os estábulos, tirávamos o equipamento e deixávamos a *Maple* e o *Friday* a pastar.

Ele só podia estar aborrecido. Como é que tinha paciência para ter o trabalho de preparar os cavalos só para os levar a passear, como quem leva o cão à rua, e depois trazê-los de volta?

Senti que estava a perder o seu tempo comigo, mas estava grata por me deixar ir devagar, sem me pressionar para montar a *Maple...* para já.

Sabia que devia estar para chegar.

Na nossa rotina de equipar e andar, o Brooks e eu conversávamos. Este gajo estava na minha casa desde que nasci, mas foi a primeira vez que estive só com ele. E falávamos. Tipo, falávamos *a sério*.

E, enquanto falávamos, eu não pensava no acidente e no rescaldo.

Ajudou. Provavelmente mais do que gostaria de admitir.

Tinha aprendido muito sobre o Brooks nos últimos dias. Descobri que os seus filmes favoritos eram *O Clube dos Poetas Mortos* e *O Tesouro* – não estava à espera destas escolhas. Pensei que ele fosse mais do género *Este País Não É Para Velhos*.

A banda favorita era os Bread, mas se tivesse de escolher uma segunda favorita, teria de ser entre os Brooks & Dunn ou The Highwaymen.

Também aprendi outras coisas. Coisas que mencionou casualmente, sem se aperceber da importância do que me contava. Como os meios-irmãos já não falarem com ele. Não via a mãe há anos por causa do padrasto, o John. Há alguns anos, alguém no Devil's Boot lhe deu os pêsames por causa da saúde da mãe e foi assim que descobriu que ela tinha sido submetida a um tratamento do cancro do esófago.

Agora estava bem, mas ele ainda não a tinha visto.

Tentou fazê-lo algumas vezes após ela ter entrado em remissão, mas o John não o deixou entrar em casa.

Ao crescer, sabia que a situação do Brooks em casa não era a ideal, daí ele passar tanto tempo no rancho. Mas ouvir isto enquanto adulta era diferente. Agora tinha mais importância.

E se para mim foi pesado ouvir esta história, imagino que tenha sido muito pior para o Brooks contá-la. Era ele que tinha de viver com isto.

Merecia melhor.

Era estranho passar tempo com o Brooks desta forma. Conhecia-o desde sempre, mas não o *conhecia* realmente.

Até há pouco tempo, a única coisa que sabia sobre o Brooks era que estava *sempre* por perto. Ficava com tanta inveja de ele poder fazer parte do Clube dos Ryder com os meus irmãos e o meu pai, e ele nem sequer era um Ryder.

Gostava de ter sabido o quão importante tinha sido para ele fazer parte de algo assim – fazer parte de nós.

Hoje tivemos outra aula, mas só no final da manhã. O Gus estava a aproveitar a mãozinha extra que o Brooks oferecia, por isso aproveitei para

tomar o pequeno-almoço com o meu pai. Não o tinha visto vezes suficientes desde que tinha chegado a casa – era um tipo ocupado.

Depois de nos sentarmos ao balcão da cozinha, eu com umas panquecas de chocolate, ele com um batido verde – o Wes não estava mesmo a brincar com a cena da saúde –, perguntei pelo Brooks.

– Pai? – Estava com uma voz calma, até tímida.

– Sim, docinho? – respondeu sem tirar os olhos do jornal. Já sabia que a minha pergunta poderia levantar alguns problemas com o meu pai, mas precisava de saber o que via no Brooks.

– O que é que tu achas do Brooks?

– Do Luke? É um bom homem. Porquê?

Porque, no outro dia, ele ficou sentado no chão do estábulo comigo durante uma hora, e eu preciso de saber se isso é normal.

– Bem, acho que estava só a pensar na tua decisão de o acolheres quando éramos miúdos.

O meu pai tirou os óculos de leitura e pousou o jornal.

– Porquê esse interesse súbito? – *Nível de alerta: máximo.*

– Não sei. Estou só curiosa.

Pelo olhar do meu pai percebi que ele não estava lá muito convencido com a minha resposta, mas respondeu à pergunta na mesma.

– O Luke é destemido. Quando eles eram miúdos e o Gus o trouxe da escola, eu sabia que ou ele podia ser incrível, ou podia-se tornar no seu pior inimigo, tal como o pai.

O meu pai continuou:

– Conhecia o Jimmy muito bem nessa altura. Ele também era destemido. Mas nunca ninguém teve quaisquer expectativas em relação a ele. À medida que foi crescendo, a ousadia acabou por se tornar em imprudência.

Isto fazia todo o sentido. O Jimmy Brooks não era conhecido por ser um tipo responsável ou estável.

– Mas o Brooks também era imprudente – disse, ao pensar nas várias ocasiões em que ele se magoou ou fez alguma coisa estúpida. Como quando comprou uma mota de merda, acelerou pela cidade sem capacete e se espetou numa árvore, tudo no mesmo dia. O meu pai e o Gus ficaram muito assustados. Quando cheguei a casa, lá estava ele, todo sanguentado e cheio de feridas, a receber um dos famosos sermões do Amos Ryder.

Sabendo o que sabia agora, perguntei-me se alguma vez alguém se teria importado o suficiente com o Brooks para gritar com ele como o meu pai fez naquele dia.

Desde que cheguei a casa, estava constantemente a tentar compreender

este homem, que era muito mais carinhoso e dinâmico do que alguma vez tinha pensado.

– O Luke não é imprudente. Nunca foi. Às vezes é descuidado – impulsivo e precipitado – e por isso acabou por partir o nariz vezes sem conta. Mas é muito difícil cuidarmos de nós quando não temos nada nem ninguém, e quando não há ninguém por perto que se preocupe connosco.

Eu não sabia o que era isso. Sempre soube que era amada.

– O Luke é como um cão vadio – continuou o meu pai. *Lindo*, pensei eu. – É um pouco rude e indelicado, tem necessidade de mais estrutura e uma boa dose de amor. Tem dias bons e maus. Mas a verdade... – o meu pai estalou a língua – é que já há uns anos que não tenho de lhe pagar fiança para o tirar da prisão, o que me deixa bastante satisfeito.

Lembro-me de o meu pai ter pagado três vezes a fiança do Brooks por ele andar à porrada, e essas foram só as vezes de que tive conhecimento.

Felizmente, estávamos numa cidade pequena, e o Amos Ryder tinha andado na escola com o xerife.

– Ele demorou muito tempo até confiar em mim, no Gus e no Wes, mesmo quando dissemos que ele era sempre bem-vindo aqui, mas como sempre estivemos aqui para ele, ele também passou a estar para nós – e está aqui todos os dias desde então.

Lembrei-me de uma vez em que o Brooks devia ter-me vindo buscar depois do treino de *rodeo*, porque toda a minha família estava ocupada. Claro que preferia ter ido a pé para casa, mas o Gus insistiu.

O Brooks estava atrasado. Não podia conduzir porque tinha bebido umas cervejas, por isso, quando a carrinha chegou, quem estava no lugar do condutor era a rapariga que ele andava a comer na altura.

Naquele momento, a situação irritou-me imenso, até porque tive de me sentar entre a rapariga e o Brooks. Enquanto ela conduzia, ele teve de pôr a cabeça na janela para apanhar ar.

Agora, olhando para trás, apercebi-me de que, ainda assim, estive lá para mim nesse dia.

É verdade que estava bêbedo e atrasado, mas um jovem Brooks não apareceria por qualquer pessoa.

Senti um pequeno sorriso a desenhar-se nos cantos da boca, ao pensar no Luke Brooks a pedir àquela rapariga que o levasse a ir buscar a irmã mais nova do melhor amigo.

– Nunca tinha pensado no que ele sentiu – ter de viver numa casa onde não era desejado – disse. Senti-me mal por ter sido tão idiota com ele. – Achas que se ele não tivesse conhecido o Gus, seria diferente?

– Talvez. Acho que não podemos ficar com os louros todos. O miúdo tem um coração do tamanho das Montanhas Rochosas⁷. Ele gosta de cuidar de pessoas e precisa de que cuidem dele. Acho que acabaria por encontrar o caminho, talvez com mais alguns percalços merdosos.

Fiquei a pensar por um momento. Ainda estava a tentar ligar as duas versões do Brooks que tinha no cérebro: o adolescente desmiolado que me enervava e o homem que se tinha sentado comigo no chão dos estábulos durante uma hora, enquanto eu estava a ter um ataque de pânico.

Era difícil acreditar que eram a mesma pessoa. Não sabia se ele tinha mudado ou se apenas não o tinha visto de forma tão clara antes.

– Acho que ele é boa pessoa – disse, tentando não revelar nada à frente do meu pai.

Ele sorriu para mim, mas não consegui identificar a expressão no seu rosto.

– É mesmo – concordou o meu pai. – Obrigado por tomares o pequeno-almoço comigo, docinho.

– Já não tens tempo? – perguntei.

– Não, não. Hoje vou à cidade buscar algumas coisas para o rancho e uma peça nova para uma das enfardadeiras de feno. Precisas de alguma coisa?

Começou a limpar a parte do balcão onde tinha comido e a levar os pratos para o lava-loiça.

– Não preciso de nada. Tenho de ir para os estábulos.

– Aproveita o teu dia, docinho – disse ele enquanto tirava o chapéu de *cowboy* do gancho da cozinha. – Amo-te.

– Amo-te – respondi. Estava grata pelo tempo que tinha com o meu pai, agora que ele tinha regressado. Hoje, o tempo que passava com ele era diferente daquele em que estava por aqui nas férias ou nas folgas. Nessas alturas, o meu pai planeava tudo à minha volta, para podermos estar juntos.

Como agora estava em casa por tempo indefinido, apreciava estes pequenos momentos com ele. Não havia aquela pressão para passarmos tempo juntos. Podíamos simplesmente existir na órbita um do outro – sem prazo final – pela primeira vez desde os meus dezoito anos.

Pelos pequenos momentos, apercebi-me da falta que me fazia e o quanto precisava dele.

E, numa reviravolta inesperada, do quão feliz me sentia por estar em casa.

Comecei a descer para os estábulos e o meu telemóvel vibrou. Tirei-o do bolso de trás e vi que era o Kenny. Tínhamos falado um pouco desde que o vi no Devil's Boot, mas nada de especial. Tinha sido divertido namorar com ele naquela noite. Gostei de o ver, era simpático, e apreciei ter-nos dado boleia para casa para não termos de dormir na carrinha à porta do bar, mas não tinha qualquer interesse nele.

Não tinha nada a ver com o homem que iria conhecer.

Provavelmente.

Tinha também algumas mensagens do Stockton. Não as tinha lido e, mais tarde, sabia que as ia apagar sem o fazer. Suspirei e voltei a guardar o telemóvel no bolso, sem responder ao Kenny.

Vi o Brooks antes de ele me ver. Estava à porta dos estábulos com algumas ferramentas. Devia estar a arranjar a dobradiça que já fazia o Gus subir paredes.

Pela primeira vez desde que cheguei a casa, o Brooks estava a usar a sua característica *t-shirt* de manga cava. Parecia que já tinha sido uma *t-shirt* dos INXS, antes de ele lhe ter dado umas tesouradas.

Podia ser chato admitir, mas o Luke Brooks era mesmo atraente, tal como a *t-shirt* de manga cava. Meu Deus, o que se passava comigo? No passado, era firmemente contra as mangas cava, e agora estava a babar-me pelo Brooks e pelos seus braços expostos. A forma como os bíceps fletiam e se salientavam deixava qualquer um com os calores.

E nem me falem do maldito boné de baseball virado ao contrário que estava a usar hoje.

Raios.

Raios. Raios. Raios.

És fraca, Clementine Ryder, pensei. Bastava um boné de baseball virado ao contrário para eu mandar as minhas opiniões sobre mangas cava pela janela fora.

E as minhas opiniões sobre o Luke Brooks iam pelo mesmo caminho.

Ele deve ter ouvido as minhas botas a andar sobre a terra, porque parou e levantou os olhos. Sorriu o mais que pôde, mas estava a segurar um prego entre os dentes, para o ter à mão.

Porque é que isso também era *sexy*?

– Olá – disse-lhe. Tirou o prego da boca e deixou-o cair numa taça aos pés.

– Bom dia – disse ele. Costumava odiar a sua fala arrastada característica desta zona, mas agora só queria perder-me nela. Vi os seus olhos percorrem-me de cima a baixo, mas, para evitar que eu reparasse, fê-lo rapidamente.

– Achas que é hoje que vais montar? – perguntou ele. Havia aqui uma piada, mas nem me atrevia a fazê-la. A última coisa de que precisava era de fazer piadas de montadas com o Luke Brooks.

A ideia de subir para cima da *Maple* fez com que o meu coração batesse um pouco mais depressa, mas a minha reação não foi, nem de perto nem de longe, semelhante à de algumas semanas atrás.

– Acho que posso tentar – disse.

O Brooks sorriu outra vez. Quando sorria assim, ficava com umas rugas à volta dos olhos. Eram estupidamente giras.

– Vamos lá, então.

Levantou dois dedos e fez-me sinal para que me juntasse a ele no estábulo. Caminhámos lado a lado para as baias da *Maple* e do *Friday*, mas a da *Maple* estava vazia.

– Onde é que está a *Maple*? – perguntei.

– Deixei-a sair esta manhã. – respondeu ele. *Ok...?*

– Então... não vou montar hoje?

Estava confusa. A *Maple* era a minha égua. Por isso, se ia montar, porque é que ela não estava aqui?

– Sim, mas vamos voltar à estaca zero.

– Sim?

– Vais montar a *Moonshine*.

Hum. Nunca tinha pensado em montar outro cavalo além da *Maple*, mas fazia sentido começar pela *Moonshine*. Ela não se assustava nem com uma bomba – a égua perfeita para um principiante.

E eu voltei a ser uma principiante. Porque não pensei nisso?

– Está bem – concordei. Podia ser a *Moonshine*.

– Vou pô-la a ela e ao *Friday* nas amarras, e vamos começar, sim?

– Sim.

O coração começou a bater contra a minha caixa torácica, e os primeiros sentimentos de pânico já me eram demasiado familiares. O Brooks tinha os olhos fixos em mim, provavelmente para avaliar a minha reação. Em vez de me concentrar nos sentimentos de pânico que me estavam a subir pelo peito, concentrei-me nele. Concentrei-me no quão segura me sentira com os seus braços à minha volta e na sensação da respiração dele na minha bochecha.

Desde que ele estivesse aqui, ficaria bem.

Empurrei o pânico e tranquei-o firmemente na base da garganta. Senti-o picar-me quando comecei o processo de colocar o equipamento, mas não o deixei vencer-me.

Era capaz de fazer isto.

Queria fazer isto.

Peguei nos utensílios de limpeza na parede enquanto o Brooks prendia os cavalos, e começámos a seguir a rotina da última semana. Comecei a escovar a *Moonshine*, e acho que isso a deixou feliz. A cauda dela balançava livremente.

– Então, sobre o que é que vamos falar hoje? – perguntou ele. Era bom saber que ele queria falar comigo e que, se calhar, até estava a gostar tanto das nossas conversas quanto eu.

– Hum... – disse em voz alta. Pensei um pouco. O que queria saber sobre o Luke Brooks? – Quem foi o teu primeiro beijo? – perguntei.

O Brooks parecia surpreendido, mas sorriu e disse: – Que pergunta interessante, Ryder.

– Então, responde – disse. – Ou não te lembras da longa lista de mulheres com o coração partido pelo Luke Brooks?

Ele riu-se. Era um riso profundo e genuíno.

– O meu primeiro beijo foi com a Claudia Wilson.

Esse nome – bem, o último nome – fez soar um alarme na minha cabeça.

– Não dormiste com a mãe dela? – disparei.

– Estás a controlar-me, Ryder? – disse com um sorrisinho insolente.

– Não – disse, na defensiva.

– Pois, pois.

Ainda estava a sorrir, algo que nem sequer achava irritante, o que só por si já era irritante.

– O meu primeiro beijo foi aos treze anos, numa festa da escola. Sabes, aqueles em que tocam a «Yeah» do Usher e, a seguir, a «Open Arms» dos Journey, e depois avisam-te para não te aproximares muito? – Sabia exatamente do que ele estava a falar. – E aqueles pobres professores têm de vigiar uma sala cheia de adolescentes que, a qualquer momento, podem começar a roçar-se uns nos outros? – Tive de soltar uma gargalhada. Aquelas festas eram uma experiência universal em Meadowlark.

– De qualquer forma, foi numa dessas. Durante uma música lenta, entrámos à socapa no balneário dos rapazes e beijei-a nos chuveiros. Acho que não fui grande coisa. Quase parti os dois dentes da frente e tentei usar a língua antes de estar preparado.

Ri-me ainda mais alto.

– E para responder à tua outra pergunta ligeiramente invasiva, sim. Fui para a cama com a mãe dela. – Ele estremeceu, mas ao menos foi honesto. – Mas já tinha vinte anos; só soube quem ela era uns meses depois, e só aconteceu uma vez.

Hum, interessante.

– E, para que conste, os rumores sobre as minhas proezas sexuais que envolvem as mães dos outros – e sobre as minhas proezas sexuais em geral – são exagerados.

Curioso ele saber desses rumores, mas nunca os ter abordado. Continuou na sua vida, sem se importar com o que os outros pensavam dele.

– Então, mas com quantas mães é que já dormiste?

– Só com uma, espertinha.

Alguém me disse que foi com pelo menos dez. Não se pode mesmo acreditar em tudo o que se ouve das más-línguas de Meadowlark.

A lenda à volta do Luke Brooks estava profundamente enraizada. Costumava incomodar-me que toda a gente, além de mim, o aturasse.

– Estás mesmo a mostrar-me tudo, Brooks.

– Gostas do que vês? – perguntou em tom de brincadeira, mas fui sincera na resposta.

– Sim.

Ele parou o que estava a fazer – a limpar os cascos do *Friday* – e olhou para mim. Não consegui identificar bem a expressão no seu rosto, mas era... intensa. Assim como apareceu, também se desvaneceu.

– Então, e com quem foi o teu? – perguntou ele, ao regressar à tarefa. – O teu primeiro beijo, quero dizer.

– Foi com o Colton Clifford. No décimo ano. Durante o fogo de artifício no *rodeo* do 4 de julho.

Lembrei-me desse dia. Tinha quinze anos e só conseguia pensar que faltavam apenas três anos para poder sair de Meadowlark.

Perguntei-me se o meu eu de quinze anos ficaria desapontado por estar de volta ao ponto de partida.

– Porra. Excitante. – Consequia ouvir o sorriso na voz do Brooks, enquanto eu tirava a sujidade teimosa dos cascos da *Moonshine*.

– Por acaso foi – disse. – Só que depois descobri que ele beijou outra rapariga nessa mesma noite.

– Estás a brincar.

A voz do Luke estava verdadeiramente chocada, como se não conseguisse acreditar que um tipo me pudesse fazer aquilo. O meu coração voltou a bater no peito e não teve nada que ver com pânico, mas sim com ele.

– Não – respondi. – Apanhei-o debaixo das bancadas com uma rapariga do nono.

– Sei onde é que ele vive. Vou lá agora mesmo e dou-lhe uma tarefa.

Ri-me, mas era possível que estivesse a falar a sério.

– A Teddy tratou disso há anos – disse eu, a sorrir.

– Ótimo – respondeu ele.

Terminámos a escovagem e fomos buscar o equipamento. O meu coração voltou a acelerar. Parecia que o Brooks o tinha sentido, porque me disse logo:

– Está tudo bem, Emmy –, e colocou a mão na parte inferior das minhas costas enquanto me levava na direção da *Moonshine*. O calor do seu toque, que me percorreu o corpo, distraiu-me da ansiedade que sentia por ter de montar.

Passei pelas várias etapas de a equipar. Era-me completamente natural. Já o tinha feito milhares de vezes na vida, sem exagero.

Manta. Sela. Cilha. Freio, primeiro a embocadura. Repetia as palavras na cabeça vezes sem conta, enquanto fazia os movimentos, tentando manter a mente concentrada na tarefa em mãos e não no que viria depois.

Depois de o Brooks ter terminado o *Friday*, levámos os cavalos do estábulo para o curral. O Brooks prendeu o *Friday* num dos postes e veio até mim.

– Vamos a isto, Ryder. Precisas de um empurrão?

Honestamente, acho que precisava mesmo de um. Da maneira como reagi à sua mão nas minhas costas, deduzi que o seu toque me pudesse distrair, por isso acenei com a cabeça.

O ambiente mudou, como se dar-lhe permissão para me tocar mudasse algo entre nós.

– Muito bem.

Ele colocou as mãos na minha cintura, que não era de todo a maneira para ajudar alguém a subir para um cavalo. Tanto eu como ele sabíamos bem disto, mas não me importava. Podia subir para a *Moonshine* sozinha, mas queria que ele me tocasse.

– Pé esquerdo no estribo, boneca.

A palavra deslizou-lhe da língua. Já não me soava a algo tão humilhante, embora ele provavelmente dissesse o mesmo a todas as mulheres.

– Uma mão na cilha.

A voz dele ficou mais baixa? Será que era possível? Um arrepio percorreu-me a espinha.

Segui as instruções, apesar de saber o que estava a fazer. Mas poder não pensar nisso, apenas ouvir, era libertador.

A distração funcionou. Quando chegámos à altura em que ele devia levantar-me, inclinou-se para mim.

– Sei que consegues montar este cavalo sozinha, Ryder.

As suas mãos ainda estavam na minha cintura, e eu sentia a sua respiração na nuca. Apertou-me a cintura e depois soltou-me.

– Força.

Eu avancei.

Antes de me aperceber do que tinha acontecido, empurrei o pé direito para o chão e passei a perna por cima da *Moonshine*.

Estava na sela.

Foda-se.

Estava na sela e estava tudo bem.

Olhei para o Brooks – estava radiante, e o seu sorriso deixou-me quente.

– Cá está ela – disse ele.

Parecia que tinha dificuldade em tirar os olhos de mim enquanto voltava para ao pé do *Friday*.

O Luke Brooks fazia muitas coisas sensuais, o que me incomodava cada vez menos, mas nada do que fazia era tão *sexy* como vê-lo, com o boné de baseball e *t-shirt* de manga cava, a montar o cavalo.

Porra.

Assim que se posicionou, disse: – Vamos com calma, está bem? Damos umas voltas ao curral e por hoje acabamos.

Acenei com a cabeça. O Brooks deu um pequeno apertão no meio do *Friday* com os gémeos, pedindo-lhe para avançar, e ele obedeceu.

Respirei fundo e fiz o mesmo com a *Moonshine*. Ela avançou.

– Respira, Emmy. Sabes bem que a *Moonshine* vai tomar conta de ti. Sempre cuidou. – Ele tinha razão. Respirei fundo e suavizei o aperto nas rédeas.

A *Moonshine* seguiu o *Friday*, tal como esperado.

O Brooks estava sempre a olhar para trás para ver como estava. O sorriso não abandonava o seu rosto.

Demos três voltas ao curral antes de o *Friday* parar. Puxei gentilmente as rédeas da *Moonshine*, mas teria parado na mesma. O Brooks desmontou e prendeu o *Friday* no poste. Voltou-se para mim, e o seu sorriso era tão contagiante que acabei por sorrir-lhe de volta.

– Como te sentes? – perguntou.

– Sinto-me fantástica – disse eu. E era mesmo verdade.

– Também estás com um aspeto fantástico.

Este homem e a sua capacidade de me fazer corar tiravam-me do sério.

– Cala-te, Brooks – disse eu. Ele continuou a sorrir.

– Mais vale terminarmos bem este belo momento. Pronta para desmontar?

A desmontagem correu sem problemas e, quando as minhas botas tocaram no chão, foi como se não conseguisse conter mais a alegria. Prendi a *Moonshine* no poste ao lado do *Friday* e virei-me para o Brooks. Não deu

para evitar – atirei-me para cima dele e envolvi os braços no seu pescoço.

Ficou meio atordado, mas depois abraçou-me e levantou-me do chão por momentos. Rimo-nos juntos. Afastei-me para poder olhar para ele.

– Obrigada, Luke.

Esperava que ele conseguisse ouvir a minha sinceridade.

– Foste tu que fizeste isto, Emmy. Foste só tu.

– Não o teria feito sem ti.

Sim, montar um cavalo e dar umas voltas era muito diferente de fazer uma corrida de barril, mas já era qualquer coisa. Depois de um longo vazio, senti-me no topo do mundo.

– Claro que terias. Eu sei que sim.

Levantou a mão, levou-me uma mecha de cabelo para atrás da orelha e depois manteve a mão no meu rosto. Os seus olhos precipitaram-se para os meus lábios, tal como naquela noite na minha cabana. Ao contrário dessa vez, ele mexeu o polegar e roçou-o no meu lábio inferior. Eu queria levá-lo à boca.

Era agora.

Queria que me beijasse. Queria-o tanto.

Não o fez.

Em vez disso, afastou-se, desamarrou os cavalos e levou-os de volta para o estábulo.

10

Luke



Em menos de duas semanas, consegui quase beijar não uma, mas duas vezes a irmãzinha do meu melhor amigo. Era patético o quanto a queria beijar.

Tentei convencer-me de que era só pela Emmy ser bonita e por não beijar uma mulher há algum tempo. Que não tinha querido. Mas sabia que não era verdade. Havia algo entre nós.

E a Emmy não era apenas bonita. Era extraordinária.

Nas últimas duas semanas, a Emmy começou a olhar para mim como se eu fosse alguma coisa, e essa sensação entusiasmava-me.

Ver a sua confiança crescer ontem, a cada volta que dava ao curral, fez com que as minhas calças apertassem. E quando se atirou para cima de mim?

Deixou-me de rastos.

No dia seguinte, mandei-lhe mensagem e disse-lhe que tinha um assunto a tratar no bar, portanto não ia conseguir estar com ela. Era verdade. Normalmente, não trabalhava no rancho às sextas-feiras porque passava o dia a preparar o Devil's Boot para o fim de semana.

Disse-lhe que ia ter uns dias muito ocupados e que voltaríamos à carga na terça-feira. Devia dar-me tempo suficiente para pôr a cabeça no sítio e parar de pensar em como seria tocar-lhe... em todo o lado.

Sentia-me mal por ter abandonado a Emmy, mas precisava de uns dias para pôr as ideias em ordem no que lhe dizia respeito. Se visse a Emmy enquanto me sentia desta maneira, de certeza que a beijaria. Faria mais do que beijar.

Queria que a Emmy fosse minha em todos os sentidos.

Queria saber tudo sobre ela, incluindo o som do seu gemer enquanto dizia o meu nome.

Se antes estávamos em terreno minado, nem queria saber onde estávamos

agora.

Suspirei e passei as mãos pelo rosto. Tinha um milhão de coisas para fazer, e só conseguia pensar na Emmy.

Esta manhã, o Joe perguntou-me porque é que estava tão distraído, e não sabia como responder. O Joe era um bom tipo. Trabalhava no Devil's Boot há mais tempo do que eu era vivo e era a única razão pela qual o bar tinha sobrevivido enquanto foi propriedade do Jimmy Brooks.

Quando o meu pai me deixou o bar, queria dar-lhe cinquenta por cento. Merecia-o, mas recusou. Acabámos por ficar com uma divisão de quarenta e cinco para cinquenta e cinco. Ele ficou feliz, e eu fiquei com um ótimo sócio.

Também me permitiu continuar a ajudar no Rebel Blue, o que foi muito importante para mim.

Quase não aceitei o bar. Não queria nada do meu pai. Quando ele morreu, há alguns anos, já tinha sobrevivido mais de 30 anos sem precisar de nada dele e não queria começar agora.

Mas quando o banco me explicou que recusá-lo provavelmente seria o fim do bar – o fim de algo que significava tanto para tantas pessoas, mesmo que fosse só onde cantavam clássicos de *country* em plenos pulmões – decidi aceitar.

Também fiquei com a casa – um *bungalow* de um andar aninhado nas árvores atrás do bar, a cerca de noventa metros de distância. A terra que possuía não era nenhum Rebel Blue, mas quarenta hectares com uma casa e um negócio não era nada mau para alguém como eu.

Não sabia muito bem como isto tudo tinha ido parar às mãos do Jimmy, mas mentiria se dissesse que não estava grato.

Bateram à porta do escritório. Olhei para cima, à espera de ver o Joe. Em vez disso, vi a Teddy Andersen.

Porque é que a Teddy Andersen estava no meu bar às dez da manhã de uma sexta-feira?

Porque é que o Joe a tinha deixado entrar?

– Estás ocupado? – perguntou. O cabelo estava preso no seu rabo de cavalo característico, mas o seu olhar não me era familiar. Parecia zangada.

A Teddy era das últimas pessoas no planeta que queria ver chateada. Bem, era um empate entre ela e o Gus. Ontem, quando a Emmy me contou a história do seu primeiro beijo e mencionou que a Teddy «tinha tratado do assunto», pensei logo nela a cortar a pila do rapaz e a dar-lha de comer.

– O que é que se passa, Teddy? – perguntei-lhe. A Teddy entrou no escritório e fechou a porta atrás de si.

– O que é que se passa entre ti e a Emmy?

Parece que não se tinha acanhado. *Foda-se.*

– Do que estás a falar? – respondi. Mantive a voz neutra. Ou tentei, pelo menos.

– Deixa-te de merdas, Brooks. Ela contou-me sobre o quase beijo na cabana dela, e agora estás a dar-lhe aulas de equitação? Ela é uma profissional. Acho que não precisa das tuas dicas.

A Emmy contou-lhe sobre a cabana? Não ia contar à melhor amiga a não ser que tivesse significado alguma coisa para ela, certo?

A questão não é essa, seu idiota.

– Podes andar com qualquer rapariga que queiras. Porque é que te estás a meter com a Emmy? – insistiu, não aceitava a minha indiferença como resposta.

– Não me estou a meter com ela – respondi honestamente. Não me estava a *meter* com a Emmy. Neste cenário, ela é que se estava a meter comigo. Desde que entrou pela porta do meu bar, umas semanas atrás, era como se estivesse permanentemente no meu cérebro e exigisse que eu pensasse nela 24 horas por dia, sete dias por semana.

Não devia sentir-me assim, muito menos pela irmã mais nova do meu melhor amigo.

– Nós somos só amigos.

A Teddy não parecia nada convencida. A minha resposta não era lá muito convincente. A Emmy e eu éramos amigos, mas só porque era tudo o que podíamos ser.

– Amigos? – perguntou ela.

– Sim. Gosto de passar tempo com ela.

– E as aulas de equitação?

– Estamos só a recapitular algumas coisas, mas se quiseres saber mais tens de falar com ela.

Tentei parecer ocupado enquanto mexia nuns papéis em cima da secretária. Não tinha nada que andar a falar sobre os problemas da Emmy. Só queria apoiá-la.

– Andas por aí a criar momentos de tensão e a quase beijar todos os teus amigos?

Momentos de tensão? Foi isso que a Emmy disse?

Tentei não sorrir. Não estava a resultar, por isso levantei uma das mãos para tapar a boca na esperança de esconder o que estava a sentir da Teddy.

Talvez a Emmy estivesse tão afetada pelo que se passava entre nós como eu.

Não podia pensar nisso. Não podia deixar a minha mente divagar

e pensar no que poderia acontecer se isso fosse verdade.

– Não – acabei por responder. Nunca tinha tido momentos de tensão com ninguém. Só com a Emmy.

– Tira-me esse sorriso estúpido da cara, Brooks. Diz-me lá o que está a acontecer.

– Escuta, Teddy, não estou a brincar com a Emmy, prometo. Nunca faria nada para a magoar. Somos amigos e gosto de passar tempo com ela, é só isso. *Ok?*

Só metade da frase era verdadeira, mas parecia funcionar.

Vi a Teddy a pensar nas minhas palavras por momentos, antes de as suas feições passarem de zangadas a divertidas.

– O que foi? – perguntei.

– Nada. Já percebi tudo. – A boca estendeu-se num pequeno sorriso.

– Percebeste o quê?

– Já percebi e pronto. – O sorriso da Teddy estava a aumentar. –

Obrigada pelo esclarecimento.

– Teddy, de que raio estás a falar?

– De nada.

Céus, ela estava a ser muito irritante. Foi para a saída do meu escritório e, ao abrir a porta, disse:

– Até breve, Brooks. – Antes de desaparecer de vista, disse: – Se magoares a minha melhor amiga, corto-te a pila e dou-ta a comer.

Tinha o mau pressentimento de que, de alguma forma, a Teddy sabia exatamente o que eu sentia em relação à sua melhor amiga.

11

Emmy



O telemóvel tocou ainda de madrugada. Presumi que fosse a Teddy, uma vez que era a única pessoa que me ligava. Atendi sem olhar para o ecrã.

Foi um grande erro.

– Olá? – disse. A minha voz estava grogue.

– Olá. Estou a falar com a Emmy Ryder?

A voz do outro lado do telefone não era definitivamente a da minha melhor amiga. Nem a Teddy era tão alegre de manhã.

– É a própria.

– Bom dia, Emmy. Daqui fala a Wendy da WRPA. O pessoal dos *rodeos* estava no topo da lista de pessoas com quem não queria falar numa segunda-feira de manhã. Especialmente a Wendy, com a sua voz enjoativa e doce. – Estou a ligar porque queria saber se vai competir quando formos a Meadowlark no próximo mês.

– Hum, não sei. Estou neste momento a fazer uma pausa do circuito.

– Sim, estamos a par da sua situação. – Ótimo. – Queria ligar-lhe e dizer-lhe que compreendemos a dificuldade pela qual está a passar, queremos que a ultrapasse, mas também gostaríamos de a ter connosco em Meadowlark. É a cidade onde cresceu, correto?

– Sim – disse com tom neutro.

– Bem, nunca levámos o circuito até aí, e seria excelente acrescentá-lo à lista, tanto para nós, como para a cidade.

Seria excelente para todos menos para mim.

– Vou pensar nisso.

– Ótimo! Telefono daqui a umas semanas para saber como está.

E, Emmy?

– Sim?

– Se houver algo que possamos fazer não hesite em contactar-nos. Agradecemos-lhe e adoramos tê-la na nossa equipa. É uma grande cavaleira.

– Obrigada.

Onde andavas tu quando estive fechada no meu apartamento durante um mês?, pensei para mim. A Wendy era a responsável pelas corridas de barris na WRPA há anos. Conhecia-a há muito tempo. Não culpava a Wendy de nada, mas o meu acidente foi-lhe comunicado logo após ter acontecido, e esta foi a primeira vez que tive notícias suas.

E a primeira coisa que me perguntou foi se estaria ou não disposta a competir.

– Muito bem, falaremos em breve. Tenha um ótimo dia! – disse Wendy. A voz dela era pior do que giz numa ardósia, principalmente a esta hora da manhã. Desliguei o telefone sem responder.

Não era assim que queria começar o dia. Até agora, tudo o que tinha feito num cavalo desde que tinha voltado de Denver era dar voltas num curral. Nem sequer podia levar a *Moonshine* para um dos trilhos que serpenteavam o rancho.

Parecia-me demasiado desconhecido, o que era difícil de aceitar, tendo em conta que tinha passado toda a minha vida a percorrer aqueles trilhos.

Não podia pensar nisso agora.

Ontem, durante o jantar, no qual o Brooks estivera notavelmente ausente, o Wes perguntou-me se poderia ajudá-lo com um projeto. Concordei.

Apesar de o Brooks não ter conseguido montar comigo nos últimos dias, continuei a ir aos estábulos e a dar umas voltas com a *Moonshine* todas as manhãs. Não era tão fácil sem ele, mas conseguia.

Era espantoso como as nossas conversas triviais me acalmavam enquanto equipávamos os cavalos.

Ainda não tinha coragem suficiente para andar com a *Moonshine* a trote, por isso esperava que o que quer que o Wes precisasse não exigisse muitas cavalgadas, ou o dia de hoje não seria grande coisa.

Forcei-me a sair da cama e a tomar um duche quente.

Estávamos na altura do verão em que as manhãs ficavam mais frias, mas não o suficiente para justificar acender a lareira. No entanto, esses dias chegariam em breve.

Normalmente, algumas semanas depois do aniversário da Teddy, que era esta semana, começava a ficar frio ao início da noite, mantendo-se até ao final da manhã. Mas o calor infernal durante o dia ia continuar.

Não seria o Wyoming sem três estações do ano num só dia.

Depois do duche, vesti um par de calças *Wranglers* e uma camisola preta

larga com capuz da *Carhartt*. Fiz uma trança no cabelo e, assim que calcei as botas, o Wes bateu à porta.

– Emmy? Estás pronta?

A voz dele foi abafada pela porta.

– Sim, entra! – respondi. Ele abriu a porta e o ar fresco da manhã entrou na cabina. A camisola foi uma boa decisão.

– Olá, bom dia. Podes vir comigo no *side-by-side*?

Que alívio.

– Sim, sem problema.

Sáímos pela porta da minha cabana, e certifiquei-me de que estava bem fechada. *Não tens de quê, Gus.*

O Wes tinha conduzido o *side-by-side* até à minha cabana, por isso fui para o lado do passageiro e entrei.

– Então, conta-me mais sobre esse grande projeto.

O Wes sorriu enquanto mantinha os olhos na estrada de terra batida à nossa frente, com as covinhas à mostra.

– Vais ver.

Havia uma bifurcação na estrada, e o Wes apanhou a que ia para a esquerda. Isso levava-nos à parte mais antiga do Rebel Blue – bem, a parte que tinha as construções originais. Como não havia tantas estruturas em funcionamento nesta área, muito do gado deambulava por ali. Era a parte do rancho onde era mais provável ficarmos bloqueados por eles, mas não parecia que isso fosse acontecer esta manhã.

– Então, como está a ser estar em casa? – perguntou o Wes enquanto conduzia.

– Está a ser bom. Não me tinha apercebido das saudades que tinha de estar aqui. – disse. Era fácil ser honesta com o Wes. Bem, pelo menos sobre algumas coisas.

– Aqui em Meadowlark ou aqui no Rebel Blue?

Refleti por momentos.

– Nos dois sítios – respondi com sinceridade. – Pensei que só me sentiria assim em relação ao rancho, mas Meadowlark não é assim tão mau.

– Até o coração me cai aos pés... – respondeu o Wes, e eu sorri. – E aquele namorado que mencionaste quando falámos ao telefone no mês passado?

– Não é importante – disse eu. Era triste, mas verdade.

– Ah, compreendo.

O Wes não insistiu. Ainda bem que não me pressionava. Tal como o Gus, eu não gostava de falar sobre o que sentia. O Wes fazia-me sentir que

podia falar à vontade, mas nunca me pressionava a fazê-lo antes de estar preparada.

– O que é que tens andado a fazer por aqui? – perguntou.

– Tenho estado quase sempre nos nossos estábulos. – Era verdade. Não tinha estado em mais lado nenhum em Meadowlark, ou mesmo no Rebel Blue. Mas não era por me andar a esconder do Wes – era para poder passar tempo com a pessoa por quem estava a sentir certas coisas.

– O Gus não pediu ao Brooks para trabalhar nisso?

– Hum, sim. Só tenho andado a ajudar.

– Bem, ele está ocupado com o bar, por isso ainda bem que tem essa ajuda.

Parámos em frente à estrutura que costumava ser a Casa Grande antes de qualquer um de nós ter nascido. Era tecnicamente maior do que aquela em que vivíamos. Só muito mais velha. O nosso pai construiu a nossa Casa Grande quando tinha vinte e poucos anos, porque a canalização desta não era ideal.

Ao contrário da nossa, esta foi construída para ser uma casa normal. Era um rancho mais artesanal. A tinta azul estava desbotada e a porta da frente estava selada com tábuas, mas continuava bonita.

– O que é que estamos a fazer aqui? – perguntei.

O Wes tinha um sorriso enorme, e eu conseguia sentir a excitação a irradiar. A criança interior dele estava a desenvolver algo em grande.

– Este vai ser o centro do nosso rancho de hóspedes.

– Espera, espera, espera – disse eu, a tentar pôr o meu cérebro a comunicar com a minha boca. – O pai e o Gus disseram-te para avançar?

– Ainda não, mas vão dizer – disse ele. – Quando vieram do Idaho, o Gus perguntou-me se ainda estava interessado. É óbvio que estou, e vamos votar num jantar desta semana.

– Bem, já sabes qual vai ser o meu voto – disse eu.

– Eu sei. Obrigado.

Olhei para a velha Casa Grande. Fazíamos o possível para a manter em condições, mas não era a prioridade, até porque acho que ninguém tinha pensado que voltasse a ser funcional. Se tivéssemos precisado daquele espaço, o meu pai tê-la-ia deitado abaixo.

– Diz-me lá, como é que vais fazer com que esta casa, que é basicamente uma ruína, seja transformada num sítio onde as pessoas queiram ficar?

– Bom, o projeto vai demorar uns dezoito meses, só depois disso é que poderemos receber hóspedes, sendo que a construção propriamente dita vai durar seis a nove meses – disse. Sabia que ele andava a arquitetar este plano há

anos. – A casa precisa de ser esventrada e adaptada às normas. Mas no que diz respeito à disposição, no lado oeste há seis quartos. Dois deles transformar-se-ão em grandes *suites* e os outros quatro num conjunto de *suites*, com casas de banho entre elas. Vamos criar uma grande cozinha e uma zona de refeições, e uma zona de estar para as pessoas relaxarem depois dum longo dia.

O Wes era um sonhador. Nem o Gus nem eu tínhamos a capacidade de sonhar como ele sonhava – parecia que com ele tudo era possível. Eu nunca poderia ter tido esta visão, mas quando o Wes expôs o plano, quase o visualizei.

– Adorei a ideia. Isto vai ser fantástico, Wes. Estou tão orgulhosa de ti. – E estava. Queria mesmo isto para ele.

– Obrigado, Em.

– *Ok*, então e porque é que estamos aqui hoje?

– Vamos entrar. Precisamos de documentar o estado da casa. Assim que o pai e o Gus derem o aval formal, quero começar à procura de um *designer* e de um empreiteiro.

– Vamos a isso.

O Wes e eu aproximámo-nos da porta.

– Já alguma vez estiveste aqui dentro? – perguntou o Wes.

– Não. Não tenho o teu hábito de entrar em edifícios abandonados.

O Wes gostava de adrenalina. Era a única coisa que o costumava pôr em sarilhos.

– És uma seca – disse o Wes enquanto tirava o contraplacado da porta da frente e a abria. Olhei lá para dentro. Meu Deus, estava em mau estado. O Wes, e quem quer que ele contratasse, iam ter uma trabalhadeira.

Depois de ter tido uma experiência que quase me matou e que envolveu o teto da cozinha e muitos roedores, vivos e mortos, o Wes e eu voltámos a fechar a porta com tábuas.

– Wes, eu sei que és capaz, mas porra. Tens a certeza de que não queres deitar tudo abaixo? – perguntei, a abanar a cabeça. Depois de ver o interior da casa, tinha cem por cento de certeza que começar do zero seria mais fácil.

– Tenho a certeza. – O Wes sorriu. Não se deixou abater pelo estado da casa. – O Gus tem o rancho – continuou. – Tu deixaste Meadowlark e conquistaste o que quiseste. Isto é meu.

O Wes meteu as mãos nos bolsos e olhou para trás, para a casa. Olhava para ela como se já estivesse terminada. A capacidade que tinha de ver o potencial em tudo era algo que eu admirava.

- Vai ficar linda, Emmy.
- Eu sei. Se alguém o consegue fazer, és tu.

O que era verdade. Nem o Gus nem eu conseguiríamos tal proeza. Nem tentaríamos. O Wes pôs um braço nos meus ombros e voltámos para o *side-by-side*.

– Por falar em sonhos, vais competir nas divisões quando vierem a Meadowlark no próximo mês? – Que raio. Será que nada era sagrado nesta cidade?

- Como é que sabes disso?
- Estava no jornal.

Claro que estava. Meadowlark era a única cidade que ainda tinha um jornal local próspero. Era financiado pelo Estado, e toda a gente recebia um exemplar – quer fizesse um donativo ou não – e o maior doador era o Amos Ryder.

Ao menos, Meadowlark apoiava o jornalismo local, enfim.

- Queres a resposta verdadeira? – perguntei-lhe.
- Sempre – disse ele.
- Não sei. Sinceramente, Wes, já não sei qual é o meu sonho.

O Wes parou de andar. Dei mais alguns passos antes de parar e virar-me para o encarar.

- Vais conseguir descobrir. Tu consegues sempre.

Era esse o problema. Normalmente conseguia, mas não sabia como fazer *isto* – como desistir de uma parte de mim, como começar de novo.

- Desta vez não tenho tanta certeza.

– Eu tenho – disse ele. Olhou para mim e consegui ver na sua cara o quanto me amava. – Tudo tem um fim, Emmy. Quer optes por continuar a competir quer não, quero que saibas que adoraria ver-te montar uma última vez na cidade que nos formou.

O Wes deixou-me com estas palavras quando regressámos. Fiquei nos estábulos da família e comecei o trabalho do dia.

Tentei não pensar no quanto queria falar com o Brooks sobre o que o Wes tinha dito, ou sobre o silêncio que reinava nos estábulos na sua ausência.

12

Luke



Ontem à noite, não dormi nada. Depois de horas a virar e revirar-me, aceitei a derrota e levantei-me da cama. Vesti um par de calções, peguei nos ténis de corrida e saí porta fora. Precisava de pôr a cabeça em ordem.

Ainda estava escuro, deviam ser quatro da manhã. Todas as manhãs, corria o trilho que dava a volta à minha casa e me levava ao Devil's Boot. Conhecia-o como a palma da mão, por isso, apesar de escuro, comecei a percorrer o caminho.

Não conseguia parar de pensar na Emmy. Já não a via há alguns dias, que pareciam semanas. Não reconhecia estas emoções. Nunca uma mulher me tinha consumido todos os momentos da mesma maneira que a Emmy.

Ouvia os pés a baterem no trilho, usava o ritmo familiar da corrida para tentar abrandar os pensamentos. Não corri com auscultadores, apenas com as vozes na cabeça.

Queria organizar os pensamentos. Muitos deles envolviam a Emmy e, por arrasto, o Gus.

Sempre gostei da Emmy e ela sempre esteve na minha vida. Mas, antes destas últimas semanas, o Gus fora uma barreira entre nós. Não uma má barreira, mas ainda assim uma barreira. Além de lhe dar algumas boleias da escola para casa, nunca tinha estado sozinho com ela.

Até agora.

Estar a sós com a Emmy era como fazer uma viagem para longe da realidade. Éramos só nós os dois, o Luke e a Emmy. Não o Brooks, o falhado de Meadowlark, e a Emmy, a querida de Meadowlark. O que sentia quando estava com ela estava rapidamente a tornar-se a melhor coisa que alguma vez sentira.

Tinha passado os últimos anos a tentar ser alguma coisa, e havia algo na

Emmy que me fazia acreditar que podia lá chegar. Porque quando ela não estava a ser uma espertalhona, era atenciosa, gentil e uma excelente ouvinte.

Esta era uma nova Emmy para mim, e sei que anteriormente provocara o pior que havia nela. Era um miúdo com problemas fodidos. Isso levava-me a ser impulsivo e a procurar atenção – qualquer tipo de atenção. Incluindo insultado pela língua afiada da Emmy.

Continuo, honestamente, a gostar dessa versão dela.

Não gostava da forma como eu era implacável a provocá-la, mas gostava da sua reação.

Quando éramos miúdos, as pessoas descreviam a Emmy como doce e tímida.

Não era assim que eu a descreveria. Ela não me mostrou esse lado.

Teria usado expressões como «chata do caraças» e «teimosa como uma mula».

Quando éramos mais novos, mesmo quando não estávamos no Rebel Blue, a Emmy andava sempre por perto. Se eu levasse uma rapariga a jantar fora, a Emmy estaria no restaurante a estudar com a Teddy. Se alguém dava uma festa em casa, as duas entravam às escondidas, apesar de toda a gente ser pelo menos cinco anos mais velha do que elas.

Isso irritava-me tanto e fazia questão de que a Emmy o soubesse.

Numa noite em que fizemos uma fogueira, vi a Emmy a meter-se com um tipo que vivia na cidade vizinha e era mais velho do que eu. A Emmy tinha dezassete anos, por isso ele só podia ser um nojento de merda.

Quando se levantou para ir buscar uma bebida, fui ter com ele e disse-lhe que se ia arrepender se voltasse a olhar para ela. Depois de ele se ter ido embora, fui ter com a Emmy e disse-lhe coisas horróveis – que ela se vestia *assim* para atrair um certo tipo de atenção, chamei-a de miúda estúpida e mandei-a embora à frente de toda a gente.

Fui uma besta do caraças para que ela não se armasse tanto aos cucos e voltasse para casa. Sabia que ela estava envergonhada. Se outra pessoa lhe tivesse dito aquilo, provavelmente teria tido o efeito desejado, mas como tinha sido eu, a Emmy voltou atrás e elucidou-me.

Disse-me que eu era um merdas que não servia para nada e foi-se embora.

Não estava enganada.

Sempre que ela me enxovalhava, eu queria que o repetisse. Não sabia o que era – a honestidade, o ódio, ou se calhar era apenas alguém ver-me como eu pensava que era – que me deixava tão desesperado por a irritar.

Agora estava a conhecer um lado diferente da Emmy, mas ainda

conseguia ver a miúda com língua afiada na mulher com boca tentadora.

Era como se tivesse passado a vida a apanhar fragmentos dela, e agora estava finalmente a juntar as peças.

E sabem que mais? Não havia nenhuma parte da Emmy de que não gostasse.

Estava tão fodido.

Não sabia o que fazer. Por um lado, a Emmy estava fora de limites. Se o Gus descobrisse que se passava algo entre nós, ia aos arames. Tendo em conta o meu historial com as mulheres, não o podia culpar.

Eu não tratava mal as mulheres. Para ser sincero, nunca estive com elas o tempo suficiente para isso. Vi como o meu padrasto agia com a minha mãe e, desde cedo, decidi que nunca seria esse tipo – o tipo que precisava constantemente de estar por cima, de deter todo o poder.

Odiava aquele gajo.

Em vez disso, tornei-me o tipo com quem qualquer pessoa se podia divertir.

Bem, quem é que não queria ver a sua irmãzinha com um gajo assim?

Não que a Emmy e eu estivéssemos juntos. Não era isso que queria dizer.

O Gus era o meu melhor amigo. Quem sabe o que me teria acontecido se ele não me tivesse dado metade da sua sandes de manteiga de amendoim no segundo ano, quando eu não tinha almoço.

Não queria estragar a nossa amizade, mas também não queria perder o que poderia acontecer com a Emmy.

Algo nela era diferente. Fazia-me sentir *bem*. Queria saber até onde podia ir, até onde podíamos ir.

Mesmo que acabássemos só como amigos. Queria-a na minha vida, ainda mais do que já estava. Isto já não era suficiente.

Por entre as árvores, espreitava o nascer do sol. Abrandei até parar ao pé do Devil's Boot. O trilho acabava aqui, por isso teria de dar a volta para regressar a casa. Na luz do início da manhã, o Devil's Boot quase parecia assombrado. Provavelmente até estava. Era, no mínimo, assombrado por más decisões. Parecia que partes da noite se agarravam a ele e se recusavam a dar lugar à luz.

Parte de mim não acreditava que era meu.

Fiquei a olhar para a pintura desbotada. Tirei este sítio do buraco no qual o Jimmy o tinha deixado. Noutra altura da minha vida, teria cavado um buraco ainda mais fundo, acreditem. Era tentador deitar tudo a perder, autodestruir-me. Mas já não fazia isso. Pelo menos, tentava não fazer. Já era qualquer coisa.

Esta parte de mim, a que queria construir uma vida diferente da do meu pai, a que tinha feito um bom trabalho ao fazê-lo – pelo menos até agora –, era uma parte diferente de mim que a Emmy não conhecia. Queria que ela me conhecesse.

Também lhe queria dar partes de mim.

Tinha começado a corrida para tentar descobrir como podia ficar longe da Emmy. Terminei-a com a decisão de que não me ia afastar dela. Pelo menos, ainda não.

Hoje não.

Hoje, ia dar à Emmy uma parte de mim à qual se pudesse agarrar.

Emmy

Na manhã seguinte, bateram outra vez à porta da cabana. Fui acordada, por isso devia ser mesmo cedo, tendo em conta que tinha posto o despertador para as seis da manhã. Porque é que toda a gente do planeta insistia em acordar-me?

Voltaram a bater. Gemi e rebolei para fora da cama, depois fui para a porta, a sentir o chão frio de madeira dura sob os pés.

Abri a porta e dei de caras com o Luke Brooks. Os olhos dele arregalaram-se quando viram o meu aspeto. Naquele momento, apercebi-me de que tinha ido para a cama só com uma camisola branca fina e um par de cuecas. *Merda.*

– Dá-me um segundo – disse e bati-lhe com a porta na cara. Merda, merda, *merda*. Nem sequer lhe podia dar os bons dias, porque os meus mamilos se tinham antecipado.

Vasculhei a pilha de roupas no chão, à procura de qualquer coisa que me cobrisse um *pouco*. Encontrei uma velha camisa de flanela gigantesca e coloquei-a por cima do que tinha vestido.

Voltei até à porta e respirei fundo antes de a abrir. O Brooks ainda lá estava. Agora que estava semidecente, tinha tempo para examinar a sua aparência. Outro par de calças de ganga que assentava na perfeição, uma *t-shirt* mutilada e um boné de basebol virado para trás. Era o seu uniforme. E eu era fã acérrima daquele uniforme.

Traidora, pensei para mim própria.

– O que estás a fazer aqui? – perguntei.

– São oito e meia. Estou há uma hora à tua espera nos estábulos. – Oh, merda. Os meus alarmes não me conseguiram acordar? – E estou a bater à porta há dez minutos. Estava prestes a entrar só para me certificar de que

não estavas morta.

– Merda, desculpa. Dá-me só uns minutos, vou-me arranjar.

– Hoje não vamos andar a cavalo – disse ele.

– O quê? – Então o que raio íamos fazer?

– Quero levar-te a um sítio. Uma dica: leva fato de banho.

Cruzei os braços sobre o peito.

– Tenho trabalho para fazer, Brooks.

– Não te preocupes, como não costumo estar por aqui hoje, vem um trabalhador do rancho, e não lhe trocaram o horário desde que chegaste.

Oh. Então, tudo bem.

Acho eu.

– Diz-me onde vamos.

– Não. Já te disse mais do que devia sobre o fato de banho, mas achei que não ias querer nadar só com roupa interior.

– Andavas a pensar em mim só com roupa interior?

Os olhos dele estreitaram-se, acho que não apreciou o meu sarcasmo matinal. Bem, eu não gostava que ele aparecesse à porta da minha cabana e me dissesse o que fazer.

– Veste-te, Emmy – disse ele com firmeza. Fechou a porta, a minha deixa para obedecer.

Meu Deus, ele podia ser tão exigente. Perguntei-me se seria assim na cama.

Controla-te, *Emmy*.

Olhei à volta, sem a mínima ideia de onde poderia encontrar um fato de banho. Estava uma confusão do caralho. Não era lá muito boa a manter as coisas limpas. Às vezes, era mais fácil viver com pilhas de tralha do que enfrentar o que poderia estar dentro delas. Não era lógico, mas o meu cérebro não funcionava normalmente.

Foi preciso desbravar alguns montes, mas encontrei um biquíni vermelho. A parte de cima era desportiva e tinha um decote quadrado que ficava bem com as minhas clavículas.

Vesti um par de calções de ganga e uma *t-shirt* curta e fui para a porta. Quando a abri, o Brooks estava exatamente onde o tinha deixado, e parecia mesmo o típico rapaz de cartaz do Wyoming.

– Que sapatos devo calçar? – perguntei. O Brooks aproveitou para me olhar de cima a baixo. O calor percorreu-me o corpo enquanto o seu olhar me examinava dos dedos dos pés até aos olhos.

– As botas servem perfeitamente – disse ele.

Estavam ao pé da porta, então afastei-me do Brooks e curvei-me para as

calçar.

– Estou pronta – disse quando me virei. Percebi que tinha estado a olhar para o meu rabo.

O olhar dele encontrou-se com o meu. Levantei as sobrancelhas e o Luke Brooks fez algo que nem sabia que conseguia fazer – *corou*.

– Vamos – disse o Brooks.

Pôs-se de lado e estendeu o braço, a fazer-me sinal para que fosse à frente. Fechei a porta e andei até à carrinha dele, estacionada ao lado da minha. O Brooks veio ter comigo.

– Tens andado a cavalo nos últimos dias, certo?

– Sim. Como é que sabias?

– Foi só um palpite. Achei que precisavas de um dia de folga.

Chegámos até à porta do passageiro da carrinha e, antes de conseguir abrir a porta, o Brooks fê-lo por mim.

Não me lembrava da última vez que um homem me tinha aberto a porta. Entrei na carrinha e ele certificou-se de que tudo estava lá dentro antes de fechar a porta.

Quando se sentou ao meu lado, pegou num par de óculos de aviador do assento e colocou-os.

Era impossível ficar mais *sexy*.

– Este café é para ti – acenou com a cabeça para o copo mais próximo de mim. Era do único café em Meadowlark. Pelos vistos, ele podia, de facto, ficar ainda mais *sexy*. Bebi um gole. Era perfeito.

– Não sabia se ainda bebias o café assim, mas lembrava-me do pedido. Pingado, muitas natas, sem açúcar.

– Está perfeito – disse eu. Nem me lembrava de uma única vez em que o Brooks estivesse por perto para me ouvir pedir café, mas cá estava ele a lembrar-se como se não fosse nada. Segurei o café nas mãos e deixei que ele, e o carinho que o acompanhava, me aquecessem.

A *Chevy K20* do Brooks só tinha um banco dianteiro, e havia um saco no meio. Embora eu não comesse *bacon*, reconheci o seu cheiro. – Também há aí um burrito de pequeno-almoço vegetariano para ti.

– E suponho que haja um com *bacon* extra para ti?

O Brooks comeu muitas refeições em minha casa, por isso sabia que este homem adorava *bacon*. Ele e os meus irmãos pareciam uns poços sem fundo no que dizia respeito a comida. Quando passávamos os pratos à volta da mesa de jantar, o meu pai certificava-se sempre de que eu me servia primeiro, porque se fosse a última havia uma boa hipótese de não sobrar nada, mesmo com as porções gigantes que fazíamos.

– Obviamente – disse ele.

Tirei o meu burrito do saco e comecei a comer. Raios, o café andava a esmerar-se nos pequenos-almoços. Estava delicioso.

– Quando é que te livraste da C/K? – perguntei.

O Brooks sorriu.

– Ainda a tenho, mas infelizmente já não está em condições. Comprei esta a um cliente do Devil's Boot no ano passado.

– Gosto dela.

Ficava-lhe bem. Era clássica e masculina.

– Também gosto. O Gus tentou convencer-me a comprar uma mais recente, mas não estou pronto para abdicar da transmissão manual ou das janelas de baixar *manuais*. – disse. – Estou feliz por ver que ainda tens a tua carrinha.

Agora era a minha vez de sorrir. Adorava a minha carrinha. Trabalhei muito para a comprar, e foi a primeira grande coisa que comprei para mim.

– Vou conduzi-la até ao limite e, mesmo assim, vão ter de arrancar as chaves das minhas mãos mortas e frias.

– Sabes que essa coisa é feia como o diabo, não sabes? – disse ele com um sorriso.

– Tu também és! – graciei. Não ia tolerar este tipo de calúnia. – Mas afinal, para onde é que vamos?

– Já vais ver – disse ele, com um sorriso cada vez maior. – Acho que vais gostar.

– Porque é que te lembraste de fazer esta viagem?

– Desde que estás em casa, só foste a três sítios: ao rancho, ao Devil's Boot e à casa da Teddy.

Ele tinha razão.

– Que são todos ótimos lugares – disse eu. – Exceto o Devil's Boot. Esse é o mais rasca.

O Brooks lançou-me um olhar incisivo.

– Continuando, se vais ficar em Meadowlark, mais vale encontrares lugares que adores cá – disse ele. – Sei que não foi fácil para ti voltar para casa e, apesar de adorares a tua família e o rancho, não te podes agarrar só a isso para seres feliz aqui.

Um pequeno nó formou-se na garganta. Estava a ser tão atencioso. Em vez de falar, tirei o burrito do Brooks do saco, desembulhei-o até meio para que ele o pudesse comer enquanto conduzia e entreguei-lho. Era um gesto pequeno, mas esperava que ele compreendesse o significado: obrigada.

Deu-me um sorriso rápido antes de voltar a olhar para a estrada, com

o burrito na mão. Não sabia como conseguia conduzir com uma caixa de velocidades manual e comer um burrito ao mesmo tempo.

Pensei numa coisa que o meu pai disse no outro dia: o Luke Brooks tinha um coração do tamanho das Montanhas Rochosas. Começava a pensar que era verdade, e perguntei-me como não tinha reparado nisso antes.

O Brooks e eu conduzimos durante algum tempo, provavelmente trinta minutos. Devorei o burrito, mas dei tempo ao café, enquanto saboreava a bebida e o gesto. Atravessámos a cidade, que era basicamente uma só estrada. A partir daí, ele entrou na autoestrada.

Alguns quilómetros depois, apanhou uma saída que levava a uma estrada de montanha. Assim que saímos da estrada de duas faixas, ele abrandou o suficiente para podermos baixar as janelas. Fiquei grata por ele ter esperado até esta altura. Normalmente, as janelas abertas na autoestrada deixavam-me um pouco sobre-estimulada. Havia demasiado barulho. Mas ter as janelas abertas a este ritmo era incrível.

O ar de verão do Wyoming inundava a carrinha, e o sol brilhava no capô. Estavam a tocar os Brooks & Dunn na rádio – uma das bandas favoritas do Brooks.

Perguntei-me se o seu nome teria alguma coisa a ver com a banda.

Conduziu até ao fim do asfalto e continuou pela estrada de terra batida que se seguia. A estrada ia subindo. Estávamos a entrar nas montanhas. Depois de algumas curvas na estrada, o Brooks encostou a carrinha à berma.

– Temos de andar um bocadinho. Pode ser?

– Trouxeste-me aqui para me matares? – perguntei.

– Sim – disse ele de forma neutra.

– Porra. Podias ao menos ter-me dito para calçar umas botas com mais aderência, para poder sair com alguma dignidade – disse eu. – Agora vou andar a escorregar e a deslizar por todo o lado enquanto tento fugir.

– Tinha de me certificar de que te apanhava – disse ele. Porque é que isso me deixou toda... arrepiada? – Mas não te preocupes, é uma caminhada curta, quase toda plana. Subimos a parte íngreme de carro.

O Brooks saiu da carrinha e seguiu-o.

Havia um caminho pedonal que ia pelas árvores. Aqui em cima estava mais fresco, mas ainda quente.

O Brooks e eu caminhámos num silêncio confortável durante alguns minutos. Enquanto andávamos, olhei para cima. Achava que não havia nada mais mágico do que como o sol atravessava as árvores.

Saímos das árvores e chegámos a uma pequena clareira. Era exuberante e verde com manchas de flores silvestres por todo o lado. Aposto que toda

a clareira estaria cheia de flores silvestres se viéssemos aqui em abril.

Ouvia água a correr sobre as rochas, por isso procurei a fonte. No outro extremo da clareira, havia uma pequena cascata que rompia por entre as árvores. A água que saía dela fluía até se juntar numa nascente.

Tudo aqui era sereno. Parecia um quadro.

– Como é que encontraste este sítio? – perguntei. A minha voz era de espanto.

– Por sorte. Encontrei-o pouco depois de ter tirado a carta de condução.

Ele estava radiante, apareceram-lhe rugas à volta dos olhos enquanto caminhava até à água. Segui-o, enquanto lutava contra a vontade de correr e saltar para a água cristalina.

– Com que frequência vens cá acima? – perguntei.

– Sempre que posso. O verão é a melhor altura porque se pode nadar, mas no inverno, a cascata congela. É incrível.

– Costumas vir cá acima sozinho? – perguntei. *Tradução: Trazes muitas mulheres aqui?* É que este seria um ótimo sítio para trazer mulheres.

O Brooks olhou para mim com ar sério.

– Este sítio é meu. És a primeira pessoa que trago aqui.

– Oh – disse estupidamente.

– Sim, oh – disse ele com um sorriso.

– Nem mesmo o Gus?

– Nem mesmo o Gus.

Tive aquela sensação no estômago que já se tornava normal sempre que estava perto do Brooks. Não sabia o que pensar, nem sobre isso nem sobre como ele me estava a olhar. Momentos depois, o olhar dele passou a ser mais atrevido e o meu estômago deu um salto.

O que me estava a acontecer?

Agarrou na bainha da *t-shirt* e levantou-a para cima da cabeça. O chapéu saiu com ela. Atirou-a à minha cara. A *t-shirt* cheirava a roupa lavada e hortelã.

Porque é que ele se estava a despir? Não que me opusesse. Nem sequer um bocadinho. Céus, era *tão* fraca.

Demorei um pouco a assimilar, mas lembrei-me de que estava a usar um fato de banho. Era por isso que ele se estava a despir. Íamos nadar. Ele descalçou as botas e baixou as calças de ganga pelas pernas abaixo. Tentei não ficar a olhar, mas porra.

O Brooks tinha um daqueles corpos polidos pelo trabalho duro. Os músculos não eram protuberantes, mas bem definidos e tonificados.

Nem me façam começar a falar das veias que lhe corriam os antebraços.

Não se consegue um corpo como o dele no ginásio.

Olhei bem para ele. Porque é que não tinha marcas de bronzado? Será que andava nu, a aquecer-se ao sol? Uma visão de um Brooks nu apareceu-me na cabeça. Nem me ia repreender. Não tinha vergonha nenhuma.

Alguém devia esculpir este homem, pensei.

– É a tua vez – disse o Brooks, tirando-me da minha linha de pensamento despropositada.

– O quê? – gaguejei. Ainda estava a olhar para o seu corpo, sem estabelecer contacto visual.

– Não vais nadar vestida, pois não? – perguntou.

Oh. Certo.

Comecei a desabotoar os calções, mas a forma como o Brooks olhava para mim, combinado com me ter trazido para «o sítio dele», fez com que toda esta situação parecesse estranhamente... íntima.

Fixei os olhos no Brooks quando despi os calções pelas pernas e saí deles. Vi-o inspirar bruscamente, e os seus olhos mantiveram-se em mim enquanto tirava a camisa e a deixava cair ao pé dos calções.

Seria da minha imaginação, ou estariam as narinas dele a alargarem-se?

– Estás pronta? – perguntou. A sua voz tinha ficado mais profunda. Acenei com a cabeça, com medo de guinchar que nem um rato se tentasse falar. O Brooks estendeu-me a mão. Peguei nela, entrelacei os meus dedos nos dele, e tentei não pensar em como a sensação era boa. – Dou-te um aviso – disse ele –, a água vai estar fria como o caralho.

Soltei uma gargalhada.

O Brooks não perdeu tempo, começou a correr e puxou-me na direção da água. Ri-me outra vez, mais alto. Deliciei-me com a sensação de ser tão livre.

Quando chegámos à borda da água, nem sequer pensei. Simplesmente saltei.

Ele também.

Entrar na água foi intenso e maravilhoso.

O Brooks estava certo – estava fria como o caralho.

Quando a minha cabeça entrou na água, não conseguia ouvir nada. Só sentir a água à minha volta e a mão do Brooks na minha. Depois da guerra que estava a ter comigo mesma desde que tinha sido arremessada daquele cavalo, a minha cabeça estava finalmente tranquila.

Voltei para a superfície e, quando a minha cabeça apareceu à tona, respirei fundo. O Brooks subiu à superfície a seguir e puxou-me para ele pela mão que ainda segurava. Instintivamente, envolvi as minhas pernas à volta da cintura dele e senti o estômago às voltas.

Raios, ele era incrível.

Tinha água a escorrer-lhe pela cara e estava a sorrir como nunca tinha visto. Isso fez com que as rugas à volta dos olhos se aprofundassem, o que me deixou tonta.

– Obrigada por me trazeres aqui – disse com sinceridade. Estava ali há cinco minutos e já estava a adorar.

– Sabe bem. Ter mais alguém aqui – disse ele. Ele não tentou sair, por isso fiquei na água com as pernas à volta da cintura dele. Estávamos a pisar uma linha que eu estava desesperada por atravessar. Tentei não pensar na reação do meu corpo em estar assim, com ele.

– Como tem sido montar nestes últimos dias?

– Está a correr bem. Quero tentar fazer o padrão do barril, mas não sei como me vou sentir, e sei que a *Maple* está ansiosa por voar, mas ainda não me sinto preparada.

– Vais competir quando as divisões chegarem a Meadowlark? – Meu Deus, primeiro o Wes, agora o Brooks. Porque é que todos os homens da minha vida liam o jornal?

– Não sabia que lias o jornal.

– Sou proprietário de um negócio local. Tenho de estar bem informado sobre os acontecimentos de Meadowlark – brincou.

– Acho que quero – disse. – Competir, quero dizer.

Admiti-o a ele ao mesmo tempo que o admitia a mim própria. Não sabia como o faria, mas correr na minha cidade natal chamava-me como nunca pensei que chamaria.

– Então devias fazê-lo. Tu consegues, Emmy. Voltar a montar é a parte mais difícil. – Parecia algo que um pai diria a um filho depois duma queda de bicicleta. Eu já tinha caído de bicicleta e de cavalo muitas vezes, mas esta foi diferente.

Desta vez, abalou-me como não sabia ser possível.

– Mas não quero apenas fazê-lo – disse, sabendo que competir só por competir não seria suficiente para mim. – Se o fizer, quero ganhar.

Queria sempre ganhar. Era um problema.

– Então ganha. – O Brooks ainda estava a sorrir, mas de forma atenciosa.

– Dizes isso como se fosse super fácil.

– Tu és a Clementine Ryder. Fizeste uma corrida em quinze segundos no ano passado. Vai ser super fácil.

Como é que ele sabia isso?

– Sim, e a minha média atual é de cinco minutos para fazer um círculo – argumentei. – É uma pequeníssima diferença.

– Há duas semanas não conseguias montar um cavalo, por isso gosto das probabilidades – disse ele. – Além de ganhar, porque é que queres montar?

Era uma pergunta difícil. Não porque não soubesse a resposta, mas porque sabia. Não tinha qualquer dúvida. Não sabia o que é que neste homem me arrancava as palavras que normalmente ficavam pela cabeça, mas queria contar-lhe.

– Quero uma oportunidade para dizer adeus – admiti calmamente. Nem sabia se o Brooks me podia ouvir com o barulho da água.

– Tu mereces – disse ele.

Ele olhava-me de uma maneira que me fazia querer ficar aqui para sempre, com as pernas à volta da cintura dele e os seus braços a prenderem-me.

– Não me vais chatear para saber porque vou desistir da minha carreira ou dizer que estou a cometer um erro?

– Não – disse ele. – Claro que estou curioso, mas a única pessoa que precisa de se sentir bem com esta decisão és tu, Emmy.

O olhar dele dizia-me que falava a sério.

– Ainda não sei como me sinto em relação a isso. Tudo o que sei é que adoro montar, mas já não quero que seja o meu mundo – admiti.

– Sabes, se não gostas da estrada em que estás, podes sempre pavimentar uma nova.

– Quem disse isso? Robert Frost?

O Brooks sorriu e abanou a cabeça. – Dolly Parton – respondeu ele.

– Ah, Deus em pessoa – disse, com uma gargalhada. – Sinto que esta decisão já devia ter sido tomada há muito tempo. O meu terapeuta em Denver estava preocupado que eu estivesse perto de um esgotamento.

– E estavas?

– Sim. Mas não é o que estás a pensar – disse. Ele fez-me um pequeno aceno de cabeça, dando-me permissão para continuar a falar. – Há alguns anos, fui diagnosticada com PHDA. Sempre senti que fazia um milhão de coisas ao mesmo tempo e que lhes tinha de dar toda a minha atenção.

Pensei na mudança que o meu diagnóstico trouxera. De repente, conseguia explicar porque fazia as coisas de certa maneira. Foi uma verdadeira revelação. Tornou tudo diferente, mas não como esperava. Tinha a esperança de que este diagnóstico fosse a solução para tudo, que deixasse de sentir o desespero de precisar de controlar tudo e me impedisse de tomar decisões impulsivas que me davam falsa sensação de controlo sobre a vida.

Não foi isso que aconteceu. Pelo contrário, agora sabia mais ou menos porque fazia algo, mas não conseguia parar de o fazer. Continuei a fazer

demasiado e a concentrar-me naquilo que me dava uma sensação de poder.

– Durante algum tempo, senti-me incrível a fazer tudo. Parecia que podia fazer um milhão de coisas sem deixar cair nada. Fi-lo no secundário, fi-lo na faculdade e fi-lo na minha carreira de cavaleira. Foi demasiado intenso, demasiado rápido. É como se fosse um ciclo de extrema absorção. A equitação tem sido mais consistente do que qualquer outra coisa, mas quando atingi aquele recorde de quinze segundos, a minha relação com a equitação mudou completamente.

O Brooks não tirava os olhos de mim, ouvia tudo o que tinha a dizer.

– Não me trazia qualquer alegria, mas continuava a fazê-lo porque não conseguia parar. Era quase impulsivo como treinava e montava nos meses que antecederam o acidente. Cerca de uma semana antes, fiquei bloqueada.

» Perdi a motivação. Sentia-me esmagada; não conseguia mais. Fechei-me dentro da minha cabeça. Já não cavalgava com coração e perdi o brio. De outra forma, provavelmente teria feito algo para evitar a queda. Talvez não a impedisse completamente, mas podia pelo menos ter atenuado o impacto.

– A culpa da queda não foi tua, Emmy. Uma merda dessas pode acontecer com qualquer um – disse o Brooks. O tom era sério.

– Eu sei, mas já saltei um milhão de vezes. Sei como fazê-lo em segurança, e devia tê-lo feito em vez de me manter em cima do cavalo.

Estremeci quando pensei na sensação de bater na cerca, e senti o polegar do Brooks, debaixo de água, a fazer pequenos círculos na minha caixa torácica. O toque dele era reconfortante.

– E, nos últimos meses, tenho andado tão cansada. Não acordo com o despertador. Deixei de tomar a medicação para a PHDA. Sentei-me no meu apartamento e não me mexi, deixei que a minha vida se fosse acumulando à volta, e nem sequer me importei.

– Então, o que te fez voltar para casa? – perguntou o Brooks.

– Não conseguir controlar os meus impulsos – disse honestamente. Ele pareceu confuso, por isso resolvi explicar. – Quando tenho o impulso de fazer algo, é-me difícil controlá-lo quando tudo à volta está normal. Mas é especialmente difícil quando me sinto fora de controlo.

– Mas faz com que te sintas mais em controlo? – perguntou ele, atencioso.

– Por pouco tempo, sim.

– Então, arrependes-te de ter vindo para casa?

Era uma ótima pergunta. Pensei um pouco. Honestamente, pensei que me ia arrepender de voltar, mas não foi o caso.

– Não, não me arrependo. A maneira como tomei a decisão não foi

a melhor, mas foi a correta.

Os seus ombros relaxaram um pouco com a resposta. Até então, não me tinha apercebido de que estavam tensos.

– Emmy, quero que saibas que estou feliz por estares aqui.

Estava a olhar-me daquela maneira outra vez. Como se fosse a única pessoa no planeta, como se fosse a única coisa que importava.

Podia ficar bêbeda com este olhar.

As minhas pernas ainda estavam à volta da sua cintura, e ele estava-me a segurar. Conseguia sentir o calor das suas mãos na minha pele, mesmo debaixo de água. Inclinei-me e apoiei a cabeça no seu ombro.

– Sabes – disse ele. Sentia os seus lábios no meu cabelo. Queria-os em todo o lado. – Aprendi mais sobre ti nas últimas duas semanas do que em vinte anos.

– Idem – disse eu. Queria saber mais. – Conta-me outra coisa.

– O que é que queres saber? – perguntou. Queria saber quando tinha mudado, mas achava que não podia perguntar-lhe diretamente. Até porque não sabia se ele *tinha* mudado, se eu nunca o tinha conhecido, ou se era uma combinação das duas coisas.

Em vez disso, disse: – Pareces diferente.

– E?

– Só queria perceber quando é que isso aconteceu.

Ele ficou calado. Não queria ter dito a coisa errada.

– Há cinco anos – disse finalmente. – Foi uma série de coisas ao mesmo tempo. A Riley nasceu, o Jimmy morreu, herdei uma data de merdas que nem sabia que o meu pai tinha, e fui preso depois duma luta muito má num bar.

» O teu pai veio pagar-me a fiança. Disse-me que ou era eu ou o Jimmy, mas não podia ser os dois. Não sei, é como se qualquer coisa na minha cabeça se tivesse ligado. Acho que a maior parte das coisas estão iguais. Mas deixei de trabalhar ativamente contra mim próprio.

O meu pai disse-me que o Brooks era o seu pior inimigo, por isso percebo que ele ter algo para se focar pudesse mudá-lo.

– Pelo menos ganhaste a luta? – perguntei, aliviando um pouco as coisas.

– Obviamente – disse ele. – Mas aquele cabrão partiu-me o nariz.

– Ah, é por isso que está todo fodido – disse eu. Senti o peito dele vibrar com uma gargalhada. Tirou-me as mãos da cintura e soltou-me as pernas das dele. *Porra*, pensei eu.

– És uma espertinha. Não és?

– Eu? Nunca.

O Brooks olhou-me de soslaio. Aproveitei a oportunidade para o atingir

com o maior salpico que consegui.

– Sua parv...

Antes que o Brooks pudesse terminar a frase, comecei a nadar para longe, sabendo que ele viria atrás de mim.

Ele veio.

Perdi a noção do tempo, mas passámos o resto do dia a nadar nas nascentes, a revezarmo-nos no baloiço de corda que o Brooks tinha montado há anos e a conversar.

Estávamos sentados na margem da nascente a secar quando o meu estômago roncou alto e o Brooks disse:

– É melhor irmos embora.

Não queria ir, mas já devia ter um milhão de chamadas não atendidas da Teddy, a perguntar-me onde estava. O Brooks apanhou-me a *t-shirt* e os calções do chão. Vestimo-nos em silêncio e dirigimo-nos para a carrinha.

O Brooks entrelaçou os dedos nos meus. Naquele momento, tomei a decisão. Eu ia beijar este homem.

Hoje.

13

Luke



Quando voltámos para a carrinha, não consegui não deslizar os meus dedos entre os da Emmy. Ela entrelaçou-os e, porra, senti-me a flutuar. Não tinha a certeza de quando tínhamos passado a linha para este momento, mas ainda bem que o fizemos.

Hoje foi o melhor dia que tive em muito tempo.

Abri-lhe a porta, mas parei-a antes de entrar, e preendi com o dedo uma das presilhas do cinto. Não tinha a certeza do que ia fazer, mas precisava de fazer alguma coisa. Esta mulher ocupava todo o espaço disponível no meu cérebro, e não queria ficar longe dela nem mais um segundo.

Acho que nem era possível afastar-me dela, por mais que tentasse.

A Emmy Ryder era apenas... mais. Era mais do que qualquer pessoa alguma vez poderia ser.

Era gentil e corajosa. Também era linda, foda-se. Estava cada vez mais difícil não pensar como seria tocar-lhe, reclamá-la.

Quando ela enrolou as pernas à volta da minha cintura, senti o calor a ferver debaixo da pele. A minha atração por ela era intensa e não tinha a certeza de quanto tempo mais conseguiria reprimi-la.

– Emmy – comecei, mas não cheguei a terminar porque ela me agarrou a camisa com as mãos e puxou-me o rosto para o dela.

Assim que os nossos lábios se encontraram, senti-me a arder. Estava demasiado chocado para fazer outra coisa que não ficar ali com um dos dedos na presilha do cinto, e com as mãos dela agarradas à camisa.

A Emmy afastou-se demasiado cedo, mas encostou a testa à minha.

– Acobardaste-te de me beijar duas vezes, por isso tive de o fazer – disse ela. A voz era ofegante e perfeita. O seu som fez-me esquecer de que tinha acabado de me insultar.

Mas ela tinha razão. Odiei-me por isso. Desde quando era demasiado tímido para beijar uma mulher em quem estava interessado?

Teria de a compensar. Imediatamente.

Precisava de lhe dizer alguma coisa. Qualquer coisa para a manter comigo.

Mas não consegui. A Emmy Ryder tinha acabado de pôr a sua boca na minha de livre vontade. O meu cérebro passou a ser um monte de feno. O aperto na minha camisa fraquejou e ela começou a afastar-se. As suas bochechas estavam vermelhas. Estaria... envergonhada? *Não. Não.* Não era isso que eu queria. Queria a boca dela na minha. *Mexe-te, Luke, mexe-te.*

Não podia deixá-la fugir. Foi ela quase ter escapado que me fez mexer o rabo.

Voltei a puxar a presilha do cinto. Por instinto, levei a mão à garganta dela e puxei a sua boca até à minha.

Desta vez, não fiquei ali parado.

Agarrei o cabelo ainda húmido com a minha outra mão, e ela envolveu os seus braços à volta do meu pescoço. Não me conseguia faltar dela. Isto era tudo.

Ela era tudo.

Percorri a linha dos seus lábios com a língua, implorando para entrar.

Aceitaria tudo o que esta mulher me desse.

Ela deixou-me entrar e dominei a sua boca. O beijo foi quente e frenético. Ela estava a agarrar-se à minha camisa outra vez, como se não conseguisse estar suficientemente perto de mim.

Antecipei-me. Baixei as mãos para lhe agarrar o rabo perfeito e levantei-a do chão. Ela enrolou as pernas à minha volta, tal como tinha feito na água. Já me tinha deixado doido antes, então agora... Estava completamente duro.

A Emmy mordeu-me o lábio inferior e não me contive.

Virei-nos para que ela ficasse de costas para o interior da carrinha. Não interrompi o beijo enquanto nos movia cuidadosamente para dentro, empurrando-a ao longo do banco até que ela se deitou, com as pernas ainda à minha volta, e eu estava em cima dela.

Exatamente onde queria estar.

As pernas dela abriram-se e aninhei-me entre elas. A minha boca continuava colada à dela. Estava a beber tudo o que podia dela. O seu corpo parecia pertencer debaixo do meu.

Entre isto e ter de a ver naquele maldito fato de banho ao longo do dia, estava provavelmente a quarenta e cinco segundos de me vir nas calças que nem um puto de quinze anos.

Mas não me importava.

Tudo o que me importava era a Emmy, estar perto de tê-la finalmente nos braços.

Ela desceu as mãos pela minha coluna, por cima da camisola, e interrompi o beijo apenas para poder levar os lábios ao seu pescoço. Conseguia sentir o pulso sob a minha língua.

Senti o coração dela a bater tão depressa como o meu.

Beijei-a até à clavícula, e ela gemeu. Queria memorizar tudo dela, com a boca, as mãos, a língua.

– Foda-se, Emmy – disse. A minha voz estava rouca. – És tão perfeita.

Ela gemeu outra vez, e tive de empurrar as ancas contra ela. Ela levou as mãos ao meu cabelo, tirou-me o chapéu. Voltei a beijar-lhe o pescoço e os lábios.

– Oh, meu Deus – disse ela contra os meus lábios. – Mais, preciso de mais. – Impulsionei-me outra vez contra ela, o que a fez gemer. Beijei-a com mais força, como se estivesse a tentar engolir os seus gemidos.

Percorri-lhe o seio e apertei-o. A respiração dela ficou suspensa quando o fiz. Queria aquele suspiro gravado no cérebro.

– Emmy – respirei –, se continuarmos, não vou conseguir parar.

Ela afastou-se do meu beijo e agarrou-me o rosto. Estava a olhar-me nos olhos quando disse:

– Não quero que pares, Luke.

Engoli em seco. Estaria ela...? Será que ela queria tanto isto como eu?

– O que é que tu queres, Emmy? – perguntei. Ficou em silêncio por um momento. Quase conseguia ouvir os batimentos cardíacos dos dois.

– Quero que me fudas nesta carrinha. Por favor. – *Raios a partam.* Quem diria que a Emmy Ryder tinha esta boca? Uma coisa era certa. Queria a boca dela em mim. Foi como se um interruptor tivesse sido ativado no meu cérebro com aquelas palavras. Qualquer tipo de reserva que tivesse, foi-se pela janela fora. Não estava apenas a passar a linha – queria rebentar com a linha.

– É isso que queres, boneca? Que te foda aqui ao ar livre? – disse, precisando de o ouvir outra vez. Precisava de a ouvir dizer que me queria.

– Sim, Luke. Quero tanto. Por favor.

Disse o meu nome em desespero. Pensava que era impossível ficar ainda mais excitado com ela. A parte do meu cérebro determinada a conquistar esta mulher assumiu o controlo.

– Queres sentir-me dentro de ti? – Ela gemeu com as minhas palavras.

– Oh, Deus, sim. Por favor.

– *Foda-se.*

Beijei-a novamente. Este beijo era só dentes e língua. Teríamos muito tempo para suavidade, mas agora só pensava no quanto a queria.

Ela levou as mãos à bainha da minha *t-shirt* e começou a arrastá-la pelo meu corpo. Levantei-lhe a camisola para poder ver as suas mamas perfeitas.

Estava prestes a baixar a boca na sua direção, quando o telemóvel da Emmy tocou.

Nem pensar.

Chupe-lhe o mamilo por cima do tecido do maldito fato de banho vermelho.

– Ignora-o – rosnei. Ela apanhou-o do chão da carrinha na mesma.

Pirralha.

– É o Gus – disse ela.

Oh, foda-se.

Parei o que estava a fazer. O telefonema do Gus era a única coisa que poderia distrair-me da minha atual missão: foder a Emmy até cair para o lado.

A sua irmã mais nova.

Caralho.

Levantei-me de cima da Emmy. Vi como ela estava. O cabelo ainda estava húmido e mais despenteado do que o costume, mas tinha sido *eu* a despenteá-lo. Os lábios estavam inchados dos beijos, e tinha marcas vermelhas no pescoço da minha boca.

Assim deixava-me arrasado.

O telefone dela parou de tocar, o que foi a minha deixa para continuar onde tínhamos parado. Ia continuar, mas o meu telefone tocou.

Tive o pressentimento de que sabia quem era.

Tirei o telemóvel do bolso de trás e o ecrã mostrava o nome do Gus.

– Tens de atender – disse a Emmy. – Se não atenderes, vai começar a procurar-nos aos dois.

Ela tinha razão. Respirei fundo e aproximei o telemóvel do ouvido.

– Daqui é o Brooks.

Pelos vistos, era esta a minha saudação para o Gus depois fazer certas coisas à sua irmãzinha.

– Céus, voltaste à saudação de entrevista de emprego?

– Não é assim tão má – disse. A Emmy riu-se e pôs-se de joelhos à minha frente. Dei-lhe um olhar de aviso, mas ela devolveu-me um sorriso que fez com que a minha pila se contorcesse.

– Estás a ficar mais estranho à medida que envelheces – disse o Gus ao telefone. – Viste a Emmy?

Bem, deixa-me pensar, Gus. Na verdade, a tua irmãzinha acabou de me

lamber o pescoço.

Jesus Cristo.

Esta mulher.

– Não – resmunguei. – Porquê?

A Emmy arrastou as unhas suavemente pelo meu peito e tronco, e parou mesmo acima da cintura das minhas calças. A minha pila estava tão dura por causa dela, era impossível não ver o que me estava a fazer.

– Ela não está na cabana nem nos estábulos. Ela tem estado a ajudar-te lá em baixo, certo?

A Emmy, que aparentemente era uma maldita súcuba do inferno, escolheu esse preciso momento para agarrar a minha pila por cima das calças.

Foda-se.

Mordi o lábio inferior, mas não consegui controlar o pequeno gemido que saiu. Agarrei-lhe o pulso e fiz-lhe um olhar reprovador.

– Sim, mas ainda não a vi hoje – disse. O pulso da Emmy ainda estava preso na minha mão, mas ela não se deixou dissuadir. Voltou a beijar-me o pescoço.

– Hum. Estranho. Ela ainda não saiu do rancho desde que chegou. – A voz do Gus estava simultaneamente preocupada e irritada.

– Deve estar com a Teddy – disse, enquanto tentava não pensar muito nas mentiras que estava a dizer ao meu melhor amigo.

– Sim, tens razão. Vou tentar ligar-lhe outra vez mais tarde.

– Está tudo bem? – perguntei. Quase ao mesmo tempo perguntei-me por que raio estava a prolongar este telefonema.

– Sim. É só que vamos fazer o jantar de família na quinta-feira. Podes vir se quiseres.

– Parece-me bem. Eu digo-te se a vir. – Senti o riso suave da Emmy no pescoço.

– Está bem. Estás a correr ou algo do género?

– Não, porquê?

– Pareces estar sem fôlego.

Não me digas, Gus. Estava a três segundos de rasgar as roupas da tua irmã mais nova quando ligaste. A Emmy voltou a percorrer-me o peito com as unhas, o que me arrancou um gemido.

– Nada disso, estou só a tratar de umas coisas no bar. Falamos mais tarde, ok?

– Claro. Adeus.

Desliguei sem dizer nada e a Emmy riu-se outra vez. Desta vez, num volume normal. Adorava aquele som.

Peguei no cabelo dela e puxei, obrigando-a a olhar para mim.

– Vou castigar-te por isto, boneca – disse eu.

– Porquê? – perguntou, docemente.

– Por me deixares cheio de tesão enquanto estou ao telefone.

– Eu aguento – respondeu e depois beijou-me outra vez. *Caramba*. Ela era qualquer coisa.

Era este o meu mundo agora? Acabei mesmo de beijar a Emmy Ryder?

– Preciso de te levar a casa – disse com relutância. Ela afastou-se do beijo e fez beicinho. *Porra*. Bastou uma quase-queca na minha carrinha para já estar a comer da mão dela.

Quem estava a enganar? Estava a comer da mão dela desde que entrou no meu bar.

– Não olhes para mim assim – disse.

– Está bem. Podes levar-me a casa, mas vais ter de me compensar – disse ela, e depois deu-me um beijo firme na boca.

– Combinado – disse contra os seus lábios. Senti-a sorrir.

Sabia exatamente como a ia compensar e, quando isso acontecesse, não estaria apressado.

14

Emmy



– O telefonema do teu irmão foi antes ou depois de teres dito ao Luke Brooks para te «foder na carrinha dele»? – perguntou a Teddy ao telefone.

– Ted. Não estás a ajudar – disse eu. Gostava de dizer que estava arrependida de ter contado à Teddy o que tinha acontecido com o Brooks, mas era fisicamente incapaz de guardar isto para mim. Era melhor contar à Teddy do que deixar escapar durante um jantar ou algo do género.

Já havia tanta coisa que não lhe estava a contar – porque vim para casa, os ataques de pânico –, precisava de equilibrar a balança.

– Só para uma clarificação adicional – continuou a Teddy. – «Quero que me fudas nesta carrinha» é uma citação? – Meu Deus, ela estava a adorar isto. – Preciso de saber para te poder citar quando escrever sobre isto no meu diário.

– Já estou arrependida de te ter ligado.

– Não, não estás. Além disso, é a semana do meu aniversário, o que significa que és legal e contratualmente obrigada a contar-me tudo o que diz respeito a ti e ao Luke Brooks.

– Não me lembro de ter assinado esse contrato.

– O teu pai assinou-o em teu nome quando começou a pagar as mensalidades da nossa amizade.

– És hilariante, e essa piada não está nada gasta. – disse com tom monótono.

– Estamos a fugir ao assunto – disse a Teddy. – Preciso de saber a ordem exata dos acontecimentos, se foi uma citação direta, e como é beijar o Brooks.

Suspirei. A Teddy era como um cão com um osso. Quando tinha um objetivo, não dava para a parar, por isso mais valia dizer-lhe o que queria saber.

– Foi antes do telefonema, sim, é uma citação direta da minha pessoa,

e ele beija muito bem.

Beijava mais do que bem. Foi, sem dúvida, o melhor beijo da minha vida. Até irritava.

– Claro que beija. Era impossível não beijar. – Sabia que a Teddy não queria dizer bem aquilo, mas mesmo assim doeu. Era um lembrete de quem o Luke Brooks era, e de quem sempre foi.

Sim, tinha visto, recentemente, um lado diferente dele e queria acreditar que não levava outras mulheres para o seu lugar favorito – com burritos e um café perfeito a complementar.

Mas o Luke Brooks sempre foi um conquistador.

Foi ele que há dias me disse que tinha dormido com a *mãe* da rapariga a quem tinha dado o seu primeiro beijo. Fiz umas investigações nas redes sociais depois da admissão e, tinha de reconhecer, a mãe da Claudia era uma boazona.

– Emmy – disse a Teddy pelo telefone –, onde é que foste?

– A lado nenhum – menti.

– Emmy, não quis dizer isso. – Bolas. Esqueci-me de que a Teddy lia a minha mente.

– Não, eu sei, mas é verdade. Claro que ele beija bem, porque a prática leva à perfeição.

Pensei em como me tinha agarrado a garganta antes de puxar os meus lábios para os dele.

Normalmente não era o tipo de rapariga que dava o primeiro passo, mas neste caso, fiquei feliz por o ter feito. Foi como se, assim que o beijei, lhe tivesse dado a permissão de que precisava para se soltar.

Ele tinha sido tão confiante, tão seguro. A maneira como se comportou, a maneira como me tratou, naquele momento foram tão inebriantes quanto o próprio beijo.

– Queres saber o que penso sobre toda esta situação? – perguntou a Teddy.

– Tenho a certeza do que me vais dizer.

– Acho que tens de dar mais crédito ao Brooks. – *Ok*, merda. Não era disto que estava à espera. De todo. – Ele está obviamente atraído por ti e gosta de passar tempo contigo. Alguma vez viste o Luke Brooks fazer algo que não quisesse?

Ela tinha razão.

– Não – suspirei.

– Hoje foi um bom dia? – perguntou.

– Sim – admiti.

– Gostas da maneira como te sentes quando estás com ele?
– És tão frustrante – disse para o telefone. Passei a mão pela cara. Apesar de a Teddy não me poder ver, esperava que pudesse sentir o gesto.
– Responde à pergunta, Clementine.
– *Ok*, tudo bem. Sim, gosto da maneira como me sinto quando estou com ele.

– Exatamente. Então, isto pode levar a algum sítio ou não, mas nunca saberás se continuares a colocar o Brooks na mesma caixa em que colocaste quando tínhamos treze anos. Esta versão dele pode ser nova, mas acho que vale a pena conhecê-la.

Claro que a Teddy ia trazer claridade a esta situação absurda.

– E o Gus? – perguntei.
– O que é que tem? – respondeu a Teddy, com tom aborrecido.
– O Brooks é o melhor amigo dele. Ele é para o Gus como tu és para mim, e não quero que o meu irmão perca isso – disse. – E também não quero que o Brooks perca isso. Não é fácil encontrar melhores amigos.

– Escuta – a Teddy começou – sei que o Gus tem aquele estilo de protetor silencioso-mas-mortal, mas não podes deixar que isso te impeça de fazeres o que tu queres. E tenho noventa e nove por cento de certeza de que queres fazer cenas com o Brooks. – Lá me arrancou um sorriso. – A sério, Emmy. Não há problema em convidares um pouco de caos positivo para o teu mundo.

– Talvez para ti – disse eu. A Teddy adorava o caos, mas conseguia lidar com ele. A Teddy era a rainha de ir com a corrente ou, quando a situação o exigia, de puxar a corrente.

– Para ti, também. Ouve, se o Gus descobrir e se passar, lido com ele – disse ela. – Acho que não há mal nenhum em conheceres o Luke Brooks um pouco melhor.

– E quando esta situação explodir?

– Eu protejo-te dos destroços – disse ela. Suspirei, mas a Teddy não se deixou intimidar. – Sabes, estás a suspirar muito para uma mulher que acabou de ter uma boa marmelada à antiga com um dos homens mais *sexy* do Wyoming.

A Teddy tinha razão, mais uma vez.

– Ele é giro, não é?

– É. E tu também. Merecem estar juntos – disse ela. – Só não penses demasiado nisso, Em. Se o Luke Brooks acabar por ser uma merda, e estou *muito* convencida de que não vai ser o caso, pelo menos ganhaste uma bela sessão de beijos e um burrito.

– O burrito estava bom – disse. – O Bean está cada vez melhor.

– Eu sei. Vou literalmente almoçar lá quase todos os dias. – A Teddy trabalhava numa pequena loja de roupa e vendia os seus *designs online*. – Eu ter-te-ia levado lá, mas aparentemente só deixas os confins do rancho com o Brooks.

– Isso não é verdade.

– É, mas não te vou chatear, ainda agora voltaste para casa. Desde que estejas a sair com alguém, já é bom.

– Porque é que de repente estás tão a favor do Brooks? – perguntei.

– Tenho as minhas razões – respondeu.

– Queres partilhar?

– *Nope*. – Ela enfatizou o «p» com um estalido. – Tenho de ir. Vemo-nos na sexta-feira para os copos de aniversário. Adoro-te!

Poucos minutos depois de falar ao telefone com a Teddy, o Gus passou pela minha cabana com a Riley atrás. A Riley ainda não tinha percebido o conceito de bater à porta, mas não me importei. Voou da porta para a minha cama em três segundos.

– Tia, a tua cabana é muito pequena – disse ela. – A do pai é muito maior.

– Bem, vocês os dois têm de caber na cabana dele. Esta é só para mim – respondi.

– Não tens um amigo como a minha mãe? Ele agora vive connosco. Vão-se casar.

O Gus tinha-me dito que a Camille se ia casar. Ele estava feliz por ela, e eu também. O Gus e a Cam trouxeram-nos a Riley, mas era óbvio para toda a gente, incluindo eles, que não estavam destinados a um grande romance. Eram bons amigos e ótimos pais.

– Eu não tenho um amigo assim, mas ainda bem que a tua mãe tem.

– O pai também não tem uma amiga – disse a Riley com naturalidade. O Gus, ainda junto à porta, tossiu.

– Onde é que estavas de manhã? – perguntou ele. – Tentei ligar-te.

Como não podia dizer-lhe que estava a comer o melhor amigo dele, disse:

– Fui à cidade. Tomei um café e passei algum tempo sozinha.

– Precisas mesmo de mais tempo sozinha? – perguntou o Gus de forma incisiva.

– Pai, disseste que o tempo a sós é importante – disse a Riley. – É por isso que te posso dizer quando sinto que preciso de algum.

– Sim, *pai*. O tempo a sós é importante – provoquei.

– Tens razão, miúda, mas a tia Emmy está sozinha o dia todo, todos os dias.

Lancei-lhe um olhar de desprezo. A Riley e eu ainda estávamos deitadas na minha cama. Ela virou-se de lado, de frente para mim.

– Tia, precisas que te visite mais vezes? – perguntou ela.

O tom dela era tão sério. Era adorável.

– Sabes – disse eu –, gostava muito que me visitasses mais.

A Riley beijou a mão dela e depois tocou na minha cara. Foi um gesto que aprendeu com o Gus. Dizia que era um hábito da nossa mãe, mas claro que eu não o poderia saber.

– Está bem, vou visitar-te mais vezes – disse ela –, mas não vou trazer o pai – sussurrou. Ri-me.

– Qual é a piada? – perguntou o Gus.

– Nada – respondemos ao mesmo tempo.

O Gus olhava para o teto como se pedisse força para aguentar. Adorava irritá-lo.

– De qualquer modo – disse ele –, só vim cá abaixo para te dizer que vamos jantar amanhã. Parece que o Wes vai conseguir o seu rancho de hóspedes, mas sabes que o pai não vai concordar até votarmos todos.

– Lá estarei – disse eu.

– Ótimo. Riley, vamos embora. Tenho de te levar para casa da tua mãe.

Dei-lhe um abraço rápido.

– Adeus, meu raio de sol. Amo-te muito.

– Amo-te, tia!

Atravessou a cabana até à porta. O Gus pôs-lhe uma mão no ombro e começou a guiá-la lá para fora.

– E o Brooks vem cá amanhã, por isso, por favor, portem-se bem.

15

Luke



Que caralho era esperado vestir num jantar com a família da miúda de quem gostava, quando era também a família do meu melhor amigo, cujo pai também foi a minha figura paternal?

Nunca me tinha preocupado com o que vestia na casa dos Ryders ou mesmo em geral. Mas isto parecia diferente.

Tudo parecia diferente depois de beijar a Emmy.

Ainda me custava a acreditar que o que tinha acontecido na minha carrinha era real, ou mesmo que o dia inteiro tinha sido real. Não conseguia tirar da cabeça a imagem dela a rir-se na água ou de como ela ficava tão bem debaixo de mim.

Fodido. Era isso que estava: fodido.

Tinha a sensação de que ia entrar na Casa Grande e que todos os Ryders iam saber que tinha beijado a Emmy, como se tivesse escrito a marcador «BEIJEI A VOSSA IRMÃ» na testa sem saber.

Acabei por vestir o meu par de calças de ganga menos usado e uma *t-shirt* preta. Passei trinta minutos a agonizar, e foi isto que arranjei? Fantástico.

Decidi não usar qualquer tipo de chapéu, uma decisão mais importante do que se poderia pensar.

Olhei rapidamente para o telemóvel. Já eram seis e quarenta e quatro. Que merda. Já não ia chegar a horas. Já era um adulto, mas chegar a horas nunca foi o meu forte.

Calcei as botas e saí pela porta.

Demorei cerca de quinze minutos desde a estrada de gravilha até à porta da frente da Casa Grande no Rebel Blue. Conduzi com as janelas abertas e com a música alta para abafar os pensamentos.

Já tinha jantado na casa dos Ryders um milhão de vezes. Ia correr tudo

bem.

Quando parei, reparei que a carrinha da Teddy também estava aqui. De certeza que o Gus estava contente. O Wes estava cá fora com o cão, o *Waylon*, um grande cão de montanha branco. Parecia um *marshmallow*, por dentro e por fora. Era super dedicado ao Wes e um ótimo cão de quinta.

– Olá, meu – disse o Wes.

– Olá – disse. O *Waylon* veio a trote até mim e deixou cair uma bola de ténis aos meus pés. Peguei nela e atirei-a com força para as árvores. Ele apanhou-a como um tiro.

– Só estás dez minutos atrasado – comentou o Wes. – Impressionante.

Sorri e encolhi os ombros. Felizmente, sempre fui um homem de poucas palavras, por isso, não era estranho não estar para ali a tagarelar.

– Porque é que não estás lá dentro?

– O jantar não vai estar pronto antes das sete e meia e o *Waylon* não parava de choramingar à porta.

– O horário foi propositado, não foi? – perguntei. O Wes apenas sorriu. Os Ryders conheciam o fuso horário de Brooks.

O Gus era o meu melhor amigo, mas também me dava muito bem com o Wes. Estava entre as idades dos dois, por isso éramos muito próximos. Mas eles eram tão diferentes.

Por vezes, era difícil acreditar que eram da mesma família, mas um dos denominadores comuns era o quanto gostavam da irmã mais nova. Apenas o demonstravam de formas diferentes.

– *Waylon!* – gritou o Wes. – Vamos para dentro.

Uma bola branca saiu das árvores, e segui o Wes para dentro de casa.

Quando entrei, senti imediatamente o cheiro a comida caseira. Já estava com água na boca e ainda nem tinha visto a Emmy.

Vi uma criatura a dar pequenos passos até à porta.

– Tio Brooks! – exclamou a Riley enquanto saltava para os meus braços. Levantei-a para cima dos ombros e atirei-a. Ela guinchou de excitação.

– Ei, então e eu, miúda? – perguntou o Wes. Ela tinha passado por ele a correr. Adorava aquela miúda.

– Já te vi – disse a Riley.

Fomos para a parte de trás da casa. O Gus estava a pôr a mesa, e o Amos a trabalhar na cozinha. O Rebel Blue tinha uma cozinheira, a Ruby, que fazia o pequeno-almoço e o almoço para toda a gente do rancho. Havia um frigorífico e uma despensa para os trabalhadores, e eles recebiam um subsídio semanal para fazerem compras, uma vez que tinham cozinhas nas cabanas. A Ruby deixava o jantar ou as sobras para o Amos, mas ele preferia fazer

o próprio jantar. Gostava de cozinhar.

– Olá, Luke – chamou o Amos da cozinha. – Ainda bem que pudeste vir.

– Não podia faltar – respondi. – Que cheiro divinal.

– O frango com molho, puré de batata e legumes já vêm a caminho.

– Eu sugeri vitela assada – disse o Gus.

– Mas a Emmy não come carne vermelha, certo? – disse sem pensar.

Merda. Será que devia saber isto? Sempre soube disto? Era estranho saber isto?

– Não, não come, como o Gus bem sabe – respondeu o Amos. – E ele, provavelmente, devia parar de comer carne vermelha a todas as refeições. – Lançou-lhe um olhar incisivo. – Estás a ficar velho e o teu colesterol já não é o que era.

Tentei conter uma gargalhada.

– Tenho trinta e quatro anos! – exclamou o Gus.

– Pai, és assim *tão* velho? – disse a Riley. Todos se riram, exceto o Gus.

Naquele preciso momento, a porta das traseiras abriu-se e a Emmy entrou. Ainda bem que ainda estava a segurar a Riley, caso contrário teria caído de joelhos.

Estava linda. Perguntei-me se o meu coração passaria a ir de zero a cem num segundo sempre que a visse.

Tinha o cabelo afastado da cara. Vestia uma camisola velha e desbotada dos Broncos⁹ e uns calções de ganga. Acho que era a primeira vez, desde que tinha chegado a casa, que não estava a usar botas, apenas um par de sandálias que descalçou quando entrou pela porta.

– Olá, docinho! – disse-lhe o Amos da cozinha. A Emmy fez-lhe uma saudação a brincar. Demorou um pouco até reparar em mim e na Riley, mas quando nos viu, os olhos fixaram-se em nós.

Fiquei com uma sensação estranha no peito quando a vi a olhar para mim.

Se calhar, precisava de uns *Tums*¹⁰. Vi, pelo canto do olho, a Teddy passar pela porta de correr, mas ainda tinha os olhos postos na Emmy enquanto ela abraçava o Wes. Quando afastei o olhar, reparei que a Teddy me observava com ar presunçoso.

Era a segunda vez que me apanhava a olhar para onde não devia: a Emmy.

– Olá, Brooks – disse a Teddy. O tom dela era divertido.

– Teddy. – Acenei-lhe com a cabeça.

– Estás com bom aspeto – observou. – Há alguma razão especial para teres renunciado à *t-shirt* rota e ao chapéu de que tanto gostas?

Implacável. A Teddy era implacável.

– Há alguma razão especial para estares sempre a quebrar a tua ostracização do Rebel Blue? – O Gus meteu-se na conversa antes de que a Teddy pudesse atirar-me com outra bomba.

– Sim, é para cometer um assassinio enquanto dormes. – A Teddy tinha mudado o tom para doentiamemente doce – aquele que reservava para insultos.

– Gostaria de lembrar a todos de que há orelhas pequenas presentes. – Era a Emmy. Olhei para ela. Estava ao lado do Wes e tinha os braços cruzados. Tinha os olhos postos na Teddy e parecia tentar gritar-lhe sem palavras.

Tendo em conta a proximidade entre as duas, não me surpreenderia se a Teddy a conseguisse ouvir.

– Pai – começou a Riley –, o que é um «assassinato»?

– É um grupo de corvos¹¹, raio de sol. Como uma manada de gado, percebes? – respondeu o Gus sem hesitar. Raios, ele era rápido.

– Porque é que a Teddy te vai dar corvos? – perguntou a Riley.

– Porque a Teddy acha que é muito engraçada.

– A Teddy é engraçada – disse a Riley, com tom muito sério para uma criança de quatro anos. Todos os que estavam na sala se riram à custa do Gus. Parecia ter acabado de sofrer a mais profunda das traições.

O Amos bateu as palmas uma única vez da cozinha, que chamou a atenção de todos. – E agora, vamos comer. Venham todos buscar um prato e levem-no para a mesa.

Sentei a Riley e ela foi rapidamente ter com o Amos. Ele deu-lhe a salada. Ia na mesma direção, mas a Emmy esbarrou contra o meu ombro. O toque dela fez-me parar. Olhei para ela. Estava a sorrir.

– Olá – disse ela.

– Olá.

Durante meio segundo, uniu os nossos mindinhos; depois foi para a cozinha ter com o pai, colocou as palmas para cima e disse:

– Dá-me um prato, papá.

O Amos entregou-lhe uma tigela enorme de puré de batata. O seu favorito.

Pelos vistos, não me tinha apercebido da quantidade de informação sobre a Emmy que tinha guardado ao longo dos anos.

Sentámo-nos nos lugares habituais. Eu estava ao lado do Wes, que estava ao lado da Riley. A Emmy estava à minha frente e a Teddy ocupava o lugar à sua direita. O Amos e o Gus sentaram-se às cabeceiras. Era fisicamente impossível não olhar para a Emmy. Esperava que ninguém reparasse nos

sorrisos patetas que não conseguíamos evitar de vez em quando.

Falámos todos durante algum tempo. O Gus deu ao Amos algumas atualizações sobre o funcionamento do rancho: estimativas para a época de enfardamento, quantos trabalhadores iam ficar durante o inverno, e detalhes sobre a época de partos. O Wes deu as atualizações sobre a irrigação e as vedações.

– Emmy – começou o Amos –, como estão a correr as coisas nos estábulos? A *Maple* já se instalou?

– Sim, ela está bem. A veterinária vem cá nas próximas semanas para os exames de rotina de fim de verão. Ela também está a tratar dos cavalos internados.

– Há alguma preocupação?

– A pele da *Whisky* está muito seca, por isso, para prevenir, comecei a dar-lhe ração rica em proteínas.

A *Whisky* pertencera à mãe da Emmy. Já era velhota, mas ainda saudável.

– Ótimo. Mais alguma coisa?

– Não. O Brooks está a fazer um bom trabalho. Está tudo em ordem.

Era um elogio muito básico, mas, vindo da Emmy, sentia que tinha acabado de ganhar um Prémio Nobel.

O Amos virou-se para mim.

– Mais alguma novidade, Luke?

– Não, senhor. A última aula de equitação do verão é no sábado, e vamos mudá-las para o picadeiro interior em novembro – disse, sem evitar tropeçar nas primeiras palavras.

– Ótimo. Teddy, tens alguma novidade para mim? – perguntou o Amos, certificando-se de que ninguém ficava de fora. O Gus grunhiu.

– Nada diretamente relacionado com o rancho, senhor – disse a Teddy com um sorriso. Vi a Emmy a dar um pontapé à Teddy debaixo da mesa. O Amos olhou para as duas, obviamente confuso, mas acabou por ignorá-las.

– Muito bem. Todos sabem que estamos aqui porque estamos seriamente a considerar a adição de um rancho de hóspedes no Rebel Blue. Alguém está contra?

Os três Ryders abanaram a cabeça.

O Wes estava radiante.

– Weston – disse o Amos, com voz de proprietário de rancho –, este projeto é teu. Fazes um orçamento e uma proposta ao August, à Clementine e a mim até ao final da próxima semana. Combinado?

– Combinado – respondeu o Wes. Quase se podia ver a excitação que irradiava dele. O Amos fez um aceno firme com a cabeça.

– Se os números não baterem certo, não avançamos. Se baterem, tens de levar este projeto do princípio ao fim. Estás pronto?

– Sim, pai. Estou pronto. – Não tinha dúvidas de que o Wes ia arrasar.

– Muito bem.

O Amos pegou na cerveja.

– Saúde ao Rancho de Hóspedes Rebel Blue.

– Saúde – disseram todos ao levantar os copos, incluindo a Riley, com sumo de uva.

– Ei, Teddy – começou o Wes. – Achas que me arranjas alguém para fazer o trabalho de *design* na velha Casa Grande?

– Sabes que eu desenho roupas, certo? Não casas?

– Não me digas. Mas tu és, tipo, artística e tens conhecimentos e essas cenas. Quem quer que encontres vai ser bem melhor do que quem eu encontrar. Quero que seja único.

A Teddy pensou um pouco.

– Sim, conheço uma pessoa que acho que pode ser perfeita. Deixa-me entrar em contacto para ver se está disponível. Quando é que queres começar?

– Se não houver problemas com a proposta – o Wes lançou um olhar incisivo ao Gus – depois da época de partos.

– Parece-me bem. Mantenho-te informado.

– Obrigado, Teddy.

O resto do jantar foi agradável. Depois dos negócios estarem concluídos, a conversa fluiu. Depois da sobremesa, a famosa tarte de pêssego do Amos, fomos para a sala de estar. A Emmy e eu acabámos no mesmo sofá, algo que não escapou ao olhar atento da Teddy, e precisei de toda a concentração para não lhe tocar.

Quando o relógio bateu as nove e meia, o Gus levantou-se da cadeira. A Riley já estava a dormir nos seus braços, a segurar-lhe o pescoço.

– É melhor irmos embora para eu a poder deitar na caminha. Obrigado pelo jantar, pai. – O Amos deu um aperto de mão ao Gus depois de ele passar pela sua cadeira.

Uns minutos depois, a Teddy levantou-se para se ir embora.

– Teddy, guardei comida para o teu pai. Está tudo no frigorífico. Há o suficiente para ele e para a enfermeira que o está a ajudar esta noite – disse o Amos.

– Obrigada, Sr. Ryder. De certeza que vai gostar.

Não sabia muito sobre o pai da Teddy, mas sabia que ele e o Amos eram amigos há muito tempo. Eram ambos pais solteiros que tentavam cuidar das suas famílias.

– Diz-lhe que o vou ver no sábado, está bem?

– Sim, senhor.

– Wes, ajuda a Teddy a levar a comida para o carro.

O Wes, deitado no chão com o chapéu de *cowboy* sobre a cara, soltou um suspiro e levantou-se.

– Tens de ser assim tão dramático? – disse a Emmy a rir.

– Estava quase a dormir – bocejou o Wes.

A Emmy levantou-se e abraçou a Teddy antes de ela e o Wes saírem. A Teddy estava a falar-lhe de uma decoradora de interiores que ela conhecia.

– Se calhar também devia ir para a cabana.

A Emmy deu um beijo na bochecha do pai.

– Luke, certifica-te de que a Emmy chega bem à cabana, *ok*?

Olhei para a Emmy. Ela não sabia o que dizer. Eu também não.

– Pai, são quinhentos metros – acabou por dizer.

– Está escuro como breu lá fora, e ainda não consegui pôr as luzes solares ao longo do caminho. Dá ao teu velhote alguma paz de espírito, sim? O Luke não se importa. Pois não?

– De modo algum, senhor.

– Ótimo – respondeu o Amos. A Emmy tinha um olhar que não conseguia identificar. Parecia... talvez nervosa? – Tem uma boa noite, Luke. Boa noite, docinho.

– Boa noite, pai.

A Emmy e eu dirigimo-nos à porta de correr. Abri-a e ela saiu primeiro. Caminhámos em silêncio durante um minuto antes de eu entrelaçar os meus dedos nos dela e lhe apertar a mão.

Ela retribuiu o aperto.

– Divertiste-te esta noite? – perguntei-lhe.

– Sim, diverti-me. Foi o primeiro jantar de família desde que voltei. Tinha saudades.

– O teu pai parecia irradiar luz esta noite. Acho que ele também sentiu a tua falta.

Ela ficou em silêncio por um segundo. Teria dito a coisa errada?

– Posso perguntar-te uma coisa? – disse ela finalmente.

– Força.

– Vou começar isto com um aviso: não te estou a pedir nada, mas o que significa isto para ti? Estás só a meter-te com a irmã mais nova do teu melhor amigo?

Tive de fazer um esforço enorme para não deixar aquelas palavras magoarem-me. A verdade é que não sabia como fazer isto. Não sabia como

dar à Emmy aquilo de que ela precisava, ou como estar em qualquer tipo de relacionamento. Nunca o tinha feito antes.

Nunca quis tentar, mas com a Emmy tudo era diferente.

E isso assustava-me imenso.

– Meu Deus, não. Emmy, nunca te faria isso ou pensaria em ti assim.

Quero passar tempo contigo. Está bem?

O silêncio voltou a calar-me.

Estávamos a aproximar-nos da cabana dela. Conseguia ver a luz do alpendre.

Ela não disse nada até estarmos à porta de casa.

– Está bem – disse suavemente. – Também quero passar tempo contigo.

Voltei-me para ela.

– Estou a falar a sério, Emmy. Não sei quando é que isto aconteceu, mas gosto de ti. Gosto de ti, porra, muito mais do que devia, e sei que não devíamos fazer isto porque há um milhão de coisas que podem correr mal, mas tu pareces-me ser tão *certa*.

Ela olhou para mim. – Está bem.

– Ótimo. – Coloquei os nós dos dedos debaixo do queixo dela para poder inclinar a sua cabeça na minha direção e beijar-lhe a testa. A Emmy aninhou-se nos meus braços, e abracei-a durante alguns momentos. Ficava nos meus braços na perfeição, como se tivesse sido feita para eles. Gostava de pensar que sim.

Queria dizer-lhe o quanto ela significava para mim, o quanto as últimas semanas tinham significado para mim, mas não podia. Ainda não.

Não enquanto sentisse que tudo isto podia escapar a qualquer momento. Ela podia acordar amanhã e decidir que eu não era mais do que o miúdo idiota que não era digno do seu tempo.

Nem sequer sabia se ela planeava ficar em Meadowlark. Ela podia voltar para Denver a qualquer momento.

E o Gus podia matar-me se descobrisse. Mesmo.

– É melhor ir para a cama – disse ela. – Preciso de descansar antes do aniversário extravagante da Teddy Andersen amanhã. – Ri-me, mas não queria deixá-la ir.

– A Teddy nunca faz nada discreto, pois não? – A Emmy abanou a cabeça.

– Vemo-nos no sábado? Vou à aula da Riley.

– Está bem – disse eu. Não estava pronto para que isto acabasse. Queria-a tanto. Não poder estar perto dela durante a noite deixava-me louco. Estava tão perfeita nos pequenos calções de ganga. Era como se tudo nela fosse feito

para me deixar doido.

A Emmy afastou-se, abriu a porta e virou-se para mim.

– Também gosto de ti, Luke. – Aquelas palavras atingiram-me com força suficiente para me deixarem sem fôlego. – Boa noite.

Não consegui soltar a língua suficientemente depressa. – Boa noite. – respondi, mas só alguns segundos depois de ela ter fechado a porta. *Boa*.

Virei-me e comecei a andar em direção à Casa Grande, ainda atordoado. Fiz uma pausa e olhei para o grande céu noturno do Wyoming. Era incrível a quantidade de estrelas que havia lá em cima.

Não conseguia acreditar que o universo era tão grande e me tinha colocado nesta rocha flutuante aleatória ao mesmo tempo que a Clementine Ryder.

Antes de me aperceber do que estava a fazer, estava a dar meia-volta e a regressar para a cabana da Emmy o mais depressa que podia.

Queria-a, e raios me partissem se a ia deixar fugir de mim.

16

Emmy



Dizer boa noite ao Brooks foi uma boa decisão. Uma decisão inteligente. Depois de ter passado a noite a olhar para ele, só não lhe arranquei as roupas assim que saímos pela porta das traseiras por milagre.

A primeira coisa que vi, quando entrei na Casa Grande, foram aqueles braços gigantes a segurarem na minha sobrinha perfeita. Os meus ovários nem tiveram hipótese.

E nem me façam começar a falar daquele cabelo. Para alguém que gostava tanto de chapéus, pensar-se-ia que andava a esconder umas grandes entradas ou algo do género, mas não. Tinha uma cabeça cheia de cabelo, e ficava tão bem com ou sem chapéu.

Já se sabe que ver o Brooks com boné para trás era a minha *kryptonite*, mas aquele cabelo escuro deu cabo de mim esta noite.

Salivar com a aparência do Brooks? Já era esperado. Fazia-o desde sempre, mesmo quando não gostava dele. Ouvir o Brooks dizer que gostava de mim? Inesperado. Acreditar nele? Também inesperado, mas não indesejável.

A expressão do seu rosto quando mo disse foi tão intensa e sincera. Era impossível não acreditar nele.

Será que fui estúpida por tê-lo deixado ir embora esta noite? Aquele podia ter sido um daqueles momentos. Que parecem pequenos, mas acabam por ser grandes. Aqueles que mudam tudo, alteram o caminho.

Eu queria isso. Um novo caminho. Queria-o a ele.

Não pensei em mais nada antes de abrir a porta da frente, pronta para o perseguir.

Mas encontrei o Brooks exatamente onde o tinha deixado. Mas agora, o seu peito estava a arfar como se tivesse saído e voltado a correr, e o braço estava levantado como se estivesse prestes a bater à porta.

Ficámos a olhar um para o outro e decidi que *este* era o momento. Não o momento que poderia ter sido se não lhe tivesse fechado a porta na cara, mas um momento melhor – pelo qual ambos escolhemos voltar.

Era esse o pensamento que estava a remoer no cérebro quando o Brooks disse:

– Não consigo ficar longe de ti.

Deu um passo em frente, agarrou os dois lados do meu rosto e beijou-me com uma intensidade dos diabos. Quando os seus lábios estavam nos meus, não conseguia pensar em nada.

Agarrei-me à sua *t-shirt* e tentei aproximar-me dele tanto quanto me era humanamente possível. Ele começou a levar-me pela porta, e deixei-o. Estava desesperada por saber onde isto nos ia levar.

Quando estávamos os dois lá dentro, ele fechou a porta com o pé. Tirou as mãos do meu rosto e arrastou-as pelo meu corpo: pelo pescoço, mamas e cintura, até me agarrar pelo rabo e me levantar do chão. Envolvi as pernas à volta dele, sem o largar.

Ele virou-nos ao contrário, para que eu ficasse de costas para a porta da frente. A língua dele estava na minha boca, a tirar e a tirar. Queria que ele me tirasse tudo. Arranquei uma das mãos da *t-shirt* dele e passei-a pelo seu cabelo espesso.

Céus, queria-o tanto.

Foi preciso algum esforço, mas afastei-me da sua boca. Ele não se deixou intimidar. Moveu a boca para o meu pescoço e começou a beijar-me. Não pude deixar de soltar um pequeno gemido. Era como se ele soubesse exatamente onde me tocar.

– Luke – disse, entre fôlegos. Ele não respondeu, limitou-se a apertar-me mais o rabo. Tinha mudado a posição das mãos. Já não estavam sobre os meus calções, mas debaixo deles. A sua pele sobre a minha, a sensação era inebriante. – Luke – disse eu outra vez. Desta vez, afastou-se. Os seus olhos estavam a arder.

– Queres que pare? – perguntou ele.

– Não, eu... – disse, atrapalhada. – Não quero que pares. Quero tudo.

Os seus olhos brilharam mais intensamente.

– Tens a certeza? – perguntou.

– Tenho a certeza. – E tinha. Não me lembrava da última vez em que me tinha sentido tão segura de algo.

– Não tenho nenhum preservativo comigo.

O Luke Brooks não andava com uma caixa industrial de preservativos? Que desilusão.

– Tenho um DIU – disse eu. – E tive uma consulta médica uns dias antes de sair de Denver. Não tenho nada.

– Eu também não.

Graças a Deus.

– Tens a certeza? – perguntou outra vez. – Não te quero pressionar a fazer isto.

– Não estás – prometi. – Eu quero isto. *Quero-te a ti.* – Quando o disse, segurei-lhe o rosto com as mãos, e a sua barba por fazer arranhou-me as palmas de forma maravilhosa.

– Se mudares de ideias em algum momento, diz-me logo, *ok?* – Virou a cabeça para me dar um beijo suave numa das palmas das mãos.

– Não vou fazer isso – disse eu.

– Diz-me que dizes se mudares de ideias. – A voz dele era firme. Adorava-a.

– Eu digo-te.

Ele respirou fundo, como se ouvir aquilo fosse o que lhe permitia quebrar a corda que tinha atado a si mesmo.

– Meu Deus, Emmy, quero-te tanto, foda-se.

– Sou tua – disse eu. Ele não pensou duas vezes. Voltou a colar-se à minha boca e começou a levar-me para a cama.

Era uma mulher alta, e a maior parte dos homens com quem dormi não eram muito mais altos do que eu. Não sabia que isso era importante até estar com o Luke. Era excitante como o caralho como ele conseguia pegar em mim e manipular-me.

Antes de chegarmos à minha cama, ele pôs-me de pé.

– Despe-te – disse. A sua voz era baixa e grave e atravessou-me. – Quero ver-te.

Ele deu alguns passos para trás e pude ver a pila a esticar-se contra as calças.

Ver que ele me queria encheu-me com uma confiança que normalmente não tinha.

Comecei pela camisola. Tinha uma camisa de alças por baixo, mas não tinha sutiã.

– Tira a *t-shirt* – disse ao Brooks. A minha voz era ofegante e quase irreconhecível. O Brooks fez imediatamente o que pedi e tirou a *t-shirt* preta. Os músculos duros do estômago e peito estavam levemente cobertos de pelos escuros. Era um clichê, mas, até agora, tinha estado com rapazes. O Luke era um homem, foda-se.

– Continua, Emmy – disse ele. – Deixa-me ver-te.

Desabotoei os calções e desci-os pelas pernas. Lembrei-me de quando estávamos na água e de como estava tão nervosa por tirar a roupa e ficar só de fato de banho. Agora, só queria que o Brooks me visse.

Tirei a camisa e ouvi o Brooks soltar um rugido baixo. Acho que até agora nunca tinha percebido bem a frase «os seus olhos escureceram», que estava em todos os livros de romance que a Teddy me tinha emprestado.

A maneira como ele me olhava consumia-me por completo. O Brooks começou a vir na minha direção, mas estendi o braço para o impedir. Ele parou imediatamente.

– As tuas calças. Quero que as tires.

As mãos grandes do Brooks pegaram no cinto e a mandíbula ficou tensa.

– Essa é a última ordem que me dás – disse ele. Foda-se, já sabia que ele ia ser assim na cama. – Esta noite quem manda sou eu. Percebes?

Tudo nele me consumia e não confiava na minha voz para lhe responder.

Acenei com a cabeça. Queria que ele estivesse no controlo. Confiava nele para tomar conta de mim.

– Fiz-te uma pergunta, boneca. – Ele não me ia deixar escapar com um simples aceno de cabeça.

– S-sim. Compreendo.

– Ótimo.

Desapertou o cinto, baixou as calças de ganga e tirou-as. A pila estava esticada contra as cuecas pretas.

– Para de olhar assim para a minha pila, boneca.

Olhei para o Brooks. – Como o quê?

– Como se quisesses que te pusesse de joelhos e ta enfiasse pela garganta abaixo. – *Jesus*. Lambi os lábios enquanto olhava para ele. – Gostavas disso, boneca? Da minha pila na tua boquinha quente?

Sim, gostaria. Definitivamente gostaria.

Acenei com a cabeça.

Veio para cima de mim nesse instante, agarrando-me a garganta e a devorar-me com beijos. Levantou-me de novo antes de se sentar na minha cama, comigo em cima dele. Sentia-o duro contra as minhas cuecas azuis – estavam tão encharcadas, chegava a ser embaraçoso.

Rociei-me contra ele e ele gemeu.

– Foda-se. És tão perfeita – disse ele contra os meus lábios. Tive de continuar a esfregar-me contra ele, desejava que não houvesse nada entre nós, mas não queria parar. Isto sabia tão *bem*. Se calhar até me podia vir só com a fricção. Ele esfregou as mãos nas minhas costas, para cima e para baixo.

– Sabe bem, boneca? – perguntou ele, sem fôlego. – Esfregares a tua cona

contra a minha pila?

– Sim – gemi. Ele afastou-se da minha boca e mordeu-me o pescoço. Soltei um grito, e ele passou a língua sobre a mordidela.

– Continua, Emmy. Vem-te assim.

Se ele mandava, eu obedecia. Comecei a mexer-me mais depressa. A fricção era deliciosa. Pus as mãos nos ombros dele para me equilibrar. Céus, estava a sentir tantas coisas ao mesmo tempo. Não me lembrava da última vez em que me tinha sentido tão excitada.

Ou da última vez em que me tinha sentido tão desejada.

– É isso mesmo, boneca. Continua a montar-me. – As palavras do Brooks estimularam-me. Tal como a sua mão no meu rabo e a outra no peito. – És tão perfeita, porra. Consigo sentir-te toda molhada.

Estava tão perto. Fui mais depressa, a perseguir o que ele me estava a oferecer. Quando me deu uma palmada leve no rabo, todo o sentido de ritmo me abandonou, e montei-o com um abandono imprudente.

– Sei que estás perto. Vá lá, boneca, deixa-me sentir-te a vir.

Uns segundos depois, estava desfeita em pedaços. O meu corpo tremia com os arrepios que o percorriam. Nunca me tinha vindo com tanta força, e nenhum de nós tinha sequer tirado a roupa interior.

Olhei para o Brooks e ele olhou-me de volta. Enroscou os dedos no meu cabelo e beijou-me. Era quente e áspero.

– Ficas tão bonita quando te vens. – Levantou-se e atirou-me para cima da cama. Literalmente atirou-me. – Mal posso esperar para te ver outra vez assim.

De pé, ao fundo da cama, tirou finalmente os boxers. A pila sobressaía do corpo. Já me tinha apercebido de que era grande, mas vê-la era diferente. Mal podia esperar por tê-la dentro de mim.

Ele deitou-se na cama e subiu pelo meu corpo. A forma como os seus músculos se expandiam à medida que se segurava para estar em cima de mim quase me levou ao limite. Fez uma pausa no meu estômago para poder lambe o caminho desde as minhas costelas até às mamas.

Fez círculos à volta do mamilo esquerdo com a língua, o que fez com que as minhas costas se arqueassem. Mordeu-me suavemente antes de passar para o outro lado. Continuou a alternar entre os dois, enquanto uma das mãos descia até à minha roupa interior.

Passou o polegar pelo meu clítoris, por cima das cuecas, e estremei. Senti o seu sorriso no meu peito. – Estás sensível, boneca? – perguntou ele.

– Um bocadinho – murmurei. A sua resposta foi puxar-me as cuecas para o lado e enfiar um dedo dentro de mim. Gememos os dois.

– *Foda-se*, estás tão molhada. Isto é tudo para mim? – Soltei um som que ele deve ter interpretado, corretamente, como afirmativo, porque enfiou outro dedo dentro de mim. Os sons dos seus dedos a entrar e a sair eram obscenos.

Com os dedos e a boca dele nas minhas mamas, estava quase a vir-me outra vez. Nunca me tinha sentido assim. Nem estava a conseguir lidar.

Lambeu-me toda até ao pescoço, antes de me beijar novamente. Quando se afastou, também tirou os dedos de dentro de mim e o corpo doeu-me com a perda. Enquanto pairava sobre o meu corpo, olhou-me diretamente nos olhos e levou os dedos à boca para os chupar.

Os olhos fecharam-se como se os estivesse a saborear. Depois tirou-os com um estalido lascivo.

– Queres provar? – perguntou-me. Estar com o Luke era erótico e libertador. Nunca tinha feito nada assim.

Surpreendi-me a mim própria ao acenar com a cabeça.

Ele voltou a enfiar os dedos dentro de mim e começou a foder-me com eles. As minhas costas arquearam para fora da cama e o meu corpo começou a mover-se sozinho, mas ele voltou a retirar os dedos. Céus, era tão frustrante.

Limpou-os nos meus lábios antes de os colocar na minha boca.

– Chupa – disse. Chupei. Chupei-me da pele dele como se estivesse louca. – Linda menina. – O calor que me inundou com aquele elogio foi inesperado, mas não indesejado.

– Tens um sabor maravilhoso – disse ele. – Preciso de mais. – Começou a descer pelo meu corpo, meteu-se entre as minhas pernas, colocando-as nos ombros. Era como se fosse o seu banquete.

– Luke... – comecei.

– Sim, boneca?

– Não tens de fazer isso – disse, com a insegurança que às vezes sentia durante o sexo.

– Comer a tua cona perfeita? – perguntou. Olhou para mim entre as minhas pernas e desejei poder tirar uma fotografia. Corei. Tinha-me despidido para ele, tinha-me roçado na sua pila até me vir, até me chupei dos seus dedos, mas era isto que me fazia corar?

– S-sim, isso.

– Quero. Muito. Mas não o farei se não te sentires confortável.

– Não é isso.

Ele estudou o meu rosto, à espera de que continuasse a falar, mas não o fiz.

– Fala comigo, boneca.

– E-eu, eu n-nunca me vim assim, por isso não vale a pena perdes

tempo.

Os homens com quem tinha estado anteriormente, tinham-no feito como se fosse a última paragem antes de me entrarem pelas cuecas adentro, o que me deixava sem tesão.

– Perder o meu tempo? – Ele parecia... zangado? – Não sei com que tipo de homens tens andado a ir para a cama, boneca, mas devorar a tua cona perfeita nunca vai ser uma perda de tempo.

Engoli em seco e senti o calor inundar-me outra vez.

– Vamos fazer o seguinte. Se não te importares, deixas-me foder-te com a minha língua durante uns minutos e, se não estiver a fazer nada por ti, avançamos para outra coisa. Sim?

Soou... razoável.

– Está bem – concordei. Apesar de saber que isto não ia fazer nada por mim. Nunca tinha feito.

– Passa-me uma almofada e depois levanta as ancas. – Fiz o que ele disse. Ele pôs a almofada debaixo das minhas ancas. O Luke manteve os olhos em mim enquanto baixava a boca até à minha vulva e me lambia de uma ponta à outra. Depois, começou a fazer exatamente o que tinha dito que ia fazer: devorou-me.

Deslizou os dedos para dentro de mim enquanto a língua circulava e lambia o meu clitóris. Usou a parte de cima da língua para replicar a pressão que senti quando me estava a roçar nele. Entre isso e os dedos, senti a pressão descer pela espinha.

Isto nunca me tinha acontecido antes.

Foda-se.

Normalmente, só me vinha quando estava por cima, quando sentia pressão contra o clitóris – ou então simplesmente não me vinha e tratava do assunto mais tarde.

O Luke continuou. Estava em missão e nada o iria deter. Tinha as mãos no seu cabelo – um dos meus lugares preferidos – e as minhas ancas começaram a balançar, sentia tudo demasiado. Sabia que estava a gemer alto e de forma incoerente, mas não queria saber.

– Oh... Luke... vou...

Olhei para baixo e reparei que o Luke estava a impulsionar-se contra colchão.

Isto estava... a excitá-lo? Estava mesmo a acontecer?

Foi esse pensamento, de que o Luke estava excitado por me dar prazer, que me levou ao limite. Pela primeira vez, vim-me com alguém a fazer-me sexo oral. Não era qualquer um – o Luke Brooks.

Não estava convencida de que este homem não tivesse poderes mágicos.

Olhou para mim e lambeu os lábios antes de voltar a subir pelo meu corpo e me beijar na boca com força. Estava a pairar sobre mim e *não* era suficiente. Queria todo o seu peso em cima de mim. Estendi as mãos e coloquei-as nas suas ancas, puxando-as para baixo para se encontrarem com as minhas.

Suspirámos quando a pila dele entrou em contacto comigo.

– Preciso de ti dentro de mim – disse eu.

Usou uma das mãos para me traçar o maxilar.

– A minha menina sôfrega veio-se na minha língua e agora quer vir-se na minha pila?

– Sim, por favor, Luke. Por favor – implorei.

– Foda-se, boneca. As tuas súplicas vão fazer-me vir.

– Então é bom que entres dentro de mim.

O Luke beijou-me outra vez.

– Tão carente – disse ele. E era mesmo. Não me importei. O Luke baixou-se e meteu a pila na entrada do meu sexo. Olhou para mim enquanto entrava. Foda-se. Ele era grande. Só a cabeça da pila esticava-me mais do que estava habituada.

– És tão grande.

– Tu aguentas, boneca. Vou devagar. – Acenei com a cabeça. Ele saiu e voltou a entrar, desta vez um pouco mais fundo, esticando-me mais. Repetiu outra vez, e outra vez, e outra vez.

Finalmente, senti-o completamente dentro de mim. A almofada ainda estava debaixo das minhas ancas, o que lhe permitia penetrar ainda mais fundo. Ele gemeu no meu pescoço. Meu Deus, adaptar-me ao seu tamanho não ia ser fácil.

– Sinto-me tão bem com a pila dentro de ti.

Nunca nenhum homem tinha falado assim comigo. Normalmente, quando alguém tentava dizer cenas porcas, acabava por soar estranho. Mas a conversa do Luke só me deixava mais excitada, algo que me parecia impossível nesta altura.

– Sinto-me tão cheia – sussurrei. Quando ele estava dentro de mim, conseguia sentir tudo. Cada sensação era amplificada: o ar fresco na pele, a aspereza da sua barba por fazer, o cabelo que me roçava as bochechas.

– Meu Deus, és perfeita.

Comecei a mexer as ancas, para que ele se mexesse.

– Dá-me um segundo, querida – ele murmurou. – Tenho de fazer com que isto dure.

Puxei-lhe a boca para a minha e beijei-o, entrelaçando as nossas línguas. Depois de o que me pareceu uma eternidade, o Luke saiu só um pouco e depois voltou a entrar lentamente. Voltou a fazê-lo. E mais uma vez, aumentando pouco a pouco a velocidade de cada vez.

– Foda-se, Luke. Sim. Sim.

– Emmy, tu foste feita para mim.

Ele encontrou o ritmo certo e fodeu-me sem parar. A pressão começou outra vez a aumentar e a descer na minha espinha enquanto o Luke me fodia. Ia acontecer. Este homem ia fazer-me vir três vezes, o que nunca me tinha acontecido.

– Quero que te venhas outra vez, querida. Quero sentir-te vir enquanto estou dentro de ti. Podes fazer isso por mim?

– S-sim – gemi. Como se soubesse exatamente do que precisava, o Luke manteve o ritmo, mas aumentou a intensidade a cada investida; quase me atirava da cama com cada uma delas. A pressão na coluna atingiu o auge e vim-me com um grito.

Depois de me vir, o Luke aumentou a velocidade e fodeu-me com força. Agarrei-me aos seus ombros, esmagada com tudo o que estava a sentir. Cada nervo do meu corpo estava vivo.

– Meu Deus, mal posso esperar para te encher – disse ele roucamente.

Eu também queria tanto. Queria sentir. Queria *sentir-lo*.

– Por favor – implorei. – Quero tanto. – Com isto, as investidas tornaram-se esporádicas e irregulares. Estava perto. – Vem-te dentro de mim, Luke. – Ele gemeu, e o corpo tremeu enquanto se esvaziava.

Ele caiu em cima de mim e enterrou a cara no meu pescoço. – Foda-se. – disse antes de meter os braços por baixo de mim e me rebolar para que ficasse em cima dele.

Deitei a cabeça no seu peito e ouvi o batimento cardíaco, que mais parecia um tambor, a abrandar.

– Foi incrível.

– Tu és incrível – disse ele. – Podia enterrar-me dentro de ti todos os segundos do dia sem me cansar.

– Isso uma promessa? – perguntei ao levantar a cabeça para olhar para ele. O Luke no estado pós-sexo devia ser posto num museu. O cabelo escuro estava despenteado e os olhos castanhos intensos brilhavam. O sorriso subia tanto que as rugas apareciam. Adorava-as.

– Queres que seja?

– Não me importava. – E não me importava mesmo. O sexo nunca tinha sido assim. Não achava que o sexo que tinha antes fosse mau, mas depois do

Luke não tinha assim tanta certeza.

Ele arrastava os dedos para cima e para baixo nas minhas costas, suavemente.

– Não acredito que isto acabou de acontecer – disse eu. – A Emmy de treze anos estaria nas nuvens neste momento.

Senti o peito do Luke a vibrar com o riso. – Sim? Era uma fã?

– Era fã da tua beleza, sim.

– Auch.

– Não te preocupes, a Emmy de vinte e sete anos acha-te ligeiramente menos irritante.

Apoiei-me nos cotovelos para o beijar. Ele pôs uma das mãos à volta da minha nuca, embalando-a. Este foi um beijo lento e exploratório. O nosso primeiro beijo assim. Sabia que não seria o último.

Uma hora mais tarde, depois de uma pausa para ir à casa de banho, do meu chuveiro ter lotação máxima e de mais um orgasmo para cada um, adormeci nos braços do Luke Brooks.

Pela primeira vez em muito tempo, senti-me segura.

17

Emmy



Acordei com o sol a entrar pela janela. Demorei um pouco a aperceber-me de que o peso em cima da cintura era um braço humano.

Demorei ainda mais para me lembrar a quem pertencia.

Fui para a cama com o Luke Brooks.

E foi incrível.

Ele devia ter-me sentido mexer, porque o seu braço se apertou à minha volta antes de me beijar a nuca.

– Bom dia, boneca – disse. Raios, a sua voz matinal era sem dúvida a mais *sexy* de todas.

– Bom dia – respondi, enquanto virava o pescoço para ele me dar um belo beijo de bom dia. – Dormiste bem?

– Que nem uma pedra. E tu?

– Dormi bem, mas tinha um *cowboy* enorme enrolado à minha volta.

– A sério? – Continuou a beijar-me o pescoço e a mão que tinha na cintura começou a desenhar círculos até à minha caixa torácica.

– Sim – respondi. – Foi como dormir na mesma cama que uma jiboia. – Senti o seu peito mover-se contra as minhas costas com um riso.

– Deve ser um *cowboy* mesmo carente – disse ele. Começou a fazer círculos por baixo da minha camisola. Eram maiores agora, passava os dedos por cima da minha caixa torácica, ia um pouco abaixo das mamas e terminava logo acima das cuecas, antes de voltar para a cintura e começar de novo.

E ele tinha-me chamado a mim de provocadora?

Percorreu-me de beijos desde a nuca à orelha e senti-o ficar duro contra mim.

– És mesmo um *cowboy* carente – murmurei, cada vez mais excitada.

– Diz a mulher que está a empurrar o rabo contra a minha pila às sete da

manhã.

– Tu é que começaste – respondi.

– Também tenciono terminar.

Meu Deus, a *voz* dele. Devia obrigá-lo a ler, em voz alta, uma cena de um dos livros que eu e a Teddy lemos no mês passado. Continuou a fazer aqueles círculos lentos e frustrantes, chegando cada vez mais perto de onde eu queria.

Depois de o que pareceu uma eternidade, o dedo mindinho mergulhou finalmente debaixo da costura das cuecas, mas a mão continuou a mexer-se.

Eu também sabia jogar este jogo.

Arqueei as costas e empurrei o traseiro contra a sua pila dura. Ele gemeu.

Que bom.

Desta vez, quando o círculo regressou às cuecas, a mão dele mergulhou nelas e por lá ficou.

– Já estás tão molhada para mim. – Ele começou a brincar com o meu clítoris. – Tão molhada, foda-se.

Dois dos seus dedos penetraram-me, mas ele manteve a palma da mão contra o meu clítoris para que eu pudesse sentir a fricção enquanto os dedos entravam e saíam.

As minhas ancas começaram a mexer-se por vontade própria e ele começou a roçar-se com força contra o meu rabo. Foda-se. Já estava a precisar de me libertar.

– É isso mesmo, boneca. Monta a minha mão.

Eu gemia. – Luke, preciso de ti dentro de mim.

– Implora outra vez, boneca.

O efeito que ele tinha em mim chegava a ser embaraçoso. Imploraria as vezes que ele quisesse. – Vem para dentro de mim, por favor.

– Foda-se, és tão linda quando imploras. Quase me vinha só com isso.

Ele tirou a mão das cuecas e odiei a perda. Afastou-se, mas apenas o tempo suficiente para tirar os boxers. Deslizei as cuecas para fora das pernas ao mesmo tempo. Um segundo depois, as minhas costas estavam contra ele, e um dos seus braços passou por baixo de mim e agarrou-me a mama. Conseguia sentir a pila dura contra mim. Percorreu-me os dedos pela espinha, deixando um rasto de fogo e arrepios, depois pelo rabo e entre as pernas, por trás. Levantou-me a perna e pôs o braço por baixo do meu joelho dobrado.

– Posso foder-te assim, querida?

– Podes foder-me como tu quiseres. – Nunca falei tão a sério.

Ele guiou-se para dentro de mim por trás, lentamente. Tinham passado menos de cinco horas desde a última vez que tínhamos feito isto, e parecia

demasiado tempo.

– Meu Deus, não acredito que me deixas foder esta cona linda.

Este homem e a sua boca porca. Começou a mover-se atrás de mim e o braço que me segurava a perna veio acariciar-me o clítoris.

Ele fodeu-me e acariciou-me em simultâneo, os dedos e a pila trabalhavam em sincronia para me levar ao auge. Já nem sabia onde estava, nem nada de nada. Só sabia que não queria que acabasse.

– Sim, Luke. Oh, meu Deus. Sim – gemia.

– Gostas de como te encho?

– Sim. Sim. – Quando ele estava dentro de mim, só me saíam monossílabos. O meu corpo começou a apertar-se enquanto o Luke me fodia com força. Soltei um grito.

– É isso mesmo, Emmy. A minha pila é tua. É tua sempre. Sempre que a queiras. – Estava tão perto. Tão perto, e ele sabia-o. – Diz-me o que precisas, querida. Diz-me o que precisas e eu dou-te.

Pousei uma das mãos em cima da mão que me estava a acariciar o clítoris. Empurrei-a, para aplicar ainda mais pressão e comecei a esfregar as ancas contra ele para ter mais fricção.

– *Foda-se*, Emmy.

Os nossos movimentos eram cada vez mais frenéticos. As palavras do Luke transformaram-se em gemidos e eu desfiz-me. Senti-o a afastar-se atrás de mim, mas manteve os dedos no clítoris e acariciou-me durante o orgasmo, onda após onda.

Passados alguns minutos, começámos a sair do transe. O Luke agarrou-se a mim. Os nossos corpos estavam pegajosos de suor. Virei-me para ele. Tinha um sorriso preguiçoso que me deu vontade de lhe saltar para cima... outra vez.

O Luke levou a mão ao meu rosto e pôs-me o cabelo atrás das orelhas.

– Tu és qualquer coisa, Emmy Ryder.

Os olhos estavam suaves, satisfeitos. Como se pudesse ficar aqui comigo o dia todo. O olhar dele deixou-me o coração do avesso.

Se não tivesse cuidado, podia apaixonar-me por este homem antes de me aperceber do que tinha acontecido.

Fomos atirados para fora da bolha quando ouvimos alguém a bater à porta. Porque é que as pessoas estavam sempre a bater à minha porta?

– Emmy? Estás acordada? – Era a voz do Wes. Merda. Merda, merda. *Que merda*. O Luke e eu olhámos um para o outro como se fôssemos dois miúdos.

– Emmy? – chamou o Wes novamente.

Entrei em ação, atirei o edredão de cima de mim e fugi da cama. O Luke estava mesmo atrás. Encontrei uma *t-shirt* no chão e enfiei-a pela cabeça, juntamente com um par de calções de pijama. – Esconde-te na casa de banho. Agora – disse ao Luke enquanto ele saltava para vestir as calças de ganga.

Tudo o que ele fazia era *sexy*.

Comecei a dirigir-me para a porta.

– Ei – sussurrou o Luke. Voltei-me e ele veio ter comigo, deu-me um beijo rápido, antes de me lançar um sorriso que me transformou o coração numa poça.

– *Ok*, agora já podes abrir a porta.

Demorei um segundo a lembrar-me do que ele estava a falar. Ah, sim, o meu irmão estava à porta.

– Só um segundo! – gritei. Esperei até ouvir o clique da porta da casa de banho para abrir a da frente.

– Bom dia, raio de sol – disse o Wes, com um toque de sarcasmo ao examinar o meu aspeto. *Que merda*. Nem sequer me tinha visto ao espelho. Devia estar com ar de quem acabou de fazer muito sexo. – Tiveste uma noite longa?

– Porque perguntas? – Esperava que a minha voz fosse firme.

– Porque parece que acabaste de sair da cama e o teu cabelo está uma confusão. Tipo, ainda pior do que o normal.

– Ah, sim. Não dormi muito. – O eufemismo do século.

– Nota-se. Tenho estado a tentar ligar-te.

Ups.

– Esqueci-me de ligar o telemóvel ontem à noite. O que é que se passa?

– Três dos trabalhadores apanharam um vírus no estômago e o lado sul do rancho está cheio de vedações partidas. Importas-te de ajudar o teu irmão favorito?

Não tinha ido lá desde o regresso. – Claro. Mas hoje é o aniversário da Teddy, por isso não me vais chatear com mais nada.

O Wes pôs a mão sobre o coração.

– Juro. Jamais me colocaria no caminho da Teddy e do seu aniversário.

Conhecia-a há tempo suficiente para saber que o aniversário equivalia a um feriado nacional.

– Está bem. Deixa-me vestir e encontramo-nos nos estábulos. –

Tradução: por favor, sai para que eu possa tirar um dos teus amigos da minha cabana sem que ninguém o veja.

– *Ok*. Vou lá abaixo ver se o Brooks também me pode ajudar.

O meu coração desfaleceu. – Ah, ele está lá em baixo? – perguntei.

Da forma mais neutra que consegui.

– Bem, a carrinha dele está na Casa Grande, por isso deve ter chegado mais cedo. Normalmente não está cá às sextas-feiras, por isso tenho de aproveitar enquanto posso.

Oh, meu Deus. A carrinha do Luke. Deixámos a carrinha dele lá em cima para a minha família de rancheiros, que se levanta às quatro da manhã, ver.

– Certo. Vemo-nos lá em baixo?

– Sim. Obrigado, Em.

Fiz-lhe uma continência a brincar antes de fechar a porta e encostar as costas à mesma.

Que raio de manhã.

O Luke espreitou pela porta da casa de banho.

– A costa está livre? – perguntou.

– A costa está livre.

Veio na minha direção e abraçou-me a cintura. Como é que ele cheirava tão bem de manhã? A hortelã e... a homem. Queria engarrafar este cheiro.

– Devíamos falar sobre isto – comentou o Luke.

– Falar sobre o quê? – perguntei, apesar de saber o que já estava para vir.

– Sobre o teu irmão. Os teus *irmãos*.

– E o que queres fazer em relação a eles?

– Emmy, se vamos fazer isto, não me quero esconder deles. – A emoção na voz dele deu-me um pontapé na parte de trás dos joelhos, o que me provocou instabilidade. – Já fui o segredinho sórdido antes e não me importava porque não queria saber dessas pessoas, mas quero saber de *ti*.

A voz dele era firme, mas ainda assim suave e gentil. Eu não queria que ele fosse o meu segredo, mas ainda nem sequer sabia o que isto era.

Precisava de algum tempo.

– Eu percebo. Só preciso de um pouco de tempo, *ok?*

O rosto do Luke esmoreceu, e vê-lo assim doía mais do que levar com uma faca na mão. Provavelmente. Olhámos um para o outro em silêncio durante algum tempo. Observei a sua cabeça a funcionar, processando o que ia dizer.

Acabou por dizer: – Está bem, mas vamos voltar a falar sobre isto.

Foi a melhor resposta que poderia ter recebido.

– Está bem. – Pus-me na ponta dos pés e beijei-o.

– É melhor ires andando. Tens de arranjar uma desculpa para a tua carrinha estar aqui mas não estares nos estábulos, e eu tenho cercas para arranjar.

– Obrigado pelo lembrete. Falamos mais tarde?

– Sim.

Ele beijou-me outra vez. Era tão fácil deixar-me levar por ele.

O Luke afastou-se e encostou a testa à minha. – Antes de ir, preciso de uma coisa.

– O quê? – perguntei, na esperança de que fosse uma coisa porca.

– Da minha *t-shirt*.

18

Emmy



Levei a carrinha até à entrada da casa da Teddy por volta das quatro da tarde. Tinha instruções rigorosas para não levar roupa para sair à noite, o que significava que a Teddy já tinha algo em mente e não se deixaria dissuadir.

A Teddy adorava fazer roupa e era mesmo prendada. Quando estávamos no terceiro ciclo, começou a bordar flores nos bolsos de trás das nossas calças de ganga.

No secundário, começou a vender casacos de ganga *vintage* que recuperava, a partir da parte de trás da sua carrinha, no mercado de agricultores de Meadowlark.

Na faculdade, licenciou-se em Gestão, mas acrescentou um *minor* em *Merchandising* de Moda.

Era incrivelmente talentosa e tenaz. Se alguém poderia ser bem-sucedido, seria a Teddy.

Bati à porta antes de entrar. A entrada da casa dos Andersen dava diretamente para a sala de estar, onde o Hank, o pai da Teddy, estava sentado na cadeira a ver repetições do *That 70's Show*. O longo cabelo preto já estava quase todo cinzento, mas os olhos azuis continuavam brilhantes.

O Hank tinha sido uma estrela de *rock* – literalmente. Estava em digressão como baterista quando conheceu a mãe da Teddy. Tiveram uma noite mágica antes de seguirem caminhos separados. Onze meses depois, ela apareceu num espetáculo com um bebé de um mês que ainda nem tinha nome.

Segundo o Hank, ele apaixonou-se pela Teddy a partir do momento em que a viu. Deu-lhe o nome de uma famosa cantora de *jazz*: Theodora King. Deixou a banda e levou a sua menina para uma pequena cidade por onde tinha passado durante uma *tour*, alguns anos antes. Arranjou um emprego e os dois começaram a sua vida como uma família.

A cidade era Meadowlark, Wyoming, e o trabalho era no Rancho Rebel Blue.

Nenhum dos dois voltou a ver a mãe da Teddy.

Perguntei-me como teria sido a minha vida se o meu pai tivesse decidido não arriscar naquele baterista de olhos arregalados, com uma bebé e sem qualquer experiência em trabalho de rancho.

– Olá, Emmy. Como estás? – A voz rouca do Hank era alegre.

– Estou bem, Hank. Como é que tu estás?

– A sobreviver. – Dizia-o literalmente. O Hank nunca dizia nada que não quisesse dizer. A Teddy saía mesmo a ele.

Antes da Teddy, o Hank vivera o clássico «sexo, drogas e *rock'n'roll*». Agora sentia as consequências, vários problemas de saúde. Atualmente, recebia cuidados domiciliários e usava uma botija de oxigénio.

Foi por isso que a Teddy decidiu ficar em casa depois da faculdade. Ela não o queria deixar.

– E com ótimo aspeto.

A Teddy apareceu no corredor. Quando estabeleceu contacto visual comigo, os olhos focaram-se que nem um *laser*.

– Estás particularmente luminosa hoje, Clementine. – Raios a partam. Não conseguia esconder nada da Teddy. – O que é que andaste a fazer ontem à noite? – O tom de voz disse-me que ela já sabia.

– Teddy, ela acabou de chegar – disse o Hank. Deus o abençoe.

– Sim, Teddy, acabei de chegar – disse inocentemente.

A Teddy continuava fixada em mim.

– Já falamos, quando não estivermos na companhia do meu pai.

– Agradeço muito – disse o Hank. – Eu não preciso de saber dos encontros fortuitos entre a Emmy e o Luke Brooks.

O meu queixo caiu e olhei imediatamente para ela.

– Estás a gozar comigo, Teddy?!

– Eu juro que não lhe contei.

Os olhos da Teddy arregalaram-se e levantou as mãos, rendida, para enfatizar a sua inocência.

– Ela não me contou – admitiu o Hank, antes de se virar para a Teddy. – Mas se calhar começa a fechar a porta quando estás ao telefone.

Bati com as mãos na cara, só queria rastejar para um buraco e desaparecer. A Teddy soltou um silencioso «ups».

O Hank limitou-se a rir. Deleitava-se com a sua capacidade de nos envergonhar.

– O teu segredo está seguro comigo, Emmy. Só não o guardes durante

muito tempo.

Jesus. Teria o Hank ouvido a minha conversa com o Luke esta manhã?

– Não o farei – respondi. Queria mesmo estar a falar a sério.

– Bem e depois disto... – disse a Teddy –, pensei que podíamos jantar e comer a sobremesa antes dos planos da noite.

– Parece-me ótimo, Ted.

Fazíamos o jantar de aniversário dela todos os anos. Começou quando andávamos na faculdade. Era o nosso primeiro ano e tínhamos mudado de casa no dia anterior.

Fizemos a refeição dos seus dezoito anos com a ajuda de um micro-ondas e de uma máquina de café. Era a pior massa que alguma de nós já tinha comido, mas divertimo-nos tanto que nem queríamos saber.

A Teddy aproximou-se do pai e ajudou-o a levantar-se da cadeira. Estava com dificuldades, mas tentou não o demonstrar. Assim que se levantou, a Teddy deu-lhe um beijo na cara. Ela passou o braço pelo dele e começaram a andar até à cozinha. Eu segui-a.

Assim que o Hank se instalou numa cadeira ao balcão, a Teddy virou-se para mim e deu-me um grande abraço.

– Desculpa ter-te acidentalmente denunciado ao maior fofoqueiro de Meadowlark – disse ela no meu ombro.

– Estás perdoada. – Afastei-me do abraço. – Qual é a sensação de ter vinte e sete anos? – perguntei.

– É como se estivesse apenas a começar. – Deu-me o seu sorriso característico.

A Teddy tinha todos os ingredientes para fazer bifes de frango com massa e molho picante de *vodka* – mantínhamos a tradição da massa, mas agora os jantares eram comestíveis.

Eu tratava do molho, o Hank misturava um pacote de salada César que nem um profissional, e nada quebraria a concentração da Teddy no frango. Ainda bem. Apesar de comer frango, não suportava tocar em qualquer carne crua.

Tocar-lhe fazia com que as minhas gengivas se sentissem esquisitas. Isto só fazia sentido para mim, mas a Teddy nunca insistia comigo. Ser adulta com problemas sensoriais era muito estranho. Como explicar a espiral em que entrava ao tocar em frango ao mesmo tempo que ouvia música super alta e ouvia alguém respirar?

O Hank tinha ligado os *Eagles*. «Peaceful Easy Feeling» soava no altifalante *bluetooth* da cozinha e o cheiro a alho e cebola fazia-me contar os minutos até o jantar estar pronto.

Havia qualquer coisa na comida, em como juntava as pessoas. Era por isso que o meu pai adorava cozinhar, mesmo depois de ter passado o dia inteiro a trabalhar no rancho. Quando era miúda, não podia escapar ao jantar em família. O Hank e a Teddy juntavam-se a nós pelo menos uma vez por semana, depois de o Hank terminar o dia no rancho.

– Como está a correr o enfardamento no rancho, Emmy? – perguntou o Hank quando nos sentámos à mesa. O Hank fora o braço direito do meu pai no Rebel Blue até deixar de ser fisicamente capaz, por isso conhecia o cronograma tão bem quanto o próprio Amos Ryder.

– Por acaso estamos um pouco atrasados, o que está a levar o Gus à loucura, mas ele põe tudo em dia durante a próxima semana.

– É um patrão e peras – comentou o Hank.

A Teddy resmungou. – Pai, por favor, não comeces com o teu discurso de «o Gus Ryder é um bom rapaz» no meu aniversário, *por favor*. Hoje é um dia sagrado.

– Vi o Amos a gerir o rancho durante anos. Costumava ser o braço direito, então sei o que é preciso para se ser mesmo bom, e o Gus vai fazer um bom trabalho. Era só isso que ia dizer.

– Ele faz um bom trabalho – disse eu. – Mas o pai gostava que ele não fosse tão rígido.

O Hank soltou uma gargalhada. – Ele é um bocado duro, não é?

– Eufemismo do século – murmurou a Teddy. – Já agora, enviei um *e-mail* ao Wes sobre uma decoradora que pode ser boa para o projeto – continuou ela para mudar de assunto. – Esteve nalgumas das minhas aulas de Moda antes de ser transferida. É talentosa e tem muitos seguidores nas redes sociais. Também pode ser boa forma de divulgar o rancho.

– O Wes não mencionou nada hoje, por isso vou falar com ele. Nem sequer sei se ele usa o *e-mail*.

Era bem verdade. Todos nós tínhamos um *e-mail* do Rebel Blue, mas acho que o Gus era o único que o usava regularmente. Era ele que insistia.

– Como é que ela se chama? – perguntei.

– O nome dela é Ada. É ótima. Lembra-me de te mostrar as redes dela mais tarde.

O Hank, tal como o Amos, tinha uma rígida política de «nada de telemóveis ao jantar».

Nós os três conversámos durante mais algum tempo, até que o Hank juntou as mãos tatuadas. Tinha «theo» nos nós dos dedos de uma mão e «dora» na outra. Estava coberto de tatuagens, mas sabia que aquelas eram as preferidas da Teddy, apesar de nunca ninguém a chamar «Theodora».

– Emmy, podes ajudar-me a levantar? – perguntou o Hank. – Tenho uma surpresa para a aniversariante.

A Teddy começou a levantar-se. – Pai, eu posso ajudar-te...

– Senta-me esse rabo, Theodora. É o teu aniversário. – Ajudei o Hank a levantar-se da cadeira.

– Aonde é que vamos? – perguntei.

– Só até à despensa.

Caminhámos nessa direção e o Hank abriu a porta. Moveu a caixa de cereais para revelar um prato com, supus, bolachas de aveia com chocolate, as preferidas da Teddy. Peguei no prato e entreguei-lho para que fosse ele a pô-las à frente da Teddy.

– Obrigado, Emmy – disse ele.

Voltámos para a mesa onde a Teddy estava impaciente à espera. O Hank, sorridente, pousou o prato de bolachas à sua frente.

– Quando é que tiveste tempo para fazer isto?

– Fiz ontem, enquanto estavas no trabalho. Tive de abrir as janelas todas para que não sentisses o cheiro quando chegasses.

– Obrigada, pai.

– Já lá vai algum tempo, por isso podem estar uma bela merda.

A Teddy pegou numa bolacha e deu-lhe uma dentada enorme.

– Estão perfeitas – disse ela. Estava com a voz apertada, como se estivesse a conter as lágrimas. – Raios, Hank. – Limpou uma lágrima do canto do olho. – Amo-te, velhote.

– Também te adoro, Ursinha. Agora, peço às duas senhoras para pegarem numa bolacha e se irem preparar. As bebidas de aniversário no Devil's Boot não se vão beber sozinhas.

O Hank inclinou-se e deu um beijo na testa da Teddy, antes de pegar na bengala pendurada nas costas da cadeira. A Teddy e eu levantámo-nos e vimo-lo chegar à cadeira na sala de estar antes de irmos pelo corredor até ao quarto dela.

O quarto da Teddy era uma extensão dela própria. O sonho de uma fã de decoração. Uma das paredes fora inspirada numa parede de galeria, mas não tinha quaisquer molduras ou peças de arte penduradas. Eram apenas desenhos de molduras, cheios de coisas que ela própria pintava.

Tinha um tapete axadrezado, preto e branco, no chão de carvalho, uma colcha de cor de esmeralda, um excesso de almofadas multicoloridas e mais pilhas de livros do que a biblioteca de Meadowlark.

– Meu Deus, só o meu pai para me fazer chorar por causa de uma fornada de bolachas – disse ela, a tentar livrar-se das lágrimas.

– Vou chorar por causa do raio das bolachas e nem sequer eram para mim.

– Não penses que essas lágrimas te vão safar de me contares o que aconteceu entre ti e o Brooks ontem à noite.

Resmunguei. Estava com esperança de que ela se tivesse esquecido. Querias...

Deitei-me na cama da Teddy e cobri a cara com o braço. Ela não se deixou dissuadir.

– Quero saber TUDO – exigiu.

– Porque é que tenho de te dizer, se já sabes? – choraminguei.

– Porque é divertido fazer-te admitir coisas. Além disso, se o disseses em voz alta torna-se mais real.

Ela fez uma pausa, à espera de que o dissesse.

– Tudo bem. Fui para a cama com ele. – Tinha razão. Tornou-se mais real depois de o ter dito em voz alta.

– Foste para a cama com quem?

– És tão, mas tão irritante. Sabias?

– Estou só a tentar certificar-me de que não me estás a enganar.

Virei-me de costas e olhei a minha melhor amiga nos olhos.

– Fui para a cama com o Luke.

Agora estava tudo cá fora e não podia fugir. Não que quisesse, mas tudo isto era tão novo para mim. Estava à espera de algum tipo de arrependimento ou que um mal-estar se instalasse na pele depois de contar à Teddy sobre nós, mas não foi isso que aconteceu.

Tudo o que sentia era... felicidade. Até satisfação.

– Eu sabia, foda-se. Quase me cegaste com o teu brilho. – A Teddy pôs as mãos sobre os olhos como se tapasse o sol.

– Isso não acontece na vida real – argumentei enquanto afastava as mãos do seu rosto.

– Acontece, sim! – respondeu ela, agarrando-se à minha mão para que eu tivesse menos um braço com que tapar os olhos. A Teddy não me ia deixar esconder. – E estás mesmo a brilhar. Quantos orgasmos foram necessários para o conseguir? Três? Quatro?

– Cinco – murmurei.

– Cinco?! – A Teddy abanou a cabeça em sinal de incredulidade e tive de soltar uma gargalhada.

– Podia ter tido mais – comecei –, mas o Wes interrompeu-nos abruptamente quando bateu à porta da cabana esta manhã.

Os olhos da Teddy arregalaram-se e a boca dela abriu-se.

– Por favor, diz-me que o teu irmão *não* apanhou o Brooks na tua cama. Suponho que não, tendo em conta que não ouvi nenhuma notícia sobre um homicídio. Não que o Wes fosse matar alguém, mas a partir do momento em que contasse ao Gus estava tudo lixado.

– Não, obriguei o Luke a esconder-se na casa de banho, mas abri a porta com a *t-shirt* dele vestida, sem me aperceber.

O queixo da Teddy ainda estava no chão.

– A tua sorte foi ele ter escolhido uma *t-shirt* preta simples, caso contrário estarias tão fodida. E não da maneira como foste fodida ontem à noite. – Senti o rubor a subir-me pelo pescoço. Ela não estava errada. – Então, o que é que vais fazer agora? Vocês são, tipo, um casal?

Era esta a pergunta que tanto temia, mas sabia que ia chegar.

– Não sei – disse. Continuava a pensar no que o Luke tinha dito, que gostava de mim e que não queria ser o meu segredo. – Ele disse que quer ver onde isto vai dar.

– O que é que disse mais? Estás a esconder qualquer coisa.

Adorava esta rapariga, mas caraças para o seu detetor de mentiras, irritava-me tanto.

– E posso saber como é que tu sabes isso? – perguntei.

– Porque parece que estás com prisão de ventre.

– *Ok*, é justo. Ele disse... – hesitei por um segundo. – Ele disse que não queria ser o meu «segredinho sórdido».

A Teddy deitou-se na cama ao meu lado.

– É isso que tu queres que ele seja?

– O quê? Não, claro que não. – E não estava a mentir. Ainda não sabia o que queria do Luke, mas definitivamente não era isso. – Foi só tudo... demasiado. Há três semanas, se alguém me pedisse, daria um murro na cara do Luke Brooks, sem reservas. Mas, agora, ele diz-me que gosta de mim, a forma como me beija faz-me flutuar, e não estou a saber lidar.

As palavras saíram-me da boca sem me dar hipótese de respirar. Assim que comecei, não consegui parar. Voltei a tapar os olhos.

– Não quero que ele sinta que o estou a esconder, mas também não quero anunciar ao mundo e ver a amizade dele com os meus irmãos implodir enquanto estou só a processar tudo. Porque a verdade é que não o conheço assim tão bem. E não sei se isto é tão real como parece quando estou com ele.

A Teddy soltou um assobio baixo. – É muita coisa para assimilar, não é?

– Sim – suspirei.

– Ele não te pediu para ires logo a correr contar aos teus irmãos, pois não?

– Não.

– Ótimo, porque é razoável que precisas de algum tempo e é razoável que ele partilhe as suas preocupações. Certo?

Finalmente, abri os olhos e olhei para o teto da Teddy. – Certo.

– Muito bem. Vamos fazer o seguinte: hoje à noite não nos vamos preocupar com isto. Sei que sentes que precisas de tomar já uma decisão, mas não tens. Ao fim de alguns dias, tudo parece diferente – dá um pouco de tempo ao teu cérebro para processar tudo. *Ok?*

– *Ok.* – Virei o pescoço para poder olhar para a Teddy, deitada ao meu lado na cama. – Desculpa este míni devaneio.

– Acho que devias ter mais. São saudáveis. Estou feliz por estares a falar comigo sobre isto, Em. Não tens de passar por isto sozinha – voltar para casa, descobrir o que fazer a seguir e, inesperadamente, sentir algo pelo melhor amigo do teu irmão... é muita coisa ao mesmo tempo.

E a Teddy nem sequer sabia a missa pela metade. A culpa atormentava-me por tudo o que não tinha contado à minha melhor amiga.

Só precisava de algum tempo.

– Queres ir a outro sítio hoje à noite? Para teres espaço?

O plano era ir ao Devil's Boot com a Teddy e algumas das suas amigas do trabalho.

Se calhar era esperado eu querer espaço do Luke, mas não queria. Queria vê-lo, vislumbrá-lo através do interior sombrio do Devil's Boot. Queria ir. Mesmo sem o Luke, era o único sítio divertido aqui, e sabia que a Teddy adorava.

A dualidade da Teddy consistia em ser o centro das atenções e estar constantemente a concentrar-se nas necessidades e no conforto dos outros. Precisava de prestar mais atenção às necessidades dela. Ela desistiria de bom grado do Devil's Boot e de todos os planos de aniversário se pensasse, nem que por um segundo, que eu não queria ir, mas queria.

Abanei a cabeça, dizendo-lhe que não queria ir a mais lado nenhum.

A boca dela esticou-se num sorriso.

– Que bom. Espera até o Brooks te ver com o vestido que eu fiz.

– Não é um bocadinho estranho que tu *me* tenhas feito um vestido para o *teu* aniversário? – A Teddy olhou para mim como se fosse a coisa mais estúpida que alguma vez me tivesse saído da boca. – *Ok*, esquece.

A Teddy foi até ao armário e tirou um saco de roupa preto. Levou-o para a cama e colocou-o no lugar de onde tinha acabado de sair.

– Abre-o antes que expluda – disse a Teddy.

Sentei-me e puxei o fecho do saco de roupa. De imediato, deparei-me

com uma linda e rica cor carmesim.

Tirei-o para fora e vi um vestido de verão simples, mas muito bem desenhado. Parecia que ia ficar um pouco abaixo do meio das minhas coxas. O corpete era justo, com um decote quadrado em forma de sereia e alças grossas. A Teddy sabia que eu gostava deste tipo de decote e alças contra as clavículas – tal como o do fato de banho que tinha usado com o Luke. Tinha sido a Teddy que mo tinha ajudado a escolher.

– Teddy, é lindo. Adoro-o.

– Eu sabia. O vermelho é a tua cor, mas não o usas muitas vezes. – Nem sequer me lembrava de outra coisa vermelha que tivesse além do fato de banho.

Talvez uma das velhas *t-shirts* da *Budweiser* do Gus? Não tinham nada a ver com isto.

– E sei que o linho faz com que o teu cérebro se sinta arranhado, por isso a parte de cima é forrada com malha. Mas é muito leve, não vais ficar com calor.

– Adoro-o tanto. Obrigada. – Dei um abraço à Teddy. – Mal posso esperar por o vestir.

– Ainda não – disse a Teddy. – Antes de o vestires, temos de fazer a cena de mudança de visual de aniversário-barra-comédia-romântica. Vai ser o grande final.

– Ai temos?

– Sim. Temos de garantir que recebo a prenda que quero.

– Que prenda?

– Ver o Luke Brooks a cair para o lado assim que te meter os olhos em cima.

19

Luke



Passei o dia atordoado no Devil's Boot. Deixei uma cadeira cair mais do que uma vez quando o Joe e eu as tirávamos das mesas, lixei o inventário e quase deixei cair uma prateleira com copos limpos. Não conseguia acreditar no que tinha acontecido ontem à noite. E esta manhã.

Só pensava na Emmy Ryder.

Antes de ontem, podia negá-lo, mas agora já não. Foi mais do que o sexo, que foi, obviamente, fenomenal; foi como me senti quando acordei com ela aconchegada a mim de manhã e como poderia ter ficado ali todo o dia.

Não acordava ao lado de mulheres. Ia-me embora antes de o sol nascer e nunca me arrependi de partir. Não era assim com a Emmy. Queria acordar ao seu lado todos os dias.

Nem me façam falar de como ela ficava na minha *t-shirt*.

Teria passado o dia inteiro na cama dela se o Wes não tivesse batido à porta.

Foi por pouco, foda-se.

Mas preferia que fosse o Wes a apanhar-nos em vez do Gus. Gostaria muito de viver até aos quarenta.

– Por onde anda a tua cabeça? – A voz do Joe interrompeu-me os pensamentos.

– O... o quê? – perguntei. Estava a arrumar os copos debaixo do bar e o Joe estava a dar uma última limpeza às mesas antes de abrirmos.

– Tens andado distraído o dia todo. O que é que se passa?

– Nada. Só não dormi muito a noite passada.

O Joe sorriu. – Então é uma rapariga? É isso que te preocupa?

Deixei escapar um suspiro. – Sim. É uma rapariga.

– Acho que nunca te vi tão preocupado por causa de uma rapariga. Deve ser especial.

– É, sim – disse sem hesitar. A Emmy era tudo.

– Ela também te acha especial?

Disse-o com sarcasmo, mas hesitei. Não sabia. O Joe voltou a falar antes de eu ter oportunidade de responder:

– Ah. Então é isso que te perturba. Não sabes o que ela sente por ti.

– Algo desse género. – O Joe ergueu as sobrancelhas, à espera de que continuasse. – Acho que a pressionei demasiado.

– Não me estás a dar muita informação, miúdo.

Não sabia como explicar ao Joe que me estava a apaixonar pela única mulher do mundo por quem não me podia apaixonar.

– É tudo muito, muito novo. Para os dois. Mas acho que estou pronto para mais do que ela e não a quero apressar.

– Bem, raios me partam – disse o Joe enquanto abanava a cabeça.

– O quê?

– Gostas mesmo dela. – O olhar no rosto do Joe era um misto de felicidade e descrença. *Acredita, Joe. Sinto o mesmo.*

– Gosto – admiti. Gostava da Emmy. Mesmo muito.

– Queres o meu conselho? – perguntou o Joe. – Concedo que possa não valer grande coisa.

– Aceito tudo o que me derem.

Tinha de ter em conta que a pessoa com quem normalmente falaria sobre este tipo de cenas – se estas cenas me acontecessem mais vezes – seria o Gus.

– Ela pode não estar preparada e não faz mal. Continua a aparecer. Em vez de lhe dizeres o que sentes, continua a mostrar-lhe. As ações falam mais alto do que as palavras e essas merdas.

Podia fazer isso. Fá-lo-ia. De qualquer forma, não era muito bom com palavras.

– É mesmo um bom conselho. Obrigado, Joe.

– Não há problema. Agora, para de pensar na morte da bezerra. Abrimos daqui a vinte minutos.

O Devil's Boot estava de loucos. As sextas-feiras eram sempre movimentadas, mas caramba, isto era outra coisa. A banda estava atrasada, mas já tinham tudo montado e tinham dito que iam começar a tocar nos próximos cinco minutos.

Se os meus clientes não ouvissem Waylon Jennings em breve, teria um motim em mãos.

Tinha um empregado de bar a mais esta noite, o que me deixava

descansado. Ficava livre para limpar mesas e andar para trás e para a frente a tratar de coisas no bar.

Enquanto corria, reparei num clarão vermelho numa das mesas.

Era a Emmy. *Foda-se*.

Tinha um vestido da cor do fato de banho que já me tinha deixado louco nas nascentes. Agarrava-se às mamas e ao tronco antes de alargar ligeiramente na cintura. Metade do cabelo estava preso, mas não seria a Emmy sem madeixas à volta do rosto.

Tinha calçado um par de botas de *cowboy* castanhas, diferentes das pretas que usara na primeira noite em que a vi no bar.

O vestido que trazia parecia ter sido feito para ela, mas o que realmente me chamou a atenção foram os lábios vermelho-sangue. Nunca os tinha visto assim.

Queria arruinar aqueles lábios vermelhos, com a minha boca ou com a minha pila. Não era exigente. As minhas calças de ganga apertaram. Já era difícil controlar a reação do meu corpo à Emmy antes de dormirmos juntos, mas agora que o tínhamos feito – foda-se – queria-a tanto.

Abanei a cabeça. A Emmy estava numa mesa com mais algumas raparigas. Reconheci-as da cidade, mas não sabia os nomes. Não vi a Teddy, o que significava que provavelmente andava a enganar homens pelo meu bar.

Desviei os olhos da Emmy. Ela não tinha reparado em mim e eu queria que ela se divertisse com as amigas hoje à noite. Afinal de contas, era o aniversário da Teddy.

Voltei para o bar onde, de certeza, encontraria a Teddy a flirtar com os meus clientes habituais, a babarem-se ainda mais do que o habitual, provavelmente por causa da bandolete que trazia e da faixa a dizer «Aniversariante».

Consegui quatro bebidas que não pagou e levou-as de volta para a mesa onde a Emmy e as outras raparigas estavam à espera.

Queria falar com a Emmy só uma vez, por isso fui para trás do bar e comecei a fazer algo que nunca faço: *shots* de *lemon drop*¹². Seria algo que um grupo de raparigas num bar a festejar um aniversário beberia, certo?

Fosse como fosse, estava a fazê-lo.

Terminei os *shots*, coloquei-os num tabuleiro e dirigi-me à mesa da Emmy. E era só isso. Era tudo o que ia fazer. Levar *shots* para ela e para as amigas e, depois, deixá-la-ia em paz o resto da noite.

A Emmy viu-me quando estava a alguns passos da mesa. Sorriu-me e quase deixei cair o maldito tabuleiro.

– Senhoras – cumprimentei. Senti-me um idiota. – Ouvi dizer que era

o aniversário de alguém.

– Sim, *deve ser* por isso que nos trazes bebidas à borla – disse a Teddy com sarcasmo, mas os meus olhos estavam na Emmy.

Os meus olhos estavam sempre na Emmy.

– Posso levá-las de volta – disse, olhando de relance para a Teddy.

– Ignora-a – disse a Emmy. – Ficamos com elas.

Pousei o tabuleiro no meio da mesa e cada uma pegou num copo de *shot*.

– Brooks – começou a Teddy –, isto é uma porra de um *lemon drop*?

O sorriso da Emmy cresceu.

– Sim – disse, envergonhado.

– E não disseste nada todos estes anos?! Nem sequer sabia que fazias isto aqui.

As duas mulheres do outro lado da mesa riram-se.

– É só hoje. Não te habitues.

– Obrigada – disse a Emmy. Olhou para a Teddy. – Diz «obrigada», aniversariante.

– Obrigada, Brooksy. Foste muito querido.

As raparigas aplaudiram, bateram com os copos de *shot* na mesa e beberam-nos. Observei a garganta da Emmy enquanto ela engolia.

Raios a partam. Tudo o que ela fazia me dava tesão.

Puseram os copos de volta no tabuleiro e peguei nele.

– Feliz aniversário, Teddy – disse, e depois pisquei o olho à Emmy, enquanto me afastava.

A forma como ela corou deu-me mais prazer do que devia.

Fiquei de olho na Emmy durante toda a noite. Não de maneira sinistra – apenas duma maneira «gosto mesmo de ti e acho que és a mulher mais bonita do mundo».

Depois do *shot* que lhe levei, não bebeu muito, apenas bebericou outra bebida, até chegar ao meu balcão com aquele vestido vermelho. Nem deixei que outra pessoa lhe fizesse uma bebida. Quase derrubei o Joe, ao tentar chegar até ela.

Fiquei do outro lado do balcão.

– O que é que te posso arranjar, boneca?

– Bebe um *shot* comigo.

A resposta dela surpreendeu-me. Estava a olhar para mim com tesão e não consegui dizer-lhe que não. Tirei dois copos de *shot* de debaixo do balcão.

– Escolhe o teu veneno.

– Tequila, por favor.

Virei-me e peguei na garrafa mais bonita do bar, servindo um *shot* para cada um antes de deslizar o dela pelo balcão.

– A que é que vamos brindar? – perguntei.

– A novos começos.

Tentei não dar muita importância. Batemos os copos e engolimos os *shots*, mantendo sempre os olhos fixos um no outro.

Foda-se.

Foi um milagre não a ter fodido em cima do bar naquele preciso momento. O Joe podia agradecer-me por isso mais tarde.

A Emmy levou uma das mãos à boca para limpar uma gota de álcool no canto dos lábios. Quem me dera ter feito isso.

Precisava de lhe tocar.

– Quanto é que devo?

– Oferta da casa.

– Tens a certeza?

Inclinei-me sobre o balcão e com dois dedos fiz um gesto para que ela se aproximasse. Chegou-se perto de mim e, finalmente, estava numa posição em que podia falar com ela sem que ninguém ouvisse.

– O teu agradecimento pode ser deixares-me rasgar esse maldito vestido mais tarde. – Mesmo com a banda a tocar e os clientes a cantar, conseguia ouvir a respiração da Emmy.

Afastei-me dela, voltando à minha posição do outro lado do bar.

– Combinado – disse ela, antes de se virar e voltar para ao pé das amigas. Esbarrou contra algumas pessoas como se estivesse atordoada e não visse por onde andava.

Ela tinha um grande efeito em mim e gostava de ver que também tinha nela. Mas depois esbarrou contra um homem que não reconheci, o que era raro, e ele pôs-lhe a mão na cintura para a segurar. Da última vez, tinha sido o Kenny Wyatt, e agora este cabrão.

Na minha cabeça, dei-lhe dois segundos para tirar a mão antes de eu a tirar por ele. Ele tirou.

Ótimo.

Rolei os ombros para trás e para baixo, tentando manter os ciúmes sob controlo, mas a forma como ele lhe sorriu fez-me ver vermelho, e não o bom tipo de vermelho, como o vestido da Emmy. Vi a Emmy pedir desculpa por ter chocado contra ele e voltar para a mesa.

Ele observou-a.

La ter de ficar atento.

A hora seguinte foi um turbilhão. Esta noite foi mesmo uma loucura.

A banda estava a tocar *country* dos anos noventa, e não havia nada que pudesse animar um bar como Alan Jackson.

Toda a gente estava muito bêbeda e barulhenta. Aparentemente, todos tinham vindo celebrar o aniversário da Teddy.

Foi mais ou menos a meio da «Good Time» que reparei que o homem que tinha posto a mão na Emmy se tinha dirigido à mesa dela com amigos. Estava vestido de ganga com ganga.

Que idiota.

Só estão a falar, Luke. Acalma-te.

A Teddy e as outras raparigas estavam obviamente a namoriscar. Já tinha estado do outro lado e trabalhado aqui tempo suficiente para saber como as coisas eram. O Dupla Ganga estava a falar com a Emmy, mas ela estava sempre a olhar para a Teddy e a afastar-se.

Ela não estava interessada. *Ótimo.*

Dirigi-me para a extremidade do bar mais próxima da mesa dela, dizendo a mim próprio que era ali que tinha de estar para limpar os copos. Uma treta, mas não quis saber. Foi nessa altura que o Dupla Ganga tentou a sua sorte. Pôs uma das mãos no joelho da Emmy, cruzado sobre a outra perna. Ela afastou-o, mas ele voltou a pôr a mão.

Foda-se, nem pensar.

Cheguei à mesa deles em três segundos.

– Tira a merda da mão de cima dela. – Os olhos do Dupla Ganga dispararam para mim. Parecia surpreso, mas não se mexeu. – Agora. – A minha voz estava irreconhecível.

– Ei, acalma-te, meu. Estávamos só a falar.

– Não me parece que ela queira falar contigo, *meu*.

O Dupla Ganga olhou para a Emmy, que estava a olhar para mim com ar chateado.

Não queria saber.

– Estamos bem, não estamos, querida?

Já chega. Dei um passo até ele para poder agarrá-lo pelo colarinho da estúpida camisa de ganga e pô-lo de frente. Era uns centímetros mais baixo do que eu, por isso puxei-o para a ponta dos pés.

– Pega nos teus amigos e sai do meu bar.

– Não podes estar a falar a sério, meu.

– Estou a falar muito a sério, caralho.

Empurrei-o para trás e o Joe, que tinha aparecido do bar, apanhou-o antes de ele cair no chão. Acho que o empurrei com mais força do que pensava. Tentou atirar-se a mim, mas o Joe agarrou-o.

– Não vamos fazer uma cena, rapazes. Vão-se embora agora e a vossa última rodada é por conta da casa – disse o Joe.

O Dupla Ganga tirou as mãos do Joe de cima dele.

– Vamos lá. Este sítio é estúpido como o caralho e esta cabra não vale a pena.

Antes de ele se começar a afastar, agarrei-o pelo ombro e dei-lhe um murro. Com força. O meu punho acertou-lhe na cara com um *estalido* horrível e o Dupla Ganga ficou estendido no chão durante alguns segundos.

Voltou a levantar-se e veio ter comigo. Apanhei-lhe o punho na mão – deu um murro fraco – e torci-lhe o braço atrás das costas. Ele estava virado para a Emmy, mas certifiquei-me de que não estava suficientemente perto para lhe poder tocar.

– Pede desculpa – disse, a salivar.

– Mas que merda é esta, meu. Qual é o teu problema?

– Pede desculpa – disse outra vez. O Dupla Ganga tentou virar-se para trás e olhar para mim, mas apertei-lhe o braço e torci-o. Ele voltou a olhar para a Emmy, que tinha o maxilar cerrado e os lábios franzidos.

– Desculpa – disse o Dupla Ganga.

– Agora saiam do meu bar.

Empurrei-o para ao pé dos amigos, que pareciam todos cagados.

– Desculpa, meu. Vamos sair daqui. – Era um dos amigos do Dupla Ganga. Que raio. Quase me senti mal por ter dado um soco no gajo, tendo em conta o quão assustados os amigos pareciam, mas ninguém falava assim com a Emmy e saía impune.

Os quatro saíram e quando a porta se fechou atrás deles, o bar inteiro irrompeu numa ovação. Parece que quando o dono do bar dá um murro a alguém, as pessoas acham que é mais do que merecido.

Olhei para a Emmy, que tinha os braços cruzados e olhava para mim de modo pouco amigável. Em vez de lhe dar a oportunidade de gritar comigo à frente de toda a gente, que já tinha voltado ao que estava a fazer antes do murro, levantei-a da cadeira e atirei-a para cima do ombro como um saco de batatas, tendo o cuidado de segurar o vestido para que ninguém visse o espetáculo de borla. Agora era a Teddy a aplaudir.

A aniversariante tinha um sorriso enorme no rosto.

Conhecendo-a, provavelmente orquestrou tudo.

A Emmy Ryder era minha e ia prová-lo agora mesmo.

– Brooks! Põe-me no chão agora, seu neandertal. Estás a gozar comigo?

– Não pode ser, boneca – respondi enquanto atravessava o bar com ela ao ombro. Ela batia com os punhos nas minhas costas. Que fofinha.

- És um louco do caraças, sabias?
- Só por ti.
- Oh, meu Deus, põe-me no chão!

Continuou a protestar, mas ignorei-a. Não a pus no chão até chegarmos ao meu escritório e a porta estar fechada e trancada atrás de nós. Baixei a Emmy gentilmente e, assim que os seus pés tocaram no chão, ela empurrou-me.

– O que raio se passa contigo? Não podes andar por aí a bater nas pessoas só por falarem comigo.

– Ele meteu as mãos em cima de ti, querida. Ninguém põe as mãos em cima de ti.

– Este é o mundo real, Brooks, não a merda de um romance. Não preciso de que me salves de um merdas num bar. Eu sei tomar conta de mim.

A Emmy olhou-me fixamente. Os seus olhos queimavam-me e adorava a sensação.

– Óbvio que sabes tomar conta de ti.

– Então, porque é que atacaste um dos teus *clientes* como se fosses uma espécie de *cowboy* justiceiro?

Agarrei a Emmy pela cintura e empurrei-a contra a porta do escritório. Coloquei-lhe a boca na garganta e substituí-a pela mão quando cheguei aos lábios. Dei-lhe um beijo rápido e encostei a minha testa à dela.

– Porque sim, boneca. Ver outra pessoa a tocar-te deixou-me louco – sussurrei.

O peito da Emmy arfava. A raiva nos seus olhos tinha-se transformado noutra coisa. – N-não podes fazer i-isso – gaguejou ela.

Levei a outra mão até à bainha do vestido, antes de a enfiar por baixo e lhe tocar na pele macia da coxa. – Porque não?

– P-porque não. B-bater nas pessoas é m-mau.

Ri-me e levei a mão mais para cima, até às cuecas. Ou, pelo menos, onde deveriam estar.

Foda-se.

– Queres saber o que é mau? Trazeres esta cona nua para o meu bar que nem uma putinha perfeita.

A Emmy gemeu. *Foda-se.* Ela deixava-me louco.

Provoquei-a com os dedos. – Estás a pingar para mim, boneca. Há quanto tempo estás assim? Carente e desesperada?

O som da banda abafou tudo o que acontecia fora do escritório. Agora éramos só nós.

– Desde que te vi atrás do bar.

– A sério? Foi por isso que vieste beber um *shot* comigo? Para que desse atenção à tua cona carente?

– Estava com sede.

Nesse momento, peguei na garrafa de *whisky* na mesa ao lado da porta e tirei a rolha com os dentes.

– Tens sede? Ainda tens sede, boneca? – Ela acenou com a cabeça. – Abre a boca – ordenei.

Ela abriu imediatamente e a minha pila, já dura, estremeceu ao ver a boca aberta, pronta para receber tudo o que lhe desse.

Bebi um gole de *whisky* antes de pousar a garrafa na secretária, mas não engoli. Inclinei-me para a Emmy, com a mão na sua garganta, mantendo-a presa à porta do meu escritório, e cuspi-lhe o *whisky* na boca.

Ela engoliu.

Senti a garganta dela a trabalhar sob o meu aperto. *Foda-se*. Ela era tudo.

Passei a mão por baixo do vestido dela e os olhos rolaram para trás quando deslizei a ponta do meu dedo entre ela. Começou a mexer as ancas, mas afastei rapidamente os dedos. Os olhos dela abriram-se.

– Mas que raio? – exclamou ela.

– Tu é que estavas zangada comigo, boneca. Não quero que faças nada de que te arrependas – disse com um sorriso. Adorava provocá-la. Chupei-a dos dedos, o gosto dela misturou-se com o calor do *whisky*, antes de lhe soltar a garganta e me afastar. A minha pila estava dolorosamente dura dentro das calças.

– Estás a brincar comigo? – A Emmy ofegou.

– Não.

– Por favor?

Meu Deus, adorava ouvi-la a implorar por mim. Era um lembrete de que ela me queria tanto quanto eu.

– Também estiveste a beber – disse, embora soubesse que ela não estava bêbeda – provavelmente nem sequer alegre.

– Bebi dois *shots* e metade de uma bebida com *vodka* e, sem ofensa, mas os teus *shots* de *lemon drop* são fraquinhos.

Sorri. – Achas que insultar os meus dotes de barista vai-me fazer mudar de ideias?

– Depende do que gostas – disse ela timidamente.

– Só de ti.

A Emmy diminuiu a distância entre nós, pressionou as mamas contra o meu peito. – Se não me tocas, então deixa-me tocar-te.

Foda-se. A Emmy desceu a mão pelo meu peito e passou por cima da

protuberância dura das minhas calças.

Eu saltei. Ela riu-se.

– Devias deixar-me tratar disto – disse ela docemente. Que merda. Como é que isto aconteceu? *Socorro, socorro*. Perdi o controlo da situação.

– E-eu estou bem.

Agora era eu quem gaguejava. A Emmy esfregou a mão nas minhas calças, exercendo pressão. Começou a empurrar-me para a secretária. Deixei-me ir, até as minhas pernas baterem na borda. Ela pôs-se em bicos de pés e deu-me um beijo rápido antes de – *merda* – se meter de joelhos. Consegua ver bem pelo decote abaixo do vestido vermelho. Começou a desapertar-me o cinto.

– Posso?

Será que ela pensava mesmo que eu ia dizer que não? Todas as palavras me tinham, temporariamente, abandonado o cérebro quando vi aquela mulher de joelhos.

Tudo o que consegui fazer foi acenar com a cabeça.

– Diz-me que sim, Luke – disse. As coisas tinham mesmo dado a volta esta noite, não tinham?

– Sim, boneca. Vamos ver como ficas com a minha pila na boca.

A Emmy conseguiu desapertar-me o cinto e as calças em segundos. Inclinou-se e arrastou a língua pelo meu comprimento, por cima das cuecas, antes de as puxar para baixo. A pila soltou-se. A sacana tentou saltar-lhe pela garganta abaixo, mas ela ainda nem me tinha posto dentro da boca.

Em vez disso, ela agarrou-me a pila com uma mão e inclinou-se, lambendo lentamente o líquido da cabeça. Não pude evitar o gemido que saiu da minha boca quando senti a língua. Continuou a lambar e bateu a base da minha pila com a mão. Meu Deus. Assim ainda me vinha antes de ela ir mais longe.

Acalma-te, Luke. Pensa noutra coisa, qualquer coisa que não seja a rapariga que está prestes a meter a tua pila na boca. Recitei uma lista de coisas pouco sensuais na minha cabeça. *Voo perdido no aeroporto, frigorífico avariado, vacas a dar à luz.*

Está bem. *Ok*. Era capaz de fazer isto. Tinha a certeza... até que a Emmy pôs a pila na boca e me levou ao auge.

– Fooooda-se, Emmy. És linda.

Nunca me considereei um gajo muito vocal, mas tudo mudou com a Emmy. Encontrei alguma resistência na parte de trás da sua garganta e ela rugiu com frustração.

Ajustou a altura e senti a sua língua a mexer-se. Deslizei-lhe mais para

dentro da boca e ela começou a mover a mão e a boca sobre mim.

– Adoras engasgar-te na minha pila, não é? – disse. A minha voz estava rouca e a minha garganta apertada. A Emmy olhou para mim através das pestanas grossas e acenou com a cabeça tanto quanto conseguiu.

Queria que a imagem dela de joelhos com os lábios vermelhos à volta da minha pila fosse projetada na porra da minha lápide.

Enfiei a mão no cabelo dela, tentando lembrar-me de ser gentil, mas quando empurrei o pau para o fundo da sua garganta, ela gemeu. Tinha deslizado a mão que não estava a bater a minha pila por baixo do vestido. Estava a tocar-se.

– Chupar a minha pila excita-te, querida? Queres te foda a boca toda?

A Emmy tirou-me a mão do pau e colocou-a no meu rabo, para me empurrar mais fundo.

Não aguentei. Agarrei-lhe o cabelo com as mãos e investi contra a boca dela. *Jesus Cristo*, ela era perfeita. Ambos estávamos a gemer. Porra, ela sabia tão bem, mas não me queria vir na sua boca. Não esta noite.

– Preciso de me vir dentro de ti, boneca. Deixa-me encher-te de novo.

Estava obcecado em marcar a Emmy. Ela continuou, mas eu baixei-me e levantei-a para mim, puxando-lhe os lábios para os meus com força. O nosso beijo foi duro, como se cada um de nós estivesse a ver o quanto o outro conseguia aguentar.

A Emmy recuou primeiro.

– Não acabei – murmurou.

Coloquei-a à minha frente de modo que ficasse presa entre mim e a secretária, com as costas encostadas a mim.

– Neste momento, a única coisa que quero mais do que me vir na tua boca é encher a tua cona perfeita. – Precisava que ela me desse o *ok* antes de nos deixarmos levar. – Queres que te foda em cima desta secretária, boneca? Posso?

– Sim, Luke. Por favor.

Graças a Deus, foda-se. Empurrei a Emmy para baixo, para que ficasse dobrada sobre a secretária e levantei o vestido que me tinha provocado toda a noite. – Este vestido tem-me torturado.

– Usei-o só para ti.

– Ótimo. Se o usasses para outro homem, teria de o matar.

Ela riu-se, mas não estava a brincar. Passei as mãos pelo rabo dela, e os meus polegares abriram-na. Estava molhada e a brilhar. Tudo para mim. Comecei a penetrar com a pila no calor húmido.

Vi estrelas.

Agarrei-lhe as ancas e entrei devagar, esta posição ia ser intensa para ela. Sabia que era grande. Quando estava completamente dentro dela, fiz uma pausa.

Merda, estava-me quase a vir. *Não*. Não antes de ela se vir também.

Frigorífico avariado. Frigorífico avariado. Frigorífico avariado.

A Emmy empurrou o rabo contra mim.

– Não te mexas – disse, irritado. – Dá-me só um minuto. – Fechei os olhos.

– Está tudo bem aí atrás?

Conseguia-lhe ouvir o sorriso na voz. Adorei-o, foda-se. Adorava vê-la feliz.

– Sim – suspirei. – Estou bem.

O perigo tinha passado.

– Então, por favor, começa a mexer-te antes que eu perca a cabeça.

Não precisava de pedir duas vezes. Afastei-me um pouco e depois voltei a enfiar-me nela. Com força.

Repeti de novo, e de novo.

A Emmy gritou.

– Sim, Luke, assim mesmo. Fode-me, por favor.

Pedia-o sempre tão gentilmente. Pensei naquele tipo a pôr-lhe a mão em cima. A minha próxima investida foi mais forte. Sentia a secretária a mover-se pelo chão, mas não me importava. Tudo o que importava era eu e a Emmy e o sítio onde estávamos ligados.

Puxei-a de volta para mim para que ficasse de pé. Levei-lhe os dedos ao clitoris e comecei a acariciá-lo enquanto a fodia. A cona dela apertou-se à volta da minha pila como se estivesse viciada. Ela agarrou a mão na anca e moveu-a para cima das mamas e para a garganta.

Foda-se.

Apertei-lhe levemente a garganta, exercendo uma ligeira pressão nos lados. A cabeça da Emmy caiu para trás contra o meu ombro.

– Sim, sim, sim – sussurrou. – Vai mais fundo, Luke.

– Foste feita para mim – disse-lhe. E penetrei-a, ainda com mais força. – Diz-me que és minha, Emmy. – Precisava de o ouvir.

– Sou tua.

– É isso mesmo, boneca. Sou o único que te pode ter assim.

– Eu vou... – Não chegou a terminar porque entrámos os dois em combustão ao mesmo tempo. Vim-me dentro dela, as minhas investidas mais curtas e superficiais.

Estávamos a respirar pesadamente e uma das alças do vestido da Emmy

tinha-lhe caído do ombro. Sai lentamente de dentro dela e vi-nos a escorrer pelas suas coxas abaixo.

– Fica aqui – disse-lhe. Enfiei a pila ainda dura nas calças e peguei alguns lenços de papel antes de voltar para ao pé da Emmy. Limpei-lhe suavemente as coxas e voltei a baixar-lhe o vestido sobre o rabo.

Ela virou-se e abracei-a. Abracei-a, beijei-lhe o cabelo e a testa. Ela suspirou. Parecia... satisfeita. Fez com que o meu coração disparasse.

Arrastei as mãos pelos seus braços e trouxe uma das suas à minha boca, para lhe beijar a palma antes de entrelaçar os nossos dedos. Levei-a até ao sofá ao lado da minha secretária. Sentei-nos. Deitei-a no meu colo, coloquei a cabeça dela debaixo do queixo e continuei a fazer-lhe círculos nos braços e nas costas, feliz da vida por a poder segurar.

– Luke? – disse ela baixinho.

– Sim, boneca?

– Gosto mesmo de ti.

– Tens a certeza de que isso não é só a dopamina que acabámos de produzir a chegar ao cérebro? – perguntei em tom de brincadeira, enquanto tentava não pensar demasiado na sua confissão.

Ela levantou a cabeça e olhou-me nos olhos.

– Não. Quero que saibas que gosto de ti. Não sei exatamente quando vou estar pronta para contar à minha família, mas *vou* contar-lhes. Só preciso de um pouco de tempo, está bem?

Esta mulher tinha-me a comer da palma da mão e nem o sabia. Levantei a mão para lhe acariciar a cara.

– Leva o tempo de que precisares. Não queria pressionar-te esta manhã – disse, honestamente. A Emmy valia a pena a espera. Tinha estado trinta e dois anos à espera dela sem o saber e ela tinha estado sempre à minha frente.

– Não o fizeste. Só demoro mais tempo a processar do que um humano comum.

Voltou a enfiar a cabeça debaixo do meu queixo.

A Emmy Ryder podia gostar de mim, mas foi nessa altura que soube que me estava a apaixonar por ela.

20

Emmy



No dia seguinte, tinha de ir à cidade com o meu pai para tratar de recados. Quando entrei pela porta das traseiras da Casa Grande, estava à minha espera na cozinha.

Pelos vistos, uma das enfardadeiras de feno ainda estava a funcionar mal. Já estávamos atrasados no enfardamento e, graças a isso, a veia da testa do Gus estava a trinta segundos de rebentar. Mas o Amos não era assim. O homem continuava firme como sempre.

Cumprimentou-me com um abraço. Adorava os abraços do meu pai. Não dava daqueles fraquinhos. Sempre que nos abraçava, fazia-o como se fosse a última vez.

– Então, docinho. Estás pronta?

– Bom dia. Sim, vamos embora.

Fomos até à carrinha dele. O meu pai era fã da *Ford*. Pessoalmente, eu tinha uns certos problemas com o gajo que criou a semana de trabalho de quarenta horas, mas não era para ali chamado.

Estava uma manhã fresca, um claro sinal da chegada do outono. Willie Nelson tocava suavemente nos altifalantes da carrinha. Olhei para o parabrisas da frente. Só se viam árvores verdes e o céu azul pintado. Dentro de um mês ou dois, as folhas das árvores iriam mudar, transformando esta paisagem verde e azul em fogo.

– Como estão a correr as coisas? Estás a adaptar-te bem? – perguntou o meu pai.

– Sim, estou.

– Há quanto tempo estás por aqui? Há pouco mais de um mês?

Com esta simples pergunta, percebi imediatamente porque íamos à cidade sozinhos. Sim, o meu pai queria passar algum tempo comigo, mas

também queria saber quais eram os meus planos.

– Sim, há mais ou menos um mês.

– Presumo que saibas o que vou perguntar a seguir, docinho.

Deixei escapar um suspiro. – Não sei, pai.

– Isso é invulgar para ti. – E era. Eu estava sempre a pensar no que viria a seguir. – O que é que se passa?

Fiquei bastante surpreendida por ele ter demorado tanto tempo a perguntar, mas, para ser justa, não lhe tinha dado uma oportunidade.

– Sabes, quando cheguei a casa e te vi aqui, fiquei tão feliz e sabia que estavas feliz por estar em casa, mas assim que olhei para ti, percebi que a minha menina estava triste.

O meu pai esfregou o queixo com a mão que não estava no volante. Os seus olhos estavam na estrada e, os meus, nele. Observei-lhe o cabelo, muito mais grisalho do que me lembrava, e as rugas mais profundas. A preocupação tinha deixado marca.

Quando olhei para o meu pai, que já não era tão jovem como na minha cabeça, apercebi-me de que o tempo no Rebel Blue tinha continuado a passar mesmo depois de eu ter partido, o que me atingiu com a força de um comboio de mercadorias.

Perguntei-me o que seria pior para ele: preocupar-se comigo quando eu não estava aqui ou preocupar-se comigo quando estava mesmo à sua frente mas fora do seu alcance.

Claro que ele sabia que eu estava a passar por alguma coisa. Era o meu pai. O único que tivera. E, em vez de voltar para casa e deixá-lo entrar, deixá-lo fazer o que fazia melhor – ser pai –, fechei-me na minha cabana e fingi que estava tudo bem.

– Partiu-me o coração, mas deixei-te resolver tudo sozinha, porque sei que é assim que gostas de fazer. Nas últimas semanas, não parecias tão triste, por isso achei que tinhas conseguido resolver algumas coisas nessa tua cabeça confusa. Conseguiu?

– Nem por isso – respondi honestamente. Acho que a minha cabeça nunca esteve tão confusa como agora que andava envolvida com o Luke Brooks, mas era algo que o meu pai não precisava de saber. De todo. – Acho que não quero voltar para Denver, mas também não sei o que poderia fazer aqui a longo prazo. Não consigo gerir as coisas como o Gus e não tenho um projeto como o Wes.

O meu pai manteve uma mão sobre o volante enquanto a outra esfregava a barba curta.

– Então, e nada de corridas? – perguntou.

– Nada de corridas. Vou competir nas divisões – disse, sem saber ao certo quando tinha decidido. Agora, aparentemente. – E depois acabou-se. Já sou uma das cavaleiras mais velhas do circuito.

O meu pai ficou calado. Acho que não o surpreendi. Por muito irritante que fosse, sabia que o meu pai e irmãos me conheciam muito bem. De certeza que souberam que já não ia competir a partir do momento em que cheguei a casa. O Gus era o único, até agora, que tinha tentado fazer com que o admitisse, mas não tinha insistido mais.

– Ainda queres esta vida? – perguntou finalmente. Por «esta vida», queria dizer o rancho. – Ou vês-te a fazer outra coisa?

Era uma boa pergunta e nem tive de pensar na resposta. – Quero ficar perto do rancho. – Vi um leve cintilar nos olhos de esmeralda do meu pai.

Tinha andado a pensar nisso nas últimas semanas e não me conseguia ver noutra sítio que não Meadowlark ou o Rebel Blue. Para alguém que se tinha esforçado tanto para sair, era estranho sentir que era aqui pertencia.

– Dava-me jeito uma instrutora de equitação – disse o meu pai. A sua voz estava um pouco tensa. Emocional, até.

– Pai, estás bem?

– Sim, docinho. Estou mais do que bem. Ficaria feliz por ti onde quer que estivesses, mas estou feliz por queres estar aqui.

O meu pai nunca tinha tentado manter-me em Meadowlark. Quando lhe contei os meus planos, sempre estive de acordo e me apoiou no que podia.

Perguntei-me se terá sido difícil para ele ver-me partir.

– Então, o que me dizes em passares a ser instrutora de equitação durante o inverno? E dava-me jeito uma ajuda no treino dos cavalos. Depois vemos em que ponto estamos.

– O Luke é instrutor.

– Ah, o Luke? – O meu pai levantou uma sobrancelha. *Que merda.* Nunca chamei o Luke pelo primeiro nome. Deve-se ter apercebido. – É verdade, e faz um bom trabalho. Mas aquele rapaz esforça-se demasiado. Não sei como é que ele consegue fazer tudo.

– Eu também não – disse com sinceridade. Ele dava aulas aos sábados, trabalhava no rancho quase todos os dias e era, literalmente, dono do próprio negócio. Não sabia se alguma vez conseguiria ultrapassar ele ser tão diferente na realidade do que na minha cabeça.

– Além disso, o Ronald e a mulher querem ir para Yuma. Querem viver os anos dourados num clima quente. Por isso, se for preciso, podes ficar com os adolescentes e os adultos. O Luke pode ficar com os miúdos, se quiser, mas algo me diz que ele te deixaria ficar com eles.

O meu coração acelerou.

– Porque dizes isso?

Tentei parecer indiferente. O meu pai demorou alguns segundos a responder e, quando o fez, não soube bem o que pensar.

– Não se passa nada no Rebel Blue que eu não saiba, docinho.

O meu pai e eu chegámos à baixa de Meadowlark em quinze minutos. Depois daquele comentário sobre ser o olho que tudo vê no Rebel Blue, «Mama's Don't Let Your Babies Grow Up to Be Cowboys» começou a tocar e era impossível não cantarmos juntos quando se tratava do Waylon e do Willie.

Depois disso, o meu pai puxou de um cabo de som. Claro que tinha a carrinha mais bonita e mais moderna de todos nós. Passou-mo e encontrei rapidamente a minha lista de reprodução dos The Highwaymen. Cantámos em plenos pulmões o resto do caminho.

Parámos ao pé do abastecimento de tratores quando a «Big River» chegou ao fim. Só tinha ido ao centro de Meadowlark algumas vezes desde que tinha voltado para casa, todas elas para ir ter com a Teddy à loja, a uns cinco minutos a pé da loja de tratores.

Já dentro da loja, o meu pai dirigiu-se ao balcão. Ia buscar a sua peça, mas também queria falar com o Don Wyatt, o dono, durante pelo menos vinte minutos, por isso comecei a dar uma vista de olhos.

Quando algo se chamava, literalmente, loja de artigos para tratores, as pessoas partiam do princípio de que só havia artigos para tratores. Estariam erradas.

A loja vendia quase tudo, e tanto a Teddy como eu éramos conhecidas por comprar montes de *Wranglers* aqui, porque eram as mais baratas da zona.

Enquanto dava a vista de olhos, vi uma *t-shirt* de manga cava e pensei no Luke. Esta era mesmo assim, ao contrário das *t-shirts* que ele destruía com uma tesoura na esperança de ficarem bem.

Tirei uma fotografia rápida e enviei-lha.

Emmy: Quanto é que tiveram de pagar ao Don para que vendesse isto?

Enfieei o telemóvel no bolso de trás e continuei a espreitar e a brincar com um daqueles dinossauros telescópicos para me distrair. Uns minutos depois, o telemóvel vibrou com a resposta do Luke.

Luke: As que são assim de propósito não são para mim.

Emmy: Porquê? Assim não dá para vislumbrar os teus mamilos?

Luke: O que é que tens contra os meus mamilos?

Sorri para o telemóvel. Tendo em conta que eu era contra as mangas cavas, chocava-me começar a gostar delas. Apesar de, no fundo, saber que não era das mangas cavas que gostava, mas sim do homem que as vestia.

E dos seus braços. Meu Deus, aqueles braços.

– Olá, Emmy. – Ouvi um homem chamar-me. Olhei à volta até ver o Kenny. Claro que ele estava aqui. Esqueci-me de que o pai era o dono da maldita loja de tratores.

– Olá – disse. – Que bom ver-te por aqui!

Ele sorriu. Já não era mau. Talvez não estivesse chateado por não ter respondido às mensagens dele.

– Estás bem? Não sei nada de ti desde que te vi no bar no mês passado.

Pobre Kenny. Tinha perdido a corrida contra um adversário totalmente desconhecido.

– Ah, sim, estou bem. Ando só ocupada!

– De certeza que andas. Não sabia que ias ficar por aqui tanto tempo – disse. Parecia esperançoso, senti-me uma completa idiota.

– Sim, estou a gostar de estar em casa.

– Que bom. – Fez uma pausa e passou a mão pelo cabelo, um hábito nervoso que tinha desde sempre. – Olha, gostavas de ir jantar um dia destes?

Meu Deus, ele era tão simpático, mas não podia aceitar jantar com ele. O Kenny era bom rapaz, mas não queria ser apenas meu amigo, e eu só queria o Luke.

– Lamento muito, mas não posso. Ando a sair com uma pessoa – disse, incrédula por ter acabado de dizer isto a outro ser humano.

– Oh. Merda, desculpa. Não fazia ideia.

– Não peças desculpa. Obrigada pelo convite.

Dei ao Kenny o sorriso mais simpático que consegui produzir.

– Docinho – gritou o meu pai do outro lado da loja. – Estás pronta para ir?

O meu salvador.

– Sim! – respondi. Voltei a pôr o dinossauro no sítio e encontrei o meu pai ao pé do balcão. – Vemo-nos por aí – gritei ao Kenny. Ele fez só um aceno com a cabeça.

Pela janela da loja, pude ver a peça de que o meu pai precisava ser carregada na parte de trás da carrinha pelos homens do Don.

– Olá, Emmy. Bem-vinda a casa – disse o Don. – O Kenny disse-me que te tinha visto por aí.

– Obrigada, Don. Também foi bom ver-te – disse educadamente, com esperança de que o Don não insistisse com a história do Kenny. Antes de ter hipótese de o fazer, o meu pai interveio.

– Obrigado, Don. Fica bem.

Deu um pequeno toque no balcão antes de se virar e me fazer sinal para o seguir. Assim que saímos da loja, perguntou:

– Queres ir tomar um café antes de irmos para casa?

Concordei.

Atravessámos a rua até ao Bean. O interior estava exatamente como me lembrava. Era tão acolhedor. Nada combinava. As mesas, as cadeiras, os sofás – estavam todos desencontrados. Não de maneira elegante, como a Teddy faria, mas de forma caótica, tipo feira da ladra. Não sabia se isso ajudava ou piorava a minha PHDA.

A Teddy e eu costumávamos vir para aqui fazer os trabalhos de casa, mas nunca os conseguia fazer. Agora sabia porquê.

O meu pai dirigiu-se ao balcão e pediu dois cafés, o dele sem nada e o meu com muitas natas, sem açúcar. Tanto quanto sabia, ele era o único outro homem da minha vida que sabia o meu pedido de café.

Escolhemos uma mesa junto à janela para nos sentarmos.

– Aceito a tua proposta, pai – disse, do nada.

– Vais dar aulas?

– Sim, vou. Não quero as aulas do Luke, a não ser que ele não as queira, mas fico com as do Ronald.

– Por mim, tudo bem. Vais ganhar o salário inicial durante a primeira época e depois reavaliámos.

– Combinado.

O meu pai estendeu a mão sobre a mesa para que a pudesse apertar. Ficámos ali sentados durante algum tempo, a olhar pela janela, sem fazer nada. Era agradável.

Passado algum tempo, olhou para mim e disse:

– És tão parecida com a tua mãe, Emmy. – Sabia que o meu pai adorava a minha mãe e que tinha saudades dela todos os dias, mas não falava dela sem que ninguém falasse antes. Tinha de ser sempre eu a fazer uma pergunta. – Sabes, foi ela que te quis dar o nome de Clementine.

Acenei com a cabeça. Já me tinha dito isso antes.

– Ela costumava cantar a canção para os meninos quando eles andavam mais agitados ou não conseguiam dormir. Funcionava sempre. Pensávamos que íamos ter outro rapaz, mas quando saíste tu, ela deu-te o nome de imediato, nem pude dizer uma palavra. Era raro chorares quando eras bebé. Gosto de pensar que é por o teu nome guardar parte da tua mãe, apesar de ela não estar aqui.

Isso já não sabia.

– Vejo-a cada vez mais em ti, à medida que vais crescendo. Ela era calada, como tu. Preferia resolver as coisas na própria cabeça, não abria o jogo.

– E isso é mau? – perguntei baixinho.

– Não. Tornou-a extremamente independente e determinada. Adorava isso nela. Quando a conheci, nunca tinha visto ninguém como ela. Também adoro isso em ti.

O meu pai nunca falava assim.

– Porque não falas mais sobre ela?

Uns segundos depois respondeu. – Quando ela está na minha cabeça, consigo mantê-la segura.

Os olhos do meu pai estavam tristes. *Mantê-la segura*. Ouvi-lo dizer isso partiu-me o coração. O meu pai estava com a minha mãe quando ela morreu. Foi derrubada de um cavalo e bateu com a cabeça numa pedra. Foi daqueles acidentes mesmo improváveis.

O paralelo entre o que aconteceu à minha mãe e a mim não ficou esquecido. Acho que foi, em parte, a razão pela qual não lhe contei o que me tinha acontecido.

– Desculpa não falar mais sobre ela – disse o meu pai.

– Não faz mal – disse eu. E era verdade. Amava a minha mãe e desejava tê-la conhecido, mas não sentia falta dela – não como o Gus ou o Wes. Era difícil sentir falta de uma pessoa que nunca conheci, mas sentia falta da ideia dela.

Às vezes, parecia que tinha um buraco no coração onde ela deveria estar.

– Porque é que estás a falar dela agora? – perguntei, genuinamente curiosa sobre o que tinha provocado esta conversa.

– Este foi o primeiro sítio onde a vi. Na altura, não era um café, só um restaurante. Quando olhei para ti agora, lembrei-me desse dia. O carro dela avariou à saída da cidade. Ela andou alguns quilómetros para aqui chegar. Tencionava ficar só uma noite, mas nunca mais se foi embora.

O meu pai era como um rio, firme e forte. Percebia porque a minha mãe se tinha deixado levar por ele.

– É difícil? Amar alguém que já não está cá?

Senti que tinha de aproveitar este momento para falar livremente sobre a minha mãe.

– Não, amar a Stella é a coisa mais fácil que alguma vez farei, quer ela esteja cá quer não.

Quem diria que o Amos Ryder era tão romântico? Senti o coração ficar pesado no peito. Tinha medo de que caísse.

– Ela alguma vez se arrependeu? De ter ficado aqui? – perguntei, expressando ao meu pai o meu maior receio: arrepender-me disso mesmo. O meu pai olhou para mim com ar pensativo, como se soubesse exatamente no que estava a pensar.

– Olha, acho que não. Quando ela deixou a cidade natal, andava à procura de alguma coisa. Acho que a encontrou aqui.

– De que é que estava à procura?

– Daquilo que todos procuramos: amor, apoio, propósito.

– E encontrou-o em ti?

– E nas montanhas. E no August. E no Weston. E em ti.

Senti lágrimas nos olhos. Quem andava a cortar cebolas neste café? Nunca tinha chorado por causa da minha mãe, mas hoje chorei pelo homem que a tinha perdido. Tinha de ser o meu pai a pôr-me num pranto num local público.

Olhou para mim e tinha amor estampado no rosto quando disse:

– Espero que também o encontres, Clementine. Quer seja em Meadowlark quer seja noutro sítio qualquer, mais tarde.

Compreendi a decisão da minha mãe de deixar a cidade natal, mas também compreendi a decisão de ficar nesta pequena cidade mais do que teria uns meses atrás.

Quando era mais nova, só queria ir-me embora. Todos os meus objetivos estavam de alguma forma relacionados com a minha saída de Meadowlark: faculdade, competições, tudo.

Mas agora, queria ficar. Sentia-me segura aqui.

Se calhar estava a precisar de me ausentar durante uns tempos para perceber como este sítio era especial, o orgulho que sentia em ser daqui e que, *por ser* daqui, tinha uma experiência diferente da de qualquer outra pessoa.

Costumava pensar que Meadowlark me fazia sentir pequena, mas, na realidade, acho que me sentia assim por andar sempre atrás da próxima coisa para riscar da lista. Não dá para nos sentirmos bons o suficiente se nunca celebrarmos os sucessos alcançados.

Mas, agora, estava orgulhosa de mim e dos meus feitos. E estava satisfeita. E não, não tinha nada a ver com o Brooks. Ele era apenas um

bónus.

Havia qualquer coisa em Meadowlark.

– Sabes, pai, acho que já o encontrei.

21

Emmy



Já tinha passado mais de uma semana desde o aniversário da Teddy, que tinha acabado comigo a fazer sexo com o melhor amigo do meu irmão num bar, onde metade da cidade estava do outro lado da parede.

Felizmente, nessa noite, a multidão do Devil's Boot estava mais animada e barulhenta do que o habitual, por isso ninguém reparou que eu e o Luke tínhamos desaparecido durante algum tempo, depois de ele me ter atirado para cima do ombro e me ter levado para o escritório – exceto a Teddy, claro.

Quando voltei para a mesa, as suas amigas da loja, Madi e Emily, estavam a começar a arrastar as palavras, por isso não me preocupei muito com elas. A Teddy, por outro lado, preocupava-me. Sentia-me mal por a ter abandonado durante a festa de aniversário, ainda que *tivesse sido levada* à força.

Mas a Teddy não estava zangada, de todo. Estava radiante.

A primeira coisa que me perguntou foi:

– Para onde foi o teu batom? – Seguida de: – não acredito que foste fodida num local público. Nem sequer eu fiz isso.

O Luke saiu do escritório uns minutos depois e roçou na minha mão ao voltar para o bar. O empregado do bar – acho que se chamava Joe – fez-lhe uma expressão severa.

O Luke, por outro lado, tentou alisar o cabelo escuro e parecia conter um sorriso.

Meu Deus, ele era tão *bonito*.

Foi o que pensei, tanto na altura como agora, ao vê-lo aparecer. Estava a descer para os estábulos para levar a *Maple* a dar um passeio.

Nesta última semana, senti-me muito mais confortável na sela. No outro dia, consegui levar a *Maple* a galope, e ela estava a adorar.

Cada vez que montava um cavalo, o meu estômago ainda dava um

pequeno salto. Não sabia se alguma vez ficaria totalmente liberta do acidente, mas até há uns meses pensava que nunca mais voltaria a montar.

Assim era muito melhor.

Montar significava tudo para mim e, agora que o conseguia fazer outra vez, podia admitir a dor que sentira quando pensava tê-lo perdido para sempre.

Nunca tinha sentido uma dor como aquela e não queria voltar a senti-la.

Era difícil não pensar no envolvimento do Brooks na minha melhoria. Desde que estava em casa, o tempo que passava com ele era a melhor parte do meu dia, especialmente nesta última semana. Passei algumas noites na casa dele porque, se alguém perguntasse, podia dizer que tinha estado com a Teddy, e assim a minha família não desconfiava por ver a sua carrinha constantemente no rancho.

A casa dele era um pequeno *bungalow* com dois quartos nas traseiras do Devil's Boot. Dissera-me que tinha passado os últimos anos a arranjá-lo e dava para ver o esforço. Jamais imaginaria o Luke Brooks com mais do que uma almofada, roupa de cama de qualidade e, já agora, com uma cama a sério. Disse-lhe isso e ele respondeu que estava na altura de eu elevar a fasquia.

Era um homem cheio de surpresas.

Também me tinha surpreendido quando me agarrara na cozinha e começara a dançar, lentamente.

Tínhamos os dois tido um longo dia, por isso, quando fui até lá, não tinha qualquer expectativa. Só queria estar com ele.

Mas, quando entrei, já tinha feito o jantar para nós. O Luke Brooks safava-se bem na cozinha.

Enquanto limpávamos, o pequeno altifalante que tinha na sala de estar começou a tocar uma balada de Randy Travis. Ele atirou a toalha de secar a loiça por cima do ombro, agarrou-me a mão e puxou-me para ele. Pôs-me uma mão na cintura e usou a outra para entrelaçar os nossos dedos.

Balançámo-nos juntos na cozinha e podia ter ficado naquele momento para sempre.

Mais tarde, nessa noite, adormecemos no sofá dele a ver o meu filme preferido, *A Diva da Moda*.

Com estes pequenos momentos, conseguia vê-lo como era. Sim, era um mutilador de *t-shirts* absoluto, mas não era arrogante, irresponsável ou descuidado. Era atencioso e protetor.

Para alguém que passara toda a vida a implorar pela atenção dos outros, ele sabia como me fazer sentir a única pessoa no planeta.

O Luke que conheci desde que tinha voltado para casa era o tipo de

homem por quem me podia apaixonar. Começava a pensar que era o único homem por quem me podia apaixonar.

E assustou-me como o caraças.

Observei-o arrastar um ancinho pelo curral, o que significava que já o tinha limpado. A *t-shirt* cinzenta colava-se ao corpo e a pele brilhava ao sol de fim do verão. Parou para pegar na parte de baixo da *t-shirt* e levantou o tecido para limpar a cara.

Porra.

Aproximei-me da vedação do curral e coloquei os braços por cima dela.

– Bom dia – disse, anunciando a minha presença.

O Luke dirigiu os olhos aos meus e caminhou na minha direção.

– Bom dia – respondeu, depois de me dar um beijo rápido na têmpora.

– Senti a tua falta ontem à noite – disse, honestamente. Ele fez-me um sorrisinho, e eu empurrei-lhe o ombro. – Cala-te.

– Desculpa. Tive de acordar mais cedo do que o habitual e achei que já tinhas perdido sono suficiente esta semana. – O sorriso na cara dele tornou-se brincalhão.

E era verdade.

Era estranho... estar com ele. Como se não me conseguisse fartar. Gostava de sexo, mas nunca tive um desejo sexual particularmente elevado até estar com o Luke. Estava habituada a passar longos períodos de tempo sem ir para a cama com alguém. Nunca me importei muito.

Era óbvio que o sexo era ótimo, mas acho que o que me entusiasmava era sentir o quanto o Luke me queria e não o manter em segredo. Fazia-me sentir desejada e até sensual, palavra que nunca usaria para me descrever. Talvez para descrever a Teddy, mas não a mim.

Adorava a sensação.

– Porque é que tiveste de acordar tão cedo?

– Já vais ver. Queres dar uma volta? – Pôs-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Sim, mas primeiro tenho de tratar das baias, e hoje tenho os estábulos de acolhimento na agenda.

– Já está tudo pronto.

– É fisicamente impossível estar tudo pronto a esta hora da manhã.

O Luke inclinou-se sobre as calhas e beijou-me suavemente.

– Está tudo feito – disse. Nem queria imaginar as horas a que ele tinha chegado para fazer isto tudo.

Será que dormiu sequer?

– Vamos ter de fazer o acompanhamento dos estábulos esta tarde, mas

acabei tudo o que tinha de ser feito de manhã.

– A sério?

– A sério. Então – beijou-me novamente entre as palavras –, pronta para a viagem?

Disse que sim com entusiasmo com a cabeça e fui até ao estábulo. O Luke seguiu-me do outro lado da vedação, até sair do curral. Fomos juntos até à porta principal do estábulo.

Quando chegámos à porta, vi que tanto o *Friday* como a *Maple* estavam nas cordas – escovados, com as selas e prontos para partir.

– Ena, tens andado mesmo ocupado.

– Só cá estão há uns minutos. Pensava ter programado tudo na perfeição para quando descesses, mas não tive em conta a frequência com que adias o despertador.

Dei-lhe outro empurrão de brincadeira. – Cala-te.

– Cresceste num rancho e não consegues acordar com o despertador, como é possível?

– Fico acordada até tarde. Gosto do sossego.

– Lembro-me das minhas noites tranquilas, mas agora tenho esta mulher a secar-me e, ainda por cima, a rressonar.

– Eu não rressono!

– Rressonas, sim. – Tocou-me no nariz. – Mas é giro. Dormes mais do que qualquer outra pessoa que já conheci.

Gostava de o poder negar, mas era verdade. Tinha um sono difícil. Demorava algum tempo a adormecer, mas quando finalmente acontecia ninguém me acordava. Podia chegar o apocalipse, nunca teria hipótese de fugir dos *zombies*, porque me apanhariam enquanto dormia.

– Pois, pois – murmurei. Aproximei-me da *Maple* e ela aninhou-se-me no ombro. Envolvi os braços à volta do seu pescoço. Era uma égua muito afetuosa e gostava muito dela. Só comecei a estar com ela durante a minha carreira profissional, mas parecia que estávamos juntas há uma vida inteira. Estava convencida de que, entre ela e a *Moonsshine*, tinha os melhores cavalos do Rebel Blue.

O Brooks e eu levámos os cavalos para fora dos estábulos e montámo-los.

– Sentes-te bem? – perguntou ele.

– Sim, sinto. – E sentia. A minha respiração estava calma e a cabeça nivelada. – Para onde estamos a ir?

– Para o pequeno picadeiro.

Ficava perto dos estábulos. Era maior do que um curral, mas mais pequeno do que o grande picadeiro perto da velha Casa Grande. Usei muito

o pequeno picadeiro enquanto crescia, mas ainda não tinha lá ido desde que regressei porque estava no calendário de manutenção dos trabalhadores do rancho.

O Brooks e eu incitámos os cavalos para a frente e começámos a percorrer o rancho. Ainda bem que o rancho era enorme, assim evitava perguntas sobre o que andava a fazer a montar com o Brooks.

Passados alguns minutos, o Luke levou o *Friday* a trote e segui-o com a *Maple*.

Cavalgar pelo Rancho Rebel Blue era das melhores sensações do mundo. A paisagem de montanha era feita de verdes, castanhos e amarelos. Contra o pano de fundo do céu azul, criava algo que parecia ser de outro mundo. Não havia outra maneira de o descrever.

Quando o Luke e eu estávamos a cerca de um quilómetro de distância do pequeno picadeiro, ele incitou o *Friday* para andar galope.

Segui-o sem pensar.

Quando a *Maple* estava a ganhar velocidade, levantei-me ligeiramente nos estribos, sentindo o ar mover-se à volta do corpo.

Pela primeira vez em muito tempo, montar parecia-me a coisa mais natural do mundo. Senti o ritmo constante dos cascos da *Maple* bater no chão, os músculos trabalhar debaixo dos meus e o meu cabelo chicotear atrás de mim.

O *Friday* e o Luke começaram a abrandar, infelizmente, e tive de fazer o mesmo. Parámos fora do perímetro do picadeiro. Tínhamos chegado a esta parte do rancho pelo lado oposto de quando o Wes me trouxera aqui há algumas semanas, por isso a velha Casa Grande estava à distância em vez de à frente e ao centro.

Ao contrário do grande picadeiro, este não era coberto, apenas vedado. Dentro da cerca, podia ver três formas. Pareciam... barris. Tinham a forma de triângulo.

Desmontei a *Maple* e amarrei-a a um dos postes da vedação. O Brooks estava logo atrás de mim com o *Friday*.

Olhei para o Brooks.

– O que é que se passa?

– É uma pista de barris que cumpre as normas, Emmy. Três barris, padrão triangular, espaçados com precisão. – Ele tinha feito um sítio para eu praticar? – Faltam menos de duas semanas para as divisões chegarem a Meadowlark e, se depois quiseres sair, tens de sair com um estrondo.

– Fizeste isto? Para mim?

Olhou-me como se este ato fosse a coisa mais normal do mundo. Tive

uma sensação estranha no peito. Nunca ninguém tinha feito nada assim por mim. Não conseguia acreditar.

– Quando é que fizeste isto?

– Ontem à noite.

– E ainda vieste para aqui de manhã cedo?

Ele assentiu com a cabeça e esfregou a parte de trás do pescoço com uma das mãos. Parecia estar a corar.

Era difícil respirar, mas não porque estava a entrar em pânico. Era porque este homem me tinha, literalmente, tirado o fôlego.

– Precisas de praticar – disse simplesmente.

Olhei para a pista improvisada e imaginei-me a mim e à *Maple* a acelerar à volta dos barris num padrão de folha de trevo. Há meses que não o fazia.

Ao olhar o campo, comecei a ficar nervosa. Mesmo muito nervosa. Não sabia o que me tinha passado pela cabeça ao decidir participar nas divisões. Não ia estar pronta. Nem pensar nisso.

– Emmy, boneca, fala comigo – disse o Luke, obviamente a aperceber-se da mudança no meu comportamento. Já não conseguia esconder nada dele. Pensava que me ia deixar frustrada, mas sinceramente quase me senti aliviada por não poder esconder esta situação na cabeça.

– Tenho medo – sussurrei.

– Honestamente, estaria mais preocupado se não tivesses. Passaste pela experiência que todos os cavaleiros temem, mas mesmo assim voltaste a montar um cavalo.

Senti as mãos começar a tremer e o Luke apercebeu-se de imediato.

– Ei. – Deu um passo na minha direção. – Tu consegues fazer isto, Emmy. Vamos com calma, mas sei que és capaz.

– Como é que sabes?

Ele segurou o meu rosto entre as mãos.

– És a Clementine Ryder, caralho. – Ri-me e deixei escapar uma única lágrima do olho. Ele apanhou-a antes de que pudesse cair, limpando-a da bochecha. – Boneca, mereces sair nos teus termos. Só porque foste atirada, não quer dizer que estejas acabada.

22

Luke



Durante a última semana, a Emmy e eu tínhamos entrado numa rotina. Passávamos quase todas as noites juntos, normalmente em minha casa, e de manhã íamos para a pista de corridas de barris no Rebel Blue. Ela repetia o percurso durante uma ou duas horas. Às vezes, ficava com ela, outras não, dependendo do que precisasse de ser feito no rancho nesse dia.

Ver a Emmy no cavalo era hipnotizante. Quando estava em cima da *Maple*, tinha controlo absoluto. Estava concentrada e estável. Não havia nada que a pudesse abalar.

Tentei não pensar no quão grave teria sido o acidente que lhe tirou essa sensação de segurança.

Devia ter sido mesmo horrível.

Odiava pensar nela sozinha, em Denver, durante um mês, antes de decidir voltar para casa.

Tínhamos criado esta bolha. Dentro dela, estávamos só os dois a conhecermo-nos um ao outro. Apesar de estar grato pelo tempo que passávamos juntos, havia uma parte de mim que se começava a sentir culpada.

Não sabia quanto mais tempo aguentava sem contar ao Gus. Se ele descobrisse que eu andava a manter isto segredo, provavelmente pensaria que andava só a comer a irmã. Era o que parecia, principalmente tendo em conta o meu histórico com as mulheres.

Também havia uma pequena parte de mim que receava que a Emmy quisesse manter a relação secreta por não sentir o mesmo que eu.

Mas não podia pensar assim.

Quando voltei ao picadeiro, depois de tratar de umas coisas nos estábulos, a Emmy e a *Maple* tinham acabado a sessão. A Emmy estava sentada na terra, e a *Maple* deitou-se ao lado dela e pôs a cabeça gigante no

colo da Emmy.

Os cavalos eram basicamente cães grandes.

– Como é que correu? – perguntei-lhe enquanto me aproximava.

– Foi *ok*. Ainda nada abaixo dos vinte segundos, mas sinto-me bem.

– Ótimo – disse. Agachei-me ao lado dela para poder beijar-lhe o cimo da cabeça. – Tenho de ir para o bar, mas queria ver-te antes de sair.

– Eu volto contigo.

A Emmy levantou-se lentamente, tendo o cuidado de não assustar a *Maple*. Afastámo-nos da *Maple*, dando-lhe espaço suficiente para se levantar sem correr o risco de chocar com um de nós.

Puxei a Emmy para os braços e abracei-a – sabia que não ia ter oportunidade de o fazer assim que voltássemos aos estábulos, porque podia estar lá alguém, e a ideia de a deixar sem lhe tocar deixava-me o estômago num nó.

Puxei-a para a beijar, suave e lentamente, como ela gostava. Antes de que as coisas pudessem aquecer, o telemóvel tocou no meu bolso de trás.

Estávamos sempre a ser interrompidos. Se calhar era o Joe.

A Emmy deu-me mais um beijo nos lábios antes de se afastar, pensando que provavelmente tinha algo a ver com o bar. Tentou voltar para a *Maple*, mas segurei-a com um braço à volta dos ombros. Não estava pronto para a deixar ir embora.

Atendi o telemóvel sem olhar para ele. – Estou?

– Luke, querido. – Era uma voz feminina, trémula e triste. O meu corpo ficou rígido, e a Emmy deve tê-lo sentido, porque olhou para mim com cara preocupada.

– Mãe? – perguntei. Os olhos da Emmy arregalaram-se. Eu não falava com a minha mãe. Tinha tentado durante algum tempo, mas desisti depois de demasiadas desilusões.

– Sim, querido. Sou eu. – A minha mãe continuou a falar do outro lado, e foi como se o mundo abrandasse. Há muito tempo que não sabia nada dela. Mal conseguia reconhecer-lhe a voz. Será que sempre soou assim, tão frágil?

Depois de desligar, a Emmy apertou-me o braço.

– Está tudo bem? – perguntou. Não lhe respondi logo, sem saber que resposta lhe dar. – Luke? – Ela aproximou uma das mãos do meu rosto. – Está tudo bem?

Não olhei para ela, apenas para o horizonte do Rebel Blue.

– O marido da minha mãe... – comecei. – Devia ter voltado para casa há uns dias da rota de camião, mas não voltou.

Emmy

Depois do telefonema da mãe do Luke, voltámos aos estábulos o mais depressa possível para instalar a *Maple* e o *Friday*.

A seguir, o Luke disse-me que me ligaria mais tarde enquanto se afastava, mas nem pensar que o ia deixar entrar naquela casa sozinho, a casa que o fez sentir que não valia nada.

Foi assim que acabei na carrinha do Luke, a meio do banco, com a cabeça no ombro dele e os nossos dedos entrelaçados.

Ele estava tenso. Nunca o tinha visto assim. Nunca. Era enervante ver alguém tão equilibrado tão tenso.

O Luke e eu tínhamos falado sobre a família dele quando começámos os treinos, o que parecia já ter sido há muito tempo. Sabia que ele não queria saber do padrasto ou dos irmãos, mas ainda se preocupava com a mãe.

A Lydia Hale vivia numa *roulotte* a cerca de vinte minutos do Rebel Blue. Quanto mais nos aproximávamos, mais o Luke me apertava a mão. Acho que ele não sabia o que podia esperar assim que entrasse naquela casa.

Eu nem sequer sabia qual a última vez que ele lá tinha estado. Deixou de dormir lá aos dezasseis anos e levou tudo dele no décimo oitavo aniversário.

O Luke parou a carrinha em frente à casa e levantei a cabeça do seu ombro. Havia ornamentos de jardim por todo o lado. Desligou o motor, mas não fez qualquer movimento para sair da carrinha.

– Emmy, não precisas de vir comigo.

Virei-me para ele e afastei-lhe o cabelo da cara.

– Tens estado aqui para mim desde que cheguei a casa. Não quero que tenhas de fazer isto sozinho.

– Eu não cresci como tu, Emmy – disse com um suspiro.

– E então?

– Então não sei como é que as coisas estão lá dentro, ou como *ela* vai ser. Não quero colocar-te numa situação que te deixe desconfortável.

Quando olhou para mim, vi dor nos grandes olhos castanhos. Partiu-me o coração.

– Não sou uma princesa, Luke. Consigo lidar com isto. Estou aqui para ti.

O Luke suspirou. – Não há nada que possa dizer para te fazer ficar aqui, pois não? – Abanei a cabeça e o Luke beijou-me a testa. – Está bem, então. Vamos lá.

Sáímos da carrinha e fomos até à porta da frente, de mãos dadas.

Quando o Luke bateu à porta, a mãe demorou apenas alguns segundos

a responder. Já não via a Lydia desde a escola secundária e ela estava quase na mesma, mas com mais rugas. Era pequena, de cabelo louro que já tinha passado a cinzento e olhos azuis. O cabelo estava curto, mesmo acima dos ombros. Tinha um cigarro aceso entre os dedos e os olhos inchados de tanto chorar.

O Luke não era nada parecido com ela. Era parecido com o Jimmy, o que provavelmente dificultara ainda mais a sua sobrevivência nesta casa enquanto crescia.

– Luke, querido, estou tão feliz por estares aqui.

A Lydia saiu de casa e deu-lhe um abraço desajeitado com um só braço.

– Olá, mãe. – Ele não me largou a mão enquanto ela o abraçava.

Ela afastou-se e fixou-se em mim.

– Clementine Ryder? És tu?

Olhou-me de cima a baixo, parando apenas nas nossas mãos dadas.

– Sim, senhora – disse eu.

A Lydia franziu os lábios. Estaria aborrecida por estar aqui com o filho?

– Bem, não estava à espera de mais companhia, mas entrem.

Sim, definitivamente ela estava irritada por eu estar aqui. O Luke deu-me um aperto de mão, que retribuí ao entrarmos em casa.

A sala da frente estava cheia de garrafas de cerveja e latas de *Coca-Cola*. A televisão, no canto, passava episódios antigos de *The Newlywed Game*¹³ e tudo cheirava a fumo.

A Lydia instalou-se numa cadeira de baloiço ao lado do sofá. Havia outra cadeira vazia ao lado dela. Presumi que era a do John. O Luke levou-me até ao sofá bordô desbotado e sentámo-nos juntos. Ele ainda não tinha largado a minha mão.

– Mãe, diz-me o que aconteceu. Onde estão o JJ e o Bill?

Os irmãos do Luke.

A Lydia soltou um suspiro trémulo, parecia que ia desatar a chorar a qualquer momento. Pelo que o Luke me tinha contado sobre o John, não me parecia que houvesse muito a perder, mas estava a tentar não ser muito insensível.

– Há dias que não sei nada dele. – O John era camionista, por isso era normal estar ausente durante longos períodos de tempo. Se a Lydia estava preocupada, era porque havia motivos para preocupação. – A empresa não conseguiu localizar o camião. A última vez de que têm registo foi perto da fronteira do estado do Nevada. – A Lydia deu uma passa no cigarro. A mão tremia. – Os rapazes saíram, mas não aguentei ficar aqui sozinha. É tão silencioso sem o John.

– Ainda bem que me ligaste – disse o Luke. – Nem sabia que tinhas o meu número.

– Encontrei-o nas coisas do John. Estava num bilhete na secretária dele. – Devia tê-lo apontado da última vez que o Luke tinha ligado e tentado contactar a mãe.

– Lamento muito, mãe. Sei que o John significa muito para ti. Tenho a certeza de que ele está bem. – A voz do Luke não transmitia qualquer emoção. Devia estar a tentar disfarçar o desdém que sentia pelo padrasto.

– Sra. Hale – meti-me de rompante –, há alguma coisa que possamos fazer por si enquanto estamos aqui? O jantar ou algo do género?

A Lydia deu mais uma passa no cigarro e soprou o fumo na minha direção, enquanto me observava.

– Não preciso de mais nada dos Ryders – disse bruscamente. O que é que isso queria dizer? – Já me tiraram o meu filho e agora vejo que o tens nas tuas garras.

O Luke voltou a apertar-me a mão.

– Mãe. Tu sabes que não podia ficar – disse ferozmente. – Não odeies os Ryders por me darem o que tu não deste, e não vou ficar agora se vais falar com a minha miúda dessa maneira.

A minha miúda.

Significava tanto para mim. Já tinha sido namorada antes, mas a palavra nunca tinha tido qualquer peso. Ouvi-lo dizer que era dele, sim, significava muito para mim.

Continuou: – E, tendo em conta que não te vejo há anos, acho que seria uma pena ir-me já embora.

A Lydia ponderou as palavras, sem tirar os olhos de cima de mim. Esta mulher não era mesmo fã da minha família – nem de mim, aparentemente.

– Está bem – acabou por dizer.

Depois disto, o Luke conseguiu desconstrair-se. Fiquei ali sentada enquanto ele e a mãe conversavam. Ele contou-lhe sobre o bar e a casa, e como a tinha arranjado. Quanto mais falavam, mais a Lydia se animava. Acho que estava orgulhosa do filho, e talvez aquela raiva que me tinha direcionado fosse reflexo da culpa que sentia.

O Luke levantou-se do sofá e foi à cozinha buscar um refrigerante para a mãe. Segui-o, não queria ficar sozinha com ela. Não tinha posto na lista de tarefas diárias dar um murro na cara de uma velhota.

– Peço desculpa por isto – disse ele, assim que pisámos o velho chão de vinil da cozinha.

– Não tens nada de pedir desculpa. De certeza que não devemos tentar

dar-lhe qualquer coisa para comer?

O meu pai alimentava-nos quando estávamos tristes. Ou felizes, já agora. Era uma das suas formas de cuidar de nós, e eu fazia o mesmo.

– Ela não deve ter aqui nada para cozinhar. – O Luke pegou numa *Coca-Cola* do frigorífico e colocou-a no balcão, antes de começar a remexer na cozinha. Debaixo do lava-loiças, encontrou uma caixa de sacos do lixo e puxou-a para fora. – Mas vou dar uma limpadela.

– Eu ajudo-te – disse. Voltámos à sala de estar, o Luke deu a *Coca-Cola* à Lydia e começou a apanhar as garrafas, latas e lixo espalhados pela sala. Enchemos três sacos de lixo e o Luke pô-los à porta para os levarmos quando saíssemos.

Enquanto limpávamos, a Lydia desapareceu para outra divisão, mas voltou a aparecer um pouco mais tarde.

Tinha uma pilha de fotografias nas mãos e entregou-as ao Luke.

– Encontrei-as depois de descobrir o teu número. Achei que gostarias de ficar com elas. – O Luke pegou nelas e voltámos a sentar-nos no sofá.

A primeira foto era dele com um chapéu de *cowboy* e com um daqueles cavalos de pau. Era adorável.

– Que idade tinhas aqui? – perguntei-lhe, tirando-lhe a fotografia das mãos.

– Não sei. Provavelmente cinco ou seis anos – disse ele.

A Lydia acenou com a cabeça da cadeira, indicando que estava correto. Tinha-se afeiçoado um pouco a mim, provavelmente por lhe ter limpado a casa.

– Ele sempre quis ser um *cowboy* – disse ela.

Continuámos a ver as fotografias. Havia fotos de pesca, de brincadeiras ao ar livre, uma excelente em que ele usava um chapéu de *cowboy* e algumas de Halloween. Até uma com o Jimmy a segurá-lo quando era bebé, mas passou-a demasiado depressa para que pudesse olhar para ela.

Chegámos a uma fotografia com um rapaz numa cadeira alta a comer bolo. Um bolo de aniversário, pelo que percebi.

– Oh, gosto tanto desta fotografia. Adoraste o teu aniversário – disse a Lydia. – Devia ser assim todos os dias.

O Luke ficou calado e reparei que os ombros descaíram um pouco. Ele devolveu a fotografia à Lydia.

– Esse não sou eu, mãe. É o JJ.

Como se fosse uma deixa, a porta da frente abriu-se e um homem louro, alto –, mas não tão alto como o Luke – entrou. Estava vestido com um uniforme sujo de mecânico. Era o JJ. Embora nunca o tivesse visto, sabia bem

quem era. Tinha a mesma idade do Gus e trabalhava numa das oficinas da cidade. Havia duas: uma onde era recomendável levar o carro e aquela onde o JJ trabalhava. Tinha também um negócio paralelo que era tudo menos legal.

As primeiras palavras que lhe saíram da boca foram:

– Que raio estás aqui a fazer?

– JJ – disse a Lydia –, o Luke veio ver como é que eu estava.

O Luke pegou na minha mão e levantámo-nos juntos do sofá. Ele colocou-se à minha frente e começámos a andar até à porta.

– Só estive fora umas horas e deixaste este sacana entrar em casa?

– É sempre bom ver-te, JJ – disse o Luke com um suspiro.

– Cala-te e sai de casa do meu pai – rosnou o JJ.

Cabrão.

– Olha, meu, só vim cá ver a mãe. Ela ligou-me e não queria ficar sozinha. Agora que estás aqui, vou-me embora – explicou o Luke. – Lamento o que aconteceu ao teu pai. Espero que apareça em breve.

O Luke começou a puxar-me para a porta, mas o JJ bloqueou-lhe o caminho.

O JJ não era tão forte como o Luke e tinha a certeza de que o Luke o conseguia calar com um murro, mas não o iria fazer. Não à frente da mãe, pelo menos.

Era engraçado. No aniversário da Teddy, fiquei super zangada com o Luke por ter batido num gajo. Agora, só queria que desse cabo do irmão.

Os olhos do JJ estavam postos em mim.

– Emmy Ryder – disse, com frieza. Meu Deus, porque é que todos os membros da família do Luke me odiavam? – O que é que estás a fazer aqui com este falhado?

– Não fales com ela, foda-se – disse o Luke. Ouvia-lhe o veneno na voz. Nunca o tinha ouvido falar assim. Perguntei-me quanto desdém pela família ele mantinha sob a superfície.

– E o que é que o Gus Ryder acha do seu braço direito andar a foder a irmã mais nova?

Se o Luke fosse uma personagem de desenhos animados, fumo sairia das suas narinas neste momento. Não me importava com o que o JJ dizia – era um idiota –, mas o Luke importava-se.

– Disse-te para não fales com ela.

Com uma mão, o Luke empurrou o JJ para fora do caminho. Com força. O JJ tropeçou, e sabia que se ele se mandasse ao Luke, as coisas iriam escalar.

– Emmy, vamos embora.

Começou a levar-me para fora de casa, mas virei-me para o JJ.

– Sabes, devias deixar de ser um cabrãozinho – disse. – Se te metes com a pessoa errada, é possível que alguém deixe escapar à frente do xerife que andas a traficar mais do que erva a partir da tua *roulotte*.

O JJ olhou para mim, atónito, só por um segundo, antes de dizer:

– Nunca mais vos quero ver nesta casa. Ponham-se a andar.

O Luke e eu saímos pela porta da frente e, antes de o JJ a fechar, olhei para a Lydia. Tinha lágrimas nos olhos.

O Luke puxou-me pelo passadiço e levou-me para a carrinha o mais depressa possível. Quando lá chegámos, encostou-me à porta do lado do condutor e beijou-me com força. Havia algo diferente neste beijo. Tinha um significado.

Só não sabia qual.

Quando se afastou, encostou a testa à minha.

– O que se passa? – sussurrei.

– Nunca ninguém me tinha defendido – disse. Aquelas palavras abriram-me o coração. O Luke Brooks e o seu coração gigante mereciam muito mais do que as pessoas daquela casa. Ele era gentil, trabalhador e sincero. Envolvi os braços à volta dele e abracei-o. Ele enterrou o rosto no meu ombro e ficámos assim durante algum tempo.

Quando entrámos na carrinha, sentei-me no meio do banco e o Luke pôs-me o braço no ombro. Como estávamos nas estradas secundárias da cidade, baixámos as janelas e deixámos a brisa de fim de verão entrar na carrinha.

– Queres falar sobre o que aconteceu? – perguntei.

O Luke suspirou.

– Desculpa aquilo com o JJ.

– Não tens de pedir desculpa por nada. Mereces melhor do que eles, Luke. És mais do que o erro da Lydia e do Jimmy. – Olhei para ele, mas manteve os olhos na estrada.

Esteve calado durante muito tempo, até entrarmos na estrada de gravilha em frente à sua casa. Quando desligou o motor, deitou a cabeça no volante e soltou outro suspiro. Passei-lhe a mão nas costas.

– Isto foi uma merda – disse finalmente. – É muito mau se desejar que o John se mantenha longe?

– Não – respondi.

O Luke levantou a cabeça do volante e olhou para mim. Não estava a olhar para o Luke, o homem de trinta e dois anos. Estava a olhar para o Brooks, o rapaz de quinze anos que teria feito qualquer coisa por uma família.

Vi-o com tanta clareza naquele momento. Levantei a mão e afastei-lhe do rosto alguns dos cabelos negros rebeldes, antes de o beijar suavemente.

Quando me afastei, ele disse:

– Obrigado por teres vindo comigo, Emmy.

– Iria contigo a qualquer lado – respondi.

Nunca falei tão a sério.



Sabem, nunca tinha percebido a expressão «tremar que nem varas verdes» até agora.

Normalmente não ficava nervosa antes das competições, mas isso era no passado. Agora, o estômago parecia a dois segundos de descer até aos tornozelos.

Num abrir e fechar de olhos, as provas de divisão tinham chegado. Tinha andado a treinar com a *Maple* – em passeio, a trote e a galope alguns dias por semana, tendo o cuidado de não a sobrecarregar. Às vezes, o Luke vinha comigo, outras não. Já não ficava nervosa com o treino. Acreditava, finalmente, que estava segura.

Enquanto praticava, era fácil lembrar-me do porquê de adorar corridas de barril. Era o único desporto de *rodeo* onde a equitação não era julgada – tinha tudo a ver com o tempo –, mas tinha de se ser um grande cavaleiro para que a corrida de barril fosse bem-sucedida. Gostava que ser bom cavaleiro fosse tão fundamental que nem houvesse necessidade de avaliar essa componente. Foi uma das coisas que me atraiu na modalidade.

Estar aqui, num picadeiro rodeado de concorrentes e pessoas que conhecia, era muito diferente de treinar.

As pessoas que amava estavam aqui. O meu pai, os meus irmãos, o Luke, a Teddy, o Hank, até a Cam e o seu noivo tinham vindo, para que a Riley pudesse estar aqui. Era como se a minha rede de segurança tivesse sido tirada de debaixo de mim. Não sabia se podia ter feito algo mais para me preparar.

Fiz a rotina normal antes da corrida, mas não parava de tremar. Acho que não corria o risco de ter um ataque de pânico total, mas foi, sem dúvida, pelo menos um ataque de pânico ligeiro.

A Teddy teve de prender o meu número na camisa, as minhas mãos não

paravam de tremer.

– Emmy. O que é que se passa? Nunca te vi assim antes duma corrida.

Não havia razão para lhe mentir. Já mentia há demasiado tempo, não aguentava mais. Não queria fazê-lo.

– Esta é a minha primeira corrida desde que fui atirada de um cavalo em junho. Foi por isso que vim para casa. Era por isso que estava tão deprimida e fechada e é por isso que não consigo controlar este tremor. – As palavras fluíram-me dos lábios, antes de poder sequer pensar.

A Teddy pestanejou lentamente. Pensei que me fosse repreender por não lhe ter contado. E devia tê-lo feito. Era a minha melhor amiga. Devia ter-lhe contado. Devia ter contado a toda a gente.

Em vez disso, ela disse:

– Lamento que tenhas carregado isso sozinha.

Não sabia como reagir porque, na verdade, não o tinha carregado sozinha.

O Luke tinha-me ajudado.

– Teddy. Preciso que faças uma coisa por mim.

– Qualquer coisa, querida.

– Podes chamar o Luke?

A Teddy voltou uns minutos depois acompanhada pelo Luke. Vestia as suas calças de ganga e botas normais, mas em vez de *t-shirt*, optou por uma camisa de *cowboy* com botões e um chapéu de *cowboy* preto.

O meu *cowboy*.

Entrou na zona dos cavaleiros e vi-lhe a preocupação estampada na cara. Quando o vi, o tremor não parou, mas já não era tão intenso. Os seus olhos encontraram os meus e ele veio até mim, com a Teddy atrás.

Quando chegou ao pé de mim, segurou-me imediatamente a cara com as mãos.

– O que é que se passa, boneca? Estás a ter outro ataque de pânico?

Abanei a cabeça. Não estava. – Só precisava de ti.

– Estou aqui.

Ele envolveu-me nos braços, e derreti-me nele. Acariciou-me o cabelo e passou-me as mãos nas costas e nos braços. Ficámos ali durante algum tempo e era como se, com cada gesto, o tremor diminuísse até parar.

Ele também o deve ter sentido, porque se afastou e pôs as mãos nos meus ombros.

– O que é que se passa dentro dessa tua linda cabeça? – Fez a sua voz

mais suave. Acho que só a usava comigo.

– Achas que sou capaz de fazer isto? – perguntei.

– Sim – respondeu imediatamente. – Mas não importa se sei que tu és capaz de o fazer. A única coisa que interessa é que tu o saibas.

Era claro que ele escolheria este momento para ser inspirador.

Mas fez-me sentir melhor. *Ele* fez-me sentir melhor.

– Uau, estou mesmo ansiosa por assistir à tua TED Talk – disse sarcasticamente.

O Luke tocou-me no nariz. – Espertinha. Mas se o teu sarcasmo já despertou, suponho que te sintas um pouco melhor?

– Sim, sinto. – Voltei a abraçá-lo. Podia ficar aqui para sempre. Queria ficar com ele para sempre. – Obrigada.

O coordenador do evento veio à zona dos concorrentes para nos dar o aviso dos dez minutos.

– Boneca – o Luke beijou-me a testa –, estou tão orgulhoso de ti.

– Ainda nem sequer corri – disse contra o seu peito. Ele afastou-se, para poder olhar para mim.

– Não precisas de correr para me orgulhar de ti. Podias acabar com tudo isto agora mesmo e sair daqui e continuaria cheio de orgulho.

– A sério?

– Sim. – Beijou-me a testa outra vez. Aqueles beijos na testa faziam-me flutuar. Algo neles era tão íntimo. Afastou-se novamente e colocou o dedo sob o meu queixo, forçando-me a olhar para ele. – Então, vamos sair daqui?

Eu queria aquilo.

Queria montar. E queria ganhar. – Não.

– Aqui está a minha miúda.

O Luke esboçou um sorriso suficientemente grande para que pudesse ver as rugas à volta dos seus grandes olhos castanhos. Foi a última coisa que vi antes de me beijar.

Estão a ver aqueles filmes de ação, em que o herói e a heroína se beijam mesmo antes da batalha e, de repente, estão prontos para enfrentar os extraterrestres, o monstro mutante ou o que quer que seja?

Agora percebo a sensação.

Luke

O coordenador chamou os competidores de barril e precisei de tudo o que tinha para deixar a Emmy sair dos meus braços. Queria muitos mais momentos como este.

Pegou no chapéu de *cowboy* de uma mesa ao lado.

– Obrigada – disse ela. Depois, virou-se e foi até à entrada do corredor.

E, porra, o rabo dela ficava mesmo bem naquelas calças.

Observei-a até já não conseguir ver a sua camisola vermelha. Quando desviei os olhos do local onde a tinha visto pela última vez, a Teddy estava a observar-me. Não consegui identificar o olhar dela, mas não achei que fosse mau.

Esperemos.

Sinceramente, tinha-me esquecido de que ela estava aqui connosco, que tinha acabado de nos ver juntos de uma forma que mais ninguém sabia que existia.

– O que foi? – perguntei-lhe.

Ela abanou ligeiramente a cabeça como atordoada.

– Estás apaixonado por ela – disse. Não era uma pergunta.

– Sim, estou.

Não tinha razão para mentir à Teddy. Se ela não me deu um murro na cara no dia em que entrou no meu escritório para me interrogar, tinha quase a certeza de que não o faria agora.

– Ela sabe?

– Ainda não.

– Devias dizer-lhe.

– Eu digo-lhe.

– Ela também te ama, sabes.

A ideia aterrorizava-me, mas também me fazia sentir o homem mais sortudo do mundo. Não sabia bem como era estar apaixonado, mas sabia que queria estar com a Emmy de todas as maneiras possíveis. Queria danças lentas na cozinha, noites com *shots*, passeios pelas montanhas, sexo escaldante, sextas da tarde e estradas de duas faixas com os vidros descidos.

Queria tudo.

– Como é que sabes?

– Ela pediu-me para te chamar. – A Teddy encolheu os ombros. – A Emmy nunca pede nada. Baixa a cabeça e lida com as coisas da única maneira que sabe, com pontapés na porra do próprio cérebro. Mas ela pediu para te chamar.

24

Luke



A Teddy e eu voltámos para as bancadas, onde a claque da Emmy se tinha instalado.

Quando a Teddy tinha vindo ter comigo, estava à espera na fila para ir buscar cervejas para todos, mas agora cá estava eu, de volta e sem cervejas. Podia ser que não notassem.

– Onde estão as cervejas, meu? – perguntou o Wes.

Porra.

– A fila era longa como o caraças. – O que era verdade. Só não fiquei lá por muito tempo.

– E depois? – respondeu o Wes.

– Não gosto assim tanto de ti – disse. O Wes mostrou-me o dedo do meio.

A Camille e a Riley não estavam cá quando saí, mas já tinham chegado, assim como o noivo da Camille. Não me conseguia lembrar do nome daquele tipo, por isso nunca me colocava numa situação em que tivesse de o dizer.

Sentei-me no lugar que o Gus tinha guardado para mim, entre ele e o Amos. O Amos deu-me um aperto no ombro quando me sentei.

– Obrigado por teres vindo, Luke – disse o Amos. – Tenho a certeza de que a Emmy está feliz por estares aqui.

Não sabia porque estava a dizer aquilo. Será que sabia de alguma coisa?

– Hu-uh, sim – gaguejei. – Talvez. – Subtil.

O Amos deu-me um sorriso torto. O que me deixou muito desconfortável.

Antes de poder dar demasiada importância ao que acontecera, a voz do locutor soou nos altifalantes, a anunciar que a corrida de barris estava prestes a começar. Toda a gente no canto da Emmy ficou atenta. De acordo com

o programa, ela ia ser a última.

– Sabes – começou o Amos –, a última vez que a Emmy competiu em Meadowlark foi antes de ir para a faculdade. Vi-a correr centenas de vezes desde então, mas há qualquer coisa em vê-la correr na cidade dela.

O Amos parecia... comovido? Este homem não tinha medo de sentimentos ou de emoções, nem nada desse género. Dizia aos filhos que os amava, abraçava toda a gente e deixava a Riley pintar-lhe as unhas, mas acho que nunca o tinha visto com lágrimas nos olhos.

O primeiro e segundo cavaleiros vieram e voltaram, com média de cerca de dezasseis segundos. O melhor tempo da Emmy no percurso do Rebel Blue fora de dezasseis vírgula cinco, por isso estava bem equiparada.

Dois dos cavaleiros derrubaram um barril, pelo que tiveram uma penalização de cinco segundos adicionada ao seu tempo. Sabia que a Emmy os podia vencer.

As corridas de barris eram rápidas, por isso não demorou muito a chegar a vez da Emmy. A cavaleira antes dela chegou à linha de partida. Quando a pistola disparou, foi para a direita. Era rápida. O cavalo dela chutava a terra e era rápido, mas ela parecia instável – até bateu num barril. Mesmo assim, fora a mais rápida até agora, com quinze vírgula sete segundos. O barril em que bateu não foi derrubado, por isso não houve penalização de tempo.

– E, por último, mas certamente não menos importante – o locutor começou a falar. Vi a camisola vermelha da Emmy no picadeiro. Ela e a *Maple* estavam a dirigir-se para a linha de partida. A minha perna começou a saltar para cima e para baixo. – Temos a tetracampeã e recordista, a competir na sua cidade natal pela primeira vez em nove anos, Clementine Ryderrr. – O locutor prolongou o último «r» de Ryder, e todos os que estavam lá para ver a Emmy se levantaram e ficaram malucos. A maioria das pessoas nas bancadas também se levantou.

Meadowlark aparecera para ver a sua queridinha.

A Emmy estava na linha de partida; estava tão linda, foda-se, com o chapéu de *cowboy* castanho, camisa de botões vermelha e as *Wranglers*. Acariciava o pescoço da *Maple*. As duas pareciam calmas.

Ótimo.

Alguns segundos depois, a arma soou e lá foi a Emmy.

E foi para a esquerda.

Por que raio é que ela foi para a esquerda? Devemos todos ter pensado a mesma coisa, porque ouvi o Gus a verbalizar a pergunta.

Nas corridas de barril, a maneira mais eficiente de fazer o necessário padrão de folha de trevo, era ir para o barril da direita, depois para a esquerda

e depois para o centro. Mas a Emmy foi para a esquerda e contornou o primeiro barril da maneira mais apertada que já vi fazer. A terra do picadeiro voava por todo o lado, mas a Emmy estava em total controlo.

Mesmo daqui, podia ver que estava concentrada.

Dirigiu-se para o barril da direita, mantendo a velocidade, mas contornou-o de maneira mais larga. A esta altura, ela estava basicamente empatada com a outra cavaleira.

Esta é a minha miúda.

Só restava um barril, e a Emmy correu na sua direção. Não abrandou, e não se afastou. Foda-se. Aquele controlo era de outro mundo. Conseguiu contornar o barril e, assim que pôde, empurrou a *Maple* com força para a reta.

Todos nós gritávamos algo do género «vai, vai, vai» e a Emmy estava a *ir*.

Sustive a respiração quando ela cruzou a linha de chegada – só nessa altura abrandou o ritmo da *Maple*.

Catorze vírgula oito segundos. O coração parou-me no peito e a multidão explodiu quando o relógio parou. Os aplausos eram todos dirigidos à Emmy.

– Pessoal! A Clementine Ryder continua a ser um furacão e entra facilmente para o primeiro lugar, batendo o próprio recorde de catorze ponto nove. Que corrida! – disse o locutor no altifalante.

Todos aplaudimos. O Amos abraçou-nos a todos, o Gus deu-me uma palmada nas costas e até a Teddy recebeu um cumprimento dele.

A Emmy e a *Maple* voltaram ao picadeiro, para dar a volta de vitória. A Emmy estava radiante. O seu sorriso era como uma chama selvagem, e conseguia sentir dali o seu calor. Ela viu-nos a todos na multidão e inclinou o chapéu.

O Amos, o Gus, o Wes, a Teddy e eu começámos a sair dos nossos lugares, sem nos preocuparmos com os outros eventos. A Camille, o noivo e a Riley ficaram com o Hank. A Teddy foi ter com eles, certificando-se de que o conseguiam ajudar a descer as escadas do estádio e para lhes dizer onde estava a cadeira de rodas.

Todos nós estávamos aqui por uma só razão. Essa razão era a Emmy, por isso fomos ter com ela.

Deixei a Teddy liderar o grupo, não querendo estar no centro da celebração, por muito que quisesse.

Porra, estava tão orgulhoso dela.

Quando chegámos à zona de entrada, vi a Emmy com a sua camisa vermelha. Os meus olhos encontraram-na, antes que o cérebro pudesse acompanhar.

– Emmy! – gritou a Teddy, e a Emmy olhou para nós e começou a correr na nossa direção.

Não, esperem.

Não na nossa direção. Na *minha* direção.

Emmy

Consegui. Consegui, *foda-se*.

Depois do acidente, do pânico, da ansiedade e da espiral que me trouxe a casa, consegui. Fiz a minha última corrida de maneira de que me podia orgulhar, e *estava orgulhosa*.

Levei a *Maple* para a cerca, enchi-a de abraços e beijos antes de me dirigir para a zona de entrada, desejosa de ver a família e o Luke à minha espera.

Olhei em redor, mas não os vi.

– Emmy! – Ouvi a voz da Teddy e virei-me. Lá estavam eles. A minha família, a minha melhor amiga e o homem por quem podia finalmente admitir que estava completa e totalmente apaixonada.

Antes de me aperceber do que os meus pés estavam a fazer, corri na sua direção.

Atirei-me para os seus braços, os nossos chapéus caíram na terra.

O Luke soltou uma gargalhada quando o meu corpo chocou contra o dele, mas mesmo assim apanhou-me. Fez-me girar algumas vezes, antes de nos fazer parar.

– Foste incrível – disse. A maneira como olhava para mim fez com que o meu coração ficasse preso na garganta. Em vez de lhe responder, beijei-o enquanto ele me segurava nos braços, sem arrependimentos.

Com os pés ainda no chão, agarrou-me com um braço e enfiou o outro no meu cabelo. Não queria saber que a minha família e quase toda a população de Meadowlark estivessem a ver. O Luke não era o meu segredo.

Era só meu.

Beijámo-nos durante um momento, completamente imersos, antes de me afastar. Sorri-lhe. Aqueles grandes olhos castanhos procuraram o meu rosto. Parecia atordoado, como se não conseguisse acreditar no que tinha acabado de acontecer. Eu também não conseguia acreditar, nem na corrida *nem* no beijo.

– Emmy, eu...

O Luke não chegou a terminar a frase porque, ao mesmo tempo, o Gus disse:

– O que é esta merda?

O Luke baixou-me, mas não me largou completamente. Estava tenso, como se pronto para saltar para a frente de uma bala.

Olhei para toda a gente.

A Teddy estava a sorrir. O meu pai tinha um sorrisinho malandro na cara, e o pobre Wes parecia confuso como o caraças.

O Gus parecia querer pegar fogo ao Luke.

– Que merda é esta? – repetiu.

– Olha, meu, posso explicar – disse o Luke.

– Gus – comecei.

– Cala-te, Emmy.

Encolhi-me e senti o Luke apertar-me mais, antes de me largar e passar para a minha frente.

– Sei que estás zangado, mas não podes falar assim com ela – disse o Luke com firmeza. – Se queres ficar zangado com alguém, podes ficar zangado comigo.

– Oh, e fico. Estás a gozar comigo, Brooks? A minha *irmã*? Tinhas de te meter com ela?

– August, acalma-te – disse o nosso pai. A sua voz grave era severa. Não a usava com frequência, mas quando usava, deixava-nos em sentido.

Mas desta vez não resultou.

O Gus dirigiu-se a mim e ao Luke. O Wes tentou impedi-lo, mas ele sacudiu-o. O Luke foi rápido, empurrou-me para trás dele, mas não o suficiente para se desviar do soco que o Gus lhe deu.

O punho do Gus estalou no rosto do Luke e a cabeça dele foi atirada para trás. Não caiu no chão, mas tropeçou, tendo o cuidado de não me derrubar.

Este homem ainda estava a tomar conta de mim, mesmo depois de ter levado uma tarefa do meu irmão.

– O que é que estás a fazer, porra? – gritei. O Gus abanava a mão como se o murro o tivesse magoado.

Começou a avançar outra vez na direção do Luke, mas meti-me à frente dele. O Wes aproximou-se e agarrou o ombro do Gus, desta vez com mais força.

– Não posso acreditar nisto. Sabia que eras um falhado, mas não sabia que também eras um mentiroso – disse o Gus.

Aquelas palavras pareceram afetá-lo mais do que o murro.

– Gus, acalma-te – disse o Wes. – Vamos dar uma volta, está bem?

– Dar uma volta? Queres que vá dar uma volta quando acabámos de ver este idiota com a língua na garganta da nossa irmã? – A voz do Gus era

venenosa. O Luke manteve-me firmemente atrás dele, a proteger-me do ódio do Gus. Estava reunido um pequeno círculo de pessoas à volta, o que alimentaria as fofocas de Meadowlark durante as próximas semanas.

– Gus, controla-te. – Era a Teddy. Meteu-se entre o Gus, o Luke e eu, protegendo-me dos destroços, tal como tinha dito que faria. – Afasta-te antes que a tua filha chegue aqui e te veja a agir que nem um lunático furioso que acabou de dar um murro ao tio.

Ouvir o nome da Riley afetou o Gus. Não se acalmou, mas parecia que não ia dar mais murros. Olhou para a Teddy, depois para o Luke e para mim.

– Vai-te embora, filho – disse o meu pai.

– Não acredito que estão todos na boa com isto – disse o Gus com amargura, mas virou-se para se ir embora e o Wes foi atrás dele. O Wes cuidaria dele.

O meu pai aproximou-se de mim e do Luke e pôs a mão no ombro do Luke.

– Estás bem, miúdo? – perguntou-lhe.

– Sim, estou bem. Amos, desculpe...

O meu pai levantou a mão, fazendo sinal para que o Luke parasse.

– Nada disso. – Virou-se para mim. – Clementine, porque é que não vais para casa com a Teddy? Dá uns dias ao Gus, para ele se acalmar. Eu tomo conta do Luke.

– Mas... – Comecei a falar, mas o meu pai lançou-me um olhar que me disse que não era negociável. A Teddy veio ter comigo e agarrou-me na mão, afastando-me do Luke, exatamente o que não queria fazer.

– Teddy, não o posso deixar.

– Podes. É apenas temporário. Metade da cidade está à espera que o Gus apareça e lhe bata outra vez, e o teu pai vai tratar dele. Vamos sair daqui.

25

Luke



Olhei-me ao espelho. O Gus tinha-me dado um olho negro dos diabos, mas não o podia culpar. À volta, já começava a amarelar, mas ainda estava com péssimo aspeto.

Já tinham passado alguns dias desde as divisões, e ainda não tinha visto a Emmy. Queria dar ao Gus mais algum tempo para se acalmar, mas não tinha qualquer intenção de desistir da Emmy. Nunca.

Apesar de não a ter visto, falávamos todos os dias. Ela era minha.

Precisava que o Gus chegasse a ponto em que pudéssemos falar sem levar outro murro. A Emmy não gostava, mas tinha a sensação de que demoraria muito mais tempo para o Gus falar comigo se me continuasse a ver com a irmãzinha.

A Teddy ia ficar com a Emmy na cabana dela, o que me fazia sentir melhor. Eu tinha sido banido do Rebel Blue por enquanto. A Emmy estava zangada com o Gus, e o Gus estava zangado comigo.

Sentia-me uma merda.

Quando a Emmy se foi embora com a Teddy, depois de tudo ter acontecido, o Amos foi a uma das bancas e trouxe-me um saco de gelo para o olho. Não me perguntou quando tinha começado ou o que raio se passava comigo, que era o que estava à espera. Em vez disso, acompanhou-me até à carrinha e disse:

– Ele vai ultrapassar.

– Não sei se vai – respondi.

– Eu sei. A Emmy chegou a casa desfeita e não é preciso ser-se um génio para descobrir quem a ajudou a recompor-se. Obrigado – continuou –, por teres tomado conta da minha menina.

– Ela consegue tomar conta de si própria – disse eu.

– Eu sei que consegue, mas tu fizeste com que ela não tivesse de o fazer sozinha.

Não estava à espera de apoio de nenhum dos Ryders, mas o Amos parecia mesmo contente com a ideia de estarmos juntos. Isso foi o suficiente para me ajudar a passar uns dias sem ela, embora sentisse muito a sua falta.

Era estranho pensar em como conhecia a Emmy quase desde que nasci, mas que tínhamos vivido as nossas vidas semi-adjacentes uma à outra. Agora, não conseguia imaginar a vida sem ela. Estava tão apanhado.

Amava-a. Profundamente.

E ainda nem sequer lhe tinha dito.

O telemóvel tocou no balcão da casa de banho. Era a Emmy. Tinha-me enviado uma fotografia do ecrã do telemóvel. Estava a ouvir os Brooks & Dunn.

Emmy: Bom dia.

Emmy: Tenho saudades tuas.

Luke: Também tenho saudades tuas, querida.

Luke: Pelo menos tens outro Brooks para te fazer companhia.

A campainha da porta tocou nesse momento, o que era estranho – nunca ninguém vinha a minha casa. A maioria das pessoas nem sequer sabia que estava cá. Se alguém precisasse de mim, procurava primeiro no Devil's Boot ou no Rebel Blue. Saí da casa de banho, dei uma palmada no olho negro, fui até à porta da frente e abri-a.

Era o Gus. Parecia desgrenhado, como se não tivesse dormido. A barba, que normalmente se encontrava bem aparada e rente à pele, nunca tinha estado tão comprida.

– Posso entrar? – perguntou.

Encostei-me à ombreira da porta e cruzei os braços sobre o peito.

– Não sei – disse. – Estás aqui para pôr o outro olho negro?

Gus olhou para os pés. – Não. Estou aqui para falar sobre a Emmy.

Não era disso que estava à espera. Saí da entrada, dando-lhe luz verde para entrar. Detestava que tudo estivesse estranho entre nós.

– Queres um café? – perguntei-lhe. Era cedo, por volta das sete, senão ter-lhe-ia oferecido cerveja. Talvez precisasse de uma, para aguentar esta

conversa.

– Sim, seria ótimo.

Fui para a cozinha, onde a cafeteira tinha acabado de ferver o café que tinha começado a preparar ao acordar de manhã. Servi uma chávena para cada um e sentámo-nos à mesa da cozinha.

Era tão estranho. Em quase duas décadas de amizade, nunca tinha havido um momento embaraçoso entre o Gus e eu. Nem mesmo uma discussão que durasse mais do que algumas horas. Ficámos sentados em silêncio. O Gus foi o primeiro a falar.

– Desculpa ter-te dado um murro – disse. As desculpas do Gus Ryder eram coisa rara. – Mas sabes bem que é esse o meu primeiro instinto quando vejo alguém a beijar a minha irmã.

– Lamento que tenhas descoberto assim – disse, e lamentei, mas não ia pedir desculpa por ter beijado a irmã dele. Independentemente do que viesse a acontecer, a Emmy era minha.

Ficámos outra vez em silêncio.

– Desculpa. Pelo que te disse nas divisões. Não estava a falar a sério. – Não sabia o que lhe dizer.

As palavras do Gus tinham doído como o caralho, mesmo que tivesse tentado sacudi-las. O Gus olhou para a chávena de café antes de dizer:

– És uma das melhores pessoas que conheço.

– Sabes mesmo como magoar alguém.

– Peço imensa desculpa.

– Eu também.

Suspirei. Odiava esta situação tão fodida e sabia que a culpa era minha por me ter apaixonado pela Emmy, mas nunca me arrependeria. Nunca me arrependeria de ter passado os limites com ela. Tínhamos cruzado a linha juntos e foi a melhor coisa que já me aconteceu.

– Há quanto tempo é que isto anda a acontecer? – perguntou o Gus.

– Começou umas semanas depois de a Emmy ter vindo para casa – respondi honestamente. O Gus franziu os lábios. Percebi que queria ficar zangado, mas se estava a conter.

Graças a Deus. Não queria levar com outro murro ou agressão verbal.

– E não achaste que seria boa ideia dizeres-me que gostavas da minha irmã mais nova?

– Claro que sim, e ia fazê-lo assim que a Emmy estivesse pronta, mas podes dizer honestamente que terias reagido de outra forma?

Gus pestanejou lentamente.

– Espera. – Ele balançou a cabeça em descrença. – Disseste que me ias

contar assim que a Emmy estivesse pronta? – Acenei com a cabeça. – Então não eras tu a guardar segredo?

– Não, a Emmy quis esperar antes de contarmos.

– Não foste tu que quiseste esconder?

– Não. Assim que me apercebi do que se passava entre nós, quis contar-te. – Era verdade. Só não sabia como o fazer.

– Então, o que é que se passa entre vocês?

Respirei fundo, a rezar para que a resposta não me presenteasse com outro soco, mas o Gus precisava de ouvir a verdade.

– Estou apaixonado por ela. Tipo, mesmo apaixonado por ela.

Os olhos do Gus arregalaram-se. Era o meu melhor amigo. Conversávamos. Ele sabia que nunca tinha amado ninguém da maneira que deveria amar, que nem sabia se conseguia amar, mas isso foi antes da Emmy.

Ela era tudo.

– Ela ama-te de volta? – perguntou, um segundo depois.

– Não sei. Ainda não lhe disse – admiti.

– Não lhe disseste?

– Bem, estava prestes a fazê-lo, mas depois um idiota deu-me um murro na cara. Estragou o momento, estás a ver?

O Gus deu-me um sorriso envergonhado e esfregou a parte de trás do pescoço.

– Ouve, é estranho que estejas com a minha irmã, mas ela tem andado muito triste desde as divisões. Recusa-se a falar comigo e tem feito todo o trabalho no rancho sozinha. Odeio quando ela se isola assim.

Era o que a Emmy fazia quando estava chateada.

– E estou zangado por me teres mentido, especialmente sobre a única pessoa no planeta com quem não te devias meter, pensava que não tinha de te dizer isto. Não te vou mentir e dizer que estou bem com isto, porque não estou.

Auch!

– Mas, acho... – ele suspirou – que talvez venha a estar. Um dia. – Olhei para ele, à espera que continuasse. – Esta manhã, a Emmy vai estar a vigiar os bezerros no lado sul do rancho. – Devia ter um ar confuso, porque ele continuou: – Estou a dizer-te para que vás ter com ela se precisares, para lhe dizeres que a amas ou assim.

Ele estava a falar a sério?

Não ia questionar. Não precisava de dizer duas vezes. Saí da cozinha, peguei nas chaves no gancho ao pé da porta. Voltei e estendi a mão ao Gus, esperando que a aceitasse.

Aceitou e apertámos as mãos.

Quando saí a correr pela porta da frente, ele disse:

– Só para que saibas, se partires o coração da minha irmã, um olho negro vai ser a menor das tuas preocupações.

26

Emmy



Olhei para o Rebel Blue e vi as manchas amarelas e vermelhas entre as árvores verdes. O outono estava a chegar. Estava no lado sul do rancho esta manhã, para me certificar de que nenhum bezerro saía cerca. Faziam-no mais vezes do que o habitual este ano e ainda não tínhamos conseguido arranjar todos os buracos na vedação.

Então, cá estava eu. Sozinha.

A *Maple* e eu andámos ao longo da vedação. A manhã silenciosa fazia com que fosse fácil perder-me nos pensamentos. Estavam outra vez a mil, tal como quando regresssei a Meadowlark.

Era cedo, mas não andava a dormir muito bem, por isso sair da cama não era um grande sacrifício, o que já era qualquer coisa.

Dormia muito melhor enrolada no meu *cowboy* jiboia.

Ainda estava chateada com o Gus. Ele tinha tentado falar comigo nos últimos dias, mas o meu cão de guarda, a Teddy, não o deixava entrar na cabana. Sabia que se falasse com ele, ia dizer qualquer coisa da qual me arrependeria.

A Teddy tinha ficado comigo durante alguns dias, permitindo-me deprimir, mas também dando-me a oportunidade de falar sobre tudo o que se estava a passar – ter ganhado as divisões, o que ia fazer a seguir e, obviamente, sobre o Luke.

– Ainda não acredito que o Luke levou um murro por ti. Normalmente é ele que dá os murros – disse ela, enquanto estávamos deitadas na minha cama na manhã a seguir à corrida. – Ele está apanhado por ti, Emmy. Devias tê-lo visto nas bancadas durante a corrida. Não conseguia tirar os olhos de ti. Ultrapassa-me como é que ninguém sabia que o homem estava caidinho por ti antes do beijo.

– Tenho muita pena que o teu grande momento tenha sido ofuscado por o Gus ser um idiota de merda – continuou.

– Foi horrível. Nem acredito que disse aquilo ao Luke – respondi. O Luke tinha-se ido mais abaixo com as palavras do Gus do que com o murro. O Luke aguentava um murro, mas não aguentava o ódio do melhor amigo.

– Foi mesmo uma merda – disse a Teddy. – Mas eles vão resolver as coisas. Teriam demasiadas saudades um do outro se não o fizessem.

– Espero que tenhas razão. Obrigada por teres intervindo quando tudo aconteceu. Foste tu que o fizeste acalmar-se, ou pelo menos afastar-se.

A Teddy tinha sabido exatamente o que dizer ao Gus naquele dia.

– Eu disse-te que tratava dele – disse ela. – Falaste com o Wes? Ele pareceu-me bastante calmo em relação a tudo.

– Sim, está. É protetor, mas não como o Gus. Ele percebe quando as pessoas estão infelizes, e eu estava tão infeliz quando cheguei a casa. Acho que ficou aliviado por me ver bem – disse eu. – E, pá, ele sabia que alguma coisa se passava quando lhe abri a porta com uma *t-shirt* de homem algo familiar na manhã a seguir ao jantar de família, e quando viu que o Brooks não estava nos estábulos, apesar de a carrinha estar cá.

A Teddy riu-se bem alto.

– Meu Deus, vocês os dois são mesmo os piores a guardar um segredo.

– Eu sei. Acho que o meu pai também sabia. Era como se toda a gente estivesse à espera de que nós cometêssemos um deslize para podermos voltar ao normal.

O meu pai tinha ido à minha cabana depois da situação com o murro para me dizer que o Luke estava bem. Antes de se ir embora, deu-me um abraço à Amos Ryder e disse:

– Gosto disto. De ti e do Luke.

– Depois de ultrapassar o choque inicial, comecei a achar que ficavam bem juntos. E, depois, quando o vi a acalmar-te antes da corrida – a Teddy abanou-se antes de continuar –, fiquei do género, caramba, estes dois estão em chamas.

– Cala-te – ri-me.

– É verdade. Nunca te vi assim, toda derretida. E nunca tinha visto nada na cara do Brooks além de displicência. Vocês realçam o lado mais suave um do outro.

– O que é que isso quer dizer?

– Algumas histórias de amor são quentes e rápidas, mas a vossa é mais calma e lenta – disse ela. – É um tipo de amor forte e estável. – Ela tinha

razão. Mais do que tudo, o Luke fazia-me sentir segura. – O Gus há de mudar de opinião – concluiu a Teddy.

Esperava mesmo que sim.

Vi o Gus, esta manhã, na Casa Grande, e não lhe liguei nenhuma, o que provavelmente o deixou ainda mais irritado. Não queria saber. Amava o meu irmão – o suficiente para não ver o Luke há alguns dias, porque queria dar ao Gus tempo para aceitar o melhor amigo e a irmã mais nova estarem juntos.

Se visse o filme todo, uns dias sem o Luke não era nada comparado com a vida inteira que planeava passar com ele, mas mesmo assim odiava estar longe dele.

Sabia que o Luke queria falar com o Gus, pelo menos para tentar esclarecer as coisas, mas, nesta altura, estava mesmo farta de não o poder ver.

Amava-o.

E nem sequer tinha tido oportunidade de lhe dizer.

O Luke tinha sido tão inesperado, especialmente para uma mulher que passara a vida a riscar coisas da sua lista de afazeres. Em nenhum lugar dizia «apaixona-te pelo Luke Brooks», mas foi isso que aconteceu.

Também não dizia: «volta para Meadowlark», mas também o fiz. No início, não tinha voltado para Meadowlark – tinha apenas fugido de Denver. Agora, planeava ficar.

E planeava ficar com o Luke.

Assim que o Gus deixasse de agir como uma criança grande.

Olhei para o Rebel Blue com o Luke na cabeça. Tinha tantas saudades dele que quase conseguia ouvi-lo chamar pelo meu nome.

Suspirei.

Mas, depois, ouvi-o outra vez. As orelhas da *Maple* contraíram-se, por isso ela também deve ter ouvido alguma coisa. Não estava só na minha cabeça.

Puxei as rédeas, para poder guiá-la em círculo e descobrir de onde vinha a voz. A norte, vi um cavalo e o seu cavaleiro a galopar na nossa direção.

Reconheceria aquele cavaleiro em qualquer lado.

Luke.

Ele cavalgava pelo rancho, a instigar o *Friday* o mais rápido que podia, nesta manhã cheia de orvalho. Quando se aproximou, desmontei rapidamente da *Maple* e prendi-lhe as rédeas no poste da vedação onde estávamos.

O Luke saltou do *Friday*, quando eles estavam a literalmente três metros de nós. Consegui, nem sei como, aterrar de pés no chão. O *Friday* parou ao pé da *Maple*. Reparei que nem sequer estava equipado. O Luke tinha percorrido os trilhos mais difíceis do rancho sem sela.

Só para vir ter comigo.

Olhei para ele. O peito arfava e os olhos brilhavam. Como não tinha chapéu, o cabelo estava todo despenteado por andar a cavalo. Parecia possuído.

De uma boa maneira. Da melhor maneira.

Tinham passado apenas dias, mas parecia que não o via há meses. Não aguentava nem mais um segundo sem lhe tocar.

Avançámos um para o outro ao mesmo tempo, a correr, até os nossos corpos colidirem.

Abraçou-me com força, como se tivesse medo que pudesse desaparecer.

– Olá, boneca – disse-me ao ouvido.

– Olá – sussurrei. – O que é que estás aqui a fazer?

– Tenho uma coisa para te dizer.

Eu também tinha algo para lhe dizer, mas deixei-o falar primeiro. Ele recuou e segurou-me o rosto com as mãos fortes. Agarrei-me aos seus pulsos. Os grandes olhos castanhos observavam-me. Parecia nervoso.

– Amo-te, Clementine Ryder – disse, com sinceridade. A minha respiração ficou presa na garganta. – Estou tão apaixonado por ti, foda-se.

As lágrimas começaram a cair-me dos olhos enquanto ele falava.

– Tu e a porra da saia que usaste no meu bar há uns meses viraram a minha vida completamente de pernas para o ar e nunca mais quero voltar atrás.

Uma lágrima escorreu-me pelo canto do olho.

O Luke apanhou-a.

Tal como me tinha apanhado inúmeras vezes, ao longo dos últimos meses.

– Não chores, boneca. Sabes que odeio ver-te chorar.

– São lágrimas de felicidade – disse. Ele beijou-me, suave e lentamente. Nunca me habituaria à sensação dos seus lábios nos meus. Parecia tão *certo* – tipo, para que serviam os meus lábios se não para beijar este homem? As nossas bocas moviam-se uma contra a outra e ficávamos presos um no outro. O seu aperto na minha cintura deixava-me tão quente.

– És tudo para mim – disse ele contra a minha boca. Já não estava só bêbeda com o beijo, mas também com as suas palavras.

Beijar o Luke deixava-me a cabeça nebulosa. No bom sentido. – Tenho uma coisa para te dizer – disse eu, entre beijos.

– Mais tarde – rosnou e continuou a beijar-me, descendo uma das mãos pelas minhas costas. Pus as mãos no peito dele e afastei-me. Ele olhou para mim com fome, como se estes dias sem mim o tivessem deixado louco.

Já éramos dois.

Mas tinha de deitar isto cá para fora.

– Também te amo, Luke Brooks. Tu também és tudo para mim.

O Luke deu-me um dos meus sorrisos preferidos, aquele que realçava as rugas à volta dos olhos, e caí nos seus braços mais uma vez.

Lar, doce lar.

Epílogo



Luke

Olhei para a Emmy, que continuava morta de sono ao meu lado. Nunca tinha conhecido ninguém que dormisse tão *profundamente*. Nem uma bomba a acordava. As suas pernas estavam entrelaçadas nas minhas, de boca aberta e cabelo emaranhado. Ressonava um pouco. Ficava tão bem numa das minhas *t-shirts* velhas.

Esta mulher era o amor da minha vida.

Afastei uma madeixa de cabelo que lhe cobria parte do rosto e ela inclinou-se para o meu toque. Dei-lhe um beijo suave na testa e ela continuou a mexer-se e a envolver-se à minha volta.

E dizia ela que eu é que era a jiboia.

– Bom dia – disse, com um bocejo.

– Bom dia, boneca. Dormiste bem?

– Mmmhmm. Que horas são?

– Já passa um pouco das seis. – A Emmy gemeu. As manhãs não eram o seu forte. – Tens de ir para o rancho, querida.

Era o primeiro dia das aulas de equitação interiores no Rebel Blue. A Emmy tinha-se encarregado de todas as aulas. Tinha-lhe cedido as minhas de bom grado. O Gus ainda me pedia ajuda nos estábulos durante a semana, mas não dar aulas libertava-me muito tempo. Assim podia concentrar-me no bar.

As coisas entre mim e o Gus não estavam perfeitas, mas estavam a chegar lá. Ele deixou de vacilar sempre que eu tocava na Emmy na sua presença, algo que considerava uma vitória.

– Há café? – perguntou a Emmy. Tinha enterrado a cara no meu peito.

– Sempre – disse, enquanto lhe dava outro beijo no cabelo. Adorava acordar com ela. Normalmente, ela passava algumas noites por semana em

minha casa, as minhas preferidas.

A Emmy começou a beijar-me o peito e o pescoço e a minha pila despertou de imediato. *Esta mulher.*

– Emmy. – Tentei avisá-la com a voz. A Emmy riu-se e senti a sua respiração contra a pele.

Não me conseguia conter com a miúda. Enfiei as mãos por baixo da *t-shirt* que trazia vestida e comecei a arrastá-las para cima e para baixo no seu corpo, enquanto ela levava a boca à minha.

Rebolei-nos para ficar por cima dela.

– Não te podes atrasar no teu primeiro dia – disse, contra a sua boca. Enquanto o dizia, afastei-lhe as cuecas com os dedos, não queria saber se ela chegava ou não atrasada.

– Então é melhor seres rápido. – A voz dela era ofegante. Afastei-me e dei-lhe um olhar incisivo.

– Isso é um desafio? – disse, enquanto enfiava dois dedos dentro dela. Ela arqueou as costas e deu um pequeno gemido. – Responde-me, boneca. Estás a desafiar-me para te fazer vir?

– Sim – murmurou –, por favor.

Penetrei-a com os dedos, para dentro e para fora, enquanto usava o polegar para circular e pressionar o clitóris. Quando levei a boca ao mamilo e o mordi suavemente, ela ofegou.

– Já estás molhada. Aposto que estavas a ter sonhos porcos comigo – provoquei antes de lhe lambe o pescoço. A Emmy começou a esfregar-se contra a minha mão, não a largaria.

Já devia estar perto. Conhecia-lhe o corpo por dentro e por fora. Continuei a estimular o clitóris e a pôr pressão, enquanto ela movia o corpo contra a minha mão. Já sabia que ela precisava disto e de fricção.

Comecei a sentir o seu corpo ficar tenso, sabia que se estava a aproximar do limite. Levantei-me para poder olhar para ela. Vê-la vir-se era mais bonito do que um pôr do sol no Wyoming. Tinha a boca aberta e os olhos revirados.

Normalmente, obrigá-la-ia a olhar para mim.

Mas hoje não.

Hoje, só queria vê-la desfazer-se. E foi o que aconteceu.

Fiz-lhe festas durante o orgasmo e a minha pila já doía. Quando acalmou, puxei-lhe as cuecas pelas pernas e atirei-as para o outro lado do quarto. Coloquei-me na sua entrada, antes de a penetrar. Gememos e eu baixei-me até aos antebraços para a poder beijar de novo antes de nos fazer rebolar, para que ela ficasse em cima de mim.

A cabeça dela caiu e senti o cabelo comprido roçar-me nas coxas

enquanto se movia sobre mim.

Que vista do caraças.

– Monta-me, boneca.

Fiz um pequeno-almoço rápido enquanto a Emmy estava no duche – ovos e torradas. Eu gostava de pão integral, mas a Emmy gostava mais de pão com fermento. Enquanto cozinhava, o telemóvel tocou. Era uma mensagem da minha mãe.

O John tinha chegado a casa uns dias depois da nossa visita.

Aparentemente, tinha saído da rota e não encontrara um sítio seguro para dar a volta. Tenho a certeza de que o localizador do camião dele ter voltado a funcionar ao pé de uma série de casinos em Reno não teve nada a ver com ele ter saído da rede durante alguns dias.

A minha mãe e eu ainda não tínhamos uma relação séria, mas agora que ela tinha o meu número, falávamos um pouco mais. Não sabia como me sentia em relação a isso, mas não podia negar que era bom sentir que ela se importava.

Quando a Emmy entrou na cozinha depois do duche, o meu coração acelerou.

Ficava tão bonita com as calças de ganga justas e uma camisola branca de manga comprida. Adorava o cabelo despenteado, mas também adorava quando o prendia, como hoje.

– Cheira tão bem aqui – disse ela, enquanto pegava no porta-comprimidos no balcão que lhe tinha comprado. Estava a tentar ser mais certa com a medicação para a PHDA, e assim não tinha de se preocupar sempre que vinha cá passar a noite.

Foi a um armário e tirou duas canecas – uma para cada um de nós – e encheu-as. Eu estava perto do frigorífico, por isso tirei as natas e empurrei-as para o outro lado do balcão. Não gostava de natas no café, mas tinha começado a comprá-las para a Emmy.

Ela pôs as chávenas de café na mesa e eu segui-a com o pequeno-almoço. Sentámo-nos frente a frente. Quando a Emmy começou a comer, remexi no bolso até encontrar o pequeno pedaço de metal que procurava.

Pousei-o na mesa e deslizei-o na sua direção.

Ela pausou a meio da dentada e o meu coração ficou a martelar no peito. Teria sido um erro?

– Isto é o que eu penso que é? – perguntou, enquanto pousava o garfo. Olhou para a chave em cima da mesa e depois para mim. Apenas acenei com

a cabeça, sem conseguir dizer nada.

O seu olhar desviou-se para a chave e por lá ficou durante algum tempo. Que *merda*. Fodi mesmo tudo, não foi? Claro que ela não queria a chave da minha casa. Era de loucos.

Os meus pensamentos continuaram numa espiral até que a Emmy olhou para mim e sorriu. Aquele sorriso fez-me parar o coração.

Agarrou na chave, levantou-se da cadeira, depois deu a volta à mesa e sentou-se ao meu colo.

– Podemos começar devagar – disse rapidamente. Para um homem que não conseguia falar há menos de um minuto, agora estava a vomitar palavras. – Sem pressão nem nada. Como disse, podemos ir devagar. Tenho uma gaveta para ti no quarto e em casa... – Não cheguei a terminar, porque a Emmy me beijou.

– Cala-te, Luke – disse quando se afastou.

As nossas testas estavam encostadas uma à outra.

– Isso é... isso é um sim? – perguntei. A minha voz era um sussurro baixo. Tinha medo de que qualquer coisa a mais a assustasse, mas a Emmy assentiu. Peguei numa das suas mãos e levei-a até aos lábios, para lhe poder dar um beijo na palma.

– Amo-te – disse ela. Podia dizer estas palavras milhares de vezes. Continuavam a aquecer-me, tal qual como da primeira vez.

O regresso da Emmy a Meadowlark foi a melhor coisa que me aconteceu. Quando voltou para casa, nunca esperei tornar-me amigo dela, quanto mais apaixonar-me por ela. Tínhamos passado a maior parte das nossas vidas na periferia um do outro, mas agora ela era o centro das minhas atenções.

Lembrei-me da primeira noite em que a vi no Devil's Boot. Na altura, não sabia, mas a minha miúda estava à rasca. Ela era só um pedaço da mulher que eu amava mais do que tudo. Só precisava de um pouco de fogo.

– Também te amo, Clementine Ryder.

FIM

- 1 Uma corrida de rodeo com obstáculos, os quais são barris. (*N. de T.*)
- 2 Filme americano, cujo nome original é *Sweet Home Alabama*. (*N. de T.*)
- 3 Woman's Professional Rodeo Association – Associação Feminina Profissional de Rodeo. (*N. de T.*)
- 4 «Rider» significa «cavaleiro» em português. (*N. de T.*)
- 5 Uma mulher atraente com filhos ou com meia-idade. (*N. de T.*)
- 6 Marca de café nos Estados Unidos. (*N. de T.*)
- 7 É uma cordilheira montanhosa localizada na América do Norte. (*N. de T.*)
- 8 Marca de calças de ganga. (*N. de T.*)

9

- Equipa de futebol americano. (*N. de T.*)
- 10 Marca de antiácido para o estômago. (*N. de T.*)
 - 11 O substantivo coletivo de corvos, em inglês, é *murder* (assassinato). (*N. de T.*)
 - 12 Coquetel de *vodka* e limão. (*N. de T.*)

13

- Programa americano dos anos 90. (*N. de T.*)